

SECRETARIA DE CULTURA, ESPORTES E TURISMO

COLEÇÃO TEXTOS E DOCUMENTOS

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

**O MOVIMENTO
ACADEMICISTA
NO BRASIL
1641 - 1820/22**

VOL. III — TOMO I

CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

VOLUMES JÁ EDITADOS NESTA COLEÇÃO

- N.º 1 — *Jodo Pacheco*
ANTOLOGIA DA POESIA PAULISTA
- N.º 2 — *Domingos Carvalho da Silva, Oliveira Ribeiro Neto e Péricles Eugênio da Silva Ramos*
ANTOLOGIA DA POESIA PAULISTA, VOL. I
- N.º 3 — *José Aderaldo Castello*
ANTOLOGIA DO ENSAIO LITERÁRIO PAULISTA
- N.º 4 — *José Aderaldo Castello*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO
VOL. I
- N.º 5 — *Pires de Almeida*
A ESCOLA BYRONIANA NO BRASIL
- N.º 6 — *José Aderaldo Castello*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO
VOL. II
- N.º 7 — *Pessanha Póvoa*
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMANTISMO
VOL. III — ANOS ACADÊMICOS
- N.º 8 — *Dante Moreira Leite*
PSICOLOGIA E LITERATURA
- N.º 9 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*
DO BARROCO AO MODERNISMO
- N.º 10 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641-1820/22,
— VOL. I — TOMO 1
- N.º 11 — *Francisco de Assis Barbosa*
BRITO BROCA — LETRAS FRANCESAS
- N.º 12 — *Vicente de Paulo Vicente de Azevedo*
FAGUNDES VARELLA — DISPERSOS
- N.º 13 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*
POETAS DE INGLATERRA
- N.º 14 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641-1820/22,
VOL. I — TOMO 2
- N.º 15 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641-1820/22,
VOL. I — TOMO 3
- N.º 16 — *Silveira Peixoto*
FALAM OS ESCRITORES, VOL. I
- N.º 17 — *Silveira Peixoto*
FALAM OS ESCRITORES, VOL. II

- N.º 18 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641-1820/22,
VOL. I — TOMO 4
- N.º 19 — *Octacilio de Carvalho Lopes*
APASSIONATA — (OS AMORES DE BEETHOVEN)
- N.º 20 — *José Aderaldo Castello*
O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL — 1641-1820/22,
VOL. I — TOMO 5
- N.º 21 — *Manoel Botelho de Oliveira* (leitura paleográfica de Heitor
Martins)
LYRA SACRA
- N.º 22 — *Francisco Pati*
DICIONÁRIO DE MACHADO DE ASSIS
- N.º 23 — *Maria Alice de Oliveira Faria*
ASTARTE E A ESPIRAL
- N.º 24 — *Murilo Mendes*
RETRATOS RELAMPAGOS

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação na fonte,
Câmara Brasileira do Livro, SP)

C345m Castelo, José Aderaldo, 1921-
v.1- O movimento academicista no Brasil: 1641-1820/22.
São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1969-
v. em (Textos e documentos, n. 10, 14-15, 18,
20, 25)

Publicados: v.1, t.1, 1969, t.2-3, 1970, t.4-5,
1971; v.3, t.1, 1974.

1. Literatura brasileira - Coletâneas 2. Litera-
tura brasileira - Sociedades etc. I. Conselho Esta-
dual de Cultura (São Paulo) II. Título.

CDD-869.906

-869.908

74-0766

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil: Academias literárias 869.906
2. Literatura brasileira: Coletâneas 869.908

José Aderaldo Castello

Pesquisa, planejamento e supervisão:

— JOSÉ ADERALDO CASTELLO

Fixação de texto:

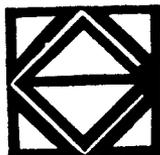
— ISAAC NICOLAU SALUM

— YÉDDA DIAS LIMA

**O MOVIMENTO
ACADEMICISTA
NO BRASIL
1641 - 1820/22**

3.a Parte — Festejos públicos comemorativos

VOL. III — TOMO I



**CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA
SÃO PAULO**

**FESTEJOS PÚBLICOS
COMEMORATIVOS - 1641 - 1821**

- 1. RELAÇÃO DA ACLAMAÇÃO QUE SE FEZ NA CAPITANIA DO RIO DE JANEIRO [...] POR JORGE RODRIGUES, 1641. (Ed. 1641.)**

RELAÇÃO DA ACLAMAÇÃO

Que se fez na Capitania do Rio de Janeiro do Estado do Brasil, e nas mais do Sul, ao Senhor Rei Dom João o IV. por verdadeiro Rei, e Senhor do Seu Reino de Portugal, com a Felicíssima restituição, que dele se fez a sua Majestade que Deus guarde, etc.

Com todas as licenças necessárias.

**EM LISBOA.
POR JORGE RODRIGUES — ANO 1641.
À custa de Domingos Alures livreiro.**

RELAÇÃO DA ACLAMAÇÃO

Que se fez na Capitania do Rio de Janeiro do Estado do Brasil, e nas mais do Sul, ao Senhor Rei Dom João o IV. por verdadeiro Rei, e Senhor do Seu Reino de Portugal, com a felicíssima restituição, que dele se fez a sua Majestade que Deus Guarde, etc.

Dilatou-se a nova da felicíssima restituição, que a sua Majestade o Senhor Rei Dom João o IV que Deus guarde, se fez de seu Reino de Portugal, em se divulgar na Cidade de São Sebastião Capitania do Rio de Janeiro do Estado do Brasil, até dez de março deste presente Ano de 1641 que para ser mais aplaudida, chegou quando era menos esperada, se bem desejada de todos os que prezando-se de verdadeiros Portuguezes pediam ao Céu lhe restituísse Rei legítimo; cujos clamores admitidos no supremo sólio do poderosíssimo Senhor dos senhores, permitiu o feliz despacho de súplica tão justa, e o soberano efeito de ação tão devida à Real Casa de Bragança, de donde usurpada se viu desunida de seu ser sessenta anos, anelando sempre por o tornar adquirir, até que se restituiu o seu verdadeiro Senhor o Senhor Rei Dom João o IV como seu hereditário legítimo em o primeiro de dezembro de 1640 em cuja Real Casa permitirá o Céu (se eternize) com tão felizes sucessos, que sendo Monarca dos dois Impérios, se satisfaça do que em tantos anos lhe usurpou a Coroa de Castela. Governava a Praça do Rio de Janeiro Salvador Correa de Sá, e Benevides, aquele cujos progenitores Salvador Correa de Sá seu avô, e Martim de Sá seu pai foram terror de Holanda, assombro do Brasil, pasmo do valor, e exemplo, ou dechado (sic) da lealdade, como publicam, como testificam, como apregoam tantas empresas, que ousadamente intentaram em serviço da Coroa de Portugal, e felizmente forneceram: já por mar contra os hereges, que infestavam a costa do Brasil, já de estrangeiras nações que se tinham introduzido na Capitania do Rio de Janeiro, já de bárbaros Índios, que irracionais no trato faziam pasto de carne humana, que habitadores daqueles desertos agregaram ao prêmio da santa Fé Católica, reduziram ao serviço de seu Rei e ao trato humano racional, de que o seu era tão dividido: e seu neto, e filho tão verdadeiro imitador seu, que por mar, e terra há dado bastante mostras de haver herdado com o sangue o valor, com o valor a prudência, com a prudência o zelo de servir a seu Rei, o pródigo de dispender sua fazenda no dito Real

serviço, e excedendo-se no desvelo incansável com que fabrica novos serviços, que executar, e executa novas ações que inventa, sendo tão contínuo neste exercício, e tão hábil para a execução, que não somente penetra em que sirva, mas prudente, e modesto obriga ainda aos mais incapazes a aprovarem no real serviço, o que maquina como publicam seus efeitos desde menino em mar e terra, e depois que governa nos que há executado naquela Capitania. Levou esta feliz nova o Reverendo Padre Provincial da Companhia de JESUS, que quando à Cristandade resultam tantas prósperas por ordem, e agência desta sagrada Religião, não podia por outra via gozar o Brasil de tanto bem. Deu ao Governador uma carta do Marquês de Montalvão, Vice-Rei então do Estado a quem acompanhava outra, que sua Majestade havia mandado escrever ao dito Vice-Rei; aquela lhe avisava o efeito, e estimulava a prosseguir-lo na Capitania, e esta confirmava a ação ordenando a executasse no Estado. Leu o Governador as cartas, e como de passar de semelhante extremo a extremo semelhante, e em ação, se tão desejada, não prevenida, pudesse entender no vulgo vário algumas neutralidades, depois que se recobrou, porque o excessivo gosto o havia algum tanto divertido de si mesmo, e que considerou, que de mais de ser a causa tão justa, a restituição tão legítima e o efeito tão devido, fora permissão do Céu, a que humanos juízos não podem divertir, nem penetrar, não reparando em que aprovando a eleição, se divorciava de mais de dez mil cruzados de renda, e mais de cincoenta mil cruzados de fazenda de raiz, e móvel, que no Reino do Peru e Castela gozava com encomendas, dote e herança, e muitas promessas de mercês para sua casa, e filhos, que via frustradas, mas como verdadeiro, leal, e fidelíssimo Português (ainda que Castelhana por sua mãe dona Maria de Benavides sobrinha do Marquês de Chaval quinto, e casado com Dona Caterina de Ugarte, y Velasco sobrinha do Vice-Rei de México, e do Condestable de Castela) considerando, que muito mais granjeava em ser vassalo de Rei natural, legítimo, verdadeiro herdeiro do reino de Portugal, e que em sua Real benignidade acharia a recompensa avantajada como nos Snrs. Reis de Portugal seus antecessores haviam achado seus antepassados, como foi seu avô Salvador Correa de Sá, que chegando de conquistar o Rio de Janeiro a esta Cidade de Lisboa: e estando o Snr. Rei D. Sebastião de gloriosa memória nos passos de Sintra, mandando-lhe dar a boa vinda lhe mandou justamente numa encomenda de mercê antes efetuada, que pretendia, sem revelar o segredo que só tinha comunicado com o dito Padre Provincial Paraninfo desta deu nova ordem a Dom Antonio Ortiz de Mendonça Sargento Mor, e Governador da gente de guerra daquela Praça, para que logo desse aviso aos oficiais da Câmara, Prelado Eclesiástico, Vigário geral, Prelados das Religiões, Capitães de Infantaria, fortalezas, e ordenanças, e a outros homens nobres, e Cidadãos da República, que tinham um

negócio muito do serviço de sua Majestade que lhe comunicar, para cujo efeito se juntassem todos no Colégio da Companhia de JESUS, sem dilação o mesmo dia, e hora que recebeu, leu e considerou o aviso. Executou o Sargento Mor esta ordem foram obedecendo os chamados, e esperando-os na sala da livraria do Colégio, foi prevenindo a cada um dos que entravam de por si, e em segredo, com tanta prudência, que agregou ao seu os votos de todos em particular, para que quando em geral os solicitasse, se não neutralizasse nenhum, havendo dado ordem, que nenhuma das pessoas que entrassem, tornasse a sair, por que se não vulgarizasse a ação antes do efeito. Juntos que estiveram todos, e unidos os votos em segredo, mandou ler as cartas depois do que prosseguiu, dizendo. Isto (senhores) é o que contém estas cartas, isto o para que chamei a vossas mercês, e isto o sobre que devemos considerar o que se deve fazer. O efeito já está executado (como me avisa Dom Jorge Mascarenhas Marquês de Montalvão nesta casa, e sua Majestade na que lhe mandou escrever a ele) em todo o Reino de Portugal, que imitando a Cidade de Lisboa tem aclamado, jurado, e reconhecido ao Senhor D. João Duque que foi de Bragança por legítimo, e verdadeiro Rei, e Senhor de Portugal, ação tão devida a sua Real Casa legitimamente herdeira do Reino, tão desejada de Portugal, e tão esperada sessenta anos há, como aplaudida do Céu com demonstrações, de que me dão aviso outras de particulares de crédito, e que se verificam em que sem mortes, nem contrariedades, que podiam originar-se dela, se efetuou na Bahia cabeça deste Estado, se fez já a mesma aclamação, e juramento. Aqui nos ordenam façamos o mesmo nesta Capitania, o que eu por mim só não posso executar sem os pareceres de vossas mercês, que em caso semelhante é melhor errar com o de todos, que acertar com o meu. E assim vossas mercês senhores oficiais da Câmara como cabeças da República, manifestem seu sentimento, e seguindo-se a ele o do Senhor Prelado Eclesiástico, e Prelado das Religiões prossigam os senhores Capitães, e mais adjuntos, que do que vossas mercês decretarem, se fará Auto público, que conste a todo tempo. Acabou o Governador sua proposta: e levantando-se o Vereador mais velho em nome dos Officiais da Câmara disse que se a eleição havia sido tão aprovada do Céu, e tão aplaudida de todo o Reino, e prosseguida na Bahia cabeça do Estado, eles deviam de (sic) seguir aos maiores, e fazer a mesma aclamação, e juramento. Reconhecendo por verdadeiro Rei, e Senhor de Portugal ao Senhor Rei D. João o IV. deste nome, Duque que havia sido de Bragança, pois de mais de estar já como se via de posse de todo o seu Reino, lhe competia por direito como era notório, e se deviam de dar (sic) muitas graças ao Céu de se verem resgatados do pesado jugo, e tirana sujeição, que haviam padecido tantos anos na vassalagem del Rei estranho padecendo muitas calamidades com novas invenções de tribu-

tos, que tinham já ao Reino quase na última respiração, de cujo lamentável trânsito Deus nosso Senhor havia sido servido restaurá-lo por meio tão lícito, e de que se podiam esperar novas reformas com que tornasse a seu primeiro ser. E seguindo-se os votos de todos igualmente foram do mesmo sem que em nenhum houvesse neutralidade, de que o Governador mandou se fizesse Auto, que logo fez o Escrivão da Câmara, e assinando ele primeiro fizeram o mesmo os mais, e acabado, aclamaram todos em geral à imitação do Governador, que deu princípio, viva el Rei Dom João o IV de Portugal. E mandando logo trazer o Pendão Real da Câmara saíram do Colégio em Procissão, e unidos foram à Sé Matriz, donde feito um Altar no Cruzeiro dela sobre um Missal, fez o Governador, e a seu exemplo todos os mais solene juramento preito e menagem de ter, manter, reconhecer, e obedecer ao Senhor Rei Dom João o IV Duque que havia sido de Bragança, por verdadeiro Rei, e Senhor de Portugal, repetindo muitas vezes o viva que o Povo pluralizava com notável aplauso sem saber, porque, como, nem a quem se victoreava tanto: dando a entender, que o Céu confirmava a eleição em que os mais ignorantes dela se deixavam levar do gosto que comunicavam os que o sabiam, sem inquirirem, nem saberem a quem se dedicavam seus vivas, que em todas as Praças da Cidade se repetiram ao arvorar nelas o Pendão Real em nome de sua Majestade o Senhor Rei Dom João IV sem que houvesse pessoa que procurasse eximir-se de repetir vivas, e deixasse de agregar ao tumulto que ia aumentando-se com a novidade, até que na casa da Câmara se fez a última cerimônia mais regozijada porque já o Povo quase todo se havia unido a ela, e o miúdo gostoso com a novidade multiplicava alegria na repetição dos vivas. Logo mandou o Governador (para prosseguir com o aplauso devido, e manifestar o afeto próprio) lançar bando com todas as caixas do Presídio publicando o efeito que aquela noite, e as duas seguintes todos os moradores ornassem suas janelas com luminárias, e as fortalezas, e navios disparassem sua artilharia enquanto (por ser a penúltima semana da Quaresma, a quem se seguia logo a Santa) se aparelhavam para começar nos dias da Páscoa da Ressurreição festas, que intentava (sic) a tão feliz successo de Portugal estimulando, e pedindo, que todos entrassem nelas acrescentando (como quem conhece os ânimos de todos) que teria por mal afeto ao serviço de sua Majestade o dito Senhor Rei Dom João IV toda a pessoa que tivesse posses, e se eximisse de entrar nas festas, para com isto obrigar a alguns que entendeu apaixonados de Castela, a se divertirem de seu sentimento. Viu-se aquela noite a Cidade toda ornada de luzes, tão brilhante de invenções, tão lustrosa de fogos, e tão inquieta de vivas pelas ruas, e artilharia nos navios, e fortalezas, que de uma parte, parecia que o Céu havia trasladado as estrelas nas janelas, e de outra, que a abrasada Tróia se representava na

confusão das vozes, e repetições da pólvora, efeitos de amor, mostras do que nas veras quando se ofereça gastarão os leais ânimos dos Portuguezes, e Brasilenses em serviço de seu verdadeiro Rei, e Senhor Português. Ao outro dia onze de março (prossequindo o Governador com seu zelo, e desejando que à sua imitação as Capitánias debaixo, S. Vicente, e S. Paulo, e onze vilas, de que constam, jurassem a mesma obediência, e ser Autor de serviço de tanta importância, pois nelas consiste a conservação, e sustento de todo o Brasil, e ainda de Portugal o aumento assim por os mantimentos que produzem, como por as minas de ouro, que conservam) despachou a elas a Artur de Sá Capitão da fortaleza Santa Margarida, que fez o Governador na Ilha das Cobras Padrasto da Cidade, com ordem as Câmaras, Justiças, e Officiais de Milícia, a que imitassem as cabeças de suas Repúblicas, escrevendo a todos com os traslados das cartas de sua Majestade, e do Vice-Rei, e ainda a muitos particulares dos nobres do Povo, para que o estimulassem ao efeito: e em uma Canoa equipada por maior brevidade, e por se adiantar antes, que acaso chegasse aviso de Castela, que o pudesse neutralizar, o fez sair pela barra aos doze de março; mandando no mesmo dia (porque no serviço del Rei nunca permitiu dilação, por cuja presteza é censurado) aparelhar uma Caravela, e um Pataxo: aquela para mandar a este Reino a dar aviso a sua Majestade, e aquele para o duplicar à Bahia ao Vice-Rei, ordenando juntamente, que as companhias de Presídio a noite que estivessem de guarda a festejarem no corpo dela, como se fez nas oito noites seguintes, querendo cada Capitão exceder ao que lhe havia precedido, e com honrada emulação cada companhia se queria avantajár, e assim todas as oito noites houve luminárias, e muitas ruciadas (sic) de mosqueteria, e falcões, que publicaram mais o gozijo.

A dezenove de março véspera do Patriarca S. Bento, havia festa celebrando-se no seu Convento do Rio de Janeiro assistia o Governador, estando pregando às quatro horas da tarde o Padre Frei Manuel Religioso da mesma Ordem, sujeito digno de eternos louvores alvoroçou a Igreja um Ajudante, que com um Mestre de uma Caravela, que havia chegado deste Reino, entrou nela, e deu duas cartas ao Governador, que reconhecendo por o sobrescrito serem de sua Majestade, levantando-se em pé abriu uma, e beijando, e pondo sobre sua cabeça a Real firma, que nela viu, a manifestou ao Povo, donde havia algum, que censurava o haver andado o Governador fácil na aclamação somente pela carta do Vice-Rei. Aqui se repetiu de novo o Viva el-Rei Dom João o IV com tanto aplauso como se fora o primeiro dia, dando matéria ao Pregador para variar a do sêrão em louvores de sua Majestade tão dignamente dirigidos, quanto divinamente acomodados: e o Governador manifestando seu incomparável gosto, abraçando ao Mestre lhe deu de alviçasas que não

pagasse imposição dos vinhos que levava na Caravela, dizendo que suposto que aquela competia à Câmara, se os Officiais dela não aprovassem as alviças ele as pagaria de sua fazenda. E por evitar de todo as censuras, e remover os ânimos ao afeto tão justamente devido a el-Rei Nosso Senhor, mandou acabado o sermão ler em público a carta que recebeu de sua Majestade, com que se duplicaram os Vivas, se pluralizaram as graças ao Céu, e se desterrou toda a murmuração. Com a diligência que costuma o Governador na execução do serviço del Rei, logo ao outro dia em execução (segundo se presumiu) do que lhe havia de ordenar sua Majestade pela outra carta aparelhou um navio dos que estavam no porto de tudo o que lhe era necessário, e de mais da gente do mar, calafates, e carpinteiros lhe meteu vinte soldados, e por Cabo deles ao Capitão Antonio Lopez Mialha, que o havia sido do forte S. João, e aos vinte, e um do dito mês o despachou a Buenos Aires com algum aviso de importância, que reservou o Governador só para si; e ao Cabo a cuja ordem o remeteu, encomendando o mesmo segredo aos officiais que a escreveram e Escrivão que deram fé do que continha, diligência tão repentinamente obrada como se estivera prevenida.

A noite do dia de Páscoa último de março, dando princípio às decretadas festas se viu a Cidade tão ornada de luminárias que não fazendo falta o brilhante esplendor do Planeta Monarca, e substituídas as estrelas nas janelas, e ruas formavam tantos cambiantes torações (sic) no vário de invenções, que se enredou o pensamento nas luzes, e se confundiu no número pois o limitado do lugar parece que se dilatava com elas nesta ocasião. Foi o princípio das festas uma encamizada em que passaram mostra alegrando todas as ruas da cidade cento e dezesseis cavaleiros com tanta competência luzidos, tão luzidamente lustrosos, e tão lustrosamente custosos que nem Milão foi avaro, nem Itália deixou de ser prodigamente liberal, desejando cada um não somente exceder ao outro, mas ainda avantajá-lo ao mais poderoso, e porque seria fazer uma Relação dilatada, e enfadosa, se não nomeam em particular todos os que a ilustraram, acaudilhando-a o Capitão Duarte Correa Vasqueanes, que foi Governador daquela Praça, e Dom Antonio Ortiz de Mendonça Sargento Mor, e Governador da gente de guerra dela, e rematando-o o Governador Salvador Correa de Sá, e Benavides vestido de Tela branca, tão bizarro, como alegre, repetindo em todas as ruas, viva el Rei Dom João. E para maior alegria se lhe agregaram dois carros ornados de sedas, e aparatos de ramos, e flores, e tão preenchidos de música, que em cada princípio de rua parecia que o Coro do Céu se havia humanado, ação do Licenciado Jorge Fernandes da Fonseca, e obrada com seus filhos únicos nesta arte, e que mereceu o louro assim da invenção, como do sonoro.

A segunda-feira primeira oitava de Páscoa fez o Governador Alarde geral, e armou dois esquadrões no campo de nossa Senhora da Ajuda fazendo das companhias de Presídio um batalhão, e das da terra outro, e uma Companhia de frecheiros com cento, e dezoito homens de emboscada, e a Cavalaria em seu lugar, e ele a cavalo vestido de tela encarnada, acometeram-se os dois campos por cinco vezes escaramuçando, e dando-se cargas muito luzidas compostamente sargenteando o Sargento-Mor Dom Antonio Ortiz de Mendonça, e o Governador no meio sem descansar prevenindo as ordens, e dispondo acertos. E dando ultimamente ordem a que todos calassem mecha, arvorassem bandeiras, e prevenissem picas, pondo-se no meio dos dois batalhões, e tirando o chapéu disse em voz alta viva El Rei D. João o IV. de Portugal, ao que responderam todos viva, três vezes, que foram as que ele o repetiu, e se deram três cargas, abatendo, ou floreado as bandeiras, que foi ação mais luzida, e para ver que se podia prevenir, com que se deu fim com o do dia à festa dele, achando-se nos dois campos com armas mil e duzentos homens.

A terça-feira mandou o Governador correr touros, dando prêmios às melhores sortes, ou maior destreza tudo à sua custa, e ilustraram a Praça muitos Cavaleiros, que na destreza dos cavalos, e brio, e forçados rejões livraram o perigo a que se expunham, sem que sucedesse, nem desaire, nem desgosto.

A quarta-feira se jogaram canas acaudilhando uma quadrilha de quinze Cavaleiros o Governador, e outra de iguais o Capitão Duarte Correa Vasqueanes.

A quinta-feira estando prevenido um teatro na Praça para se representar uma comédia, choveu tanto que não deu lugar a isso, e por não deixar de prosseguir nas festas mandou o Governador se representasse na sua sala, donde subiram quantos puderam caber sem limitar a entrada a nenhuma pessoa, e se começou com loa de muitos vivas a El Rei Nosso Senhor, e feneceu com a mesma repetição.

A sexta-feira foi força interpolar a festa, porque choveu tão rigorosamente, que não deu lugar a nada.

Ao sábado se correram manilhas sendo os opositores vinte cavaleiros, não faltando o Governador, nem o Capitão Duarte Correa, que também em todas as festas luziu bizarro, e bizarrou lustroso.

Ao Domingo saíram duas Companhias de gente principal mascarados, e vestidos ao gracioso burlesco com notável regozijo. E rematou-se a festa (que na mais opulenta Cidade não podia ser mais lustrosa) com um alarde que os estudantes a segunda-feira ordenaram dando mostras de que também, quando fosse necessário em serviço

de sua Majestade saberiam disparar o arcabuz, como construir os livros. E todas estas noites desde a primeira teve o Governador ornadas as janelas de sua casa com luminárias de cera, e muito fogo de Polvora na Praça.

Desta maneira aclamou o Rio de Janeiro ao Senhor Rei Dom João o IV. por verdadeiro Rei, e Senhor do seu Reino de Portugal, desta maneira aplaudiu tão feliz efeito como sua restituição a ele, e desta maneira manifestou os ânimos dispostos a seu Real serviço.

Com todas as licenças necessárias.

EM LISBOA.

Por Jorge Rodrigues Ano 1641.

À custa de Domingos Alures livreiro.

Taxam esta Relação em oito réis em
Papel Lisboa. 8. de novembro de 1641.

João Sanches de Baena. Fialho.

2. **SENTIMENTOS PÚBLICOS DE PER-
NAMBUCO NA MORTE DO SERE-
NISSIMO INFANTE DOM DUARTE.
[...] PELO PADRE FREI BERNARDO
BRAGA, 1650. (Ed. 1651.)**

SENTIMENTOS
PÚBLICOS DE PERNAMBUCO
NA MORTE DO SERENÍSSIMO INFANTE
DOM DUARTE

ASSISTINDO O MESTRE

de Campo General de todo o Estado do Brasil

FRANCISCO BARRETO, GOVERNADOR

das armas desta Capitania, com a Câmara e

mais nobreza na Igreja de Nossa Senhora

de Nazaré, quarta-feira, seis de

abril de 1650.

OFERECIDOS A MAJESTADE DE EL-REI

DOM JOÃO QUARTO DE PORTUGAL

Pelo Padre Frei Bernardo de Braga Lente de Teologia
e Dom Abade de São Bento de Pernambuco. Que orou
nestes sentimentos.

Com todas as licenças necessárias.
POR DOMINGOS LOPES ROSA. 1651.

SENHOR

O sentimento da morte do Sereníssimo Infante Dom Duarte (Que Deus haja) penetrou, tanto os corações, dos Vassallos de Vossa Real Majestade nesta América, que foram poucos dois olhos a tantas lágrimas, e estreito um coração a tanta pena. Porque à Eminência das vantagens com que a natureza o assinalou sobre os outros homens, não teve igual esfera de penas que pudesse fazer correspondência ao sentimento devido a tanta mágoa; mas o que intensivamente não pode conseguir a dor; extensivamente desafogou a variedade da mágoa dos sentimentos com que cada coração pretende avaliar por mais sentidos os seus extremos, foram bem notórios estes, nas demonstrações públicas a que o Mestre de Campo General de todo Estado do Brasil, Francisco Barreto, encaminhou, toda a nobreza desta Capitania que de seis e sete léguas concorreu, no maior rigor das inundações de inverno, competindo mares e mares. Os amargos dos olhos, com as crescentes dos Rios, dificultando-se as passagens com tanta impossibilidade, que foi muito menor o número que concorreu e ainda se fez tão grande concurso que importou registraremos postas as maiores qualidades, para que a Igreja se não ocupasse de sujeitos comuns; e tal foi a mágoa destes leais Vassallos que se a satisfação desta morte se pusera em armas, não consentiram os fidelíssimos Pernambucanos se parte alguma da Monarquia se lhe antecipasse, no duelo, ou na batalha, esta fineza descobriu esta desgraça nos Vassallos seculares. E no Clero Geral Piedade com que se juntaram todos os Sacerdotes desta Capitania a fazer os ofícios em que o Vigário da Vara disse a Missa cantada, com a melhor música que se viu junta desta banda o Mestre de campo General me honrou com a declamação destes sentimentos e eu, os dedico a Vossa Real Majestade com a consolação desta pena que em Vossa Real Majestade se alivia cuja vida eu sempre pedirei a Deus em meu sacrifício. (E como nesta Oração toco) espero que Deus há de estabelecer o trono de Vossa Real Majestade em confusão e ruína de seus insidiadores, e que há Vossa Real Majestade de deixar império, o que Deus, lhe entregou Reino. Deus Nosso Senhor em cuja mão estão as coroas, e os cetros, estabeleça a Vossa Real Majestade no Trono de seus Anos, para exal-

tação da Fé, em todo o Mundo, e guarde a Vossa Real Majestade com a vida, e saúde que este muito humilde Vassalo deseja. Pontal de Nazaré, 14 de abril de 1650.

Muito Humilde Vassalo de Vossa Real
Majestade

Frei Bernardo de Braga,

DD. Abade de São Bento de Pernambuco:

AOS LEITORES

Os sentimentos públicos na morte do Sereníssimo Infante se fizeram na Igreja de Nossa Senhora de Nazaré com grande demonstração de Majestade, numa Essa toda enlutada que ocupava a metade da Igreja, e se foi levantando proporcionalmente até rematar quase no teto, ficava toda coberta com um docel negro de que pendiam as Armas de Bragança, embebidas num tafetá que caía sobre o Túmulo, o qual estava no Alto daquela máquina coberto com um pano de veludo negro, cruzado com barras de tela amarela, e toda a Essa com tantos fogos que formavam um globo de Luz; a qual coroava todo o Mausoléu, sendo igual a multidão de Cera com que assistira numa mão todos os que estiveram na Igreja ao Ofício.

Os Capuchinhos desta Província, fizeram sexta-feira oito do mesmo mês, seu particular ofício e sua particular demonstração; e tinham, rogado ao Padre DD. Abade de São Bento Frei Bernardo de Braga para dizer a Missa, o qual não pode assistir por sair achado da pregação das exéquias, do Sereníssimo Infante e estar mui rigoroso o tempo. Porém as exéquias e o Ofício se fez com summa devoção na Igreja do Mosteiro de Ipiuca, disse a missa o muito Reverendo Padre Pregador Frei Gaspar de São Lourenço Gardião, e pregou o muito Reverendo Padre Frei Antônio dos Mártires Lente de Teologia e Comissário desta Capitania. As mais Religiões, como vivem em Tejupares, não tiveram Comodidade para iguais demonstrações, porém de todas as (sic) Ordens assistiram Religiosos nos sentimentos públicos que se fizeram em Nazaré.

A relação que se faz da jornada, e recebimento em Alemanha do sereníssimo Infante Dom Duarte, foi de um Religioso que familiarmente comunicou, a um pajem do secretário do sereníssimo Infante que por sua grande inteligência em escrever, e manusear papéis, assistia na mesma secretaria; foi servindo na jornada, e lhe assistiu em Viena de Áustria aonde o sereníssimo Infante, lhe fez dar o sagrado hábito de São Bento, na Congregação de Monserrate que se estende à Alemanha, e lhe assistiu a profissão e à missa nona para que; lhe houve dispensação, e logo licença para vir, ver seus pais. E chegando a Portugal, Sua Majestade o mandou recolher em São Bento o Novo aonde foi vista a sua Patente do Reverendíssimo Padre Geral de Portugal, Doutor Frei Antônio Carneiro, mestre jubilado em Santa Teologia, e lha assinou. Partiu-se (sic) este Religioso em

companhia do Capitão-Mor, que ia para a Ilha do Faial Chamado, Tomás de [Torres] e depois de aportar, se recolheu à casa de seus pais à Ilha de São Jorge, aonde assiste, e se chama Frei Francisco Soares, e contou tudo de Vista.

No corpo do Sermão vai uma décima, e se pediu ao Padre Dom Abade que ali a deixasse escrever por maior confusão de Castela, que foi a razão de se ajuntarem também alguns ditos Castelhanos.

A Essa do Sereníssimo Infante se adornou de muitos Elogios, chegaram-me à mão, esses dois sonetos que aqui pus para que se veja que não só as Academias mas o amor e a pena sabem fazer Poetas.

Do Alferes Agostinho Iácome da Fraga

Natural da Cidade de Braga, ao Mausoléu do Sereníssimo Infante. Ardendo em muitos fogos.

SONETO I

Mausoléu funesto, Infausta Pira,
Às Cinzas de um Infante dedicada,
Que te vejas em fogos abrasada
Se és incêndio de fênix, quem se admira?

Ardes fênix, ah, fênix quem te vira
Assim como de fogo embalsamada,
De fogo, novamente alimentada,
Dar vida, à quanta vida te suspira?

Porém quem minha mágoa consolara
Na morte que lamento se não vejo
(Em quem o fogo outra fênix bafejasse)

Ressuscitado o Infante a vida cara?
As fênix, são lisonja do desejo
Nenhuma morre, que ressuscitasse.

A entrega iníqua, que o Imperador de Alemanha
fez da Pessoa do Sereníssimo Infante.

Do mesmo Alferes

SONETO II

Imperador injusto, aquele Infante
 Que Bastões Transilzanos reprimia
 Aquele que a Turquesca fanfarria
 Enfreava co gesto e co semblante

Aquele Marte Armado de diamante
 Que tremendo vos fez, na Bélgica fria,
 Aquele, que de vossa Monarquia
 Foi única coluna, único Atlante

Aqui jaz, vinde ver aonde está posto,
 Vereis, a pouca terra, reduzido,
 Quem trouxe às costas todo Vosso Império

Mas tende. Não vejais aquele Rosto
 Porque vereis, num Sol escurecido
 Eclipses seus, em vosso vitupério

Sentimentos profundos, sucessos lastimosos, mágoas impensadas, infelicidades incríveis, se inimiga Fortuna, as mostra executadas no bem que mais ama nos estupecem (sic) a Alma com desatenção tão desacordada, que nem o discurso, atina nem a razão delibera, nem o juízo discorre, e arrebatada a Alma do sentimento, amortecidos os sentidos da pena, fica um triste magoado tronco inútil, vivo só para sentir, sem acordo para obrar, porque ocupados os Corações da pena, não sabem mais que deslizar-se em lágrimas nos olhos, quebrantar-se na garganta em magoados suspiros; donde nos maiores casos da desgraça, achou já Nosso Padre São Gregório Magno, aprovada a retórica da Madalena, chorosa e muda. **Tacet et plorat.** Emudecer e chorar, é a maior fineza do padecer e nesta amante gloriosa, foi tão excessiva a pena que a dor emudeceu as palavras, o tormento solicitou as lágrimas, assim mudamente chorosa, significava em lágrimas tristes, o que não podiam encarecer as razões magoadas; esta imitação lastimosa, tresladei aos sentimentos públicos de que hoje a mágoa de Pernambuco faz demonstração tão sentida. Não discorrendo chama de palavras, senão cursos de lágrimas, que quando tanta luz se escurece cegar deviam chorosos os olhos, que a tanta luz se viam.

Luz por luzir, e por luzido, é cada um dos filhos de Adão, enquanto vive luz; se à toda luz humana que apaga a morte, solicita lágrimas de compaixão o Grande Ciracides. **Super mortuum plora, deficit enim lux eius.** E se a qualquer morte a vinculou lágrimas o defeito da luz, mares de água pede o Eclipse do Sol. As outras mortes

lamenta a piedade pela luz que se faltou a si na ocasião presente
lamenta a desgraça à luz que nos faltou a nós; uma luz, emula de
toda a corrente do Sol, que se lá viu o Eclipse do Corpo luminoso
na Europa, estamos padecendo as trevas na América; o que trazíamos
a Luz nas meninas dos olhos, como espelho cristalino.

Não vedes tudo quanto abrangem os olhos nesta grande Capela
uma treva escura. Não vedes o Mestre de Campo General de todo
Estado do Brasil todo enlutado. Não vedes todos esses Mestres de
Campo, Tenentes, Generais, Sargentos Maiores, Capitães, Ajudantes,
Infantaria. Não vedes toda a Nobreza desta Capitania coberta de
trevas de dó, os olhos escuros de lágrimas; rebentando em suspiros
os corações, todos despedaçados de mágoa? Não vedes esse túmulo
lúgubre? Esse teatro funesto: Tanta Essa Majestosa resplandescente
com tantas luzes tristes trêmulos raios da noite mais escura? Não
vedes, esses pendões suspensos, Hieroglíficos medonhos, bandeiras
arrastadas? Que aparato é o que vemos tão funesto, que ostentação é
esta tão magoada! Que espanto é esse tão escurecido? Sabeis que é
isso tudo? Todas estas ostentações, são encarcimentos magoados, de
uma morte infeliz de uma morte iníqua, de uma morte tirânica; da
morte mais traidora que soube maquinar a iniquidade. Morte tirana
do melhor raio de luz de todo o Sol Português, que se apagou lá em
Milão para deixar escura toda a América; assombrada toda Ásia,
desmaiada toda África escandalizada toda Europa, e a Portugal eter-
namente choroso, que me detenha? Que duvido? Em que reparo?
Que é o que temo? Temo falar aquilo mesmo que me mandaram a
vós dizer? Ó não considere o juízo, acabe de uma vez a lástima com
o tormento, lá dou as novas ó novas tristes.

Morto é, morto é, morto é, quem morreu? Que morto é este?
Hei de ter língua para falar e não soluços para emudecer? Ou não
compreendo o que é, ou não avalio o que sinto, acredite língua muda,
juízo pasmado. Diga o que é a fama que o viu; e vestida, em negras
e largas roupas turquescas cavaleira numa Serpe escura, com sua
rouca Trompa, saiu do Castelo de Milão e vai por todo o Mundo
apregoando a morte triste, e aparecendo nesta América envolta em
escuras sombras está dizendo. **Morto é, morto é, morto é, o malo-
grado Infante Dom Duarte Irmão do Felicíssimo Rei Dom João
quarto de Portugal.** Aquele José galhardo, aquele Absalão formoso,
aquele Adônis da gala, aquele marte do esforço, aquele Alexandre
invicto, aquele terror do Turco, aquele assombro de Holanda, aquela
glória do Império, aquela inveja de Espanha, a estimação da Suécia,
aquela Trompa da fama, o Infante Português. Aquele esplendor das
Armas; a morte que tudo acaba, acabou também com ele, em breve,
Tragédias largas. Assim o apregoa a fama. Este é o morto que hoje
lamenta Pernambuco; à sua memória amarga, se dedicam estas exé-

quias custosas, estas Essas, estas Máquinas, esses Grandiosos Offícios com tantas Missas Sagradas, e assim o choramos morto, tendo-o todos vivo na Alma, porque se morreu, ao tempo, Amor mais da morte passa, que sempre a vida mortal venceu a vida a fama.

Morreu o Sereníssimo Infante, morreu, porque está sepultado. Não morreu por transferido a melhor vida; morreu, porque jamais o não veremos; não morreu porque viverá sempre nos corações lastimados. Morreu enfim, porque foi desgraça da Arquitetura numa estátua de Nabuco pés de barro. Nas suas éticas disse Aristóteles, que a todos os Heróis famosos, rotulavam os Antigos deidades, como introduziu Homero a Heitor, a este abuso aludiu aquela Salva enfática que um Rei Grande fez a todos os grandes Reis, e a todo o sangue Real. **Ego dixi dii es tu et filii excelsi omnes.** Este é o Ouro das Majestades do Mundo aceitar-se deidades humanas. Os Reis em vida são toda a deidade, e toda Adoração dos Vassalos; mas o golpe da gadanha, o toque da pedra de Nabuco, prova deidades mentidas a todas as pompas das Majestades, porque assim morrem como os outros homens: **Sicut homines moriemini.** Sonhai vós quantas deidades quizerdes, que a morte vos despertará no que sois. **Homines sicut homines.**

Um Deus, pareceu à sironisa Samuel ressuscitado, **Deus uidi ascendentes de terra.** E na Majestade que subia **in habito uenerando.** (Como notou Abulence) a pompa lho assegurou Deus que ela bem depressa se ratificou a Saul que era homem **Vir senex.** Pois chamai-lhe à primeira vista, deus, e depois dizeis que é homem? Sim, que assim são todas as Majestades do Mundo, à primeira face divindades parecem **Deus uidi.** Mas em eles subindo mortos, da terra para o Céu: **Ascendentes de terra.** Logo se vê que não são deuses senão homens.

Na morte descobrem todas as Majestades dos Reis os pés de barro. De toda a série dos Reis que lemos na Escritura Sagrada nenhum se achara inculcado tantas vezes Rei como Davi; até o Evangelista São Mateus parece que se não farta de lhe chamar Rei; **Isse genuit Dauid Regem Dauid autem Rex.** E logo reparando bem no apontamento da sua morte achar-se-á que já o não chamam Rei senão Davi. **Appropinquauerunt dies Dauid ut moreretur.** Chegou-se o dia da morte, e morreu Davi. Pois sendo Davi um tão grande Rei, como na morte, o não intitulam Rei Davi! Como nomeiam o Davi e calam o Rei. Foi mostrar que Davi enquanto Majestade do Mundo, era uma deidade muito respeitada, não havia senão Rei Davi. **Dauid Regem Dauid Rex.** Porém em morrendo, logo o barro da estátua disse, que era, não Rei, não deidade senão o Pastor Davi. Cuidado tão grande era mais para um São Gregório Magno, que para um Rabi Salomão. **Cum sepe Dauid decoretur Regis título in scripturis, cum**

de morte Eius agitur sola nominis, praeter Missa dignitate, fit mentio. Ó Monarcas. Ó Reis do mundo; Ó Príncipes; Ó Infantes em vida adorar [...] lisonja deidades, na morte vos diz o toque da estátua, que morreis como os outros homens. **Sicut homines moriemini.** O ser humano amortalha toda a deidade humana.

Quem discorrer as Coroas de todas as Monarquias da Europa. E quem bem reparar em suas genealogias, em todas as Majestades, achará deidades humanas, da eminentíssima Casa de Bragança. Dilatadas pela Sereníssima Senhora Primogênita e única filha dos primeiros Duques, a Infanta Dona Isabel, que casou com o Infante Dom João seu tio, filho de el-Rei Dom João primeiro; e deste real matrimônio procederam duas sereníssimas senhoras, a primeira casou com el-Rei Dom João segundo de Castela, e foi mãe da Rainha Católica Dona Isabel, de quem nasceu a Rainha Dona Joana, casada com el-Rei Dom Filipe de Castela, e Conde de Flandes, de quem nasceram os dois Imperadores, Carlos quinto, e Dom Fernando primeiro, quartos netos da casa de Bragança. Quinto neto o Imperador Maximiliano segundo, sextos netos o Imperador Rodolfo, e, o Imperador Matias, e pelo Arqueduke Carlos segundo, filho do Imperador Dom Fernando primeiro fica sexto neto da Casa de Bragança, o Imperador Dom Fernando segundo. **E voltando à Espanha, quinto neto da Casa de Bragança por parte de seu pai e quarto por parte de sua mãe se verá El-Rei Dom Filipe segundo (Primeiro intruso em Portugal.) Pelo Imperador Carlos quinto seu pai e pela Imperatriz Dona Isabel sua mãe.** E da segunda Senhora, filha da Primogênita da Casa de Bragança. A Infanta Dona Beatriz casada com o Infante Dom Fernando filho de el-Rei Dom Duarte, nasceram a Rainha Dona Leonor, mulher de el-Rei Dom João segundo, e o felicíssimo Rei Dom Manuel, e deste todos os mais Reis que foram discorrendo em Castela e Portugal. E desta breve suma se verá a muita razão, com que já achamos a Majestosa Casa de Bragança **Pecúlio de Reis**, pois a vemos **Erário de Imperadores**. Neste pecúlio estava o Duque Dom Jaime, terceiro avô de sua Real Majestade, jurado, com aplauso, de todo o Reino, príncipe herdeiro de Portugal, por ordem do Senhor Rei Dom Manuel, quando foi tomar posse da coroa de Castela, e deste pecúlio tirou Deus o nosso Felicíssimo Rei, e Senhor Dom João quarto, cuja Monarquia o céu prospere com as felicidades de Trajano. Deste pecúlio saiu a preciosíssima jóia o Infante Dom Duarte **Ego dixi dii es tu.** Porém lá nos está dizendo a tirania do Castelo de Milão, que o não escusou da morte a condição da estátua **Sicut homines moriemini.**

Morreu o Sereníssimo Infante, assim o matou a tirania como se tão alto Príncipe fosse aí qualquer homem, valendo este Infante só mais que muitos mil homens. Naquela memorável batalha em que Gedeão com trezentos soldados que Deus lhe escolheu, desbaratou

cento e trinta e cinco mil madianitas, depois de rota a batalha, por segurar a vitória mandou Gedeão Ordem à tribo de Efraim que acudisse a ocupar os vaus do Jordão, porque ali acabasse de consumir o inimigo, que ia demandando as passagens, e chegaram os de Efraim a tão bom tempo que no passo mataram os dois príncipes Oreb, e Zeb. Consumada a vitória, ao cantar o triunfo esteve quase levantada a tribo de Efraim contra Gedeão porque o não convidou para a batalha (tanto estimula a glória das armas a quem estima menos a vida, que o perigo) reparou o animoso General o tumulto só com estas palavras. **Quid tale facere potui quale uos fecistis non me melior est racemus Ephraim uindemus Eleeser.** Valorosos afraítas estais mui queixosos de vos não chamar a batalha? Pois mais queixoso pudera eu estar, de vós me leuares à glória dela, maior foi a vossa dita do que foi o meu triunfo; porque se, eu, depus a batalha, vós, ficastes com, maior nome no vencimento. Como pode isto ser! Se vós Gedeão destes a batalha, vós, desbaratastes tantos mil inimigos, e se a tribo de Efraim não matou mais que dois homens, nos dois Príncipes, Oreb, Ezeb. (Como vós, não fizestes tanto como ele). Porque, diz Cartuseano, maior triunfo foi a morte de só dois Reis de Madian, que degolou Efraim, que a mortandade de todo exército que fez Gedeão, a qualidade de duas coroas fez avantajada, glória, ao triunfo de muitos populares. **Pauca persona uideliccs duo Reges occisi ab Ephraitis magis erant reputanda, quam multi uulgares occisi a populo gedeonis.** No mesmo conceito explica o insigne Padre a maior mortandade de filisteus, que a Escritura diz que Sansão fez em morte, do que tinha feito em vida. **Multo plures interfecit moriens quam antea niuens.** Da Escritura consta, que morreram na ruína do templo três mil filisteus, em vida, não sabemos o todo dos que matasse Sansão, contudo duvida Cartusiano se Sansão matou mais morrendo que vivendo. E vem a resolver, que numericamente matou mais em vida, apreciativamente matou mais na morte; em vida matou muita chusma, em morte matou muitos ilustres, e muitos Príncipes, e ainda que fossem menos em número, o serem sátrapas, o serem Príncipes, o serem Grandes do Reino, fazia maior a morte dos menos que matou morrendo, que a mortandade das chusmas que tinha morto em toda a vida. **Ideo dicitur moriens, multo plures interfecisse, quoniam omnes príncipes et nobiliores terra erant ibi oppressi quorum pauci, plures reputatur quam multi uulgarium.** Mais valeram quarenta fidalgos na aclamação, de el-Rei Nosso Senhor do que puderam valer quarenta mil homens, quarenta mil ilustres, na sua deliberação, tiraram um Rei, e puseram outro, com tanto sossego, como se na sua mão estivessem as coroas, e como se fossem árbitros das Monarquias, e todo um exército de quarenta mil homens não crera factível o que vira executado. Não tem cômputo numérico os ilustres, cada um faz cômputo por si, appreciativo de muitos exércitos.

Naquele campo que se fez entre Abner general de Isbofet, e Ioab, General de Davi, ateados no duelo de doze a doze, donde se foi rompendo a batalha em que caíram muitos mortos, numera assim a escritura os do Campo de Davi. **Et defecerunt de pueris David decem et nouem excepto Asaele.** Morreram da parte de Davi dezenove exceto Asael, foram logo os mortos, vinte? Porque dezenove, e um Asael, são vinte. Como não computa a Escritura o número fechado, de vinte, senão dezenove, uma parte e um Asael a outra! Era Asael ilustríssimo, irmão de Ioab, Príncipe de toda a milícia de Davi, era de maior merecimento que todos os outros, pois aparte-se dos outros o cômputo de sua morte diz Abulence para que o mundo veja quanto mais vale a morte de um ilustre, que toda a turba do exército, para que se veja que um fidalgo morto faz cômputo por si só, e que a turba toda vai junta. **Asael computabatur per se eo quod ipse solus, maioris, prati erat, quam omnes alii decem, et nouem mo [...].** Assim disse Ioab a Davi alguma hora. **Tu unus, pro decem millibus computeris.** E em dez mil avaliam as damas de Jerusalém, um só Golias que matou Davi. **Percussit, Saul mille, et David decem milia.** E não matando naquele duelo mais que um só Filisteu, a importância da pessoa fazia de um só cômputo de dez mil. Computem-se bem as qualidades do Sereníssimo Infante Dom Duarte, e achá-lo-emos maior que os Príncipes Madianitas, degolados de Efraim; maior, que todos os Príncipes e sátrapas que matou Sansão; e muito maior que o prezado Asael. Tão perfeito e consumado em graças naturais foi este Sereníssimo Infante, e foi tão grande pelo valor de seu coração, e felicidades de suas vitórias, e de seu esforço, que só de tão magnífico e único Príncipe, se podia verificar aquele grande encarecimento com que Plínio Júnior exalça o seu Trajano. **Fingenti mihi principem, numquam falem concipere [suceurris] similem huic quem uidemus,** por mais que me pus a fingir um Príncipe perfeito (diz Plínio) nunca a imaginação pode chegar com o conceito, aonde a natureza pôs baliza à perfeição de Trajano, nem pode a maior sutileza do entendimento, conceber um Trajano tão singular, como a natureza o soube compor; os outros Príncipes, ou, os aperfeiçoou a arte, ou os consumou o Artíficio. Porém Trajano foi ser tão perfeito, que se emendou nele a Arte e deixou imitações ao artíficio. Este Trajano assim perfeito soube-o encarecer Plínio, mas melhor o soube consumir a natureza, no Sereníssimo Infante Dom Duarte, segundo acordo de quantos o comunicaram e se Plínio ouvirá, achará nele o que não cabia no conceito do seu Trajano Imaginário.

E porque não pareça esta avaliação Portuguesa, confirme a nossa conferência o testemunho do maior inimigo da Coroa Lusitana, el-Rei Filipe quarto de Castela, que entendeu bem quanto mais valia o Infante só, que muitos Reinos pois pedia por resgate de sua liberdade, o senhorio de Angola que consta de cinco Reinos, escrevendo

ao Infante uma carta em que dizia **que se desejava liberdade, escrevesse a seu irmão lhe entregasse Angola.** Mas que quereis respondesse o Sevola de maior valor! Respondeu com um coração maior que a fortuna, e com um ânimo superior ao mundo todo. **O que hei de escrever a el-Rei de Portugal meu irmão e senhor será que sua Majestade não largue um palmo de terra dos Senhorios que conquistaram seus Avós.** O ânimo verdadeiramente Real? O peito no maior cativo livre? Que não desluzem as cadeias Tirânicas a alteza do sangue; Reis eram ainda cativos, os Titanizados de Adonchesech. **Septuaginta Reges, amputatis manibus, summebant panem sub mensa mea** Reis chama o tirano aos cativos; que até cativo, é Rei, o que tem a Coroa de Nascimento por isso lhe chama Reis. **Septuaginta Reges.** E não lhe chama cativos, **septuaginta catiui.** O Sereníssimo Infante prisioneiro da Tirania, está Príncipe livre, e fala a um Monarca que o tem tiranizado, como, se de poder, a poder, lhe pudera dar batalha; feito foi a que só no sangue Português se acha exemplo no Infante Dom Fernando cativo em Marrocos, por cuja liberdade o Rei Mourro pedia feita, e el-Rei seu irmão a dera em resgate, mas o valoroso infante, antes quis morrer cativo, conservando a Cidade que dar uma Cidade da Coroa de Portugal por seu resgate, conservou a Cidade, mas perdeu a vida. Assim conservou o Infante Dom Duarte os Reinos de Angola mas perdeu a vida. Fidelíssimos Pernambucanos, a vós e a todo Estado do Brasil empenha mais esta fineza, pois se não pudera conservar este estado, sem aquela conquista. Empenhados vos tem esta vida, em pores todos as vidas em defesa de Portugal, e valendo este Infante só mais que muitos mil, pois vale mais que muitos Reinos morrendo ele pela conservação de Angola, ficou dando mais por ela do que ela valia; e assim valia, e assim se deve defender aquela conquista, não pela estimação do que é, senão pela alta valia de um Infante que nos tem custado.

Porém eu aonde estou? Ou aonde me leva o sentimento, metendo-me na morte antes dos acidentes dela? Mas os desconcertos da mágoa vêm a ser finezas do sentimento. Como já não cabia em si aquele ânimo de maior Alexandre, quis fazer mudança ao Império, chegando a Castela fez noite na Real Casa de Oropeza, e porque as cerimônias do Conde Duque (Trabucador de estados e de eminências o desagradaram, por não tropeçar em algum dissabor manifesto com el-Rei Filipe quarto, seu primo, se saiu oculto a todas as diligências que as postas, apressadas, souberam baldar; chegou a Navarra, onde o Vice-Rei lhe fez o recebimento e passagem devida à grandeza de um Infante; entrando no império soou logo, à sua chegada, e avizinhandose a Cidade Imperial, o Imperador o mandou aguardar em três carroças suas, prevenindo-se duas alas de Arcabussaria e Mosquetaria, que guarneciam os lados das ruas por onde o Infante foi direito a Palácio, e chegando à presença da Majestade, querendo inclinar-se

mais, o Imperador lhe estendeu os braços, recebendo-o com embora de seu Sargento maior de batalha (lugar supremo abaixo do General na milícia do Império) com o cargo lhe ficaram a cargo vinte, e cinco mil homens, dez mil, de cavalo, e quinze mil de pé; ordenou-lhe o Imperador visitasse a Imperatriz, a qual o recebeu com grandes demonstrações de estimação, assaz encarecidas numa rica vanda (sic) de que lhe fez mercê. Continuou o Infante na Corte, e o Imperador o sentou consigo à mesa (muitas vezes em presença das Infantas.) Assistiu nove, ou dez anos no serviço do Império, alcançando grandiosos triunfos, vencendo perigosíssimas batalhas, rompendo numerosíssimos exércitos, escalando inexpugnáveis fortalezas, ganhando potentíssimas Cidades, franqueando com a felicidade seus triunfos, o passo por toda Alemanha as [Águias] imperiais, sempre com aquela grande dita de cantar vitória sem perdimento de gente. Máxima que Tito Lívio quis fazer glória única de Alexandre. **Et quod signum maioris gloria, potentissimi Alexandri fuit sine suorum uincere periculo.** Na corrente destes troféus, que o faziam medonho, na Ásia, ao Turco; Terror, na Bélgica, ao Flamengo, espanto na Espanha ao Castelhana; desejado na Lusitânia aos Portugueses, e afamados em todo o mundo, interrompeu a perfídia tirânica a glória de tantas vitórias, cortando o fio à vida de Príncipe tão famoso na entrega iníqua que o Imperador de Alemanha fez de sua Real pessoa a el-Rei Felipe quarto de Castela depois da aclamação de el-Rei Nosso Senhor que Deus guarde. Entregou um Imperador a um Infante, Príncipe livre a toda lei; Príncipe que livremente se foi a seu serviço, com tão grandes dispêndios como sua grandeza sustentava. Entregou o Imperador a um primo seu, entregou o Imperador um Infante Confidente em poder de el-Rei Felipe quarto, tão grande inimigo da coroa de Portugal; como tem mostrado tantas traições ordenadas à Real pessoa de el-Rei Dom João quarto Nosso senhor que até o Santíssimo Sacramento é testemunha ofendida.

Ingratidão vergonhosa, feia remuneração, a tão altos serviços, Labeu horrendo a séculos futuros numa coronisa Imperial; detestável trato de Príncipes Católicos; escrita ficará esta entrega tirânica, nos Anais do tempo, no capítulo de confederações iníquas, por mais horrenda memória de quantas contra o direito das gentes, contra a imunidade do natural Refúgio, entregaram nas mãos inimigas aos confidentes, que se lhe haviam socorrido, já tem menos de que se envergonhar Cássio, e Bruto Romanos; já não fica de que se confundir, aos dois Pedros Reis de Portugal e Castela, que enfim se entregaram, em correspondência cada um os homiziados no Reino do outro; tirania bárbara foi, mas nem se entregaram parentes, nem se entregaram inocentes, de facinorosos foi a concordata. Mas entregar um inocente, só na confederação de Herodes e Pilatos, precedeu o exemplo do que estamos vendo entre um Imperador e um Rei de dois mundos. Não se lerá o caso nas histórias Romanas (e duvido se nas do mundo)

que Rei algum entregasse a outro Rei inimigo o Rei que tinha empadado em seu poder, só em Cristo lemos a entrega iníqua de Pilatos, se neste século vemos repetir um Imperador, a um quarto Monarca gratificações de Herodes num Infante inocente. Ingratidão memorável, remunerar serviços com cavilações, entregando à morte uma vida escudo da vida e quem a entregou.

Sarou Cristo Senhor Nosso ao paralítico de trinta e cinco anos, de carrinho. E depois mandou tomar o leito às costas, e logo o Paralítico o fez assim. **Suctulit lectum suum.** (1) Tomou o leito às costas e foi caminhando, pelo meio da Cidade; pois Senhor, neste leito não bastara que o mandasse buscar o Paralítico por homens alugados. Não bastara ir este carrinho puxado de suas rodas como dantes andava? Senão que de força há de ir às costas do paralítico? Sim diz Sedúlio. Aquele carrinho trouxe esse paralítico às costas trinta, e oito anos. Valeu-lhe em todos seus trabalhos em todas suas necessidades, acompanhou-o fielmente em todos os perigos, pois pagou-lhe esse paralítico, com o trazer também às costas um dia, tenha sequer um dia de agradecido, quem soube ter tantos anos de serviço. **Tolens lectum quo iacebat immobilis, grata mutua redibitione mercedis, victorem suum proprium humeris famulantibus mox reuexit.**

Nove, ou dez anos, trouxe o Infante a carroça Imperial daquela Monarquia às costas, com a Majestade daquela misteriosa carroça puxada dos quatro animais potentes, de que diz o Sagrado texto. **Non reuertabantur cum ambularent,** andavam sem voltar pé atrás, este foi o vitorioso Infante em Alemanha ganhando sempre terra de novo ao Império nem virou a cara ao inimigo, nem fez pé atrás algumas horas. E devendo o Imperador salvar às costas quem às costas salvou o seu Império pagou-lhe as salvas com o tomar às costas e dar com ele em Castela, ou nas guerras da morte: Os perigos da guerra de que o Infante o livrou remunera com o entregar ao arbítrio da violência quando só por companheiro nos perigos lhe devia remunerações grandiosas.

Com três companheiros se ofereceu Daniel ao perigo da morte de que Deus o livrou com tanta honra que o fez toda a privança de el-rei Nabuco, tanto que Daniel se viu em lugar de fazer bem, logo pediu a el-Rei provesse nos maiores lugares, só aos três companheiros, Sidraque, Misaque, e Abdenago **Daniel postulauit a Rege et constituís super opera Babilonis Sidrach, Misach, et Abdenago.** Infinitos cativos arrojavam ferros em Babilônia porém de entre todos os filhos de Israel cativos, só a estes três escolheu Daniel para o prêmio, porque como bem notou São Jerônimo foram os mais assinalados em o acompanhar no perigo. **Nom obliuiscitur eorum cum quibus dominum deprecatus fuerat itaque fecit eos iudices prouintia.**

(1) As citações latinas são seguidas de notas bibliográficas. Mas por defeito do microfilme são ilegíveis.

O com que Nosso Padre São Bernardo suscitara ao Papa Inocêncio no favor da grande opressão em que o tinha o poder do Arcebispo Logdonense, e do Abade cluniacense; foi haver sido seu defensor, e fidelíssimo companheiro, nos trabalhos do Cisura de Pedro de Leão, em que o Santo não descansou, até não deixar sossegado ao verdadeiro Pontífice na Cadeira de São Pedro; assim lhe escreve. **Dignum ne tibi videtur tua, per frui pate, et nostram non curar? Non recipere in sortem, consotitionis quos habuisti consortes labori!** Assim, a companhia nos trabalhos, empenha na maior remuneração dos descansos. Não esperava o Infante remunerações aos serviços, senão fidelidades à pessoa; e sempre o Mundo imaginou, que por fiel companheiro dos perigos, de que o Infante jurou ao Imperador com maior glória, lhe pagasse o Imperador agradecido; pondo-o em salvo em Portugal, contra todas as diligências inimigas. Mas a ingratidão, lá se ficou com a liberdade, e mais com a vida do libertador:

Grande exemplo de Monarca, o Príncipe herdeiro de seus Estados! Que fará morto ao pai, filho que se acomoda com tal exemplo vivo? A única causa, porque Salomão, perdoou ao Sacerdote Abiatar, o crime de conspiração que com Ioab tinha feito, para aclamarem a Adonias (induzindo-o depois a pedir Abisac Sunamites por Mulher para ficar mais seguro no Reino de Davi, culpas todas dignas de morte.) Foi só por ter acompanhado seu pai Davi nos perigos das guerras de Absalão. **Hodie te non interficiam quia portasti Arcam Domini Dei eorum David Patre meo et instituisti laborem in omnibus in quibus cabo ruit Pater meus.** Fostes companheiro de El-Rei meu pai, nas guerras que teve, nos perigos em que se viu, pois ainda que tendes culpas de morte, eu vos remunero com a vida os serviços que fizestes à Coroa, quando o Rei, e o Reino estiveram mais arriscados, isto fez o filho de Davi aos culpados que haviam servido, mas ao Príncipe filho do Imperador de Alemanha, fica-lhe o exemplo para entregar à morte os inocentes que tiverem mais serviços. Com Reinos pagava o Grande Júpiter Osíris a quantos o serviam. A seu sobrinho, Macedo deu o Império, que dele se denominou Macedônia; A Busíris a Coroa de Fenícia ao Famoso Anteu o Senhoril da Líbia. Um só serviço que de Mardoqueu leu Assuero, na traição em que lhe [. . .] vida, lhe granjeou, o triunfo com que foi, passeado pelas ruas de Susam, vestido de púrpura, e coroadado de diadema, levado de rédea no cavalo Real, pelo maior privado da Coroa; com vivas de toda a Cidade; e fazendo o Infante tão grandes serviços ao Imperador, em guerras tão importantes, livrando-o de tantas insídias inimigas, que mereciam remuneração de Reinos e de Coroas, a paga que lhe deu, foi entregar o mais benemérito triunfador nas mãos do maior inimigo.

Entregou o Imperador ao Infante; porque o entregou ao gosto do inimigo, foi o preço da vida do inocente; como o gosto do baile de Heródias, tinha já sido preço da Cabeça de Batista; pernicioso

exemplo de uma Monarquia imperial, de que nesta entrega se devia fazer mais consideração que do gosto do rei inimigo. Ao menos assim o consideraram já os Vassallos de el-Rei Saul, atravessando-se um dia o gosto do Rei ao bem comum.

Sucedeu o caso no deserto Maon, aonde Saul sequioso do sangue de Davi, foi com seu campo sobre ele a negócio feito de boas espias, que prometiam entregar ao inocente; e foi o exército de Saul guiado com tanto prevenção, que em duas alas fechadas tinha cingido a Davi, e a todos os seus, cerrando uma Coroa **In modum corona cingebant** Daudid, bem imaginou a tirania que desta vez encarniçava na inocência; e o perigo foi tão estreito que Davi se deu por atalhado. **Daudid desperabat se posse euadere.** Nesta ocasião, em que Saul se estava saboreando já em sua tirania, lhe chegou recado que os filisteus, inimigos comuns lhe corriam as terras **festina et ueni, quoniam infanderunt se Philistiim super terram.** Viu-se atalhado o Rei, de uma parte estava o gosto da morte de Davi, da outra parte estava o risco de todo o Reino na invasão dos Filisteus; perplexo o Rei na deliberação chama a Conselho, representa o gosto, e o risco [propõe] a qual dos accidentes se deve acudir, votam todos, e o voto dos melhores Conselheiros se resolveu pelo bem comum da República, e não pelo gosto particular do Rei; o bem da República pendia de lançar os Filisteus em continente, o gosto do Rei não queria mais que haver a Davi a mão para o matar, por onde se há de cortar? Pelo bem comum ou pelo gosto do Rei? Corta-se pelo gosto particular do Rei, não lhe entreguem os soldados a Davi, desfaçam o cerco, salve-se o inocente, tenha fé mão na reputação do Reino, e no bem da República que quando concorrer gosto de Rei com bem da República: **Magis cum falendum est Rei publica quam desiderio speciali Saulis.** Assim o conclui Abulense, e assim o fizeram os Vassallos de Saul: Porém em Alemanha entregou um Imperador ao gosto de um Rei inimigo, a um inocente, sem reparar, nos inimigos do Império que acometem a coroa; sem reparar no pernicioso exemplo com que desbarata, todo o crédito da Monarquia: porque à vista de tanta infidelidade, que Príncipe, que Infante, que potestado, que grande, que illustre, e fiara jamais do serviço do imperador? Que ânimo se arrojava a militar ao campo Imperial, arriscando a um ódio de Heródias, a cabeça do Batista na mão de um Príncipe Herodes? Grande ruína de um Império, que devendo ser guardada de perseguidos, vem a ser cevadouro de inocentes. Maior imundade protestou em sua casa uma mulher vulgar, do que viu este século no Palácio Imperial.

Memorável foi no Mundo a experiência que Raab deu à espias de Jericó, que a mais não poder se salvaram em sua casa. **Ingressi sunt domum mulieris meretrices nomine Raab.** Notáveis diligên-

cias fez el-Rei de Jericó por haver à mão estas espias revolveu-se a Cidade, e deu-se busca à casa de Raab, sem se poder atinar com elas, porque a generosa mulher as soube ocultar de sorte, que se voltaram desesperados de algum bom efeito, os que se prometiam do Rei grandes prêmios da diligência: Tanto que Raab teve o passo seguro, sobe aonde tinha as espias escondidas, lança-as pela janela do muro fora, da Cidade, avisa-as que atalhem ao Sertão, que se detenham três dias, e ao fim demandem outra vez a corrente do Jordão, que acharam seguro o passo. Notável cuidado; que obriga Raab a salvar estes homens, com tanto desvelo? Vós Raab não vedes em Armas o Reino? Não vedes empenhado todo o gosto do Rei, em haver às mãos estas espias? Como as não entregais? Como não solicitais prêmios na lisonja de um gosto Real? Porque estimou mais a reputação comum que os respeitos particulares, e porque estes homens fizeram valhacouto de minha casa. **Ingressi sunt domum.** Seguraram-se em que a minha casa lhe havia de valer pois não os hão de prender nesta casa. **Ad montana concendite.** Ponde-nos em salvo nesta casa não se entregam confidentes, mas que se arrojem todas as minas de Osir, mas que se atrevesse o gosto do maior Rei do mundo. Vão lá embora às guerras por seus cabais, mas à casa há de valer a quem se acolheu a ela. Tal casa como esta se pode chamar palácio real, e casa de Príncipe, assim lhe pagou Deus com lhe dar por marido o Príncipe da Tribo de Judá.

Tomou Jônatas em sua proteção a Davi, e por mais instâncias e diligências que Saul fez para Jônatas lhe entregar a Davi nunca o pôde acabar com o Príncipe. Estreitou tanto Saul o combate, que lhe veio a pôr a extrema bateria dos dois Reis, na razão de estado, pondo a Monarquia de Jônatas, e o estabelecimento de seu império na morte de Davi. **Omnibus diebus quibus filius Isai, uixerit super terram non stabelieris tu, neque Regnum tuum.** Com o seguro do Reino e da Coroa (diz Abulence) e pareceu comprava a Jônatas a cabeça de Davi. **Per hoc enim credebat Saul quod persuaderetur Ionathas ad occidendum Daud silicet stabeliretur ipse et Regnum eius.** A esta bastaria (sic) imaginou Saul que se não pudesse a lealdade de Jônatas suster, sem lhe entregar logo a Davi! Bateria (sic) de Reino, bateria (sic) de estabelecimento de coroa? O forte bastaria (sic) para a entrega de um inocente. Pois ainda que se perca a Coroa e a Monarquia, não entregarei eu um príncipe inocente que se fiou de minha proteção e de meu amparo, e contra toda a razão de estado, e contra a imunidade de um e outro direito, entrega o Imperador um inocente, que era o estabelecimento de sua coroa, a glória de seu Império, o escudo de sua defesa.

Espanta-vos a entrega? Pois tomai fôlego para novos espantos, pasmareis do que ouvires, quando vos disser, que o conceito do

Infante não foi entrega só, senão foi venda. Não foi entregue só o sereníssimo Infante Dom Duarte foi vendido, consta por documentos certos que oitenta mil cruzados se manusearam nas inteligências da entrega. Para que vos desenganeis que também há Judas Alemães, como Escariotes e Palestinos, e que se não acabou em José e Cristo Senhor Nosso o contrato das inocências, também este século, o viu correr entre alemães, e castelhanos no túmulo dessas exéquias.

Morreu o Infante. Quem o matou! El-Rei de Castela em cujo poder morreu, ou o Imperador que o entregou? Não há mister a questão muitas alegações de direito, nem eu faço dúvida em que o matou quem fez a entrega, que o verdugo, não é culpado na morte, quando a sentença lhe entrega morto o padecente.

Na morte de Nabor saiu só culpado el-Rei Acab, e da Sagrada Escritura consta que toda a morte foi composição, e traça de Iesabel. Iesabel escreveu as cartas, Iesabel tomou o Anel real e fechou, Iesabel mandou apregoar o jejum; Iesabel mandou matar, e Iesabel se pediram as alviças da morte, e contudo não se achará matador senão el-Rei Acab. **Occidisti, et possedisti.** Se matou Iesabel, como dá a escritura por Matador a el-Rei Acab? Porque ainda que matou Iesabel, Acab, foi o que entregou; porque nunca Nabor fora entregue à morte se não fora o sinal do Rei que Iesabel pôs, como notou Cartusiano, **ipse sciente et consentiente.** O sinal do Rei o entregou? Logo o Rei que consentiu por-se o sinal, foi o que fez a entrega, pois quem o entregou foi o que o matou, e não quem o solicitou nem quem o apedrejou. Vós o entregastes, vós o matastes. **Occiditis.** Maior é o pecado do que entrega que o do que mata, não tem menor prova que uma sentença de Cristo, que passou em coisa julgada. **Qui me tradidit tibi maius peccatum habet.**

Morreu o Infante Dom Duarte no Castelo de Milão, e não morreu de doença, e teve doença que o matou em três dias, a rigores de violências. O achaque lhe abriu a sepultura, deu-lhe a morte quem lhe infundiu o achaque. Vistes o efeito desejais saber a causa, pois em nenhuma língua a achareis senão em castelhano. **Fue la mano vellido y el impulso soberano.** Em poder de Castela morreu! Castela o matou, que para sangue de Príncipes, traz mui detrás a lanceta mui apontada.

Já sabemos que morreu e quem o matou, agora desejais saber a causa? Pois entende-se que foi raiva e inveja e que o não mataram a ele por ele, senão por matar nele a outro nele; mataram-no a ele por matar nele a el-Rei Nosso Senhor Dom João Quarto. Anda o Saul de Castela mui sequioso do [...] do nosso Davi, que Deus guarde, nem o sagrado da presença de Deus Sacramento quis Castela que lhe valesse, porém quis-lhe Deus valer, em desengano do pouco

que vai tendo a potência humana, contra o que tem de sua mão a proteção divina, e o ódio cego, vendo que em Portugal não podia chegar a pessoa de sua Real Majestade encarniçou lá em Milão, na mais Real imagem sua.

Afugentado el-Rei Senacherib da cidade Jerusalém com morte de cento e oitenta e cinco mil soldados, que miraculosamente caíram à vista da cidade, chegou à Babilônia raivoso de se não poder vingar do Deus de Israel, que como tem altíssimo trono não pode a vingança chegar ao seu tabernáculo. **Flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo.** E assim como o touro assanhado das garrochas dos palanques, vinga a sanha nos homens fingidos, que acha no corro o Bárbaro Senacherib vendo que se não pode vingar do Deus de Israel, nem dos seus, Israelitas em Jerusalém, foi-se lá vingar nos filhos de Israel que ficaram prisioneiros em seu poder, do tempo de seu pai Salmamasar. **Iratus multos occidit ex filiis Israel.** Está el-Rei Nosso Senhor Dom João Quarto entronizado pela mão de Deus no Reino de Portugal Trono de seus Antepassados; está este Rei e este Tabernáculo, muito exaltado, muito fortificado, e pela misericórdia de Deus, muito seguro. O leão de Castela está mui picado das garrochadas de Portugal; uma garrochada lhe deram quarenta fidalgos, que descoroou o Leão da Coroa Lusitânia; logo a garrochadas, por essas fronteiras lhe tiramos, Alconchel, que hoje presidíamos, Villa Nova del fresno, figeira de Vargas. Almendrai, Alfarrobeira, Villar de el-Rei, Almasanete, Montijo, a Puebla, a Cudiceira; e entre todas as fronteiras lá no Minho foi memorável a garrochada do Nosso Conde de Castel Melhor na Vila de Valença do Minho que fechou com uma inexpugnável fortaleza chave de Portugal, que nas barbas de Castela conserva as Reais armas de sua Real Majestade, estofadas de ouro com letras do sucesso. E assim a garrochadas vimos picando este leão, e lhe tem a nossa cavalaria tirado garrochos, nove, e dez léguas no corro de Castela, até o picar em Mérida, que são doze léguas, onde prenderam o General da cavalaria que vinha para Badajoz. Com tais garrochadas anda o Leão mui assanhado, e como não pode arrostar com o Rei de Portugal, tornou-se a estátua que tinha em seu poder, cevando-se na figura, não pela figura senão pela imagem, tão parecida ao original, que lhe pareceu na sombra que fazia a sorte na verdadeira.

Morreu também, o Infante por sangue real da Coroa Lusitana, porque o Rei, que quer reinar só, a nenhum sangue real perdoa, porque extinguindo a sucessão à coroa fique seguro do Império na tirania, setenta irmãos, matou Abimelech por se introduzir no Reino de Sicheim; todos os netos que pôde haver à mão, matou a ímpia Atalia. **Surrexi et interfecit omne semen Regium.** Só por se assegurar no Reino de Judá por morte de el-Rei Otosias seu

filho; Quem cuidaria que uma Avó matasse os netos, sendo os netos por impulso natural, mais amados do Avô do que são os filhos? Pois matou-os uma avó, e aquilo a que repugna mais a natureza, acha Cartusiano razão de estado numa Rainha ambiciosa de reinar só; **quatenus ipsa sola Regnaret, Regnandi libidine interfecit filius filii sui.** Quatorze mil Infantes matou Herodes por se estabelecer no Reino de Israel com morte do direito sucessor. Mas esta é a desdita dos que contra Deus se querem estabelecer a violências de sangue, que de entre o cutelo, e das mãos do verdugo, livra Deus ao que reserva para ruína do Tirano da morte dos irmãos de Abimelech, salvou a Joatan, que foi sua ruína; da mortandade de Atalia, livrou o Príncipe Ioas que foi sua ruína; da carniçaria de Herodes, livrou o menino Jesus, que foi sua ruína. Que sempre daqueles que Deus guarda, o maior inimigo é guarda-jóias, guardava Deus a Jó, e o mesmo inimigo era sua guarda. **Animan illius serua.** Guardava Deus a Moisés, e o mesmo inimigo era sua guarda, em seu palácio se criou a mesma Princesa o adotou em filho, e o mandou criar como Infante. **Accipe puerum istum et nutrieum mihi.** Contra o querido, e guardado de Deus, não pode prevalecer alguma indústria; com esta resolução desengana Santo Agostinho, (na atrocidade do sangue inocente) a todos os tiranos das coroas. **Unum quaritis et multos occiditis, et ad unum, qui unus est attingere non potestis.** Matais muitos por chegar a matar um, em cuja morte pondes o seguro da coroa; Vós matais (sic) quantos puderes, mas a este um, (um em essência trino em pessoas que é Deus) nunca podereis chegar; **Attingere non potestis.** E aí sim sempre na tirania ambiciosa, um, guardado de Deus, nunca o tirano lhe há de chegar, e sempre este há de ser ruína do Tirano.

Neste sentido parece podemos aplicar a el-Rei Nosso Senhor, tão buscado de tiranias, de que Deus o tem honrado, que está posto. **In ruinam et resurrectionem multorum.** Levantou Deus a este glorioso Rei, para ruína de muitos, e para ressurreição de muitos (largo discurso se abria aqui) fechemos o nosso intento reparando que pôs o Evangelista ruína no primeiro lugar, e Ressurreição no segundo. Porque Nosso Senhor el-Rei Dom João Quarto, que Deus, pôs em Portugal primeiramente foi posto para ruína **in ruinam.** Porque foi ruína da Majestade de Castela, derribando-a do alto cume da coroa Portuguesa de que caiu: **Ab alto cumine ruit.** E foi ressurreição de muitos porque foi ressurreição dos mortificados e dos amortecidos, que hoje vivem exaltados, livres, e gloriosos, debaixo da proteção que Deus lhe deu no seu Rei escolhido, e assim como lho deu o há de conservar; agora degole Castela quanto achar à mão, que aquele, (um) que Deus guarda, nunca Castela lhe há de tocar **Attingere non potestis.** Guarde-se Castela de excitar sua ruína.

Notável o capricho de Castela; quer Castela; quer Castela ser só na sucessão de Espanha, e não quer a sucessão de Espanha como Deus o dispõe. E por querer ser só virá a perder o que podia ser acompanhada, que muitas vezes permite Deus a um soberbo pensamentos desatinados, para sua ruína na escritura lemos dizer Deus de Faraó. **Ego in durabo cor pharaonis.** Declara o nosso Laudonense, **in durari permitam.** Ele não quer senão assinte, obstinar-se pois eu lhe permitirei cada vez maior dureza naquele coração, até que de duro estale.

Meteu-se na cabeça a el-Rei Nabuco, ser senhor universal do Mundo todo. **Ut omnem terram suo ingaret imperio.** E logo deste pensamento insolente, foi concebendo outro mais desatinado, de se ir introduzindo divindade de todos os vassalos, que sujeitasse para que só ele fosse adorado, e não houvesse outro Deus. **Præcepit Nabuchodonosor Rex, ut omnes Deos terra exterminaret uidelicet ut ipse solus diceretur deus ab his nationibus qua possent Holofernus potentia subiugari.** Parou aqui a temeridade! Não parou aqui: Depois de se ter levantado contra o deus da terra; chegou a se levantar contra o Deus do Céu; este pensamento foi sua ruína, tanto que os seus disseram. **Scient omnes gentes quod Nabuchodonosor, Deus terra est et preter ipsum alius non est.** Aqui acabou o império de Nabuco, aqui caiu a sua Monarquia uma mulher destruiu o seu maior General, logo foi perdendo muitas praças, logo se lhe foram levantando, e desunindo quantos Reinos tinha tiranizado, do Trono, desceu ao campo, perdida a Majestade, o cetro, e a coroa. Bruto entre brutos ora assim andareis até tornar em vós. **Dosset scias quod dominetur excelsus in Regnum hominum.** Assim andareis até que acabeis de conhecer, que nem vós só podeis ser Rei do Mundo todo, nem sois Deus, senão uma estátua miserável que ao leve toque de uma disposição divina desapareceu, e acabareis de vos desenganar que ninguém Reina contra a divina disposição, e que ninguém alcança Reinos sem Deus. Ouvi agora a glosa de quem foi Autor Nosso Padre Estrabo. **Quando somnias te deum esse immo superiorem deo, adimet tibi deus humanam cognitionem efficietque ut similis bestis feris euadas et experientia percipias, quid homo quid Deus, quid humana felicitas et quid Regnum diuinum, et fieri non posse ut quis illud consegnatur inuicto Deo.** (1)

Quando considero a Majestade de Castela intitulada dominação de dois Mundos, e aspirante ainda a tantos Reinos alheios, para embeber tudo em sua Monarquia, e quando considero que não havendo mais que um só Mundo, anda introduzindo Felipe senhor de dois no Mapa da adulação. Acho que aspira a um pensamento terrível

(1) Estrabo

que foi já cuidado do nosso Abade Roperto, nos ambiciosos desejos de Alexandre. Considerando este Santo a opinião que entre os antigos houve, de Olímpias conceber a Alexandre da Cópula de um demônio (Santo Agostinho declara nos seus livros da Cidade de Deus a possibilidade destes nefandos contubitos) (2) e conferindo estas opiniões com a vida de Alexandre, e com lágrimas de se não ver ainda senhor de todo um Mundo, quando lhe deram novas de dois, resolve, que só a um homem concebido por cooperação e indústria do demônio, se meteria na cabeça que todo o Mundo se podia sujeitar debaixo de um só senhor, que fosse Rei absoluto. **Libenter audimus, quod illic non defuerit malignorum cooperato spirituum, ubi conceptus est talis uir futurus prado terrarum, et non utole mundo editur exemplo, tot gentes esse sub uno posse uiro.** (3) Homem que queria fazer no mundo exemplo de uma só monarquia, e que queria fazer evidência de que todos os homens podiam ser vassallos de um só Rei, andando a depredar Reinos para fazer um só senhor de todo o Universo? Tem muito de demônio; que só o Diabo se atreveu a dizer que era absoluto Rei e senhor de todo o mundo, e que o podia trespassar em quem quisesse. **Mihi tradita sunt, et cui uolo de illa.** Nem Augusto César, que mandou descrever o mundo foi senhor de todo o mundo senão só de terras conquistadas. Nem Rei algum teve o Senhorio do mundo todo como Deus o criou, nem o pode ter; diabólico é tal pensamento, odioso e injurioso a Deus, e assim quanto mais crescem as Monarquias mais se chegam ao fim, e mais perto estão de se acabar de extinguir, e na acumulação indiscreta de muitos senhorios acelera mais meios de sua destruição o ambicioso.

E particularmente esta união de coroa de Portugal com Castela, é tão odiosa, que parece aborrecível até ao mesmo deus, o qual parece que com sua Onipotência anda apartando estas coroas, com demonstrações prodigiosas. Por morte de el-Rei Dom Fernando de Portugal, se fez levantar por Rei do mesmo Reino el-Rei Dom João Primeiro de Castela. E na ocasião em que o seu Alferes maior, João Furtado de Mendonça levantou na Cidade de Toledo o Estandarte Real, em que estavam pintadas as Armas de Portugal, e Castela, para aclamar Rei de ambas as coroas ao seu Rei Dom João, de repente se levantou tal pé de vento, que rompendo o Estandarte, rasgou de tal feição que as Armas de Portugal ficaram apartadas das de Castela, e o cavalo em que ia o Alferes Mor abriu pelos peitos. Esta mesma separação parece quis Deus mostrar, nas obras da natureza, e do artifício, numa maravilha notável sucedida no Jardim do Bom Retiro; porque estando num quadro formadas de murta as armas de toda Espanha, no meio das quais estavam enxeridas, com grande artifício

(2) Santo Agostinho, De Ciuis. Dei.

(3) Nosso Padre Nuperto

as armas da coroa de Portugal no princípio do ano de 1641, se secaram de todo aqueles pés de murta que formavam as armas Portuguesas e o jardineiro magoado de as não poder conservar perfeitas, arrancou as murtas todas, desfazendo o quadro das armas d'Espanha só por ver que lhe faltavam as de Portugal, e parece mostram os prodígios referidos, que as armas Portuguesas são arca de Deus contra o Ídolo Dagon das armas de Espanha que se não podem suster diante delas, e que nem representadas, nem pintadas podem sossegar estas armas juntas na Coroa Castelhana. E podemos conjecturar o quis Deus mostrar assim na feliz aclamação de Sua Majestade, que Deus guarde por suceder em tempo que Castela queria fazer Província o Reino de Portugal para união perpétua das armas, e das coroas, pois agora que vós as quereis unir, agora se apartem, e agora se restitua o Reino e haja Rei em Portugal, e na sua aclamação despregue Deus o braço da Cruz, para mostrar que acode com sua poderosa mão a separar o Reino e a apartar a coroa e Armas de Portugal da Companhia das de Castela para que todo se desenganem os Castelhanos com os Portugueses. Sossegue logo Castela com o que Deus lhe deixa, possua sua Monarquia como Deus lha dá, e não a queira dilatar como se lhe antoja: e guarde-se dos revezes da Fortuna, e dos pensamentos de Nabuco, que virá a perder tudo com intentos tão encontrados ao que Deus mostra dispor com sua divina providência nos sucessos das coisas de Portugal, que parecem uma sentença da Onipotência divina; pronunciada nas disposições maravilhosas de sua incompreensível providência em que Deus julgou, sem prolação de palavras, na evidência do fato, pelo Reino, e pelo Rei de Portugal; e tarde repete Castela o que Deus eternamente tem disposto, e há dez anos tem passado em coisa julgada neste Reino; aonde, (ao melhoramento das coisas) parece que vamos a conjectura que Nosso Padre São Bernardo fez do verdadeiro Papa Inocêncio a quem toda a Igreja Universal ía abraçando repudiado o cismático Pedro de Leão. **Iam Deus indicavit quod fero repetit homo indicavit autem operis evidencia non decreti sententia.** (1) Em termos; se tira, à nossa conjectura, do que a Escritura diz do Reino de Davi nas contendias da coroa que com ele tinha Saul. **David Proficiens, et semper se ipso robustior, Domus autem Saul decrescens quotidie.** Por mais que faça Castela. **Non quid dei iudicium, audeat humana temeritas retractare?** (2) Parece que lhe diz Nosso Padre São Bernardo. Retratou a temeridade dos exércitos de Felipe a sentença do Reino, dada em Ajamonte, por juízo de homens tímidos e peitados, porém a sentença dada nos montes no Céu, pelo juízo divino não na retratara todo o poder humano.

(1) Nosso Padre São Bernardo, tomo 2, pág. 216.

(2) II Reg., XXX, 1.

Muito são para considerar as perdas de tantos Reinos e estados como tem sentido Castela, e o que eu sobretudo mais considero, é faltar naquela coroa o Príncipe herdeiro de tantos senhorios; quando esperava consorte à sucessão, e parecem tudo presságios em que Deus mostra estar cortado o canal da Baronia direita daqueles Reinos em castigo do muito sangue real violentamente derramado, com que Castela se infama por se estabelecer ambiciosa no sangue regado de suas mesmas veias que Monarquia estabelecida em sangue, não pode ser firme nem perdurável.

Achou o Padre São Cipriano esta desgraça na efusão de sangue de Abel justo aonde a morte quis estabelecer seu império; porém no sangue do morto inocente em que fundou, aí se perdeu, e aí se viu que o império da Tirania da morte não podia durar muito pois assentava em sangue inocente. **Ut intelligat mortem firmo non mitti fundamento existentibus peccatoribus, occiditur Abel iustus.** E quando este sangue fosse de irmãos e parentes ainda o império seria, menos firme, como vemos em Abimeleque, Atalia, e Herodes.

Dentro do templo mataram dois filhos, a Senaquerib seu pai, **fili eius percusserunt eum gladio.** Porque mataram estes filhos a seu pai? Por nenhuma outra coisa (diz Cartusiano) senão para Reinar por sua morte. **Percusserunt cupiditate Regandi post eum.** E reinaram? Não achareis que algum deste reinasse, ambos fugiram para Armênia **fugerunt in terram Armeniorum?** Quem reinou foi quem não matou, foi outro filho chamado Asachaddon. Matais vosso pai, por lhe usurpar o Reino, pois a justiça divina ordenara que vós não reineis, que não quer Deus impérios sangüinários, estabelecidos à tirania de violências.

Quem atentamente ler as crônicas de Castela, depois de Espanha restaurada por Dom Pelajo, verá aquela coroa nadando em sangue de violências e usurpações de certos a seus naturais, senhores, depondo uns, matando outros, e o que mais é irmãos a irmãos, até bastardos a legítimos; uns para se lhe levantar com os Reinos, outros porque se lhe não venham a levantar. Não perdoaram filhos a pais nem pais a filhos, tiranos horror da natureza. Sem advertir que muitas vezes no que matam pode Deus ter chamado a sucessão mais gloriosa. Se Portugal matara Infantes, nem tivera as memórias generosas do Infante Dom Luís, nem o espelho maravilhoso da Constância do Infante Dom Fernando, nem tivera o mais feliz Rei que viu o Mundo, no Senhor Rei Dom Manuel. Deu-nos Deus os Infantes porque os matais. Matais estes? Donde estais certos que vos dará outros? Ou que não morrereis vós juntamente com o sucessor? Ah não mateis, mate-os Deus que os deu. Não quereis senão matar, pois olhai que é muito para temer a intercisão de sangue da Monarquia que mata, e que não deixa lograr os Infantes e as descendências que

Deus lhe dá. E não diga Castela que lhe impõem os Portugueses homicídios odiosos, as suas crônicas os contam, dos seus mesmos castelhanos sabemos seus delitos; e além das crônicas antigas os decoramos modernos. Na morte do Infante Carlos, apareceu em Palácio à porta do seu aposento este rótulo. **Aqui mataran a um hombre, rueguem a Dios por él.** E na mesma ocasião se mandou a Flandes ao Infante Cardeal (que também morreu antes da era), uma décima funesta que até ao Brasil chegou. E se nos atrasaremos mais, o feliz Dom João de Áustria não morreu de achaque, senão de Coroa, e um secretário íntimo daquela Monarquia, imprimiu em França um livro em que se não esconde o trato sangüinário, com que aquela coroa costuma estabelecer-se, e mui em particular; se tem assás manifesto nas traições de que Sua Majestade tem escapado tão miraculosamente, como no caso da procissão do Santíssimo Sacramento se manifestou o ano de mil e seiscentos, e quarenta e sete, mas lá o pagou em Milão o Infante Dom Duarte. Porém Castela não se ficara rindo, pois hoje não tem herdeiro, que parece assim como por uma parte não quer deixar lograr o sangue alheio, não quer Deus que se logrem as prendas a que Castela mais deseja a vida.

Fernando, Carlos murio
 En lo mejor de su vida.
 Dicen que fue su homicida.
 El que a vos os desterro.
 Este consejo os dai yo.
 Que en vuestro Egipto vengais
 Y que a Belen no vebais
 Hasta que este Herodes muera
 Porque la muerte os espera,
 En la sombra que pisais.

Mui diferente razão de estado seguia el-Rei Davi. Perguntam os doutores, porque Davi casou tantas vezes (mais de dez acha Abulence) e sendo um Rei tão santo como foi tão licencioso nos casamentos? Principalmente tendo tantos filhos, como se lhe apontam no segundo dos Reis, (que só em Jerusalém lhe nasceram onze) e no paralipamenon, se lhe ajuntaram mais dois e uma filha que foi Tamar; para que era casar havendo tantos filhos? Abulence e Cartusiano, fizeram razão de Estado os casamentos porque quantas mais mulheres Davi recebia, mais casas poderosas liava a si, e mais tinha a sua devoção os grandes do Reino, e logo com os muitos filhos, fazendo novos casamentos ainda dilatava mais os parentescos, e lançava mais amarras ao sossego e à Coroa. **David sumpsit has plures uxores ad multiplicandam prolem, quae coningeretur in Matrimonium nobilioribus Regni sui et sic essent sibi affinitate conniuncti ad formitatem Regni sui maiorem.** Conserve-se logo o sangue, para conservar o

Cetro; haja muitos Infantes e casem no Reino, e dilatem grandes casas, que sejam como depósito do sangue real, que com estas casas é o Rei temido no Reino; estas casas fazem o Reino mais sujeito, e conservam a Monarquia mais autorizada. Os grandes homens e os grandes títulos são as escoras das Coroas. Assim o conheceu o prudentíssimo Rei nas partidas de Castela, encarecendo bem que os Reis por maiores Monarcas que sejam considerados, em si, são um só homem, no qual somente, se não pode sustentar nem conservar o Reino, se não tiver assistência dos grandes, homens, dos Títulos, dos Ilustres, dos Fidalgos, e dos nobres, que estes, são a Majestade do Reino, nas maiores ocasiões, da Ostentação; e quanto estes forem mais chegados ao Rei, mais seguro será o Rei e o Reino; esta Teoria observa a ínclita e gloriosa Monarquia de França nos seus Augustos príncipes do sangue com que aquela insigne Coroa se conserva tão majestosa contra as injúrias do tempo e da fortuna, sempre viva, em seus Príncipes naturais, do que se não pode gloriar Castela, cujo Rei, tem mais de estranho que de natural. Vivam logo os Infantes, conserve-se o sangue Real, tão venerado dos Romanos, que se não sabe daquele senado regasse veias de sangue real de rei algum prisioneiro. Estas razões de estado tão generosas, não observa Castela; como respeitaram o sangue alheio; quem ao seu não perdoa? Ora farte-se Castela de sangue, e guarde-se do Brindes da rainha dos fitas, Tomiris, A, Ciro Rei dos persas, e repare que nem nesta vida, nem na outra nem à hora da morte se podem ver desassombrados os matadores, das visagens daquele a quem mataram.

O assombro na vida lhe diz um caso horrendo, que refere Plutarco, de um mancebo chamado Pausânias, o qual depois de oprimir uma donzela, acumulando pecados a pecados, e fazendo um insulto escudo de outro por encobrir a ambos, matou a donzela. Mas ó Portento grande; a sombra da defunta daquela hora em diante andou sempre assombrando ao Triste mancebo, segundo seus movimentos, como sombra ao corpo, gritando-lhe toda a hora aos ouvidos; **ad sis iuditio.** Justiça de Deus sobre ti que me mataste, vem estar a juízo comigo; e nesta perseguição lastimosa acabou brevemente a vida o Miserável. E não faça espanto a Novidade, que já da Morte de Abel anda o sangue derramado pedindo justiça a Deus do matador. **Sanguis fratris tui Abel clamat ad me de terra.** Assim como dos golpes de Pedro; no horto, trazem o Cutelo pendente da garganta os matadores. **Omnes qui acceperint gladium gladio peribunt.** Este é o assombro da vida.

O da morte lhe mostra bem o desastrado fim de el-Rei Saul, nos montes de gelhoe, (sic) atravessado na Espada com que se quis matar sem conseguir o morrer, (que também para um assinte se sabe fazer de rogar a morte, senão quisesse o caso avisar, que contra o

sangue real é toda espada covarde) na extrema aflição em que o Rei se via, dando fé de um mancebo que passava, lhe pediu que acabasse de matar. **Stá super me et interfice me quia tenent me Angustia.** Acaba moço de me matar, e serás o primeiro homicida com piedade, porque me livrarás de fortes angústias, em que nesta hora me vejo. **Tenent me Angustia.** Em Abulence. **Ouovian tenent me: ore uestimenti Sacerdotalis.** Estão me angustiando as Orlas, as bordaduras, das vestes sacerdotais. Sabeis o caso? Tinha Saul mandado matar, oitenta e cinco Sacerdotes todos vestidos nas vestes sacerdotais. **Trucidauit in die illa octoginta quinque uiros uestitos Ephos lineo.** E todos estes mortos lhe apareciam ali à hora da morte pedindo justiça a Deus, nas mesmas vestes que lhe serviram de mortalha **Videbatur sibi Saul quod propinquus mortuidebat sacerdotes Dei accusantes eum in iuditio coram domino.** Estas são as aflições dos matadores à hora da morte. Nem ali acabaram os assombros, lá vão atrás dos matadores à outra vida.

Caso portentoso foi estar na outra vida o Rico Avarento vendo do inferno o Lázaro no seio de Abraão. **Vidit Abraham a longe, et Lasarum in sí [...] eius.** Como não viu o Avarento no seio de Abraão algum de quantos justos lá estavam de Abel até Zacarias filho de Baraquias, senão só ao pobre Lázaro? Diz São Crisóstomo, que viu este, porque lhe não permitiram que visse outro. **Non alius datur uidere.** E por que se lhe não permitiu que visse outro, senão este? Porque o matou, e porque seja um espelho aos matadores, que até na outra vida anda aparecendo o morto ao matador, por maior tormento e por maior assombro, pedindo justiça a Deus.

Ó Reis, ó Monarcas do Mundo, que matais por antojo estais certos neste desengano que o Rei não é senhor absoluto das fazendas e vidas de seus vassalos, senão conforme as Leis, e oportunidades da conservação de seu Reino e passando a moderação destes limites, tão homicidas são os Reis que privativamente matam como os outros matadores, antes o matar fica mais grave pecado no Rei pelo absoluto poder com que arroga a si o arbítrio das vidas de que só Deus é absoluto senhor, e só ele pode tirar, e dar vidas como for servido, e se este direito se deve as vidas dos vassalos, que será ao sangue real, que Deus tem tão privilegiado? Lá esperam aos Reis homicidas à hora da morte, e na outra vida as visagens dos mortos; naquele aperto lhes hão de aparecer na mesma postura em que os mandaram matar, cercando o leito com clamores ao Céu, fazendo-lhes tal ofício da Agonia que desejem a morte por fugir da angústia, e permita Deus não cheguem ao castigo do Rico Avarento.

E se muito devem atemorizar aos Reis os que mandam matar na paz, muito mais os deve assombrar a mortandade dos que fazem parecer nas guerras injustas, e entre Católicos lamentáveis. A guerra,

não pode ser justa de ambas as partes, senão **Per accidens**, (como averigúam os Doutores) que é enquanto está oculta a injustiça com que uma das partes pelega; e assim o Rei antes de fazer levar de gente, e denunciar guerra, está obrigado a examinar mui exatamente a injustiça da causa, que fazendo guerra injusta só por seu capricho ou razão de estado fica encargado em todas as perdas e danos que a guerra traz consigo, e em todas as mortes de que é causa na guerra injusta. E só por se não desperdiçar tanto sangue de Cristãos entre Católicos, se devera antes suspender algum direito (dado que o houvera) do que seguir sem direito, uma guerra agressiva tão perniciosa às Repúblicas Cristãs, entre Reis Católicos, como faz Castela a Portugal, que se defende no seu direito.

Direito Rei de Israel, por eleição divina, era Davi, e ao empossar-se da Monarquia achou usurpada a maior parte dela de Isbozet intruso à força de armas, e dois anos o tolerou Davi contentando-se só com a coroa da Tribo de Judá, sem nunca se dispor a dar batalha de poder a poder ao inimigo; e já no fim se veio a considerar com Abner, General de Isbozet para que lhe desse posse pacífica da Monarquia que o inimigo ocupava; Pois Davi, se é vosso o Reino porque o não sujeitais à força de Armas, sendo a causa tão justa? Sabeis porque o não faz diz Abulence. Porque era el-Rei Davi; Via este Príncipe que os soldados abandonados com Isbozet, se lhe não queriam render; considerava que para os sujeitar à força de Armas, era força derramar muito sangue de uma, e outra parte no povo de Deus, e posto em condição de cortar, ou pelo direito do Reino, ou pelo sangue do povo de Deus; antes quis ceder de seu direito largos tempos, que derramar tanto sangue no povo que todo era um, na Religião e na adoração de um Deus verdadeiro; O direito do Reino recuperação pedia da coroa, mas cortasse antes pelo direito de um Reino que pela vida de tantos vassallos Católicos. **Potius uoluit suo iurecarere quam sanguine fundere in populo Dei**, considere, agora o Rei de Castela quanto mais deva fugir desta efusão de sangue sobre o Reino de Portugal a que não tem nenhum direito? Considere, que não está intruso como Isbozet, dois anos, senão ele, seu pai e avô; sessenta anos. E contudo o Davi Português sendo o verdadeiro Rei, foi dissimulando, só porque não era possível recuperar a coroa, sem muita efusão de sangue católico, e chegou tempo, já no fim de tantos males em que Deus o empossou do cetro, e da Monarquia (para a qual em profecia foi ungido e chamado de Cristo pregado na Cruz no campo de Ourique, e neste tempo foi restituído ao Reino (graças sejam dadas à divina bondade que o empossou. **Qua absque bellorum periculis absque humani sanguinis effusione, inimicos vestros sic humiliavit**. Assim escreveu Nosso Padre São Bernardo em certa restauração a uma Imperatriz Romana) e assim vimos nós restaurado Portugal, sem efusão de sangue, sem estrondo de artilharia, e sem

batalha de espadas, senão a clamores de uniformes vivas de todos os povos; Que tem aqui que dizer Castela? Se quiser tornar atrás? Portugal, sempre foi livre pela doação que el-Rei Dom Afonso Sexto de Castela fez ao conde Dom Henrique com sua filha legítima Dona Teresa, sem homenagem a alguma de que se leia ato em contrário. Foram os Reis Portugueses ganhando as terras dos Mouros, e Deus fez Rei da conquista ao Senhor Rei Dom Afonso Henriques reconheceram, e confirmaram este título os Papas Inocência Segundo e Alexandre Terceiro. Continuou-se esta coroa em sucessão pacífica de casamentos recíprocos entre Portugal e Castela tão repetidas vezes, que de Dona Urraca filha do primeiro Afonso Rei de Portugal, (a qual casou com Dom Fernando Segundo, Rei de Leão) até Dona Joana filha do Imperador Carlos Quinto, que casou com o Príncipe Dom João pai de el-Rei Dom Sebastião, se acharam dezoito matrimônios. Não recontando os desposórios da excelente senhora com Dom Afonso Quinto de Portugal, que não tiveram efeito pela usurpação daquela coroa que fizeram a sua legítima herdeira os Reis Católicos Dona Isabel, e Dom Fernando; e por esta e outras razões que soube considerar o Nosso grande Rei Dom João Segundo, costumava dizer. **Que estimara ver entre os Portugueses e Castelhanos um muro tão alto que chegasse ao Céu.** Devia ser, para os desimaginar da usurpação dos cetros alheios em que Castela não considera direito de sangue, senão ou ocasião ou violência.

Que direito podia pretender Castela de por tal, nem ainda pelos Reis de Leão, depois de a coroa de Portugal legitimamente introduzida no seu primeiro Rei Dom Afonso Henriques? Considere bem isto Castela, e achará a justiça de Portugal até entre os seus mesmos Castelhanos. E verá a justiça mais clara que o Sol, nas alegações da sucessão da coroa da Senhora Dona Catarina, e no direito que em vários livros anda tão clareado, e achará tão manifesta a injustiça da casa de Bragança que nela verá continuados encobertamente os Reis Portugueses desde o Infante Dom Afonso primeiro filho, do senhor, Rei Dom João Primeiro, até el-Rei Nosso Senhor Dom João Quarto seus antecessores foram Reis encobertos, Sua Majestade que Deus guarde, é o encoberto que apareceu de entre todos. E esta devia ser a razão, porque o Excelentíssimo Senhor Dom Teodósio, ordenou em seu testamento o enterrassem com coroa, e cetro, e avisado el-Rei Felipe para que impedisse enterrar-se o Duque com insígnias reais respondeu. **Dejadle que es hijo de doña Cathelina** Como se confessava, sem advertir o que disse; o Duque de Bragança, ainda que oculto a verdadeiro, e legítimo Rei da coroa de Portugal, por sua mãe a senhora Dona Catarina, não lhe estranheis na morte as insígnias que devia trazer em vida. O que tiraniza o poder não o renuncia a natureza este conhecimento e tantas evidências do miraculoso modo com que o poder divino restituiu e sustenta a coroa

na cabeça de seu natural senhor em Portugal, devera já suspender armas tão perniciosas a igreja de Deus, e às repúblicas cristãs, miserável estrago de tantas mortandades, que acumulam cada vez mais queixosos no tribunal divino, pedindo justiça a Deus sobre tanto sangue católico derramado, que mais gloriosamente pudera triunfar contra a perfídia herética em Alemanha e Flandes, contra a barbaria em África; e contra o inimigo comum do Nome de Cristo Jesus Senhor Nosso, em Ásia, fazendo todos os Príncipes cristãos generosa liga na recuperação da casa santa, e do santo sepulcro; e não fazer grandeza de guerrear, com vizinhos e com o próprio sangue e com os amigos, como já escreveu Nosso Padre São Bernardo aos Religiosos januenses. **Quod si militare placet, et uestra fortitudinis ac stranuitatis iterum experire uires, arma probare delectat. Non equidem id praesumendum aduersus uicinos et amicos, (Cum magis Ecclesi a inimicos expugnare deceres) sed Regni uesti inausam a Siculis deffensare coronam.** E não andar sendo escândalo ao Mundo de mortes tão vergonhosas como as de tantos cristãos, e como a do Sereníssimo Infante Dom Duarte cortando a melhor vida nos mais floridos anos, no meio da glória de seus triunfos; com tanta lástima da Monarquia Portuguesa que eternamente sentira tão rigorosa tirania.

O que Davi mais solicitava com Deus era não lhe dimidiar a vida levando no melhor dos anos. **Ne renoces me in dimidio dierum meorum.** São Jerônimo diz, que não tratava aqui Davi da vida pela vida, senão pelas gloriosas obras que ficavam intercisas, e imperfeitas com a vida dimidiada. **Non tantum de temporali uita intelligendum est, quantum de conseruatione bonorum operum, ne remanerent in dimidio.** Esta pena se atravessava mais a el-Rei Ezequias; na morte que Deus lhe intimou no meio de seus dias, na maior verdura de seus anos. **Ego dixi in dimidio dierum meorum uadam ad portas inferi.** Senhor, que haja de morrer um Rei na flor de seus dias? Que quando a vida atava os primeiros fios ao teçume, se haja de cortar a teia na urdidura? **Dum adhuc ordirer succedit me!** Lástima grande de um Príncipe malogrado. Que leve a morte a um Infante de Portugal na flor de seus dias? Que haja de morrer o Infante Dom Duarte, no meio de suas glórias? Que deconte, (sic) artificiosa tirania, a uma bela flor quando começava a refinar as cores? Que nos haja de faltar o Infante, quando seu raro valor prometia maiores troféus à Cristandade? Que se tire a Portugal esta coluna quando nos prometíamos maiores felicidades de suas raras prendas? Que haja de acabar tanto bem no meio de tantas esperanças? **In dimidio?** Lástima grande de quem morre, porém mágoa irremediável, de quem fica com vida. Contudo recorra Portugal no meio de tantas mágoas, à glória de príncipe tão Augusto na vida, e à constância de coração tão generoso que se deixou gastar numa prisão por não diminuir uma conquista ao Reino de Portugal, e achará que com razão deve suspender as

lágrimas, em vida e morte, tão preclara. **Quid a lementione longius abest, quam gloriosa uita, et mor perclara.** Assim consolava Xenofonte a morte de Agezibo assim consolem os Portugueses a morte do Sereníssimo Infante Dom Duarte.

Não fica, Infante Augusto, que chorar esta morte da vossa parte, que se morrestes ao mundo, mártir da razão de estado a glória que conseguistes, vence a pena que nos deixastes, e consola hoje esta pena, crer Portugal que um príncipe tão católico está vivendo nos olhos de Deus; e a quem por tantos títulos na morte vive não lhe deve lágrimas o sentimento, assim o avaliou já Santo Ambrósio, nas lágrimas da viúva da Naim. **Noli flere.** Pois Senhor, não chorara uma mãe magoada um filho morto? Quando esse morto vai tão perto da vida, escusadas são lágrimas na morte. **Flere prohibetur eum cui resurrectio debebatur.** A quem há de ressuscitar logo viu o bem se podem escusar prantos de morto. Esta foi toda a razão porque a Nosso Padre São Bernardo parece que a Virgem Sereníssima não acompanhou as Marias quando iam ungir o corpo de Cristo Senhor Nosso à sepultura. **Illa mater qua plus habuit pietatis, cum aliis ad uagendum non uenit Corpus Christi Sepultum, quia frustra putabat eum ungi, quem resurecturum sperabat.** Quem tão depressa há de ressuscitar vivo, para que é aplicar-lhe cerimônias de morto? O mesmo Cristo disse que até os mortos nele eram vivos. **Qui credit in me etiam si mortuus fuerit uiuet.** Logo, a um Infante tão fiel católico, tão acérrimo expugnador de hereges, agravo seria lamentá-lo no sepulcro morto, mais fineza é venerá-lo em Cristo vivo. **Etiam si mortuus fuerit uiuet.**

Nem hoje dedica Pernambuco estes sentimentos públicos estas lágrimas comuns, estas demonstrações saudosas ao Infante morto por si, senão por nós que foi, a conformidade com que Nosso Padre São Bernardo lamentou a morte do seu amado Monje Umberto, não pelo morto que via no sepulcro, senão por si mesmo que se via ficar vivo. **Non ego pro te doleo, mihi potius ad tempus doleo.** E deu o Santo Abade uma razão mui cortada a nossa pena, na morte do sereníssimo infante. **Separauit a nobis dulcem amicum, prudentem conciliarium auxiliarium fortem.** Tirou a morte, neste tempo. **Ad tempus.** Aos Portugueses um amigo leal, um amigo doce, um amigo suave; Tirou à coroa, um conselheiro de estado prudentíssimo, tirou às fronteiras, um valorosíssimo defensor do Reino; e faltar-nos tal prenda neste tempo, isto sente, isto lamenta Portugal. **Ad Tempus doleo.** Esta pena encarece hoje toda a Capitania de Pernambuco, e nesta pena nos acompanha o Mundo todo.

Com esta pena asseguro eu estar sustentando-se essa grande máquina em quatro figuras das quatro partes do Mundo que reconhecem vassalagem ao Português senhorio. Europa chorosa, América

desgrenhada, África esmorecida, Ásia desmaiada; e logo em roda asseguro de luto todas as Monarquias, e Coroas de Europa, a que por diferentes canais se deriva sangue da eminentíssima casa de Bragança, em Alemanha está fervendo este sangue na imperial casa de Austria (suposto, que na entrega do Imperador se visse tão entibiado) no norte a coroa de Inglaterra, em França se está vendo esmaltada a ínclita coroa das três Lises famosas. Em Itália se vê resplandecer, em Sabóia, Parma, Florença. Mântua ser rara, e se neste espetáculo não considero enojada a Coroa de Espanha, (que de duas linhas deixa-nos pendente da casa de Bragança) não posso deixar de a considerar muito arrependida, e mais o há de ficar quando em companhia do Mundo vir de luto toda sua Castela aonde se não achará casa Príncipe desenojada Medina Sidônia Medineceli, Maqueda, Infantado, Olivares, Verogias, Gelues, Pastrana, Alva, Bejar, Escalona, Cesa, Lemos, Oropeza. E com funestas roupas estou vendo no alto desses degraus os dois Infantes Dom Luís, e Dom Fernando sustentar esse tûmulo do mal logrado Infante, no conexo deste docel represento a Majestosa casa de Bragança, mais sentida na perda do Aluno, que tantas esperanças conduzia; Aqui estenda Timantes o véu do sentimento da morte d'Efigênia, e aqui faça pausa a mágoa, que daqui não pode passar o tormento, nem nos fazer mais que Acompanhar tanta pena com olhos chorosos e língua muda. Despidamos a fama que nesses ares está esperando o remate destas pompas, para levar a nova a outras partes, divulgando as demonstrações sentidas da fineza Pernambucana, juntemos a estas ostentações funestas de pompa, as espirituais de rogar a Deus sempre pela Alma do Sereníssimo Infante que Deus tem sua glória. Amém.

Rezemo-lhe todos três Ave-marias.

Finis Laus Deo.

3. **ORAÇÃO FÚNEBRE QUE DISSE O LICENCIADO ANTÔNIO DA SILVA, [...] NAS EXÉQUIAS DA SERENÍSSIMA PRINCESA DONA ISABEL LUÍSA JOSEFA, [...] 1691. (Ed. 1691.)**

ORAÇÃO FÚNEBRE

QUE DISSE O LICENCIADO ANTÔNIO DA SILVA,
Vigário do Recife:

NAS EXÉQUIAS

DA SERENÍSSIMA PRINCESA
DONA ISABEL LUISA JOSEFA

celebradas na Misericórdia da Cidade de Olinda,
aos 5. de Fevereiro de 1691

POR MANDADO DO MARQUÊS de Montebelo
Governador da Capitania de Pernambuco, e suas anexas.

OFERECE-A À SENHORA
DONA LUISA MARIA DE MENDONÇA, E SÁ,
Marquesa de Montebelo.

LISBOA

Com todas as licenças necessárias.

Na Oficina de MIGUEL MANESCAL, Impressor do S. Officio.

Ano M.DC.XCI.

A SENHORA DONA LUISA MARIA DE MENDONÇA, E SÁ,

Marquesa de Montebelo, digníssima esposa do Senhor Dom Antonio Felix Machado da Silva, e Castro, Marquês de Montebelo, do Conselho de Sua Majestade Senhor, e Donatário das Terras, e Conselho de entre Homem, e Cavado, e das Casas de Castro, de Vasconcelos, e Barroco, e dos Solares delas, Alcaide Mor de Mourão, Comendador, e Alcaide Mor das Comendas, e Vilas do Casal, e Sexo, da Ordem de S. Bento de Avis, e Governador de Pernambuco.

Para a singular ação das Exéquias, que o Senhor Marquês de Montebelo celebrou na Igreja da Misericórdia de Olinda às saudosas memórias da Sereníssima Princesa Dona Isabel Luisa Josefa, me tocou ser o Orador: julgando-se seriam as razões, eficazes motivos para o sentimento; sendo que a causa era mais poderosa que todas as razões. E sem duvidar a quem ofereceria este papel, que então disse no púlpito, julguei, que a Vossa Excelência precisamente se devia: não só pelo Assunto ser Real, mas também, porque foi Vossa Excelência a Autora deste grande empenho. Porque a obrigação de acompanhar o senhor Marquês a Vossa Excelência na mágoa, foi uma das razões para sair a público com este Monumento, que na grandeza, ostentação, e aparato com que se levantou, se entendeu logo que Vossa Excelência influiu nele como seu princípio. E assim levou com público aplauso a glória de ser singular entre todos os que até o presente no Brasil se levantaram.

Como em Vossa Excelência eram tão notórias as razões deste cuidado, pelo amor com que Sua Alteza tratava a Vossa Excelência foi fácil de alcançar, que obrigada Vossa Excelência de finezas, era impossível descuidar-se de demonstrações. Tudo o que venero em Vossa Excelência são extremos: porque na vida de Sua Alteza soube Vossa Excelência introduzir na majestade amor; e na morte soube entender o amor além da sepultura.

Esta só ação bastara a fazer grande a Vossa Excelência quando em Vossa Excelência se não achassem tantos testemunhos de sua grandeza, nos ilustres brasões de seus progenitores, dos quais Vossa Excelência renova as memórias nas preeminências de suas grandes virtudes, sendo grande, não só pelos Avós, mas por si própria. As

casas ilustres costumavam conservar as imagens de seus progenitores para empenho de novas admirações: Vossa Excelência (Excelentíssima Senhora) para obrar ações dignas da fama, basta ter-se a si consigo. Por esta razão se modera a pena, não escrevendo elogios da nobilíssima Família, e Casa de Vossa Excelência e porque o breve deste papel não permite, que usurpe as honras, que se devem só às Histórias.

Resta-me só pedir a Vossa Excelência ponha os olhos nestes sentimentos, que preguei em Pernambuco: que se pela obra não merecem atenção tão ilustres, pela matéria estão pedindo venerações muito relevantes. E se ao mundo contar que Vossa Excelência lhe pôs os olhos; espero, que neles se empreguem as vistas de todos. A ilustre pessoa de Vossa Excelência guarde o Céu com as felicidades, que Vossa Excelência merece.

Capelão de Vossa Excelência.

ANTÔNIO DA SILVA.

À Morte da Sereníssima Senhora
Princesa de Portugal.

SONETO

La pompa, y los alientos muestra ufanos
La Princesa del campo esclarecida,
Mas siente a pocos passos de nascida
Breve la pompa, y los alientos vanos.
Nace la Aurora en rayos soberanos
Del ilustre solar enobrecida;
Mas luego por el Cielo conducida
Desaparece en sus nacares tempranos.
Ó como apenas se concede un hora
A la beldad! que poca vida encierra!
Y aun quando prodigios atesora!
Ser prodigio es la causa, que os destierra;
Y ansi subis al Cielo como Aurora
Si como flor caisteis en la tierra.

[S.I.A.]

À Morte da Sereníssima Senhora
Princesa de Portugal.

SONETO

Nasce la Rosa, quando ya blazona
De flores Reyna, en purpura vestida:
Porque el honor, con que se ve nacida,
Aun siendo infante, le ofreció corona.

Ó muerta Infante, Rosa te pregona
El mundo; si a tus meritos de vida
La corona faltó, logra cenida,
No la que el mundo, la que el Cielo Abona.

Reina en el Cielo, y brila entronizada;
Pues quitando el triunfo al mismo suelo,
Hizo el Cielo tu dicha anticipada:

Zeloso el mundo sienta el desconuelo;
Pues no fuiste en el mundo coronada,
Porque te quizo coronar el Cielo.

[S. I. A.]

Exéquias da Sereníssima Senhora
Princesa de Portugal celebradas em Pernam-
buco.

SONETO

Esta pompa, que vês, ninguém ignora
Ser tesouro Real, ó caminhante,
Da pérola melhor, melhor diamante,
Que o Sol criara, e produzira a Aurora.

Penhores são de uma Alma triunfadora
Que ao Céu subiu, em perfeições brilhante;
Prendas da formosura de uma Infante,
Que o mundo admira, e Portugal adora.

Suposto em cinza fosse reduzida,
Se lágrimas, e ardores podem tanto,
Que a diamantes, e pérolas dão vida:

Renasce em nosso amor com novo espanto;
 Que para em nosso amor ser renascida,
 Tem incêndios o peito, os olhos pranto.

[S. I. A.]

Ao Excelentíssimo Senhor
 Marquês de Montebelo nas majestosas Exé-
 quias, que fez a Sereníssima Senhora Princesa
 de Portugal.

SONETO

Dos montes con grandeza relevante
 Empenham de la Fama la energia,
 Flores el Pindo sustiniendo al dia,
 Cargando estrela a la noche Atlante.
 Vos tambien Monte Belo femejante
 A los dos, aunque en rara jerarchia;
 A quien vuestra obediencia sustenia,
 Tomais a cargo en vustra amante.
 Oy vuestro amor, vuestra obediencia lora
 En urna funeral la Infante Bella,
 Que de la tierra, ya en el Cielo mora.
 Y ansi mostrais tener a cargo aquela,
 que el Cielo estima, y que la tierra adora
 Flor en la vida, y en la muerte Estrela.

[S. I. A.]

À Senhora Dona Luisa de Mendonça
 e Sá, Marquesa de Monte-Bello, etc. pelo túmulo
 que em Pernambuco em seu nome erigiu o
 Senhor Marquês à Sereníssima Princesa Dona
 Isabel Luisa Josefa.

SONETO

A terra, o mar, o Céu, a noite escura;
 Rendendo à vossa mágoa o seu cuidado,
 No túmulo, que erguestes sublimado,
 Serviram de lisonja à dor mais pura;

A terra deu os montes para a altura,
 Para esmaltes a prata o mar salgado,
 Para as tochas a luz o Céu tem dado
 Deu para o mais a noite a cobertura;

Despem-se com razão, nesta tristeza
 A terra, o mar, o Céu, a noite escassa,
 Porque na morte de Isabel ilustre

Tudo perdeu o ser, tudo a grandeza;
 A terra o mais sublime, o mar a graça,
 A noite cor, o Céu todo seu lustre.

[S. I. A.]

Veni de Libano Sponsa Mea,
 veni de Libano, veni coronaberis. Ex Cant. 4.

Quem havia de dizer (ó ramo ilustríssimo do tronco mais esclarecido, ó admirável simulacro da formosura mais peregrina, ó discrição mais soberana entre os juízos levantados:) quem havia de dizer, que celebrando eu os aplausos do vosso nascimento no Templo do Salvador, torne agora a pregar as lágrimas das vossas exéquias na Igreja da Misericórdia? Grande lástima, que viva mais quem diz os louvores, que quem os merece! Porém estas mesmas circunstâncias nos podem enxugar o pranto: porque a quem teve o Salvador no berço, não podia faltar a Misericórdia no túmulo. Entrastes no mundo assistida de Reis; saistes da terra acompanhada de virgens. Esta foi a estrela, que vos dominou naquele, e neste dia: naquele, para serdes aplaudida entre os homens: neste para serdes celebrada entre os Anjos; e nestes dois concursos tão soberanos bem se deixou venerar a vossa eleição, pois puderam convosco mais as virgens para vos levar, que os Monarcas para vos atrair. Um, e outro dia foi de admiração ao mundo todo: o primeiro pela grandeza da matéria; o segundo pelo excesso do sentimento. Porém, ó almas por tantos títulos gloriosa! se no Céu vos cantam parabéns as virgens, pelas virtudes com que as seguistes; permiti que na terra se ouçam suspiros, pela dor com que nos deixastes.

Não era possível, que durasse muito no paço a nossa soberana Princesa: porque as mesmas prendas com que nasceu, foram as propensões para acabar. Os Anjos não tiveram mais via, que um infante: As Estrelas não têm mais luzimento, que em uma noite: O Sol não dá mais passos, que em um só dia: porque a mesma majestade do Sol, a mesma formosura nas Estrelas, a mesma discrição nos Anjos, por secreta disposição da Providência, logo pára no termo,

logo encontra o fim, logo se sepulta no ocaso. Desta verdade tão mal entendida no mundo deu a razão Salomão: **Extrema gaudii occupat luctus.** (1) Quem na terra chegou a ser extremo para o gosto, **extrema gaudii**, logo declinou a ser desengano para o luto: **occupat luctus.** Esta mesma pensão pagam os montes; como nasceram mais altos, mais pomposos, e mais celestes, neles se empregam primeiro os raios para os desfazer: **Feriant fummos fulmina montes.** (2)

Esta também foi a causa, porque vendo Deus no Líbano, ou na corte de Jerusalém uma Alma adornada de perfeições singulares, logo a tirou do paço, para se desposar com ela no Céu: **Veni de Libano sponsa mea.** Perfeições admiráveis não se formaram para a duração, compuseram-se para a eternidade. E assim, ó majestade, ó grandezas, ó prendas, acautelai-vos: que esses extremos, com que vos sublimou a natureza, não diferem do fim com que vos ameaça o tempo. Porém adverti, que se vos chama Deus: **Veni**; não é para a ruína, senão para o prêmio: não é para o estrago, senão para o descanso: não é para o esquecimento, senão para a coroa: **Coronabereis.**

Com esta vos considero, ó espírito soberano, logrando o fruto de vossas grandes virtudes nesse palácio da Divindade. Vós fostes outra Alma do Líbano, cujas perfeições singulares tanto obrigaram ao Rei da Glória, que não só vos deu a mão de esposo: **Veni sponsa**; mas também vos ofereceu a coroa de seu Reino: **Coronaberis.** Na terra éreis Princesa pelo estado; já agora vos venero Rainha pela coroação. Por isso vos assistiram no dia dos vossos desposórios, não as damas do Paço que deixastes, mas milhares de virgens do palácio que subistes. E se em tão levantado, e tão sublime sólio vos contemplou, bem podeis começar já a ser invocada dos nossos votos: **Votis assuesce vocari**: pedindo a essa maior Senhora do Céu, e da terra, que sendo Virgem foi Mãe da graça, me assista com ela para louvar vossas virtudes, e para encarecer nossas saudades.

AVE MARIA.

Veni de Libano.

Se o mesmo foi ver Deus a Alma do Líbano adornada de perfeições, e virtudes singulares, que chamá-la logo do paço para se desposar com ela no Céu: **Veni de Libano sponsa**; que admiração nos pode causar escolher o mesmo Senhor do palácio de Portugal a nossa soberana Princesa para ser esposa sua? Na de Jerusalém

(1) **Prov. 14**

(2) **Senec.**

resplandeciam, entre os mais, três extremos admiráveis, por isso a chamou Deus três vezes, disse Casiodoro: **Per trinum, veni trinum profectum significat.** (3) O primeiro era o ilustre da geração, como filha do Príncipe daquela corte: **Filia Principis.** O segundo, o singular da formosura com que se fazia agradável toda: **Tota pulchra.** O terceiro, o sublime da discrição, com que cativava os que a ouviam: **Eloquium tuum dulce.** E se estas foram as três prendas, que obrigaram a Deus a chamar logo da corte de Jerusalém aquela Alma: **Veni de Libano;** estes foram também os três dotes, com que enriqueceu liberalmente a natureza a nossa Princesa. No sangue, ilustríssima, como filha de tão soberano parto; na formosura, milagre de toda a Europa; na discrição, gala de toda a corte. Logo se uma, e outra eram tão parecidas nas prendas, que muito, que ambas fossem bem parecidas a Deus? Este é o sentido das palavras que escolhi por assunto, no parecer de grandes Padres; os quais entendem pela Princesa de Jerusalém, qualquer alma pura, e santa, para a livrar dos perigos, e desgraças desta vida: **Significatur hic** (diz Santo Agostinho, e Santo Ambrósio) **significatur hic evocatio animae sanctae et periculis, tentationibus, e aerumnis hujus vitae ad e caelestem coronam, e gloriam.** (4) E se qualquer alma se figura na Princesa do Líbano, com maior propriedade será neste dia uma Princesa representação de outra Princesa.

Porém, Senhor, essa é a razão do nosso sentimento, por não dizer da nossa queixa. De uma corte tão dilatada como a de Jerusalém, de um palácio tão grandioso como o de Portugal, logo escolhestes o melhor, logo lhe levastes as Princesas, e nelas a maior soberania, a maior formosura, e a maior discrição? Se, diz Deus: quero que conheçam os homens, que a maior soberania é a mais caduca; a maior formosura, é a mais frágil; a maior discrição, é a mais perigosa. E assim, parecendo injusta esta lei da providência, é justíssima a providência desta lei. Porque se o soberano durasse, se o galhardo permanecesse, se o discreto não perigasse; o humano teria cultos de divino, o mortal teria respeitos de eterno, o terreno teria adorações de infinito. Pois para que não prevaleçam enganos tão mal julgados, apareça a maior soberania, e desapareça; resplandeça a maior formosura, e sepulte-se; admire-se a maior discrição, e eclipse-se. Por isso com repetidas experiências nos está advertindo a mesma natureza, que aonde os extremos são mais admiráveis, aí são os perigos mais evidentes. **Quidquid ad summum pervenit, ad exitum properat,** (5) disse Sêneca. Melhor o disse Santo Ambrósio

(3) Casiodor. Cornel., in Cant.

(4) August. Ambros.

(5) Senec. Ambros.

falando nesta matéria: **Saeculum vos habere meruit, tenere non potuit.** Pode o mundo formar gerações ilustres, adornar belezas singulares, aplaudir discrições raras; porém conservá-las para a duração não pode: **Tenere non potuit.** E assim, a mais fiel balança para pesar o ilustre das gerações, o raro das formosuras, o singular das discrições, é o pesar com que nos deixa. Começemos pois pela nobreza.

Até agora conheciam-se as qualidades por árvores; eram mais sublimes as que se representavam em troncos mais levantados; de hoje em diante hão de se medir pelos túmulos. Aquela que com mais pressa corre para ele, essa com maior preço se eleva sobre todas. Como os extremos maiores são os que mais perigam, pela brevidade da duração se conhecem melhor os extremos maiores.

Quis o Profeta Isaias encarecer a geração eterna, e temporal de Cristo, (como diz Santo Agostinho) e reparei na causa, que apontou, para ser admirável: **Generationem eius quis enarrabit? quia abscissus est de terra viventium.** (6) A geração de Cristo é tão excelente, e soberana, que só se pode admirar, e não se pode dizer: **Quis enarrabit?** porque logo se apartou da terra dos viventes: **Quia abscissus est de terra viventium.** Meu Profeta, que dizeis? A geração de Cristo não é admirável pelos princípios que teve, senão pelo pouco que durou na terra: **Quia abscissus est de terra viventium?** Referi as grandezas do Pai, e logo se conhecerá o ilustre do Filho enquanto Deus; recorrei ao sangue de David, e logo declarareis a nobreza de Cristo enquanto homem; porém de tudo vos esqueceis, e só falais no pouco que viveu no mundo? Se, que as gerações admiráveis não se devem declarar pelos troncos, só se devem medir pelos túmulos. Como os extremos maiores são os que mais perigam, pela brevidade da duração se conhecem melhor os extremos maiores: **Generationem eius quis enarrabit? quia abscissus est de terra viventium.**

Com este notável atributo quis Deus desenganar o ilustre das gerações do mundo; pois conhecendo-se tudo pelas suas causas, quer que a nobreza se conheça pelo seu fim. E para que melhor se persuadissem os homens a este desengano, pôs o exemplo no mesmo Cristo, em quem se mediou pela brevidade da vida: **Abscissus est de terra viventium,** a nobreza da geração: **Generationem eius quis enarrabit?**

E que mal entendeu esta política natural aquele Juiz, que condenou a Cristo à morte! Diz S. Marcos, que se admirara Pilatos de que morresse o Senhor tão cedo: **Mirabatur, sin jam obisset.** De que te admiras homem? Pões a Cristo uma majestade sobre a cabeça: **Possuerunt super caput eius, Rex Iudaeorum,** e queres que viva muito?

(6) Isai, 53.

Isso não pode ser; porque essa mesma majestade, se foi caráter para a nobreza, foi termo para a duração.

Ó que se não tivera o entendimento cego Pilatos, a mesma pressa com que Cristo expirou, havia de ser causa para o adorar como filho de Deus! Porque velocidades no acabar, ou se acham em gerações mais que humanas, ou se executam em majestades quase divinas.

Esse foi o grande acerto em que rompeu o juízo do Centurião. Viu a Cristo expirar clamando, e logo afirmou com toda a verdade que era Filho de Deus: **Videns autem Centurio, quia sic clamans expirasset, ait: Vere hic homo Filius Dei erat.** (7) Pois Centurião, que viste em Cristo para dizer que é divino na geração? Viste, ou ouviste tantos prodígios, que fez em sua vida, e só agora na morte lhe chamas Filho de Deus: **Vere hic homo Filius Dei erat?** Se, diz o Centurião; porque pelo clamor, tinha ainda Cristo forças para estender a vida; e pelo expirar conheceu a pressa com que o buscava a morte; e a morte só busca com pressas a quem é divino na geração: **Vere hic homo Filius Dei erat?** É verdade, que o Centurião viu a Cristo obrar grandes prodígios, e grandes milagres; porém para conhecer o sublime da geração, pode mais a pressa da morte, que os milagres da vida. Tudo disse S. Marcos no modo com que o disse: **Videns autem Centurio, quia sic clamans expirasset, ait: Vere hic homo Filius Dei erat.** (8) O mesmo disse Hugo Cardeal: **Hominem, e Deum consistetur Centurio, audito clamore Iesu.**

E é esta verdade tão infalível, que quando o soberano, e ilustre nasce, já traz consigo prognósticos para não durar: porque são tantos os títulos, as majestades, as grandezas, com que se ilustram, que não é possível sustentar o peso delas sem cair. Um só título que puseram a Cristo na Cruz: **Erat titulus**, logo lhe fez inclinar a cabeça para não entregar o espírito: **Inclinato capite, traditi spiritum.**

Agora se entenderá um dificultoso Texto de Davi. Dizia este profeta grande, e grande Rei, que os mais homens morriam, porém que os Príncipes caiam: **Vos autem sicut homines moriemini, et sunt unus de principibus cadetis.** (9) Pois se os Príncipes também são homens, porque não morrem como os mais homens os Príncipes? Os mais hão de morrer, os Príncipes hão de cair? Se, porque o peso das coroas, das grandezas, dos títulos, das majestades, é tão grande, que dá com eles em terra: **Cadetis.** Ó, que nos mais homens é morte pela desunião da alma, nos Príncipes é queda pela carga dos títulos.

(7) Marc. 15.

(8) Hugo.

(9) Psal. 81.

Bem se conhece esta verdade no Sol Príncipe das Esferas, no qual o sepultar-se nas ondas não se chama morrer, senão cair: **Occidit Sol**. E se uma só coroa, uma só majestade, um só título basta para inquietar os Atlantes mais heróicos; tantas majestades, tantos títulos, tantas coroas, que nos ascendentes da nossa Real Princesa concorreram para a sua formação, como em tão verdes anos a não fariam cair? **Cadetis**. O, que bem se pode repetir agora o que dizia Lucano da Princesa das cidades do mundo, Roma, antes das guerras civis de Júlio, e Pompeu! **Summisque negatum stare diu, nimio que graves sub pondere lapsus**. Esta é a queixa que tinha Sêneca contra a fortuna dos Príncipes, e este é o engano em que vivem os Príncipes com a sua fortuna; cuidam que a fortuna levanta para engrandecer, e a fortuna só engrandece para ver cair: **Quidquid in altum fortuna tulit, ruitura leuat**. (10).

Esta a razão geral, porque as Altezas do mundo não duram; porém na nossa ínclita Princesa descobro outra razão muito particular. E é, que como foi a jóia que Deus deu a Portugal de Reis no ano de 1669, para sustentar a sucessão que faltava; tanto que o Reino se viu com o remédio seguro, e com a sucessão satisfeito com o felicíssimo nascimento do nosso soberano Príncipe D. João; tornou a restituir a Deus a prenda que tinha recebido. E parecendo merecedora de lágrimas esta restituição, para Portugal é digna de aclamações; porque a entregou com melhores esmaltes, e mais preciosos adornos, do que os com que a aceitou: porque se a recebeu entre coroas de Monarcas, restituiu-a entre palmas de Virgens: e muito mais agrada a Deus ver palmas nas mãos, que coroas nas cabeças.

Dois concursos diversos viu S. João que assistiam no Céu a Deus diante do trono em que estava: **Stabant ante thronum**; um tinha nas cabeças coroas: **In capitibus coronae aurae**; outro tinha palmas nas mãos: **Et palmae in manibus eorum**. Porém logo diz o Evangelista, que o das coroas as lançavam aos pés do trono: **Mittentes coronas ante thronum**; e não diz, que o das palmas as lançavam da mão. Pois se nas coroas lançadas protestavam aqueles espíritos o seu rendimento, e a sua vassalagem, porque não fazem o mesmo os que têm as palmas? Quer Deus que as palmas se conservem nas mãos de quem as logra, e não quer que as coroas permaneçam nas cabeças de quem as possui? Se, porque mais se agrada Deus de ver palmas nas mãos, do que de ver coroas nas cabeças: **Mittens coronas: e palmae in manibus eorum**. A razão natural é, porque as coroas são símbolos do poder, as palmas são anagramas da virtude; e diante de Deus só a virtude leva a palma: **Et palmae in manibus eorum**.

Porém, ó espírito soberano, tudo junto lograstes no vosso último dia: porque se da terra saístes com a palma na mão como virgem; no Céu se vos pôs a coroa na cabeça, como a esposa; porque como no sangue ilustre éreis qual a filha do Príncipe de Jerusalém: **Filia Principis**; do paço vos chamou Deus também para se desposar convosco no Céu: **Veni sponsa**; e para vos pôr na cabeça a coroa, que não chegastes a lograr na terra: **Coronaberis**.

Não está menos longe do perigo a formosura do que a nobreza; porque se aquela, pela grandeza, e títulos é peso que faz cair; esta, pela fragilidade é achaque que faz acabar: **Morbi, et temporis ludibrium** lhe chamou o Nisseno: zombaria das enfermidades, e do tempo. Por isso foi o mesmo ver Deus a grande formosura da Princesa do Líbano, **tota pulchra**, que chamá-la logo do paço para deixar a corte: **Veni**; dando-nos a entender, que as formosuras mais celebradas, são para a vida mais perigosas.

No princípio do mundo em um pomo pôs Deus a morte: **In quocunque die comederis exeo, morte morieris**. (11) Pois no fruto de uma árvore há de ter a morte o seu aposento? Se; que esse fruto era o mais formoso para os olhos: **Pulchrum visu**; e aonde a formosura resplandece, aí é que a morte se aposenta: **Pulchrum visu: morte morieris**.

Quem havia de dizer, que a morte, e a formosura, ou têm as mesmas raízes, ou têm o mesmo tronco, ou se criaram no mesmo berço? Por isso, qual Jacó, e Esaú, andam sempre a braços; e por isso foi esse o primeiro pomo que se colheu: **Tulit**; porque como era o mais bem parecido, havia de ser o primeiro cortado: **Tulit**. Não era possível que durasse muito na árvore pomo, em que se esmerou a Natureza tanto: **Tulit de fructus illius**.

Com grande propriedade se chamou a primeira filha de Job Dia: **Appellauit nomen unius Diem**; (12) porque como era entre todas a mais elegante, e preciosa: **In pulchritudinis gloria primas tenuit**, disse um Expositor, ao mais precioso, e ao mais elegante só se lhe contam as horas, como o dia: **Appellauit Diem**. (13) E o mesmo Texto sagrado, quando lhe quis encarecer as perfeições, lhe cortou os lutos; porque não lhe chamou primeira, senão única: **Nomen unius**; e ser única na formosura, é ser dia na duração: **Appellauit Diem**.

Muitos cuidam que as formosuras têm o seu perigo nos seus contrários; eu creio, que em si têm elas os seus contrários, e o seu perigo. Os contrários das formosuras são a idade, o tempo, os acha-

(11) **Gen.** 2, 17.

(12) **Job.**, 42, 14.

(13) **Celad. in Ruth.**, c. X, v. 9.

ques, e a morte: e sendo qualquer destes forçoso para as abreviar, elas mesmas são muito mais poderosas para se destruir. Não correm para a sepultura as belezas, porque as levam; correm, porque elas se inclinam. É tal a contextura daquela admirável simetria, que as mesmas partes, que as fazem peregrinas, as fazem mortais.

Quem havia de dizer, que no Sol as mesmas qualidades que o compõem vistoso, são os acidentes que no ocaso o desmaiam triste? O mesmo movimento que o leva ao mais alto ponto para ser assombro dos Astros, o precipita no mais ínfimo túmulo para ser cadáver das luzes.

Notável foi o caso que sucedeu a Sete famoso General de Israel. Prometeu a Deus de lhe sacrificar a primeira coisa que encontrasse de sua casa, se tivesse vitória dos Amonitas: **Quicumque primus fuerit egressus de foribus domus meae mihi que occurrerit revertenti, eum holocaustum offeram Domino.** (14) Recolhe-se triunfante, e no caminho lhe sai ao encontro correndo a filha única que tinha: **Occurrit ei unigenita filia.** (15) Pois de tudo quanto Sete tinha em sua casa, logo a filha foi a primeira que correu para o sacrificio? Se; porque como era formosíssima (como diz Josefo) e única, como diz o Texto, as mesmas prendas a arrebataram para a morte: **Occurrit ei unigenita filia.** (16) Não foi necessário que os contrários a levassem ao fim; por ser única na formosura a conduziu ao túmulo: **Occurrit.** Assim como o ilustre cai pelo peso das grandezas, que o inclina; assim o gentil perece pela fragilidade das perfeições que o arrebatava: **Occurrit ei unigenita filia.**

Até no Céu parece que se experimentou esta verdade: porque havendo de encarnar, e morrer uma das três Divinas Pessoas, o Filho foi o que se fez homem: **Verbum caro factum est.** (17) Pois porque mais o Filho que o Pai, ou o Espírito Santo? Esta dúvida levantou um grande engenho, que hoje ilustra o Brasil, e deu razão que satisfizes a todos; eu direi o que deu a entender Davi. Disse que o Filho é a formosura do Pai: **Species decoris eius,** e aonde resplandece a formosura, aí se ata a mortalidade. E para concluir o meu pensamento, reparem no que diz o mesmo Davi. Afirmou, que o Verbo Divino por inclinação se fizera homem: **Inclinavit caelos, e defeendit;** porque a formosura por si se inclina a ser mortal: **Inclinavit caelos.** (18)

(14) **Iudic., II, 31.**

(15) **Ibid., 34.**

(16) **Villarocl., in Iud., II.**

(17) **Ioann., I.**

(18) **Psal., 17, 10.**

E se no sólio mais alto da mesma divindade teve lugar esta inclinação tão terrível; como a deixaria de ter no docel mais sublime da mesma formosura?

Ó extremos do mando, ó gentilezas da terra! Não vos desvaneça a primavera dos anos, não vos engane o luzido da pompa, não vos engrandeça o singular das prendas: porque nessas prendas, nessa pompa, e nessa primavera se dissimula, se esconde, e se disfarça o vosso perigo, o vosso desmaio, e o vosso eclipse. Entre as rosas insensíveis, dizem, que se esconde o áspide, que dá morte a quem as contempla: porém entre as rosas animadas oculta-se a mesma inclinação, que lhe corta, e lhe encurta a vida. Por isso Sêneca lhe chamou, ou dom de breve tempo, ou bem de pouca dura: **Exigui donum breve temporis, celeripede laberis.** (19)

Porém o que no nosso caso me admira, não é a pressa com que as formosuras pendem para o túmulo: o que nos deve admirar a todos, é que essa mesma inclinação que em todas é desgraça, na nossa Real Princesa parece que foi eleição: porque muito antes que os Médicos lhe mandassem aplicar o santo Sacramento da Unção, ela o pediu, e com uma reverência, e devoção o recebeu a 7 de outubro faltando-nos aos 21 do mesmo mês. Ó raro despego da vida! Ó singular conhecimento da morte! Tão unida com Deus estava aquela alma, tão desenganado das grandezas estava aquele espírito, que quis fosse eleição da sua vontade, o que em todos costuma ser advertência dos que assistem. Na doença guardou sempre o conselho dos Médicos para a saúde; para a salvação não guardou dos Médicos o conselho. Como aquele Sacramento é o primeiro sinal da morte, quis que devesse Deus à sua eleição aquele último desengano da vida.

Diz S. João que Cristo duas vezes se dera a conhecer no Horto aos ministros de sua prisão: **Iterum ergo interrogavit eos: quem quaeritis? Ego sum.** (20) E que então prenderam ao Senhor: **Comprehenderunt Iesum.** (21) Pois isto como pode ser? Se Judas tinha dado sinal para a prisão: **Quemcunque osculatus fuero, ipse est, venete eum;** (22) porque não prendem os ministros a Cristo depois do sinal de Judas, senão depois que ele se deu a conhecer? Ó fineza singular de Cristo para com os homens! A prisão em Cristo era o primeiro sinal de morte: e esse o último desengano da vida, quis Cristo que lho devessem os homens a ele, e não a outrem: **Ego sum.**

Ó rara, e singular formosura da terra! Só vós soubestes imitar a maior formosura do Céu; pois fizestes por Cristo no fim da vossa

(19) Sêneca.

(20) Ioan., 18,7.

(21) *Ibidem*, 12.

(22) Math., 26, 48.

vida, o que Cristo fez por todos os homens no princípio da sua morte. No princípio de sua morte Cristo não esperou que o prendessem, ele mesmo se ofereceu para dar a vida: **Ego sum**. E vós no fim de vossa vida, não esperastes que vos desenganassem, vós vos desenganastes pedindo o Sacramento. Neste desengano me parecestes o Sol da formosura; porque, como Sol, conhecestes o vosso ocaso: **Sol cognouit occasum suum**. (23) Com esta última fineza soubestes adornar a vossa formosura com tanta graça, que o mesmo Deus vos chamou formosa de todo: **Tota pulchra**; e por isso vos tirou do paço com tanta pressa, **veni**, para vos dar a Coroa do seu Reino no Céu: **Coronaberis**.

E se as nobrezas, e se as formosuras têm em si o perigo para não durar; a discrição que segurança pode ter para persistir? Esta é a prenda mais frágil, com que nos enriquece a natureza: Não sei se por estranha na terra, se por natural do Céu. Só sei que o mesmo foi conhecer Deus na filha do Príncipe do Líbano, pela doçura das palavras o fino do entendimento: **Eloquium tuum dulce**, que tirá-la do paço, para se desposar com ela no Céu: **Veni de Libano**; dando-nos entender, que as discrições mais aplaudidas, são na duração menos seguras.

Quando Cristo descobriu a S. Pedro o martírio, que havia de padecer: **Alius cinget te**, logo S. Pedro lhe perguntou pela morte, com que S. João havia de acabar. **Hic autem quid?** Pois Pedro, se não perguntais pela morte dos mais Apóstolos, que cuidado vos dá a morte de João? João é mais moço de todos; perguntais pela morte dos mais velhos. Isso não, diz Pedro: que ainda que João seja de menos anos, é Águia no entendimento: e para a morte os mais entendidos são os primeiro lembrados: **Hic autem quid?** Dos últimos filhos de Jacó foi José: e como se remontou aos mais no juízo, foi o primeiro destinado para a sepultura: **Venite, occidamus eum**. (24)

Não sei, que contrariedade tem o juízo, e a vida, que nem três-guas consentem entre si, sempre andam em guerra contínua. Muitos cuidam, que para viver não há coisa melhor, que o entendimento: porém o melhor entendimento julgou o contrário. Conhecer muito, é princípio para durar pouco: Se Achistosel ignorara a política de Absalão, ele não precera tão desgraçadamente.

Depois que Adão comeu do pomo da ciência, logo o lançou Deus do Paraíso, para que não tocasse na árvore da vida: **Ejecit eum Dominus de Paradiso, ne mittat manum, et sumat de ligno uitae, et uiuantim aeternum**. (25) Pois porque gostou do pomo da ciência, não

(23) **Psalm.**, 103, 19.

(24) **Gen.**, 37, 20.

(25) **Gen.**, 3, 22.

há de tocar na árvore da vida? Não; porque Adão gostou daquele pomo para saber mais, e saber mais, até no juízo de Deus é durar menos: **Ne sumat, et uiuant.** Adão com o juízo natural que Deus lhe deu, havia de viver eternamente: quis ter mais juízo comendo o pomo da ciência, e não só perdeu a eternidade da vida, mas também incorreu em pena de morte: **In quocunq; die comederis, morte morteris.**

É tão forçosa esta proposição que vou provando, que até no insensível se conhece a força dela. Só o nome de juízo basta para inclinar à morte a quem nenhum juízo, nem sentido tem, nem pode ter. Diz a Escritura Sagrada, que o Rio Jordão corre para o mar morto: **Desiendit ad mare solitudinis, quod nunc uocatur mare mortuum.** Notável advertência da Escritura! Que importa, que o Jordão corra para este, ou aquele mar? É necessário que nos diga, que se precipita no mar morto: **In mare mortuum?** Se; que como este nome, Jordão, significa juízo, é tal a força dele, que até o insensível inclina para a sepultura: **Descendit ad mare mortuum.** Não sei se esta será a causa, porque ao dia em que se há de acabar, e consumir tudo, se chama dia de juízo: porque com juízo nada dura.

E se do insensível passarmos ao imortal, havemos de achar semelhanças desta verdade. Fala S. João no Verbo Divino, e diz, que nele está a vida: **In ipso uita erat.** (26) Pois é necessário que nos diga o Evangelho, que a vida está no Verbo Divino? O Verbo não é Deus? Não é uma Pessoa Divina? Assim o cremos, e devemos crer todos. Pois se Deus é a mesma vida, porque nos diz S. João que está a vida no Verbo: **In ipso uita erat?** Óh! Reparem, que ao Verbo se atribui o entendimento por virtude da sua processão: e como vida, e entendimento não se conservam, foi necessário a S. João dizer, que sendo o Verbo entendimento tinha consigo a vida: **In ipso uiuat erat.**

É tão certo ser a vida contrária ao entendimento, que até uma Pessoa Divina, foi necessário a S. João dizer que sendo entendida, estava vivendo: **In ipso uiua erat.** Cremos por fé do Evangelho no Verbo a vida: porque fora da fé, parece impossível vida, e entendimento; por isso pregando do Cristo dizia sempre, que nele estava a vida, e que a vida era Ele mesmo: **Ego sum resurrectio, et uita: Ego sum uia, ueritas, et uita.**

Ó que grande desculpa tem o nosso sentimento a morte presente! Porque se para cremos até no divino, vida, e entendimento, é necessário, que um Evangelista o afirme: se o mesmo Deus estorvou no primeiro homem Saber, e durar: como era possível que na nossa

(26) Ioan., 1, 4.

Sereníssima Princesa se vissem com amizade estes dois contrários, durar, e saber?

Em muitas ações se conheceu na corte a discrição, e juízo com que a natureza, e a arte a adornou. Porém o que admirou a todos, foi a prudência, e raro talento, com que se houve depois que entrou no paço a Rainha nossa Senhora. Porque conservarem-se duas grandezas com igual fortuna no mesmo palácio juntas, e conformes, ou é maravilha dos juro, ou milagre da criação: **Admirabilis existimandum est, quod mulieribus duabus in eadem domo pari fortuna nullum certamen, nulla contentio est;** (27) disse Plínio do palácio do Imperador Trajano, onde com igual majestade assistiam a Imperatriz, e a irmã do Imperador: entre as quais o amor, o trato, a correspondência eram tão admiráveis, que sendo duas, eram uma, e sendo diversas, não pareciam duas. E a razão desta maravilha singular era a discrição, e o juízo com que ambas se imitavam entre si, e cada qual imitava ao Imperador: donde nascia ter cada uma os mesmos costumes, porque ambas tinham os de Trajano: **Te enim imitari, te subsequi student: ideo utraque eosdem mores, quia utraque tuos habet.**

Assim falou Plínio do palácio de Roma no tempo, em que assistia nele a Imperatriz, e a irmã de Trajano. Isto mesmo posso eu afirmar do palácio de Portugal, enquanto assistiu nele a Rainha nossa Senhora, e sua Alteza.

Porém essa mesma discrição, esse mesmo entendimento, que a fez admirável no paço, a fez juntamente agradável a Deus: **Eloquium tuum dulce;** por isso da Corte a chamou para se desposar com ela no Céu: **Veni sponsa;** e para lhe por na cabeça a coroa, que mereceu na terra: **Coronaberis.**

Estes foram os três dotes, ou as três graças, com que a natureza enriqueceu a nossa soberana Princesa: nobreza, formosura, e discrição; e porque com elas se fez tão agradável ao Reino todo, por isso sem ela ficou todo o Reino tão sentido.

Porém as perfeições, as virtudes, e as prendas, que adquiriu nos anos, em que viveu, não tiveram número. Sem dúvida, que o primeiro dia do seu nascimento, e o último de sua vida influíram nela as grandes singularidades, com que resplandeceu. E se fora possível escolher companhias para entrar, e para sair do mundo, ninguém escolhera melhores: porque para entrar na terra, não há melhor companhia que a dos Reis, e para sair dela, não há melhor séquito, que o das virgens. Deste séquito, e desta companhia aprendeu a nossa Real Princesa as políticas, e virtudes, que a fizeram aplaudida na Corte, e celebrada no Céu.

(27) Plin. in Paneg. Trajan.

Entre as prendas, foi singular na erudição das línguas: falava quatro da Europa: Portuguesa, Castelhana, Francesa e Italiana com tanta perfeição, que mais pareciam naturais, que adquiridas. Nas artes, com que se criam as Princesas, se esmerou para poder ensinar. Se a gravidade, o decoro, a majestade dominava a todos, o agrado, a benignidade, a clemência a todos satisfazia. Era em extremo compassiva dos que via padecer em qualquer matéria, ou da honra, ou da saúde, ou da desgraça. Ó espírito gloriosamente criado para os cetros, para as coroas, e para as majestades! Ânimo, que se compadeceu do que se padece, é ânimo generoso, é ânimo real, é ânimo quase divino.

Prognosticou Jacó ao seu quarto filho Judas a coroa, e o cetro do Reino de Israel: **Non auferetur sceptru de Iuda**. E porque, sendo Judas o quarto filho, há de levar o Reino, que se deve ao primogênito? A razão é do Texto. Porque nos males de José só Judas se compadeceu: **Quid nobis prodest, si occiderimus fratrem nostrum?** E ânimo que se compadece do que padece, é ânimo criado para as coroas, para as majestades, e para os cetros: **Non auferetur sceptrum de Iuda**.

Este foi o ânimo da nossa generosíssima Princesa, em tudo grande, em tudo soberano, em tudo quase divino, e por isso merecedor dos cetros, das coroas, e das majestades: não só pelo que herdou como filha, mas pelo que obrava como compassiva: **Sola Deos aequat clementia nobis**.

Se estas foram as qualidades reais, que influiu a estrela dos Magos na nossa Princesa quando entrou no mundo, muito mais sublimes foram as virtudes, que aprendeu das Virgens, com que saiu da terra. Delas sem dúvida lhe nasceu o afeto, e particular inclinação, com que venerava as imagens da primeira Virgem, e maior senhora do Céu, e da terra a Mãe de Deus. Entre todas as que visitava aos Sábados, era a de Penha de França, da qual se despediu antes de expirar, mandando que a trouxessem ao paço, não para lhe pedir saúde para a vida, mas para lhe recomendar lembranças para a eternidade.

Na caridade com os pobres era a insigne, principalmente na Semana Santa: porque o exemplo de Cristo Senhor nosso nos dar então o sangue das suas veias, era o motivo, com que com grande liberalidade abria os tesouros da sua grandeza.

Eu não duvido que quem teve tanta mão para as esmolas, se veja agora à mão direita de Deus para o prêmio. Ó como se achará abundante de riquezas no Céu a nossa Princesa! Porque as esmolas, que na terra se dispendem, são tesouros que no Céu se logram. E como estes atos de caridade lhe nasciam da benignidade, e brandura

do coração, até com o irracional executava piedades. Poucos dias antes de sua morte disse que desejava ver uma Águia, porque nunca a tinha visto. Uma Águia desejou ver a nossa Princesa? E por que não qualquer outra Ave? A razão, que me ocorre, pode ser a natural simpatia, que com ela tinha; porque a Águia é ilustre; é formosa, é entendida: entendida, porque é Águia: formosa porque se renova: ilustre, porque é Rainha das aves. Por isso pela semelhança das propriedades lhe nasceu sem dúvida o desejo das vistas: e logo uma das senhoras, que estava presente, ou por mais obrigada, ou por mais favorecida, ou por mais cuidadosa em lhe fazer o gosto, a mandou vir de parte distante da Corte, e lhe apresentou, de que teve Sua Alteza grande gosto: e disse que a recolhesse outra vez, para que não padecesse, ou perigasse no seu quarto, pelo estado em que se via. Ó singular benignidade! Ó discreta advertência de um ânimo compassivo! Entre os louvores grandes, que dá o Profeta Rei à providência de Deus, é o cuidado, com que se lembra das aves, para que não pereçam, nem lhes falte o sustento: **Qui dat escam pullis corvorum invocantibus eum.** (28)

Justamente escolhi para assunto as palavras: **Veni de Libano, veni;** porque esta é a voz, com que há de chamar Deus para a sua Glória os que na terra se empregaram em piedades, e em clemências: **Venite benedicti Patris mei.** (29)

Porém o que serviu de esmalte, de adorno, de luzimento a todas as virtudes, com que ilustrou este galhardo espírito, foi a obediência, que sempre teve a sua Majestade, que Deus guarde: porque nem um púcaro de água bebia nos ardores da febre sem licença expressa de sua Majestade; nem os últimos Sacramentos recebeu, sem lhe dar primeiro parte. Finalmente para os sufrágios de sua alma, esmolas, deixas, e legados alcançou faculdade de sua Majestade, que com grandiosa, e real liberalidade lhe concedeu. Bem se pode dizer da nossa Real Princesa (quanto permite o humano, e o divino) o que disse de Cristo S. Paulo. Disse que fora obediente ao Pai até a morte: **Factus obediens usque ad mortem.** (30) Até a morte obedeceu também ao pai a nossa ilustríssima Isabel. E se pela obediência até a morte merece Cristo a exaltação do seu nome: **Propter quod exaltavit illum, et donavit illi nomen, quod est super omne nomen.** (31) Exaltado merece também ser por todas as partes do mundo o nome felicíssimo da nossa soberana Princesa Isabel Luisa Josefa: porque foi obediente até a morte: **Obediens usque ad mortem.**

E se na terra o nome merece esta exaltação pela obediência, que sempre teve a sua Majestade, no Céu exaltado merece ser o seu

(28) **Psal.**, 146, 9.

(29) **Math.**, 25, 34.

espírito pela pureza da consciência, com que deste mundo partiu. Na última confissão foi necessário ao Confessor (que foi o Doutor Bartolomeu de Quental, bem conhecido por suas virtudes, e letras) dizer-lhe (como depois de sua morte declarou) que desse matéria certa, e determinada para a absolver. Tão examinada estava aquela consciência, tão unida com Deus aquela alma, que nem átomos descobria já nela para manifestar. Ó como se pode acomodar agora (quanto permite a razão) à nossa Real Princesa de Portugal, o que disse Salomão pela Princesa do Líbano! **Macula non est in te!** (32)

Esta foi a causa, porque as últimas palavras, que disse antes de expirar, foram dar graças a Deus nosso Senhor, dizendo, graças a Deus. Com estas se despediu do mundo, com estas entregou nas mãos de Deus o espírito, e com estas nos deixou a consolação de entendermos, que quem tinha as graças na boca, não deixara de ter a graça no coração. O mais constante espírito, que teve o mundo, quando se viu despojado de todos os bens, que possuía, deu graças a Deus: **Dominus abstulit, sit nomen Domini benedictum.** (33) Porém a nossa soberana Princesa até da morte deu graças. Perder as grandezas, perder o estado, perder as esperanças, e louvar a Deus é ser constante na Fé: porém perder tudo isso, e sobre tudo isso a mesma vida, e louvar ao Criador, é fineza sobretudo isso a mesma vida, e louvar ao Criador, é fineza com que a Fé se exalta, a Religião se confirma, e Deus se alegra. Dizia Sêneca que o espetáculo mais digno dos olhos de Deus, era ver um varão forte conforme com a sua desgraça: **Ecce spectaculum dignum, ut Deus respiciat: Vir fortis cum mala fortuna compositus.** (34) Pois é ver um varão forte conforme com a sua desgraça, é digno espetáculo dos olhos de Deus: ver uma Real Princesa na flor da idade tão ilustre, e tão formosa, tão discreta, com tantas esperanças, com tantos aplausos, com tantas aclamações, com tanto nome, com tantas virtudes, conforme com a sua morte, dando graças a Deus por lhe tirar a vida: que espetáculo maior se pode dar para assombro do mundo, para admiração dos Anjos, e para alegria de Deus? **Ecce spectaculum dignum ut Deus respiciat.**

Esta fostes, ilustríssima, formosíssima, e discretíssima Princesa, e senhora nossa. E porque tanto resplandeceram com vossas virtudes estas prendas, vos roubou Deus a nossos olhos, para vos ter sempre à sua vista. Como é mortal todo o bem dos mortais: **Mortale est**

(30) **Ad. Phil.**, 2, 8.

(31) **Ibid.**, 9.

(32) **Cant.**, 4, 7.

(33) **Job.**, 1, 21.

(34) Sêneca.

omne bonum mortalium: para que as vossas perfeições passassem a ser imortais, nos deixastes a nós, para vos desposardes com Deus. Assim como éreis retrato da Princesa do Líbano nos extremos, assim se lhe seguistes também no fim dos passos.

Agora é que vos considero mais ilustre, mais formosa, e mais discreta; pois trocastes a discrição inconstante pela firme, a formosura temporal pela perpétua, a nobreza caduca pela sempiterna. Agora é que vossas grandes virtudes estão bem aplaudidas, porque agora as venero justamente premiadas.

Neste túmulo nos deixastes as vossas cinzas. Ele foi o benefício grande, que todos neste dia recebemos; porque nelas, e nele temos para as nossas lembranças o motivo, e para os nossos desenganos a causa. Nesse glorioso lugar, em que piedosamente vos contemplo, rogai a vosso Esposo, e Senhor nosso pelas vidas de suas Majestades, e Alteza que Deus guarde; que são o nosso maior cuidado, a nossa maior felicidade, e a nossa maior esperança. Rogai também por quem com tanta majestade, e grandeza levantou este luzido, e grandioso Mausoléu para monumento imortal das suas saudades. Lembrai-vos também de todos os que assistimos a estas vossas honras, cujas lágrimas são os melhores epitáfios deste túmulo; cujos suspiros são os mais claros indícios da nossa dor: e pedi a Deus, que os sentimentos de vossa morte sejam infalíveis desenganos da nossa vida. E em virtude de todos vos prometo, que nas nossas memórias viverá eternamente entalhado o vosso nome, as vossas virtudes, e os vossos louvores: **Semper honos, momenque tuum, laudesque manebunt.** (35) E por todos repetirei com maior razão que Tácito o que ele dizia do seu Agrícola: **Quidquid amauimus, quidquid miratis sumus, manet aeternumque manebit in animis hominum, in aeternitate temporum.** (36)

LAUS DEO

(35) Virgil.

(36) Tacito, in *Vita Agricola*.

4. **BREVE COMPÊNDIO, E NARRAÇÃO
DO FÚNEBRE ESPETÁCULO, [...] NA MORTE DE EL-REI DOM PEDRO II,
[...] POR SEBASTIÃO DA ROCHA
PITA, [...] 1709. (Ed. 1709)**

**BREVE COMPÊNDIO, E NARRAÇÃO
DO FÚNEBRE ESPETÁCULO,**

que na insigne Cidade da Bahia, cabeça da América Portuguesa, se viu na morte de el-Rei Dom Pedro II, de gloriosa memória, Senhor Nosso.

OFERECIDO

À Majestade do Sereníssimo Senhor

DOM JOÃO V, REI DE PORTUGAL

Composto

Por Sebastião da Rocha Pita,

Fidalgo da Casa de Sua Majestade, Cavaleiro professo da Ordem de Cristo, e Coronel do Regimento da Ordenança da Cidade da Bahia.

LISBOA,

Na Oficina de **VALENTIM DA COSTA DESLANDES,**

Impressor de Sua Majestade.

Com todas as licenças necessárias. Ano 1709.

SENHOR:

Se aqueles Gentios, Cônsules, e Imperadores da antiga Roma, na cegueira da sua idolatria, amando tanto a vaidade dos seus triunfos; dentro nos mesmos suntuosos carros, em que faziam a maior ostentação das suas glórias, levavam um público Ministro, que entre os aplausos, e aclamações do povo lhes ia lembrando as inconstâncias da vida, e da fortuna: e se ainda hoje aqueles Príncipes Cismáticos, Imperadores da superior Etiópia, que apenas conservam almas sombras da verdadeira luz, que receberam na primitiva Igreja; no primeiro dia do seu Reinado, e no pomposo aparato do seu passeio, entre as insígnias da sua grandeza levam numas cinzas as lembranças da sua fragilidade: um Monarca tão Cristão, como Vossa Majestade, em quem a Religião Católica continuada por longa série de Santos, e exemplares Progenitores, com tão profundas raízes vive tão firme, e floresce tão robusta; não estranhará, que no feliz ingresso do seu Império, entre os arcos triunfais da sua coroação lhe ponha diante nestas memórias fúnebres a representação daquilo, a que se reduzem as maiores grandezas temporais, e as mais bem fundadas glórias humanas: tanto mais para ponderar, quanto a vida de el-Rei, que está no Céu, venerado Pai de Vossa Majestade, e muito alto, e poderoso Senhor nosso, assim na fortaleza de Herói, como nas virtudes de Rei, parecia mais permanente, e se supunha mais dilatada.

Estas idéias serão os mais seguros troféus das vitórias de Vossa Majestade; e as memórias de el-Rei nosso Senhor os mais formidáveis exércitos contra os êmulos da sua real Coroa. Pois se dos famosos Heróis bastaram só as relíquias para afugentar, e vencer aos seus contrários, como das armas de Aquiles fabularam os Gregos, do espírito de César creram os Romanos, e do cadáver do Cid afirmam os espanhóis: este Mausoléu, que representa o depósito das suas Reais cinzas, posto nos últimos limites do Domínio Lusitano sobrava para terror dos Inimigos, e será o mais firme antemural da Monarquia e até no glorioso carro de Vossa Majestade a melhor coroa do seu triunfo.

Porém, se não acaba quem nos seus Sucessores venturosamente vive; ainda existe el-Rei nosso Senhor: pois tornando em berço o túmulo (como a Ave da Arábia, que num próprio lugar faz sepulcro,

e ninho), morreu Fênix em si, para renascer Fênix em Vossa Majestade, cujo amor, e cujos atributos nos mostram propaganda a mesma vida: de tal sorte, que com pouca diferença na cópia, adoramos em Vossa Majestade a própria Imagem; pois ainda que o tempo variasse nos acidentes o objeto, não mudou na substância a Deidade, que hoje domina nos nossos corações com dois impérios, um pela perpétua saudade da sua ausência, outro pela viva representação de Vossa Majestade. A cujos reais pés, como a natural centro, correm com as obediências os afetos de todos os seus leais Vassallos, deprecando-lhe nas ações do segundo Pedro a vida do primeiro Afonso; para que a promessa de Deus nosso Senhor feita a este insigne, e primeiro Rei Português, tenha o último complemento em Vossa Majestade: em quem unidas já misteriosamente as Águias com as Quinas, possam voar, e tremular no âmbito do Mundo; donde reduzidas as Idolatrias, e Cismas a uma só Religião, reconheçam no Romano Pontífice uma só Cabeça, e no Império de Vossa Majestade uma só monarquia. A Real Pessoa de Vossa Majestade guarde Deus muitos anos. Bahia 3 de dezembro de 1707.

Sebastião da Rocha Pita.

Em louvor do Autor

SONETO

Morre Pedro; oh que dor! mas é mentira,
Quando hoje a vossa pena assim discorre,
Porque renasce Pedro, quando morre,
Do Túmulo fazendo berço, e pira.

Morto está, mas por fama hoje respira
Vivo em nós, quando em si na Parca encorre,
E quanto mais a seu Ocaso corre,
Tanto mais do Ocidente se retira.

E se a morte é qual bárbara homicida,
Que sepulta dos homens a memória,
(Maior morte da fama esclarecida;)

Pois a Pedro hoje dais fama notória,
Nessa morte vos deve a vós a vida,
E à vossa pena deve a sua glória.

De Francisco de Sousa de Almada

Ad librum, et eius Authorem

EPIGRAMMA

Funera describens Petri, post fata, Sebaste,
In libro Petrum uiuere posse doces.

Ille quidem Parcae potuit succumbere dirae,
Sed tua non possut haec monumenta mori.

Ille quidem sensit mortalia fata, supersunt
Funere multa tamen non pereunda tuo.

Eximis imperio mortis cum funere Petrum,
Mortuus ut uiuat tempora longa, facis.

Ingeniose quidem, nam dum illum morte redemptas,
Eternum quaerit nomen, et ille tibi.

[S. I. A.]

Ao mesmo assunto.

SONETO

Nesse livro, Senhor, que compusestes,
A vossa fama tanto dilatastes,
Que quando a vida a Pedro acrescentastes,
Imortal nome a vosso nome destes.

Ele já vive eterno nas celestes
Esferas de diamante; mas ficastes
Vós cá na terra, que o eternizastes
Na memória dos seus a que escrevestes.

Logre pois Pedro a glória donde assiste,
Mas que entre ambos esteja dividida
Hoje mui justamente a sorte ordena;

Porque conheça o Reino sempre triste,
Que quando à gloria o sobe a sua vida,
Na terra o eterniza a vossa pena.

[S. I. A.]

Ao mesmo assunto.

DÉCIMA

Ao prelo heroicamente merecidos
 Da Brasília terra a mais amante
 Soberba a fama em tal compêndio cante
 Os suspiros do peito enternecidos;
 Ia nestes sem primeiros conhecidos

Ao Monarca segundo em nome Augusto
 Tributos desse clima sempre adusto
 O prelo a eternizá-los desvelado
 Se fatiga, pois deixa eternizado
 Heróico o seu gemido já sem susto.

[S.I.A.]

Em aplauso do Autor no sentimento que oferece
 às memórias do Sereníssimo Senhor Rei Dom
 Pedro II.

SONETO

Dessa, que guarda mármore violento,
 Memória desse Raio Lusitano,
 Animais hoje o pó mais soberano,
 Contra a bárbara lei do esquecimento.

Fez espelho esse sábio Monumento
 Das lágrimas, que chora o desengano,
 E compôs-se ao cristal o ser humano,
 Ferido pela luz do entendimento.

Nesta imagem da Vida transparente
 Introduce esse Engenho compassivo,
 Aquela alma discreta, com que sente.

Viva por vós com pasmo sucessivo,
 Pois lhe dais propriedades de vivente,
 Pondo na cinza Augusta o sensitivo.

De Luís Botelho Frois de Figueiredo

Ao Autor

SONETO

A Máquina radiante, que invejoso
Deixou o Firmamento, é tão luzida,
Que mais que dor na morte, é glória a vida
Do Monarca do Luso generoso.

Cada Estrela do sólio luminoso,
Da Esfera refulgente foi trazida:
Deixou de ser a pena enternecida,
No fausto se tornou o lastimoso.

Tanta glória se deve à vossa história,
Que outra alma hoje infundis no Monumento,
Que o Cadáver levou a nova alteza.

De suspenso se esquece o pensamento,
Das lástimas infaustas da memória,
Elevado nas pompas da grandeza.

De Félix Machado

Ao Autor

SONETO

Se em causa tão funesta, e tão violenta
Se deixa permitir alívio, ou cura,
De algum modo na dor no-lo assegura
A douta pena, que hoje a representa.

Quando da mágoa descrever intenta
Triste sim, mas luzida arquitetura,
Tudo quanto eterniza na escritura,
Parece que da lástima se isenta.

Conseguiu, que somente posta em risco
Fosse digno sufrágio a Majestade,
E não menos igual padrão a história,

E nos séculos eternos esse obelisco,
Que nos mesmos ofícios da Piedade
Caiba tanta lisonja da memória.

De Luís do Couto Félix

Ao Autor

SONETO

En tu pluma discreta, y luzimiento
 Que de Pedro se apuran en la muerte,
 Se mitiga, mirando el dolor fuerte,
 En cenizas ardor, en polvo aliento.

Parece que percibe de su acento
 Celeste voz por eco de su suerte,
 Quando en tanta elevada pompa advierte
 Que sus luzes le roba al Firmamento.

Tan soberbia essa Máquina se admira,
 Que con todo el aplauso, que te aclama,
 A competirle con su buelo aspira;

Pues pasando a esplendor lo que fue llama,
 Ocupa con lo altivo desa Pira
 Los inmensos espacios de tu fama.

Do Visconde de Asseca

Em louvor do Autor

SONETO

Raro Enigma de Engenho sublimado,
 De Engenho, e de Valor raro portento,
 Em quem é tão valente o entendimento,
 Em quem é tão sutil o braço armado.

Unindo juntamente a Marte irado,
 Mercúrio da eloquência documento,
 O que em folhas louvais mui nobre, e atento,
 Com armas defendeis mui forte, e ousado.

Matais à espada em Márcio desafio,
 Dais vida com a pena neste empenho,
 E não sei por qual fica o senhorio:

Mas de ambas igual vejo o desempenho,
 Porque venceis na espada a todo o brio,
 E superais na pena a todo o engenho.

[S. I. A.]

Ao Autor

SONETO

Já nobre Sebastião, reconhecida
Lusitânia te está, tuas glórias soma,
Pois por ti esta dor, que os bronzes doma,
O desaforo tem de bem sentida.

Já de Pedro a presença apetecida,
Em tua pena nova imagem toma,
Se a douta narração Pancaio aroma,
Na sepultura lhe fomenta a vida.

Dê pois a Fama indústria, dê verdade,
Esse discreto Epítome, e pregoe
Da Lusa gente a eterna saudade;

Pois porque em todo o mundo heróica soe,
Nas letras lhe dás vozes com que brade,
Na pena lhe dás asas com que voe.

(S.T.A.)

Al mismo Autor, habiendo a custa suya enviado desde América a Europa, para en ella se daren a la estampa, las obras fúnebres, que se habian hecho en la funeral pompa, con que en aquel nuevo Mundo se celebraron las Exequias del invicto Monarca Don Pedro II.

SONETO

En vano el macilento horror, en vano
El de la muerte pavoroso olvido
Sepultar la memoria ha pretendido
Del ínclito Monarca Lusitano:

Porque su nombre, siempre soberano,
Por tu industria dos veces renacido,
De la Parca se admira redimido,
Si hasta aqui por su aliento, hoy por tu mano.

Ese métrico llanto, y feral pompa,
 Que América, con partos más fecundos,
 Rinde a sus aras, vota a sus imperios,
 Mejor resuena en su animada trompa:
 Que si su diestra dominó dos mundos,
 Dos su fama por ti mide Hemisferios.

De Ioseph Soares da Silva

As Exéquias do Senhor Rei Dom Pedro II que
 a Bahia celebrou, escritas, e dadas à estampa
 pelo Coronel Sebastião da Rocha Pita.

SONETO

Nessa pompa fatal, que vã numera
 Tantos lutos, e luzes para ornato,
 Avulta mais a dor que o aparato,
 Arde o afeto mais que toda a cera.
 Assim obra o Brasil, que o desespera
 A morte do seu Rei: e fora ingrato,
 Se de um tal sentimento no retrato
 Com menores excessos procedera.
 Esta pois fina ação já permanente,
 Reduzida por vós a alta história,
 Que admira no elegante, e no eloqüente,
 Fará que o Reino todo, em maior glória
 De causa tanta, sinta eternamente
 Forçado da saudade, e da memória.

**Do Padre João de Almeida, Capelão das
 Freiras de Santa Marta.**

À grandeza do Túmulo com que a Cidade da Bahia
 celebrou as Exéquias do Senhor
 Rei Dom Pedro II.

SONETO

Esse Túmulo Augusto persuade
 Não horror, mas prostrado rendimento,

Porque as cinzas que esconde o monumento,
Estão ressuscitando a Majestade.

A alumiar de Estrelas a saudade
Se eleva, e contra a fé do sentimento,
Até deixa a memória do tormento,
Servindo de razão para a vaidade;

Parece que excedidas as estrelas,
Unir ao corpo o espírito procura,
Já sem receio do poder da sorte;

E que altamente colocado nelas,
Lhe está restituindo a sepultura
O mesmo ser, que lhe roubou a morte.

De Júlio de Melo de Castro

Ao Autor do livro, em que se descrevem as Exéquias
do Senhor Rei Dom Pedro II.

SONETO

Só vós podereis, descrevendo a história,
Que foi das nossas mágoas instrumento,
Deixar na elevação do entendimento
Esquecidas as queixas da memória;

Com tanto acerto em pena tão notória,
Remontais altamente o pensamento,
Que ouvido, inda que grande, o sentimento,
Tudo o que fora lástima, é só glória;

Enobreceste o discurso tanto,
Que quase nos acertos que derrama,
Compete de elevado a Majestade;

E porque o aplauso fosse todo espanto,
Estais até formando a voz da fama,
Desse mesmo silêncio da saudade.

De Júlio de Melo de Castro

LICENÇAS

Do Santo Ofício.

O Padre Dom Antonio Caetano de Sousa, Qualificador do Santo Ofício, veja a Narração das Exéquias de que trata esta petição, e informe com seu parecer. Lisboa 15 de fevereiro de 1709.

**Moniz. Hasse. Monteiro. Ribeiro. Rocha.
Frei Encarnação. Barreto.**

Ilustríssimo Senhor:

Por ordem de Vossa Ilustríssima vi este livro, de que é Autor Sebastião da Rocha Pita, em que se descreve o fúnebre aparato com que na Cidade da Bahia, Metrópole da América Portuguesa, se celebraram as Exéquias do Senhor Rei Dom Pedro II, que Deus tem em glória; e ainda que já parece fora de tempo a presente lembrança (pelo suave domínio de el-Rei nosso Senhor Dom João o V que Deus guarde, fazer menos saudosas aquelas augustas memórias) a distância de uma a outra parte do mundo dá boa satisfação da demora. E para que dure na eternidade sempre viva a fineza dos seus vassallos, pretendem agora os daquela maior parte do mundo, perpetuar por meio do prelo as heróicas virtudes daquele grande Monarca, descritas nas empresas, e nas inscrições, com que foi adornado o Mausoléu, que na Sé daquela Cidade se lhe levantou, e com mais erudição no Sermão daquele famoso Orador o Padre Domingos Ramos da Companhia de Jesus, digno pelo seu raro talento de tão elevado assunto. No argumento deste livro mostra seu Autor com elegância o amor que aqueles vassallos têm aos seus Augustos Monarcas; e em tudo o que contém, não acho coisa que repugne à nossa santa Fé, ou bons costumes, antes me parece digno de que Vossa Ilustríssima lhe dê a licença que pede. Lisboa na Casa de Nossa Senhora da Divina Providência 21 de fevereiro de 1709.

Dom Antônio Caetano de Souza, C.R.

O Padre Mestre Frei Manoel da Esperança, Qualificador do Santo Ofício, veja a Narração das Exéquias de que trata esta petição, e informe com seu parecer. Lisboa 22 de fevereiro de 1709.

Moniz. Hasse. Monteiro. Ribeiro. Rocha. Barreto.

Ilustríssimo Senhor:

Por ordem de Vossa Ilustríssima vi este livro, que trata do Fúnebre Espetáculo, que os Americanos Portugueses erigiram (na Metrópole da Cidade da Bahia) ao seu, e nosso muito amado Monarca el-Rei Dom Pedro II nosso Senhor, que Deus tem em glória, Autor Sebastião da Rocha Pita. E se Alexandre Magno (como diz Plínio) entre os despojos, que tomou a el-Rei Dario, foi um precioso cofre todo lavrado de fino ouro, e embutido de pedras preciosas, a fim de meter nele os livros de Homero, para mostrar o muito que estimava tão soberano tesouro: **Alexander Magnus (capto inter spolia Darii Regis scrinio, quod erat auro, gemmis, ac margaritis pretiosum) libros Homeri, quos tanto dignos loculo existimabat, inclusit.** Com muita maior razão devia este livro ser guardado no mais rico cofre, que houvesse em todo o mundo, não só por razão da matéria de que trata, senão por razão da forma, e grande eloquência com que está escrito. Nele (como em espelho) verão todas as Nações o grande amor, que os Americanos Portugueses sempre tiveram, e têm aos seus Reis; porque se a melhor prova do amor (como diz São Gregório Papa) se conhece pelo que se dispende com o bem amado: **Probatio dilectionis executio est operis;** não sei eu que haja no mundo nação alguma, que tenha mostrado para com os seus monarcas amor mais agigantado, que os nossos Americanos Portugueses; aos quais (para que ficassem eternizados na nossa lembrança) devíamos levantar infinitas estátuas, como fizeram os Atenienses ao seu Demétrio Falero. A Coroa deste livro é um Sermão fúnebre, que pregou o Muito Reverendo Padre Mestre Domingos Ramos, da doutíssima, e santíssima Família da Companhia de Jesus, singular engenho dos nossos tempos, e maior honra da América Portuguesa, cuja imagem, e retrato (para que em nenhum tempo caísse da nossa lembrança, em sinal da grande estimação, que todos os Portugueses faziam de suas prendas) se devia por não só nas Bibliotecas da Companhia, senão também nas de todo o mundo: como Setímio fez à imagem do seu Marcial, e Asínio Pólio à de Varro. Tudo quanto se contém neste livro, é ajustado com os dogmas da nossa Fé, e bons costumes, e assim entendo, que pode sair a luz. Este é o meu parecer, Vossa Ilustríssima disporá o que for servido. Carmo de Lisboa 7 de março de 1709.

Frei Manoel da Esperança.

Vistas as informações, podem-se imprimir as Exéquias de que trata esta petição, e impressas tornarão para se conferir, e dar licença que corram e sem ela não correrão. Lisboa 8 de março de 1709.

Hasse. Monteiro, Ribeiro. Rocha. Frei Encarnação. Barreto.

Do Ordinário

Podem-se imprimir as Exéquias de que trata a petição, vista a licença do Santo Offício, e depois de impressas tornem para se conferir, e sem isso não correrão. Lisboa 21 de março de 1709.

B. de Tagaste.

Do Paço

Manda el-Rei nosso Senhor, que Antonio Rodrigues da Costa, Conselheiro Ultramarino, veja este livro, e ponha nele seu parecer. Lisboa, 11 de março de 1709.

Oliveira. Carneiro. Lacerda. Botelho.

Senhor:

Vi este livro composto por Sebastião da Rocha Pita, Fidalgo da Casa de Vossa Majestade, como Vossa Majestade foi servido ordenar-me, o qual contém uma elegante descrição do magnífico aparato, e demonstrações com que o Governador, e Capitão General do Estado do Brasil Luís César de Menezes, juntamente com o Arcebispo, Clero, e Nobreza da Cidade da Bahia celebrou as Exéquias à memória de el-Rei Dom Pedro II nosso Senhor que está em glória; e um douto Sermão que nelas pregou o Reverendo Padre Domingos Ramos da Companhia de Jesus: e me parece o livro não só digno da licença que pede seu Autor para o imprimir, mas que convirá muito que se faça público por este meio, para que na magnificência do aparato com que naquela Metrópole da nova Lusitânia, se solenizaram as últimas honras do nosso Monarca, e nas verdadeiras demonstrações de sentimento que aqueles vassallos deram naquele fatal golpe, se veja com evidência que a fidelidade portuguesa, e o amor com que esta fidelíssima nação ama aos seus Príncipes, é tão constante, invariável, que nenhuma distância, e nenhuma diferença de clima, por mais estranho, e apartado que seja, é poderoso a diminuir-lhe o ardor do seu afeto, e a grandeza da sua veneração; antes parece que quanto os Portugueses mais se afastam da sua origem, e do berço em que nasceram, tanto maior é o obséquio que tributam à Majestade, imitando nesta parte a natureza dos rios, que quanto mais se apartam das suas fontes, tanto maior tributo, e veneração rendem ao Oceano donde receberam o ser. Este é o meu sentimento, Vossa Majestade mandará o que for mais do seu real serviço. Lisboa 15 de março de 1709.

Antônio Rodrigues da Costa.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar, e sem isso não correrá. Lisboa 18 de março de 1709.

Oliveira. Lacerda. Carneiro. Botelho. Costa.

Quando o Lusitano Sol Monarca do Hemisfério Português, de quem recebiam benigna luz até os mais apartados Astros da sua dilatada Monarquia, depois do horrendo eclipse de uma perigosa enfermidade, pareceu que livre dos mortais delíquios voltava com vigorosos raios para o soberano Oriente do seu Trono; deixou a brilhante Esfera do seu Império ao mais digno substituto das suas luzes, e caminhando apressadamente para o seu ocaso, fez do Real Templo de São Vicente o seu sepulcro. Lugar, que hoje os Portugueses, como centro da sua dor, consagram à sua saudade com mais obsequioso culto, que os primeiros Lusitanos em outro tempo, quando adorando ao Sol material, o Cabo de São Vicente, em que entendiam que ele se sepultava, como a Altar da sua Idolatria, constituíram sagrado a sua veneração.

A notícia infausta desta fatal ausência, em que termo breve enlutou de sombras os remotos espaços do Orbe Português, chegou a esta Bahia, a mais estendida Zona do seu domínio, numa esquadra de Naus, em que Lisboa sobre o mar de suas Conquistas nos comunicou as correntes do seu pranto; e crescendo com as nossas lágrimas, formaram outro mais imenso mar de mágoas, e saudades.

Principiou o universal sentimento nesta Cidade, primeiro com íntimos extremos, e logo com públicas demonstrações, pelo General Luís César de Menezes: assim por ser o primeiro Móvel deste Estado, como Governador, e Capitão Geral dele; como porque sendo um dos maiores vassallos da Coroa Portuguesa, no sentimento da morte do seu Monarca se achava tão empenhado pela grandeza da sua Casa em Portugal, como pela obrigação do seu cargo no Brasil. E dispondo o fúnebre espetáculo, se pregoaram os lutos, se fecharam os Palácios, e se suspenderam por muitos dias os Tribunais: em cujas primeiras sucessivas noites, passando a veemência da dor já das criaturas racionais às insensíveis, se mostraram sentidas as pedras, nas inexpugnáveis Fortalezas pelos ecos dos tiros, e nos Templos pelo som dos metais, que com incessantes vozes penetrando os mais remotos horizontes, davam do nosso sentimento militares e eclesiásticos sinais.

As milícias (cujas operações não podem suspender-se, por consistir na sua vigilância a segurança das Praças) caminhavam aos seus ordinários postos, rendidas, e sem adorno as armas; roucos, e com horror os tambores; envoltas, e a rasto as bandeiras: competindo na

militar tristeza com as Cortes Romanas nas mortes de Augusto, e de germânico, e com as próprias portuguesas nas de Viriato, e de Sertório, seus Monarcas, e Capitães.

Seguiu-se logo o horrível ato, com que o Magistrado da Câmara desta Cidade (tão zeloso do serviço dos seus Reis, como leal às suas memórias) composto este presente ano, como sempre, de mui dignos Vereadores; cobertos os corpos do luto que vestiam os corações, em cavalos ajaezados fúnebre, e lutuosamente, pelas mais frequentadas praças, e mais públicas ruas da Bahia, segundo o estilo Português, quebrava os Reais Escudos: a cujo lamentável ruído respondia com lastimosos ecos o clamor popular.

Depois de algum intervalo de tempo, de que necessitou a fábrica grande do majestoso Túmulo, se fizeram as reais Exéquias. Esta fúnebre, e suntuosa máquina se encarregou ao grande cuidado, e muita inteligência do Secretário do Estado Gonçalo Ravasco Cavalcante e Albuquerque, Fidalgo da Casa de Sua Majestade, Cavaleiro professo da Ordem de Cristo. Tinha setenta e um palmos de alto, e de largo trinta e oito: era de arquitetura dórica, de obra piramidal, e como oitavada. Cada uma das faces principais tinha a largura de trinta palmos, e entrava com quatro por cada lado nos oitavos dos cantos, cujas faces ficavam com oito palmos de largura cada uma. Formava-se o primeiro corpo num plinto de um palmo de alto, sobre que ia um degrau de palmo e meio, que recebia todas as quartelas: as quais tinham treze palmos de alto, terminando num cornijamento repartido em cornija, friso e arquitrave, na forma da arquitetura Dórica, sobre o qual corria uma varanda de balaústres em roda. Em cada uma das quatro faces principais havia quatro quartelas, duas no meio, e duas nos cantos: entre as do meio se formava em cada frente uma gentil portada, por dentro da qual estavam em perspectiva três vistosos arcos: entre as quartelas dos cantos ia outra quartela, recebendo todas a obra, que lhes ficava eminente na fábrica de cima. Nos espaços que havia entre as quartelas dos meios, e as dos cantos, se viam dois proporcionados painéis em cada frente, com dois saltos de palmo em quadro por cada parte. Nos fechos das quatro portadas deste primeiro corpo, em luzidas tarjas se liam com letras de ouro escritos os seguintes versos latinos.

No primeiro:

Ter Magnus, ter Maximus
Rex nuper Lusitaniae,
Heu! quantus est in Tumulo
Ter paruus, ter minimus!

No segundo:

Da Petro, quisquis ades,
Da nunc perennes lacrymas:
Ni fleas, heu! Caucaseam
Tu durior es petram.

No terceiro:

Secundus iuste Petrus
Ubique iusta postulat:
Regum nulli Secundus,
Et Pietate Primus.

No quarto:

E quatuor Orbis partibus
America dolentior
Has Petro mixtas exhibet
Orbe ex utroque lacrymas
Lusitanas, et Brasilas.

Sobre este corpo se levantava o segundo com oito Dóricas colunas, duas em cada um dos cantos, assentadas sobre represas de sete palmos: e tinham vinte e um de alto, com capitel, acabando com um cornijamento da mesma ordem de arquitetura, repartido em cornija, friso, e arquivada. Em roda dele corria uma banqueta de balaústres: e em correspondência de cada coluna ia um pedestal de três palmos de alto, que recebia uma pirâmide de quinze. Sobre este cornijamento descansava o zimbório, ou cúpula, de obra de gomos, com quinze palmos de alto, rematando numa peanha de quatro e meio. Junto às colunas pelas faces principais iam os pilares, que formavam um arco abatido em cada face, cujo vão tinha de alto vinte e sete palmos, e de largo dezesseis.

Neste capacíssimo vão se formava o corpo do meio, da mesma obra, como porção do primeiro, e se assentava num degrau de dois palmos e meio, tendo nove de alto. No meio de cada uma das suas quatro faces ia uma bem formada porta com seu ajustado remate entre duas quartelas, acabando num cornijamento de palmo e meio, sobre o qual se levantavam dois degraus, um de três, outro de dois palmos e meio, onde se assentava um trono de oito, em que estava a Urna, ou Túmulo, que representava o depósito do Real Cadáver.

Compunha-se por dentro a meia laranja do zimbório de preto com passamanes de ouro, e do mesmo se vestia este corpo, que ficava no vão das colunas, e arcos; tendo as quatro portas dele cortinas de ló negro com flores de ouro. Todas as outras porções desta grande máquina se cobriam de branquíssima, e bem lavrada cera, a maior parte dourada, sobre negro.

Nos arcos interiores formados em perspectiva, que se viam pelas quatro portadas do primeiro corpo, estava a Bahia por destríssimo pincel representada em quatro Imagens, em que se viam distintos efeitos nascidos de uma só relevante causa: em copiosas lágrimas provocava prantos: em formoso êxtase infundia assombros: em suave lástima persuadia saudades: e em ação muda inculcava respeitos. Nestes quatro amorosos impulsos, repartindo as Idéias, multiplicava as dores; que por inumeráveis não podendo caber num só traslado, foi preciso dividir-lhes, ou acrescentar-lhes as cópias.

Nos espaços, que entre as colunas formavam os oitavos dos cantos, sobre represas de cinco palmos de alto, que assentavam em pedestais de sete, estavam com as cabeças recebendo os capitéis daquelle vão, e como sustentando a pesada cúpula, as quatro partes do Mundo, que cinge o Domínio Lusitano; tendo cada qual aos pés na forma de um bruto o mais generoso parto, que em cada uma delas produz a Natureza: uns, e outros simulacros tão destramente lavrados, que a ser a matéria pedras, e metais, pareceriam as estátuas de Fídias, e Praxiteles. Pelo valor Português se via no Leão domada a fereza da África: pela sua Religião, iluminada no Elefante a cegueira da Ásia: pela sua política, domesticada no Tigre a barbaridade da América: e pela sua soberania, subjugado no Touro o poder da Europa. Todas mostravam sentir o estrago, que a morte num só golpe por elas repartiu: podendo admirar-se a grandeza desta ruína, que chegou a encher o âmbito do Mundo, com mais razão, que a de Pompeu por haver ocupado três partes dele. Cada uma das quatro partes do Mundo tinha num braço um escudo, ou tarja, em que se viam em letras de ouro os versos Latinos seguintes.

Na Europa:

Europa Tauro amabilis,
 Stratos tauros commemorans
 A Rege ualentissimo;
 Non fictis modo lacrymis
 A morte stratum queritur:
 Heu uires ualidissimae,
 Imbecillae, et inualidae!

Na Ásia:

Toruus, qui gestat Asiam,
 Regemque adorat, Elephas,
 Dominatricem cogitat,
 Illo obeunte, abiicere.
 Quo stante stabat India,
 Heu! ne cadente decidat!

Na África:

Ad luctum uenit Africa
 Nuda, et ore nigerrima,
 Et cum Leone rabido
 Rugit, hoc Rege mortuo.

Na América:

E quatuor Orbis partibus
 America dolentior
 Has Petro mixtas exhibet
 Orbe ex utroque lacrymas
 Lusitanas, et Brasilas.

Nos pedestais, e represas, em que estavam assentadas estas figuras, quatro caudalosos Rios se descobriam, cada um naquela Região por onde leva o curso natural das suas correntes, todos sulcados das proas Portuguesas, e dominados da sua fortuna: tão vivamente fingidos, ou retratados, que não careceram dos pincéis de Zeuxis, e de Apeles. Parecia correr na Europa o Tejo tão triste, que com a turbacão dos seus cristais escurecia o ouro das suas areias: O Indo tão sentido na Ásia, que com a desordem das suas águas descompunha as flores das suas margens: na África o Zaire tão alterado, que com o ímpeto das suas correntes fugia da extensão dos seus braços: na América o Pará tão perplexo, que com a confusão das suas ondas impedia a respiração das suas bocas. E pareciam ter todos línguas para a queixa, e olhos para o pranto; porque sendo insensíveis, fez neles a propriedade dos retratos, o que a serem racionais obrara a força dos sentimentos.

Nos meios dos quatro arcos das faces apareciam, como por fechos, ou remates deles, em quatro tarjas ou reais Escudos Portugueses, temidos em todos os lugares, e naquele mais respeitados, que os Escudos Anciles no Templo de Marte.

Por cima da cornija do zimbório, em correspondência das tarjas, se viam quatro ciprestes: planta, que introduziu nos sepulcros Atalo Rei de Pérgamo; porque, como a vida humana, uma vez cortada não torna a renascer.

Nos oitavos dos cantos, que formava a mesma cornija, entre as pirâmides, e sobre as quatro partes do Mundo, se descobriam lutosos, e como rendidos os Estandartes Lusitanos, que já triunfantes, e alegres se viram nelas repetidas vezes arvorados: estando ali como despojos do alento, e da grandeza, os mesmos que foram sempre troféus do valor, e da fortuna.

Da meia laranja da cúpula pendia com franjas de ouro um docel de púrpura, (cor, que nos Reis não pode distinguir a morte) sendo do mesmo o pano que cobria o Túmulo, e o coxim em que sobre ele estava a Imperial Coroa Portuguesa, cuja circunferência abraça o âmbito de muitos Orbes.

Com quase oitocentas tremulantes luzes brilhando este elevado monte de resplendores, parecia verdadeiro Olimpo, que na terra vestia as Estrelas, de que fingem coroar-se na Esfera: ou Babel de línguas de fogo, que não em sacrilégios, mas em holocaustos procurava subir ao Céu: se não era amoroso Mongibelo, que como centro dos nossos afetos, pelas suas labaredas exalava os nossos corações, matéria tão copiosa para os seus ardores, que primeiro lhe poderiam faltar bocas, que incêndios. Prodigioso Elemento é o Fogo! Nele ardem os aromas, que se ofecerem a Deus! e com fogo se fizeram sempre os seus sacrifícios. Para o de Abraão na Lei da Natureza, a matéria das chamas levava aos próprios ombros Isaac: com fogo scrificam na Lei Escrita os sumos sacerdotes, ou Pontífices no Templo de Jerusalém: e com o concurso do fogo se faz o melhor Sacrifício na Lei da Graça. Até os Gentios não só purificavam com fogo as vítimas, mas também criam, que os seus semideuses gastavam nele a porção terrena, para entrarem de todo divinos no Céu: como fez Hércules na fogueira em que ardeu no monte Oeta, por gastar a parte, que pela mãe tinha de mortal. Oh elemento, crisol dos desejos, e emblema do amor! Que se o roubo de um sacrílego te trouxe uma vez do Céu à terra; a devoção de muitos Fiéis te está subindo repetidas vezes da terra ao Céu.

Sobre a peanha rematava o majestoso Edifício a Morte, como fim, e remate de todas as coisas humanas. Adornava-se de uma Imperial Coroa, ostentando o seu poder ao maior carro do seu triunfo. Tinha, como por troféus desta vitória, numa mão um clarim, e na outra a Eternidade, onde não pode negar jurisdições à vida dos gloriosos Heróis, que como o nosso Monarca se immortalizam na fama, e se eternizam no tempo.

Se se houvessem de meter neste Mausoléu as famosas Estátuas dos esclarecidos Príncipes, e soberanos Monarcas, que com o seu generoso sangue concorreram para o nascimento de El-Rei Dom Pedro II Senhor nosso (como costumavam os insignes Romanos por as dos Ascendentes nas suas célebres Exéquias, de que foi primeiro inventor o seu segundo Rei Numa Pompílio) ainda que fora, como em breve mapa, reduzindo a estreitas linhas, e miudos pontos as imensas distâncias do Universo; seria este grande Teatro mui curta Cena para representação tão majestosa. E assim, se reservam para se collocarem nos troféus dos triunfos, que há de lograr o seu ínclito Sucessor, onde como exemplares vivos por memória, e representados por objetos, possam obrar nos tronos os estímulos, que não podem infundir nas sepulturas. E se Caio Mário, porque lhe faltaram as dos Progenitores, dizia, que o maior louvor era não necessitar das glórias, e das estátuas dos Ascendentes: esperamos da real índole, e sublime educação de El-Rei nosso Senhor Dom João Quinto (que Deus guarde) impere tão generosamente, que possa gloriar-se das suas próprias, sem dependência das dos seus Heróicos Antepassados.

Este agregado de perfeitas partes constituía um formoso todo, e formava uma estatura admirável: e sendo tão avultado, fazia na ajustada proporção das suas medidas tal harmonia com a grandeza da Igreja; que parece emendava em primor maravilhoso o defeito, de que se argüiu a Fídias na formatura da estátua de Júpter Olímpico, que parecia não caber no Templo, em que estava. E se sem embargo daquela imperfeição, mereceu ser uma das sete maravilhas: esta máquina erigida na Bahia, ainda que lhe faltou o lustre, e o preço do ouro, e do marfim, lhe abundaram em tal grau os acertos do compasso, e as perfeições da arte; que cedendo às maravilhas do Mundo pela matéria, a todas podia fazer vantagens pela forma.

Liam-se por várias partes do Mausoléu em sutis Epigramas, e elegantíssimos versos feitos pelos mais excelentes Poetas da Bahia, as célebres inscrições, e famosos Epitáfios, que aqui vão copiados: para os quais deu a saudade o assunto, a lembrança o papel, o sentimento a pena, as lágrimas a tinta, o amor os conceitos, e a majestade a idéia. Escritos em tantas línguas, como se viram no sepulcro do Imperador Gordiano, e sem as hipérboles que se gravaram nos de Trajano, Setímio Severo, e outros Príncipes, que deveram ao encarecimento alheio, o que o nosso Monarca às virtudes próprias.

Esta é a fábrica suntuosa, e triste, que na insigne Cidade da Bahia, Cabeça do opulento Estado do Brasil, erigiu o obsequioso afeto do General Luís César de Menezes à perpétua lembrança do Sereníssimo Rei Dom Pedro Segundo Senhor nosso: e se não pela firmeza da matéria, e grandeza da arquitetura: pode pelos votos, e sacrifícios do amor exceder ao Mausoléu de Caria, às Pirâmides do

Egito, às Colunas, e Obeliscos de Roma, depósitos dos seus Reis, dos seus Monarcas, e dos seus Imperadores. Não foram mais constantes os Troféus, Teatros, e Sepulcros, que levantaram os antigos Césares do seu apelido: Caio Júlio à posteridade de Mário, Otaviano Augusto às memórias de Marcelo, e Élio Adriano às cinzas de Pompeu. Porque aquelas máquinas, fabricadas com as medidas, ou idéias da vaidade, desbaratou o tempo; e esta, formada com os compassos, ou descompassos da dor, eternizará a saudade.

Viam-se as paredes da insigne, e espaçosa Catedral cobertas de negro com passamanes de prata: de luto a cadeira, em que assistia o Governador, e Capital Geral, e os assentos em que por sua série estavam os Tribunais, que todos ficavam da frente do Túmulo para o Cruzeiro da Igreja: em cujo Coro, ou Capela-mor apareciam em número grande Prelados, e Religiosos de diferentes Ordens. Os outros lugares ocupava numeroso concurso da Nobreza, e Povo, que não cabendo já nas Tribunas, Capelas, e corpo do Templo, ocupavam as ruas mais vizinhas às portas dele.

Assistia em sitial com capa de Asperges, e Insígnias Pontificais o Ilustríssimo Dom Sebastião Monteiro da Vide, Arcebispo Metropolitano do Brasil: cujas grandes virtudes, insignes letras, e singulares prerrogativas de Prelado o fazem benemérito não só da Primasia da América Portuguesa, porém dos mais supremos lugares da Igreja Romana: e com a compostura, e gravidade próprias da sua Dignidade, e naturais da sua Pessoa, presidia, e capitulava no Coro ao Reverendo Cabido, e aos Beneficiados da Sé, que com intenção pia faziam devota, e magnificamente as Reais Exéquias.

Quatro acordes, e ajustados Coros de vozes, e instrumentos, reduzindo o triste som dos soluços a sonoras cláusulas do canto, formavam da corrente das nossas lágrimas a maior consonância da sua harmonia. Ao som da sua harpa entoava Davi os seus gemidos: dos seus prantos, e das Lamentações de Jeremias se compôs a mais suave música da Igreja. Desta sorte encomendavam a Deus nosso Senhor aquela alma ditosa, que em Coros celestes ouvindo angélicos cânticos, piamente devemos crer estará rogando à suprema Majestade pela conservação dos seus vassallos, aumento dos seus reinos, e último complemento da promessa divina feita no campo de Ourique ao primeiro Fundador da sua Monarquia. E se já vimos, que em el-Rei defunto (pela melhor conta, décima-sexta geração daquele Príncipe) atenuada a Prole Real Portuguesa com o primeiro quase estéril matrimônio, pôs Deus os olhos de sua misericórdia, como prometeu, dando-lhe em segundo, e mais venturoso consórcio a dilatada, e generosa descendência, que há de levar o seu sagrado nome às partes mais remotas: esperamos de intercessor tão poderoso a total satisfação da infalível palavra, estabelecendo em Portugal o

mais firme, e o mais estendido Império; para que logre o Mundo Cristão uma Monarquia permanente, maior que as quatro tão grandes, e inconstantes, que viu o Mundo Gentílico.

Nesta admirável ordem se principiaram com soleníssimas Vésperas as suntuosas Exéquias na tarde de dezenove de outubro deste presente ano de mil e setecentos e sete: e então se tornaram a repetir com tristes ecos as vozes dos sinos, até o último período da solenidade do dia seguinte: no princípio do qual se disseram por todos os Altares da Igreja (que estavam vestidos com ornamentos negros) inumeráveis Missas, umas por esmola da real fazenda, e outras por votos de afetos particulares, que souberam converter o mais fino amor no melhor sacrifício. Foram notáveis os holocaustos, com que a cega Gentilidade aplacava as suas falsas Divindades, e as invocava propícias às Almas dos seus defuntos, exceto aquela Seita, que negava a imortalidade delas: sacrificava-lhes, e lhes oferecia por oblações o sangue, e as entranhas dos animais. Oh quanto a pudera admirar a pureza dos sacrifícios da verdadeira Religião, onde as vítimas são o próprio Corpo, e Sangue de Cristo!

Depois das Laudes proferidas com as cerimônias Eclesiásticas de tão sagrado ato, foi para o Altar maior com pomposo, e Pontifical aparato Sua Ilustríssima, e cantou a Missa, não podendo suspender as lágrimas.

Dita a Pontifical Missa, subiu ao Púlpito o Muito Reverendo Padre Mestre Domingos Ramos Religioso da Companhia de Jesus, sujeito entre os grandes talentos do Brasil dos mais beneméritos de tão grande Assunto, por doutrina, por virtude, e pela profissão de todas as Ciências, que o fizeram venerado na América, admirado na Europa, e em todo o Mundo conhecido: e fez a Oração fúnebre, que vai inclusa neste Compêndio, tanto melhor representada, do que escrita, quanto é maior o ser, que à energia das palavras comunica a alma das ações: sendo naquele ato as suas tão próprias da eloquência, e tão naturais da mágoa, que nunca se viu mais retórico o sentimento, nem com mais concerto a dor; pois nem os seus soluços lhe embargaram os pensamentos, nem as nossas lágrimas lhe roubaram as atenções. Comparado com a matéria, foi breve o discurso: porém nele (como os Cosmógrafos, e Aritméticos, reduzindo a um ponto o incompreensível, e a uma cifra o infinito) conseguiu o fazer das inexplicáveis virtudes de tão grande Monarca um acertado Epílogo, em que as suas sempre veneradas memórias serão mais permanentes, que as que se lhe dedicam nos Mausoléus mais suntuosos; pois só aquelas, com que as penas dos Oradores imortalizaram aos Príncipes, passam a carreira dos séculos livres das injúrias, e jurisdições do tempo: e as que se lhes gravaram nos arcos triunfais, ou se lhes esculpíram nos monumentos, acabaram com

aqueles soberbos edifícios, de que apenas, como o de Tróia, se vêem os sítios em que foram edificados; conservando-se nas poucas regras, e nos pequenos volumes de Lívio, de Túlio, de Plínio, de Homero, e de Vergílio, para durar eternidades.

Seguiram-se ultimamente os Responsórios ditos por Sua Ilustríssima, e pelas primeiras Dignidades da Sé, todos com profunda devoção, e pranto copioso.

Com esta suntuosidade se fizeram ao Senhor Rei Dom Pedro Segundo as honras funerais, ainda mais célebres pela mágoa, que pela grandeza. Um foi o sepulcro, que na Bahia se levantou à sua posteridade: muitos os Altares, que nos peitos se consagraram à sua veneração, onde ardem os afetos, sem consumir-se as memórias, que se fazem mais eternas, quando com fogo de amor se rubricam nos corações; sendo instrumento, que lhes grava os caracteres, a mesma chama, ou seta, que lhes abre as feridas. E desta sorte, se quem morre, jaz por descanso na sepultura; na fineza de quem vive, existe por cuidado.

Tal foi a morte, e tal será a vida do nosso Monarca: caduca, quanto à nossa natureza; quanto ao nosso amor, imortal. Porque, se de pais a filhos com as obrigações se herdamos os afetos; em nós, e em nossos descendentes há de ter a sua lembrança a duração do Mundo, que é a última balisa, a que chega o curso dos viventes, e o horizonte mais distante a que se estende a esfera dos mortais.

SONETOS DO AUTOR

Ao Túmulo, que ao Sereníssimo Senhor Dom Pedro Segundo se fez na Cidade da Bahia Cabeça do Brasil, porção maior do Império Lusitano.

SONETO

Este horroroso Alcácer da saudade,
Da mágoa soberbíssimo aposento,
Onde mora a lembrança por tormento,
Onde vive por culto a Majestade:

Altar ao melhor Rei da nossa idade,
Que logra em firme e duplicado assento,
Como humano na terra, monumento,
E cadeira no Céu, como Deidade:

É memória, que ao seu segundo Marte
 Pedro eterniza em mágoas a Bahia,
 Onde competem dor, grandeza, e arte:

Mostrando nesta grande fantasia,
 Que lhe tocou do amor a maior parte,
 Como parte maior da Monarquia.

Á Imagem da Morte, que sobre o Túmulo estava
 coroada, tendo numa mão a Fama, e na
 outra a Eternidade.

SONETO

Oh tu, que do poder fazes vaidade,
 Quando ao Cetro de Pedro não perdoas,
 E mostras que no frágil das Coroas
 De ser mortal não livra o ser Deidade.

Se chegas a prostrar-lhe a Majestade;
 Como tanto as virtudes lhe apregoas,
 Que delas o clamor na Fama entoas,
 E a memória lhe pões na Eternidade?

Se sempre dos teus golpes foi feito
 Por ao aplauso fim, como à esperança;
 Que amor é este agora? Que respeito?

Mas é, que o ser de Pedro tanto alcança;
 Que, se chega a acabar quanto ao preceito,
 Não se pode extinguir quanto à lembrança.

Na morte do Sereníssimo Senhor Dom Pedro
 Segundo Rei de Portugal.

SONETO

Oh Rei, por cujo amparo o Luso clama
 Com pranto, com horror, e com tristeza:
 Morto por pena, vivo por fineza:
 Cinza fria, mas sempre ardente chama.

Se contra tanto esplendor se inflama
 A morte: só vos tira nesta empresa
 A vida, que vos deu a Natureza;
 Mas não a vida, que vos deu a Fama.

A Morte pretendeu nesta vitória
 Triunfar de Vós: porém com dor interna,
 Ela despojo foi da vossa glória.

Porque o grande Motor, que nos governa,
 Porque fosses Troféu só da memória,
 Vos deu vida mortal, mas fama eterna.

ROMANCE DO AUTOR

Al Mausoleo ardiendo en fuegos, y visitiendo lutos.

Compendio de luz, y sombra:
 Cielo de Estrellas, y horrores:
 Para las Esferas gala,
 Y luto para los Orbes.

En el resplandor, que vistes,
 De que nube te compones
 Con multitud de tinieblas
 En tanta copia de Soles?

El traje, de que te aliñas,
 Es todo contradiciones:
 Y no conoces tu mismo,
 Si eres dia, o si eres noche.

Que Planeta en ti se ostenta
 Con deliquios, y candores,
 En el Oriente ufano,
 Y triste en el Horizonte?

Que Astro pues en ti se mueve
 Sin curso, pero con orden;
 Y parece al mismo tiempo
 Sol que nace, y que se pone?

Si eres Hemisferio en rayos,
 Nublada Esfera en colores;
 Como envueltas con las glorias
 Puedes juntar las pasiones?

Di: que misterios son estos,
En que publicas, y escondes
Mucho para los discursos,
Tanto para los dolores?

No hagas del silencio alarde;
Que arder, y callar se oponen:
No se callan los gemidos,
Quando los pechos se rompen.

Si eres Volumen de Amor
Con Estrellas por renglones;
En ti las quejas se escrivan,
O las memorias se borren.

Si eres cárcel, donde estan
Nuestros afectos conformes;
O nos suelta los suspiros,
O nos quita las prisiones.

Si eres Sepulcro de un Rey
Mayor, que ha tenido el Orbe;
No sólo en incendios pagues,
Quanto en Magestad recoges.

Publica en tu voz tu empeno:
Y harán luego tus clamores
(Pues la grandeza te ensalza)
Que los ecos te coronen.

Pero harto en brillar lo dices:
Todo en arder lo propones;
Porque en las lenguas del fuego,
Los movimientos son voces.

Palabras son tus centellas,
Tus incendios son razones,
Que con las luces se han hecho,
Quanto más claras, más nobles.

Arde pues, y a Pedro ofrece
Apurada en tus crisoles
En ese Templo de Amor
Toda la fé de los hombres.

Na morte de El-Rei Dom Pedro Segundo nosso Senhor

Texto de Camões

Cant. IV. Oit. 50

Não consentiu a morte tantos anos,
 Que de Herói tão ditoso se lograsse
 Portugal; mas os Coros soberanos
 Do Céu supremo quis que povoasse.
 Mas para defesa dos Lusitanos,
 Deixou quem o levou, quem governasse,
 E aumentasse a terra mais que de antes,
 Íclita geração, altos Infantes.

GLOSA

Pelo Licenciado Gonçalo Soares da Franca

Depois que à Monarquia Lusitana
 As rédeas applicou Pedro o Segundo;
 Abatida na guerra a fúria Hispana,
 Na paz o Reino foi assombro ao Mundo:
 Inveja porém, cega, e tirana,
 Deste de Portugal bem tão fecundo,
 Que lograsse tal bem, sem ver tais danos,
 Não consentiu a morte tantos anos.

Doze lustros, ainda não cumpridos,
 (Esfera curta a Sol tão luminoso)
 Tinha do Luso o Sol; quando vencidos
 Viu seus raios de eclipse tenebroso.
 Decretos são do Céu não compreendidos,
 Que dando a Portugal Rei tão famoso,
 Não quis mais, porque mais triste o chorasse,
 Que de Herói tão ditoso se lograsse.

Ou foi de nossas culpas digna pena,
 Ou dos méritos seus foi prêmio digno;
 Que a mesma dor, que à mágoa nos condena,
 A Pedro sobe ao sólio cristalino.
 Oh como justamente o Céu ordena
 A sua glória, o nosso desatino!
 Não mereciam, não, dons mais que humanos
 Portugal, mas os Coros soberanos.

Foram deste Monarca relevante
 Tantas as prendas, tal a virtude era;
 Que inda a menor virtude, Astro brilhante,
 Da terra a esfera pouca transcendera.
 Novo Alexandre pois, seu peito ovante,
 Porque mais Mundo o Mundo lhe não dera;
 O Reino, que era bem só suspirasse,
 Do Céu supremo quis que povoasse.

Justo foi, que assim viva sublimado;
 Mas não que o Reino assim fique abatido:
 Porque ser entre os Anjos colocado;
 O não livra entre os homens de esquecido.
 Não foste, ó grande Rei, Rei só criado
 Para o Céu; para nós também nascido:
 Não só para troncar vícios profanos,
 Mas para defensão dos Lusitanos.

Consente a nossa queixa; se consente
 Atenção esse Trono, onde subiste:
 Que quando a queixa é justa, a dor veemente,
 Rompe o foro ao respeito um peito triste.
 Mas já vejo, que falo cegamente;
 Pois bem que Portugal sem Pedro existe,
 Portugal (quando Pedro se apartasse)
 Deixou quem o levou, quem governasse.

Não podia a suprema Providência
 A' palavra faltar sempre observada,
 Que nunca ao Cetro nosso descendência
 Na prole há de faltar atenuada.
 Não temo a sucessão, temo a potência;
 Que a tanto Herói é pouco o Mundo, é nada:
 Só, se estendesse termos mais distantes,
 E aumentasse a terra mais que de antes.

Se somente ao Primeiro, que hoje é Quinto,
 (Herdeiro digo) vem o Orbe inteiro
 Estreito Mapa, Epílogo sucinto;
 Que Mundo há de bastar ao derradeiro?
 Eterno a Portugal de agora sinto:
 Faltam Reinos, não falta ao Reino Herdeiro;
 Pois hoje nos seguram relevantes
 Inclita geração, altos Infantes.

Fala a Bahia à suntuosa Essa, que de lutos, e
e luzes fabricou a mesma Cidade nas Exé-
quias de El-Rei nosso Senhor Dom Pedro
Segundo de saudosa memória,

SONETO DO MESMO

Babel, que en lenguas tantas de centellas
Constante subes, sin bajar, al Cielo:
Como, si eres Olimpo sin recelo,
Te eriges nube opaca a las Estrellas?

No más: la senda advierte de tus huellas;
Que si el curso no paras de tu vuelo,
De tus luzes arriegas el anhelo,
A tus tinieblas los horrores sellas.

Del frio, y del calor a los enojos,
Que buscan remontados tus retiros,
Llamas sombras verás, sombras despojos.

Pero prosigue; que en altivos giros
Siempre te han de prestar en tus arrojos
Luto mi pecho, fuego mis suspiros.

Epitafio en el Mausoleo del Serenissimo Rey Dom
Pedro Segundo nuestro Señor.

SONETO DO MESMO

Yacem, no; vivem, si, en esta Pira
Las cenizas de um Rey siempre glorioso:
Que no importa entre aromas el reposo,
Si entre incendios la Fénix aun respira.

El Orbe Portugues triste suspira:
Pero en vano suspira congojoso,
Si lo que polvo alli es horroroso,
Brillante Estrella en el Zafir se admira.

Mas, si eterno lo duda el que mirando
Yerto el cadáver, fria la ceniza,
Aun lo humano parece está dudando;

Que fue Rey Portugues, amor le avisa:
 Y amor al corazon alas prestando,
 Enciende el polvo, el polvo lo eterniza.

Descrição no Túmulo de el-Rei nosso Senhor,
 ponderando o seu Mausoléu nas quatro partes
 do Mundo.

SONETO DO MESMO

Sepultado na Europa foi primeiro;
 Será n'África, e n'Ásia sepultado:
 Na quarta parte agora deplorado,
 Urna entre mares tem Sol verdadeiro.

Por Pio, por Prudente, por Guerreiro
 Se vê de Pólo a Pólo suspirado:
 Que um Rei, que foi no Mundo tão amado,
 Razão era o chorasse o Mundo inteiro.

Não só pois, porque em um lugar somente
 Ruína tal não coube, em toda a parte
 Lhe dá Túmulo o afeto reverente;

Mas também justo foi: porque desta arte,
 Para com a dor poder a Lusa gente,
 A dor por todo o Mundo se reparte.

Epitáfio no sepulcro de el-Rei nosso Senhor,
 achado no Poema do imortal Luís de Camões
 pelo dito Licenciado Gonçalo Soares da Franca.

SONETO

Ouvi, vereis o nome engrandecido	1. 10.5
Do justo, e duro Pedro: nasce (1) obrando,	3. 138.1.
De Nações diferentes triunfando	2. 54.4.
Com vulto alegre, qual do Céu sabido.	2. 42.3.

(1) Nasceu El-Rei entre triunfos.

Pois contra o Castelhana tão temido	1. 25.5.
Os fortes Portugueses incitando;	1. 87.4.
Contra a vontade sua, e não rogando,	6. 99.8.
Pazes (2) cometer manda arrendido.	1. 94.1.
Mas entre tantas palmas, salteado	3. 90.1.
Da temerosa morte; fica herdeiro	3. 90.2.
Um filho seu, de todos estimado:	3. 90.3.
Que nenhum dizer pode que é primeiro	1. 87.8.
De um Rei, que temos, alto, e sublimado,	2. 81.8.
Outro Joane, invicto Cavaleiro.	1. 13.7.

Pondera-se a única razão de alívio no universal sentimento da morte de el-Rei nosso Senhor Dom Pedro Segundo.

SONETO DO MESMO

Vendo a morte, que Pedro não podia
Sem ela eterno ser, que mortal era;
Por mais vida lhe dar na ardente Esfera,
Mais cedo o reduziu a cinza fria.

Caduco Pedro foi, quando vivia;
Quando morto, imortal se considera:
Com que, se ser cadáver não sofrera,
Eternamente não renasceria.

Viva o respeito, viva a Majestade,
Bem que granjeiam nome a Natureza,
Tributo rendem a mortalidade.

Logo de Pedro o fim, só foi fineza;
Pois quanto a vida lhe usurpou de idade,
A fama lhe antecipa de grandeza.

(2) Alude à paz de Castela, solicitada pelos mesmos Espanhóis.

DO MESMO

A Bahia muda

Aunque la voz no me anime,
 Muda me explico mejor;
 Que quando es grande un dolor,
 Sólo un silencio lo exprime.
 Mi mudez al Obre intime
 Mis congojas más atroces:
 Que, si entre quejas veloces
 Mal se perciben lamentos;
 Mas se dicem los tormentos,
 Quando se callan las voces.

A BAHIA SENTIDA

Bien que se muestran rendidos
 Mis sentidos, aun mas siento;
 Que a decirmi sentimiento,
 No bastan cinco sentidos.
 Quien los mira amortecidos,
 Sólo me juzga sentida:
 Más mi pena es más crecida;
 Pues me veo en triste calma,
 Para el alivio, sin alma,
 Para el tormento, con vida.

A BAHIA ADMIRADA

Suspensa estoy, con razón,
 Mirando un Cetro difunto;
 Porque llegando a este punto,
 Toda quedo admiración.
 Soy la misma suspension
 Entre espantes diferentes,
 Asombro dando a las gentes
 Con efectos encontrados;
 Pues suspensos los cuidados,
 Tengo los ojos corrientes.

DA BAHIA SAUDOSA

Aquela pasión notoria
 Del alma soy, que entre enojos,

Borrado el bien a los ojos,
 Se lo escribe en la memoria,
 Lloro mi pasada gloria:
 Y glorias de un bien pasado,
 Son tormento duplicado;
 Porque un objeto querido,
 Siendo grande poseido,
 Se hace mayor suspirado.

EPIGRAMAS

Na morte del-Rei nosso Senhor.

Do mesmo.

EPIGRAMA I

Pinta-se a Fé, a Piedade, o Zelo, sustentando uma
 escada, por cujos degraus irá subindo uma Coroa.

Ascendit Petrus in superiora. Actor. 10. 9.

Por fe, por piedad, por celo,
 Sin segundo en el Segundo,
 Dejando por corto el Mundo,
 Subio Pedro al alto Cielo.

EPIGRAMA II

Pinta-se a Morte, e o Esquecimento, querendo deter
 uma Coroa com duas asas, que voará livremente
 ao Céu, o qual estará também pintado da parte
 superior.

Videntes autem Petri constantiam. Actor. 4. 13.

Viendo la muerte, y el olvido,
 De Pedro en la fiel constancia,
 Que tenerle no han podido;
 Que vuele libre han sentido
 A aquessa inmortal estancia.

EPIGRAMA III

Pinta-se uma mão fazendo subir um acabeça coroada:
e outra cabeça com coroa debaixo de um docel.

Assumit Petrum . . . , et Ioannem Iecum. Marc. 14.33.

A Juan, y a Pedro llamó
Jesus en la fatal hora:
Mas hoy diferente obro,
Pues a Juan nos deja ahora,
Quando a Pedro le llevo.

EPIGRAMA IV

Pinta-se uma Custódia conduzida por dois Anjos:
e el-Rei, que sobe a recebê-la.

Cum uenisset Iesus in domum Petri. Matth. 8.14.

Porque a su Dios satisfaga
En su casa visitarle;
No es mucho que para hallarle,
Camino hacía el Cielo haga.

EPIGRAMA V

Pinta-se um Gentio Americano, um Etíope, um
Chim, um Malabar, porfiando sobre qual pri-
meiro abrirá uma porta, para por ela ir entrando
uma alma coroada, com um livro na mão.

Recordatus est Petrus uerbi Domini. Luc. 22.61.

Porque jamás te olvidaste,
O' Pedro, de mi palabra,
Los que adelante enviaste,
Lidiando están, porque se abra
La puerta, que les franqueaste.

EPIGRAMA VI

Pinta-se um Cetro sobre um globo pisado de dois pés.

**Diit Petrus: Ecce nos reliquimus Omnia:
quid ergo erit nobis?**

Matth. 19. 27.

Vitam aeternam possidebit. Ibid. 29.

Sin duda, ó Monarca Real,
Que eterno premio aparejas;
Pues todo por Dios lo dejas,
Quando dejas Portugal.

EPIGRAMA VII

Pinta-se a Catedral da Bahia vacilante.

**Tu es Petrus, et super hanc petram aedificabo
Ecclesiam meam. Matth. 16. 18.**

Quando le debo mi aumento,
En su falta mi desmedra
Con mucha razón lamento;
Porque mi firme cimiento,
Era de Pedro la piedra.

EPIGRAMA VIII

Pinta-se um braço tendo igualmente uma espada nua,
e uma tocha acesa.

Petrus habens gladium, eduxit eum. Ioan. 18. 10

Sin primeiro, aunque Segundo,
Me pregonan luz, y espada:
Vi toda España prostrada,
Y medio Cristiano el Mundo.

Valor, y celo en mi unidos
 Abrieron con manos pocas,
 Para la fama mil bocas,
 Para la fe mil oídos.

EPIGRAMA IX

Pinta-se uma balança com igualdade, tendo de uma parte um homem morto, e da outra um defunto resuscitando.

Dixit Petrus, etc. Cecidit, et expiravit. Actor. 5.3 et 5.

Continuo surrexit. Actor. 9. 34.

Tanto en tu pecho fiel
 Tuvo Astrea el fiel entero;
 Que abandonando el cruel,
 Fuiste Pedro el Justiciero.

La balanza asi regias
 Rey justo, Padre amoroso:
 Severo con Ananias,
 Y con Eneas piadoso.

EPIGRAMA X

Pinta-se a figura da Bahia chorosa, olhando para uma Alma, que estará da parte interior do Céu.

Egressus foras Petrus fleuit amare. Luc. 22. 62.

Pues que llegaste a tu centro,
 Que gozas en esa Esfera;
 Trocarse el llanto debiera:
 Alegre vive allá dentro;
 Y nos lloremos de fuera.

EPIGRAMA XI

Pinta-se uma Urna com cinzas na mão de uma Dama,
saindo-lhe do peito um incêndio, e dois rios
dos olhos.

Ait Petrus: Faciamus tria tabernacula. Luc. 9. 33.

Aunque un Túmulo se admira,
En tres guardo estos despojos;
Pues los verá quien me mira,
Fénix del pecho en la pira,
Sol en el mar de los ojos.

EPIGRAMA XII

Pinta-se o Povo da Bahia triste, e pensativo, chorando
sobre uma Caveira.

**Contristatus est Petrus, quia dixit ei tertio: Amas me?
Ioan. 21. 17.**

En dudas de amor hallamos
La tristeza, ò Pedro, vuestra:
Mas, quando muerto os lloramos,
Toda la tristeza nuestra
Es, porque sin duda amamos.

EPIGRAMA XIII

Pintam-se duas Coroas subindo, uma ao Céu, outra
a um Trono

Petrus autem, et Ioannes ascendebant. Actor. 3. 1.

Subieron de aquesta vez,
De su virtud en abono,
Si Pedro al eterio Trono.
Juan al Trono Portugues.

Inscrições para as quatro figuras superiores da Essa.
Europa sobre um Touro, cercando-a o Tejo.
Europa.

Ha de los golfos, los mares!
Venid conmigo a llorar;
Que para empeño tan grande,
De um Rio es poco el caudal,

Que importa, que, turbio Tajo,
Inundes por llorar más;
Si ni tus arenas de oro
Igualan a mi pesar?

No lamente un Elefante;
Que poco extremo será,
Quando debe un insensible,
Sentir un más que animal.

América sobre um Tigre, cercando-a o Grão Pará.
América.

Ha del Océano todo!
Préstame todo el cristal;
Que para un mar de aflicciones,
He menester todo un mar.

Si no es, que como me ayudas
A llorar, ò Gran Para;
Qualquiera gran mar escusa,
Quien llora con Rio tal.

Ha de las hórridas breñas!
No Tigres, escollos dad;
Que más que ablandar fierezas,
Quiero penas ablandar.

No por inculta, penseis,
Que anhelo asperezas: mas
Advertid, que piedras pido,
Para mi dolor gravar.

Do Capitão João Álvares Soares.

Bahia muda.

SONETO

Esta del sentimiento copia nuda,
 Animado cadáver, muerto aliento,
 Emblema del más hórrido tormento,
 De la más dura pena estatua ruda:

En mi constituyo tirana, y cruda
 La suerte con jamás visto portento;
 Pues haciéndome viva al sentimiento,
 Sólo para la queja me hizo muda.

Corto fuera el dolor, si embravecida
 Mi vida de una vez injusta suerte
 A cenizas dejara reduzida.

Y así, porque el dolor sea más fuerte;
 Conservando el aliento de la vida,
 Los estragos padezco de la muerte.

Do mesmo.

Bahia admirada.

SONETO

Del más horrible asombro suspendida,
 Del estrago mas fúnebre admirada,
 Ni se como quejar-me sosobrada,
 Ni se como sentir-me enternecida.

Publicara el estrago de mi vida,
 De mi voz la querella destemplada:
 Pero; cómo podrá voz limitada
 Explicar una pena desmedida?

Declarar la pasión, es conocerla:
 Quien la conoce, es fuerza limitarla:
 Llegar a limitarla, es abaterla.

Siendo pues menoscabo exagerarla,
 Otros la expliquen con encarecerla;
 Que yo la explico mejor con admirarla.

Do mesmo.

Bahia sentida.

SONETO

Ayer vivo compendio de alegría;
 ¡Hoy ya muerto retrato de tristeza!
 ¿Quién con tan nunca vista ligereza
 En horrores trocò mi lozania?

La muerte fue, que en cruda tirania
 Añadiendo a su estrago nueva empreza,
 El dueño me quito, en cuya entereza
 No cautiverio, libertad tenía.

Porque, si es dueño, y es alma juntamente
 El-Rey, que el cuerpo anima de su Imperio;
 Padece aqueste, quando aquella siente.

Y asi, en este de sombras Hemisferio,
 Cuerpo soy, que en dolor el más vehemente
 Sintiendo estoy del alma el vituperio.

Do mesmo.

Bahia chorosa.

SONETO

Esta de llanto liquida corriente,
 Que en mi formó el mar de mi amargura,
 Si es de mi amor la prueba más segura,
 De mi ultrage pregón es permanente,

Rios mis ojos sucesivamente,
 Entre el ronco suspiro, y pena dura,
 Pregonando mi triste desventura,
 Manifiestan mi fúnebre accidente.

Para la mustia flor, la Aurora alcanza
 Con el rocío aliento en sus despojos:
 Pero en mi mal no puede haber mudanza;

Pues advierto, a pesar de mis enojos,
 Siempre mustía la flor de mi esperanza,
 Aunque vierta el rocío de mis ojos.

Do Reverendo Padre João de Faria e Sousa.

Bahia quadrifrons, in quatuor Mausolei frontibus
depicta, semper una, eademque pathetica,

EPIGRAMMATA

Prima fronte.

Bahia tristis.

Tristis adest Bahia nimis: iam gaudia ponit.

Laeta ubi Mors gestit, tristia cuncta iacent.

Secunda fronte.

Bahia prae dolore deficiens.

Santit amans Bahia suum sub funere Regem:

Plus doleat, sensus perdit et ipsa suos.

Tertia fronte.

Bahia illacrymans.

Ceu Moyses petram, Petrum Mors percutit atrox:

Hinc merito Bahia e largior unda fluit.

Quarta fronte.

Bahia muta.

Oh quantum gemebunda dolet Bahia undique! Quantum

Quisque scire cupis, percipe: muta docet.

De Morte Super Mausoleo imposita.

EPIGRAMMA

Tecta super Mors atra uolat regalia Petri:

Hoc solum in casu celsior illa pacet.

De endem pro Mausolei coronide.

EPIGRAMMA

Mausoleo super summo slat uertice Mors: heu!

Finis hic in terris omne coronat opus.

Do Capitão Tomé de Faria Monteiro

Ao Túmulo, que na Cidade da Bahia se fez na morte
de el-Rei Dom Pedro Segundo Senhor nosso.

SONETO

Essa pompa, que afeto Americano
A Deidade mortal consagra fino,
Ou despojo da vida nunca digno,
Ou da morte troféu sempre tirano:
Sepulcro é pouco a um Corpo soberano,
Breve Altar a um Espírito divino;
Bem que em primor o obséquio ultramarino
Aqui não cede ao culto Lusitano.
Porém, posto que a América constante
Se faça, por finezas bem nascidas,
A' Cabeça do Império semelhante:
Inda não rende as oblações devidas,
Quando despende em ato tão amante
No Túmulo o poder, no pranto as vidas.

Do mesmo.

SONETO

No Sepulcro a Coroa! Oh quem dissera,
Que havia de ser hoje Trono a Pira,
E a mortalha doce! Será mentira?
Não: que o humano ser, todo é quimera.
Bem pode não ser hoje, o que ontem era:
Mas do objeto Real, que se suspira,
A grandeza no Túmulo se admira,
Caduca a Majestade se venera.
Não chega o que é respeito a ser loucura,
Quando a sombra do Ídolo se adora;
Que a vida acaba, e a memória dura.
Se a grandeza da causa não se ignora;
Não erra a dor no culto, que procura;
E acerta Amor nas lágrimas, que chora.

SERMÃO

Nas Exéquias de el-Rei

Dom Pedro II

Senhor Nosso,

Celebradas na Catedral Metropolitana da Cidade da
Bahia aos 20 de outubro do ano 1707.

Que pregou o Muito Reverendo Padre Mestre
Domingos Ramos

Religioso da Companhia de Jesus.

Cecidit corona capitis nostri.

Ex Theren; Jerem. cap. 5.

§. I.

1 — Caiu a coroa da nossa cabeça. Caiu; porque nem as coroas estão isentas de cair do mais alto do trono ao mais baixo do túmulo. Caída terrível, que como universal tributo, devem pagar com encargo inevitável todos os mortais.

2 — Que coroa é esta, que caiu? Respondem os lutos, as sombras, e as tristezas deste aparatoso funeral, que esta coroa caída é o muito alto, e muito poderoso Rei, e Senhor Nosso Dom Pedro Segundo: nome obedecido em tanto número de Reinos, e Províncias nas quatro partes do mundo. E que este mesmo nome tão alto, e soberano, esteja agora tão caído, e descaído no epitáfio de uma sepultura! Oh grandezas deste lamentável mundo expostas ao rigor de tão dura fatalidade!

3 — Responde também o tema, que esta coroa caída foi coroa do nosso Reino: **Corona capitis nostri, hoc est, regni nostri:** (1) expõe Alápide. Rei, que foi a coroa do nosso Reino! Grande Rei perdeste, ó Portugal! Perdeste um Rei, que foi a tua coroa. Qual é a coroa de um Reino? Isaías o disse: **Corona Gloríae, diadema**

(1) Thren., c. 6.
Alap., ibi.

regni: (2) A coroa de um Reino é a coroa de suas glórias, e felicidades. Grande Rei, torno a dizer, (oh que justo motivo para um penetrante sentimento!) grande Rei, perdeste, ó Portugal! Perdeste um Rei, que foi coroa de teu Reino, coroa de tuas glórias, e felicidades: **Corona capititis nostri: Corona gloriae, diadema regni.** Provar esta verdade, há de ser todo o meu empenho na primeira parte do Sermão.

4 — Tornei a dar outra volta na consideração do tema, e me pareceu literal, e genuína a inteligência, que as suas vozes por si mesmo inculcam. Caiu a coroa da nossa cabeça. Quem duvida, que um Rei é a cabeça do seu Reino? Desta cabeça dimana o superior influxo a todo o mais corpo místico, que se compõe de tanto número de membros, como de Estados; de tanta variedade de operações, como de pessoas. Logo são termos equivalentes, caiu a coroa da nossa cabeça, caiu a coroa do nosso Rei.

5 — Sendo tão natural este sentido; parece violento, se o houvermos de aplicar a um Rei, que nunca quis coroar-se. Se o nosso Rei nunca se quis coroar; que coroa foi a sua? Seria por ventura a coroa de relevantes prendas, que nele avultavam? Poderia ser, que fosse; porque a Natureza o enriqueceu com tão esclarecidos dotes; que nascendo em terceiro lugar entre os filhos, parecia destinado para Primogênito: alta, e majestosa estatura; membros bem proporcionados; compleição robusta; forças excessivas; juízo compreensivo; memória rara; discurso pronto; língua expedita; voz clara; locução discreta; inclinado à eloquência; amante da elegância; coração intrépido; insigne na arte da Cavalaria; mui destro no jogo, e exercício das armas; mui prático nos estilos da política; mui versado nas leis da disciplina militar. Todo este compêndio de prerrogativas, que nele realçavam com vantajosa singularidade, bastava para lhe formar uma lustrosíssima coroa; mas não era esta a coroa, que ele mais amava: outra era a sua coroa de mais elevado preço.

6 — Qual seria? Sirvam de resposta umas palavras do Salmo. **Posuisti in capite eius coronam de Lapide pretioso.** (3) Diz, que pusera Deus na cabeça de um Rei uma coroa. O mesmo Deus foi o que pôs a coroa na cabeça deste Rei? Sim, porque há Reis, que são Reis por especial disposição divina: vem depois a mostrar o tempo, que foram desígnios da providência, o que podiam (sic) parecer contingências da fortuna. O tempo depois veio a mostrar, quanto deve Portugal a Deus pelo grande Rei, que lhe deu. Lavrou Deus esta coroa numa pedra: **Coronam de lapide.** Pedra, e Pedro, soberano

(2) Isai., 62, 3.

(3) Psalmo, 20, 4.

equivoco, com tão boa correlação, que o mesmo Cristo usou dele: **Tu es Petrus, et super hanc petram.** (4) Era pedra preciosa: **De lapide pretioso: hoc est, uirtutibus ornato:** expõem Nicolau de Lira. Nesta pedra, ou neste Pedro formou Deus uma coroa de virtudes. Esta era a sua coroa, que ele mais estimava: conhecia, que o seu preço excedia o valor de qualquer outra coroa; não quis outra, esta foi a sua preciosa: **Corona capitis nostri: coronam de lapide pretioso: uirtutibus ornato.** Com esta mesma (já que em vida não quis outra) o há de mostrar hoje meu discurso, ainda depois de morto, coroadado. Esta há de ser a segunda parte do Sermão: o qual todo reduzido a um só princípio, intenta provar, que o nosso Rei corooou ao seu Reino de glórias, e felicidades; e a si de virtudes. A Virgem Santíssima me ajude, para que possa satisfazer a tão grande empenho.

Aue Maria.

§. II.

Corona capitis nostri: Corona gloriae, diadema regni.

7 — Foi o nosso soberano Rei coroa do seu Reino; porque o corooou de glórias, e felicidades: ou nas pazes, que ajustou, e concluiu: ou na paz, com que governou: ou nas guerras, que empreendeu: ou no grande Sucessor, que nos deixou. Vamos ponderando todas estas glórias, e enxugando entretanto as nossas lágrimas.

8 — Primeiramente corooou de glórias, e felicidades ao seu Reino nas pazes, que ajustou, e concluiu com Espanha, depois de vinte e sete anos de sanguinolenta guerra. A maior felicidade de um Reino não consiste nas vitórias que se alcançam, se as guerras continuam: a razão é; porque as vitórias quando não são últimas, e decisivas, não livram dos perigos. Se a campanha deste ano foi feliz; Deus sabe, a campanha do outro ano qual será. É a guerra um Jano de duas caras obediente aos arbítrios da fortuna, que como tem por timbre o ser vária, quando menos se imagina, enfastia-se de próspera. Quantos domínios engoliu a guerra, depois de grandes vitórias? Diga-o Cartago convertida em cinzas: os mesmos triunfos, que conseguiu, fizeram mais lastimoso depois o seu incêndio. Não há que fiar em vitórias, se continuam as guerras. A verdadeira felicidade consiste no ajuste das pazes; porque só nesta felicidade se assegura, e estabelece um Reino.

9 — De Salomão, quando entrou a governar, diz a Escritura, que estabelecera, e confirmara o seu Reino: **Confirmatum est regnum**

(4) Math., 26, 18.

in manu Salomonis. (5) Pois aquele Reino não ficou estabelecido, e confirmado por Davi seu antecessor? Davi tão assinalado em vencer batalhas, que por isso mereceu as aclamações de vitorioso: **Dauid autem decem millia:** (6) como pode ser que não deixasse aquele Reino estabelecido, e confirmado? Repare na diferença entre um e outro Rei. Tanto que Salomão entrou a governar, logo no princípio do seu governo (**Primo initio sui regni:** (7) como diz o seu comentador Pineda) ajustou, e concluiu as pazes com todos os inimigos confidentes. Ele o disse: **Nunc requiem dedit Dominus Deus mihi per circuitum: et non est satan, neque occursus malus.** (8) Por isso mereceu a singular antonomasia de Rei pacífico: **Vine a fuit pacifico.** (9) Esta é pois a razão, porque Salomão o pacífico, e não Davi o vitorioso, foi o que confirmou, e estabeleceu aquele Reino: porque não se confirma, e estabelece um Reino com a felicidade das vitórias, senão com a felicidade das pazes: **Confirmatum est regnum in manu Salomonis.**

10 — Foi o nosso grande Rei o Rei pacífico dos nossos tempos. Quando tomou posse do governo, contava-se o número das vitórias pelo número das batalhas: sucedeu a um Rei, a quem com muita razão podemos intitular o vitorioso: mas que importa, se ainda o Reino estava exposto aos perigos, e contingências da guerra? A felicidade das vitórias alegrava, mas não assegurava o Reino: para o assegurar, que fez o nosso Rei? O mesmo, que Salomão fez: **Primo initio sui regni:** Logo no princípio do seu governo o estabeleceu com a felicidade das pazes: com a sua firma o confirmou: **Confirmatum est regnum.**

11 — Exaltou esta felicidade uma circunstância notavelmente decorosa para Portugal. E qual foi? Ser Espanha a que pediu, e procurou as pazes. Mas que muito, depois de cansada com uma tão infeliz, e prolongada guerra? Muito mais foi ser Espanha a que pediu, e procurou as pazes, antes da guerra publicada, mandando para isto seu Embaixador. O caso aconteceu, quando a Fortaleza de São Gabriel nos confins do Brasil foi inopinadamente invadida, e ocupada pelos espanhóis vizinhos. Viu-se então na realidade em Portugal, o que Cristo Senhor nosso supôs no Evangelho como parábola.

12 — Diz, que um Rei mandara seu Embaixador a outro Rei, pedindo pazes, estando ainda bem longe o Rei, de quem se temia: **Adhuc illo longe, a gente, legationem mittens, rogat ea quae, pacis**

(5) III Reg., 3, 1.

(6) I Reg., 187.

(7) Pineda, De Reg. Salom., 17, c. 10, n. 1.

(8) III Reg., 5, 4.

(9) Cant., 11.

sunt. (10) Isto foi o que aconteceu em Portugal, com diferença nos longes. No caso do Evangelho, o longe era de terras, e não de guerras; porque as guerras já estavam publicadas: **Qui cum uiginti millibus uenit ad se.** (11) No caso de Portugal, o longe não era de terras, era de guerras: não era longe de terras; porque uma linha matemática divide a Portugal de Espanha: era longe de guerras; porque dos aprestos, e prevenções militares, havia muito que andar, para que chegasse a haver guerras. E que havendo ainda este longe: **Adhuc illo longe a gente:** Mandasse Espanha um Embaixador a Portugal pedindo pazes: **Legationem mittens, rogat ea, quae pacis sunt!** Oh tempo felicíssimo! Que dirão os vindouros, quando lerem este caso na Crônica deste insigne Rei? Dirão, que no seu tempo chegou Portugal a tão alto grau de reputação nas suas fronteiras, que bastava para atroar os ouvidos um boato de suas armas; uma ameaça de guerras, para lhe pedirem pazes. Isto é o que dirão os vindouros: e nós que diremos? Não devemos dizer menos, como agradecidos: digamos em breves períodos, o que eles dirão em muitos: digamos, que este Rei foi a coroa do nosso Reino, coroa das nossas glórias, e felicidades: **Corona capitis nostri: Corona gloriae, diadema regni.**

§. III.

13 — Assim conservou este pacífico Rei o seu Reino em paz por espaço de trinta e cinco anos. Paz num Reino por tão dilatado tempo! Felicidade rara. No Levítico prometeu Deus ao povo, que se fossem observantes da lei, lhes daria paz nas suas fronteiras: **Dabo pacem in finibus uestris.** (12) É certo, que Davi, Josias, e Ezequias observaram fielmente a lei: e contudo não chegaram a lograr paz nas suas fronteiras por espaço de trinta e cinco anos continuados: tão alta paz num Reino, é paz mui rara: ainda quando Deus promete a paz, de maravilha acontece durar por tão longo tempo. De um Rei chamado Asa refere a Escritura, que governara o seu Reino em paz por espaço de trinta e cinco anos continuados: **Bellum non fuit usque ad trigesimum quintum annum regni Asa.** (13) A expressão, e determinação do tempo, de que uso o sagrado Texto, denota ser o caso memorando, e que merece ser celebrado nos anais da posteridade.

14 — E que me dizem à duração desta paz com tanto sossego, e quietação? Cuidam que é pouco, lograr o Reino uma paz tão diuturna, sem que em todo este tempo acontecesse desgraça alguma

(10) Luc., 14, 34.

(11) *Ibid.*, 31.

(12) Levit., 26, 6.

(13) II Paral., 15, 19.

tão considerável, que bastasse para a perturbar? Não sei que tem a paz, que se logra neste mundo; que nunca falta alguma desgraça grande, que a persiga. Nunca houve paz mais abonada, e promulgada com maior solenidade, do que foi a paz, que os Anjos publicaram em Belém: **Et in terra pax hominibus.** (14) Escassamente passaram dois anos, quando na mesma Belém aconteceu uma desgraça tão grande, que mete horror o imaginá-la, quanto mais o referi-la. Entra de repente pelas portas da Cidade um furioso trolpel de Soldados desumanos, e vão passando a cutelo, sem respeito à compaixão, a mais de quatorze mil inocentes: a Cidade toda em prantos, em clamores, e gritos ao Céu: correndo pelas ruas, pelas praças, e pelas casas o sangue dos filhos entre as lágrimas das mães. Grande desgraça! Aonde está aquela paz, que os Anjos há dois anos publicaram nesta mesma Cidade? Aonde está? Neste mundo, aonde não há paz tão diuturna sem desgraça alguma grande, que a persiga. Por mais Anjos que sejam os que a publicam: por mais inocentes, que estejam os que a logram: há de sobrevir algum sucesso notavelmente funesto, que a descomponha: se não for no primeiro, há de ser no segundo ano.

15 — E que uma Cidade não pudesse passar dois anos no sossego, e quietação da sua paz: e que uma Monarquia inteira, que se compõe de tanto número de Reinos divididos por todo o mundo, pudesse passar tantos anos, como se tivesse passaporte da desgraça, para não ser a sua paz combatida de algum penetrante golpe! Venturosa paz, e mil vezes venturoso o Rei, que a subscreveu, e sustentou!

16 — O que mais admira, é, que durasse o sossego, e quietação desta paz, ainda naqueles anos, em que ardiavam em guerra todos os mais Reinos, e nações de Europa. Tudo eram conflitos, tudo estragos, tudo estrondos militares, por mar, e por terra: e Portugal em paz, quieto, e sossegado: o seu comércio livre, e desimpedido: as suas frotas indo, e voltando sem opposição: os seus portos francos, entrando, e saindo no mesmo tempo navios daquelas mesmas nações, que eram entre si contrárias. Pode haver maior felicidade?

17 — Diz São João, que neste mundo há de haver um Reino, no qual há de durar a paz com sossego, e quietação por espaço de mil anos: **Regnabunt cum illo mille annis.** (15) Grande felicidade! Mas isto se entende, estando entretanto o Diabo preso: **Apprehendit draconem, qui est Diabolus, et ligavit eum per annos mille.** (16) Agora digo assim: Se é tão grande felicidade, haver paz num Reino

(14) Luc., 2, 14.

(15) Apoc., 20, 6.

(16) Ibid., 2.

com sossego, e quietação, no mesmo tempo, em que o Diabo motor das guerras, e das desgraças está preso: que felicidade será durar num Reino com sossego, e quietação, no mesmo tempo, em que ferviam as guerras acesas, as desgraças contínuas, e o **Diabo solto**? Se naqueles mil anos, que há de durar a paz naquele Reino, andasse o Diabo solto por um ano: que seria? Eu não sei o que seria: o que sei, é, que muitos anos em Portugal ainda assim durou a paz. Grande Rei, que assim soube conservar o seu Reino em tão admirável paz, com tanto sossego e quietação, tantos anos, e em tão arriscados tempos! Uma, e muitas vezes devemos eternizar a sua memória com repetidos elogios, dizendo, que este Rei foi a coroa do nosso Reino, coroa de nossas glórias, e felicidades. **Corona capitis nostri: Corona gloriæ, diadema regni.**

§. IV.

18 — Mas todavia não foi o nosso Rei tão pacífico, que não chegasse também a rompimentos de guerra, quando assim o requeriam a circunstância do tempo, e a justificação da causa. Verificou-se nele aquela admirável concórdia entre a paz, e a justiça: **Iustitia, et pax osculatae sunt.** (17) Amava muito a paz: mas não se esquecia das armas da justiça, que são balança, e espada: balança, para justificar a causa; espada, para empreender a guerra: justificou a guerra e desembainhou a espada. O ponto está, se foi tão feliz o seu governo no tempo da guerra, como no tempo da paz: quem o duvida?

19 — Que maior felicidade, do que acertar o nosso Rei no partido, que seguiu? Como me não posso explicar muito, quero valer-me de um successo antigo. Uma das guerras mais cruéis, e porfiadas, que houve nos tempos antigos, foi entre dois acérrimos competidores, Nabucodonosor Rei dos Balbilônios, e Faraó Necau (18) Rei dos Egípcios. Deliberou-se Josias (19) a seguir o partido de Nabucodonosor: podia ser a causa, impedir, que não passasse (como de necessidade havia de passar) pelas suas terras o exército de Necau; porque as havia de deixar assoladas, e destruídas. Que causa mais justificada? Com ser isto assim, não acertou Josias; porque logo na primeira batalha ficou morto, roto, e desbaratado todo o seu exército. Sucedeu depois no governo Joaquim, e variou de sistema, pondo-se da parte de Faraó Necau: (20) podia ser a causa, querer assegurar-se, vendo, que inclinava para aquela parte todo o peso da fortuna. Que

(17) **Psal.**, 84, 11.

(18) **IV Reg.**, 22, 29.

(19) **II Paral.**, 35, 22.

(20) **IV Reg.**, 23, 24.

causa mais precisa? Contudo, não acertou Joaquim; porque veio contra ele Nabucodonosor, (21) e o derrotou, e destruiu de sorte, que nunca mais levantou cabeça o Reino de Israel. Valha-me Deus! Nenhum dos dois acertou, nem Josias, nem Joaquim? Nenhum dos dois: porque em semelhantes casos, ainda que a causa seja mui justificada, não é fácil o acertar. Não duvido, que a resolução de um, e outro Rei fosse bem discutida, e ponderada nos conselhos de Ministros escolhidos, e experimentados: seriam sem número as conferências, as consultas, e os arbítrios; nada foi bastante, para que o último assento, que se tomou, fosse acertado. E a razão é: porque o entendimento humano, por mais profundo que seja, não adivinha os futuros, nem pode prevenir a viravolta dos casos, que estão ainda ocultos, e encobertos na contingência dos tempos.

20 — Felicíssimo Rei, que assim soube acertar no partido, que seguiu, como se adivinhasse! Mas donde se infere a felicidade deste acerto, se as guerras continuam? Discorra cada um consigo, combine as causas, e os efeitos; e logo verá o muito, e o quanto se pode inferir. O que eu posso fazer, é, sair com duas figuras, quer representem o que passou, vivendo ainda o nosso Rei.

21 — Saíram a desafio Davi, e o Filisteu: Davi, (22) pequeno de corpo, mas fortíssimo de braço, eis aqui Portugal: o Filisteu, de vastos, e agigantados membros; eis aqui Espanha. Obrou maravilhas no conflito Davi com a funda, e com a espada: com armas ao perto, com armas ao longe. Obrou proezas Portugal com armas ao perto, nas suas fronteiras; com armas ao longe, no mais interior de Espanha: ao perto, rendendo, e sujeitando Praças; ao longe, fazendo-se temido, e respeitado em tão remotos Países; obedecidas as suas ordens, defendidos os que se rênderam, castigados os que resistiram, ou se rebelaram. Davi sem errar a pontaria, pregou a pedra na testa do Gigante: na testa de Espanha, na mesma Corte de Madri imprimiu a pedra de Portugal o seu impulso, aclamando, e fazendo aclamar por legítimo Rei a Carlos Terceiro: e o que é mais, (quem tal cuidara?) um Rei de Portugal na mesma Corte de Madri foi publicamente proclamado Protetor de Espanha. Quem não pasma das voltas, que dá o mundo na roda dos tempos? Se os Portugueses em outro tempo, que eu sei, ouvissem contar todos estes sucessos, como profecias; haviam de dizer, que eram sonho, ou fantasia. Porém os Portugueses deste tempo, que os ouviram, e celebraram, bem podem dizer o que dizia Davi falando literalmente da pedra, que pregou na testa do Gigante: **In petra exaltauit me: (23)** Por meio de uma pedra, ou por

(21) IV Reg., 24, 1.

(22) I Reg., 17.

(23) Psalmo, 26, 6.

meio de um Pedro logramos as maiores exaltações. Esta pedra, ou este Pedro foi a coroa do nosso Reino, coroa de nossas glórias, e felicidades: **Corona capitis nostri: Corona gloriae, diadema regni.**

§. V.

22 — Entre todas estas felicidades não avulta menos a sucessão, que o nosso Rei amantíssimo sempre do seu Reino lhe deixou, como herança depois de sua morte. Sucessão num Reino, grande felicidade! Só aquele Reino, que padece a sua falta, conhece bem a sua importância. Quem quiser medir a sua grandeza, pondere a causa das turbulências, e tempestades, que se levantaram, e ainda continuam, cada vez mais implacáveis, por quase toda Europa. No teatro da Natureza se representa todas as noites uma cena de confusões, por não haver depois de um Sol posto sucessão imediata de outro Sol nascido.

23 — Põe-se o Sol, segue-se a noite: a Lua, talvez minguate, quer que lhe compita o presidir: os Planetas vagos variam a cada passo seus errantes movimentos, uns para o Trópico do Norte, outros para o Trópico do Sul: uns firmes, e estacionários; outros inconsistentes, e retrógrados. As Estrelas mais pequenas, divididas como parciais em várias constelações, não sossegam, já subindo, já descendo: todas com tanta variedade de formas, e figuras, quantas na Esfera souberam fingir as fábulas. Os Céus entretanto numa roda viva dando voltas; o Ar entre nuvens; a Terra entre sombras; tudo revolto, influido tudo tristezas, e melancolias. Os que então querem viver, deixam-se estar dormindo quietos no seu retiro. Que é isto? Que confusão é esta? São conseqüências de um Sol posto, sem sucessão imediata de outro Sol nascido.

24 — Oh que grande felicidade foi a nossa! Livrou-nos Deus de um mal tão grande: sem que se interpusse noite alguma, depois de um Sol posto, logramos imediatamente outro Sol nascido. Aconteceu em Portugal ao pé da letra o que diz aquele texto: **Factum est uespere, et mane, dies unus:** (24) de uma tarde, e de uma manhã se compôs um dia. Repararam aqui todos, como podia ser no mesmo dia, primeiro a tarde, e depois a manhã. Viu-se o caso em Portugal. Depois da tarde de um Sol posto, sucedeu imediatamente a manhã de outro Sol posto, sucedeu imediatamente a manhã de outro Sol nascido: depois de um Rei morto, um Rei vivo e tudo foi no mesmo, e num só dia: **Vespere, et mane, dies unus.** Esta foi a felicidade, que o nosso Rei, ainda depois de morto benéfico, deixou ao seu Reino.

25 — Mas não seria digna de tão grande estimação, se não viesse acompanhada com outra, de que também depende a conservação

de uma Monarquia. Que aproveita sucessão, se o sucessor não é qual deve ser? Se o sucessor de um Titã for algum Faetonte; que será do triste Reino com tal sucessor? Oh quão grande é a proteção, e providência, com que Deus favorece ao Reino de Portugal! Logramos uma, e outra felicidade: sucessão, e tão grande Sucessor, qual é o muito alto, e muito poderoso Rei, e Senhor Nosso Dom João V, a quem desde o novo mundo consagramos nas aras da fidelidade o aplauso das nossas aclamações com repetidos vivas envoltos no afeto daquelas vozes: **De nostris annis.** Este é o grande Sucessor.

26 — O Eclesiástico parece, que o descreve, dizendo assim: **Mortuus est pater eius, et quasi non est mortuus: similem enim reliquit sibi post se.** (25) Diz, que morrera um pai, e quase não morrera; porque deixara por sucessor de sua casa a um filho semelhante a si. Em que consistiu esta semelhança? Consistiu, diz o mesmo texto, no talento, e juízo, que mostrava o sucessor para defender a sua casa, conservando-se na liga de amigos contra inimigos, como no tempo de seu pai: **Reliquit enim defensorem domus contra inimicos, et amicis redentem gratiam.** (26) Por isso o Pai morreu, e quase não morreu; morreu; porque acabou a vida: **Mortuus est pater eius:** quase não morreu; porque continuaram no tempo do sucessor as mesmas felicidades, a mesma liga, e o mesmo governo, como se o pai não morrera: **Quasi non est mortuus.** Venturosa casa com tão grande sucessor!

27 — Muito mais venturoso o nosso Reino; porque não só logramos um Sucessor semelhante a seu Pai no juízo, e talento, que mostra, para defender o Reino, para conservar as alianças, para continuar o progresso das nossas felicidades; porém muito mais que semelhante, no prognóstico das nossas esperanças. Assim o prometem os seus heróicos ditames, e as suas insígnies prendas, quantas admira o mundo, e apregoa a fama. Assim o deseja, e roga a Deus com instância o Reino todo, applicando ao nosso Rei morto aquele euges, e gratulações, que outro Reino com outro igual sucessor dedicou a um Rei ainda vivo: **Magnificet Deus thronum eius super thronum tuum:** (27) Engrandeça Deus o trono de teu sucessor sobre o teu trono. Esta é a maior felicidade que pode desejar um Reino: que o seu Rei lhe deixe um sucessor mais que semelhante a si: que seja muito mais feliz o seu governo, muito mais amplificado o seu Império, muito mais avultado o seu trono. Clamem pois de uma parte as

(24) Gen., 1.

(25) Eccl., 30, 4.

(26) Ibid., 5.

(27) III Reg., 2, 47.

nossas esperanças, dizendo: **Thronum eius super thronum tuum.** Clamem pela outra parte as vozes do nosso agradecimento, reconhecendo, que um Rei, que nos deixou tão grande Sucessor, foi a coroa do nosso Reino, a coroa das nossas glórias, e felicidades: **Corona capitibus nostri: Corona gloriae, diadema regni.**

§. VI.

28 — Tudo quanto até agora ponderei, são motivos, que exasperam fortemente nossa dor. Caiu esta coroa: **Cecidit corona:** caiu aquele Rei, que coroou com tantas glórias, e felicidades ao seu Reino. Oh justíssima razão para um profundo sentimento! O mesmo Profeta, que lamentou a coroa caída, o advertiu em outro lugar, dizendo assim: **Humiliamini, sedete:** (28) Humilhai-vos, assentai-vos. Quer dizer: Entristecei-vos muito de assento, e de espaço. **Quoniam descendit de capite uestro corona gloriae uestrae:** (29) porque caiu de vosso Reino a coroa de vossas glórias. Agora lembra as glórias, quando persuade as tristezas? Sim: porque fica mais sensível o golpe das tristezas com a lembrança das glórias. Cair na sepultura um Rei, que coroou com tantas glórias, e felicidades ao nosso Reino; efficacíssima razão, para que sejam as nossas mágoas muito de espaço, e de assento: **Humiliamini, sedete.**

29 — Poderá ter alguma consolação a nossa dor? Variemos de coroa: pode ser, que redobre o alívio com maior excesso sobre a intenção do pesar. Dizia eu ao princípio: (e tenho entrado na segunda parte do Sermão) dizia eu ao princípio, que o nosso Rei também teve a sua coroa: **Corona capitibus nostri:** coroa do nosso Rei: e que era coroa de virtudes a sua preciosa: **Coronam de lapide pretioso, uirtutibus ornato.**

30 — E que virtudes? Louvem outros a sua justiça, espaçoso campo para um largo panegírico: engrandecam a retidão, com que distribuía os prêmios, cortando pelos afetos, e razões particulares, por não faltar ao requerimento dos beneméritos. Louvem outros a sua prudência, discorrendo amplamente sobre a madureza, com que ponderava os negócios uma, e outra vez, a fim de assegurar o acerto da resolução. Louvem outros a sua clemência, espaiando-se num mar de exemplos: ou da benignidade, com que ouvia a seus Vassallos a qualquer dia, e a qualquer tempo por horas mui prolongadas, ainda incômodas: ou do seu gênio naturalmente compassivo, com que desejava remediar a todos, de tal modo, que ninguém se apartou de seus pés desconsolado: ou da misericórdia, com que temperava os rigores

(28) Ierem., 13, 18.

(29) Ibid.

da justiça, imitando a Deus, que mais vezes usa do perdão, que do castigo.

31 — Estas três virtudes, Clemência, Prudência, e Justiça, bastam para coroar a um grande Rei; mas não bastam para coroar a um grande Rei de Portugal! Há de ter um Rei de Portugal outras três virtudes anexas à instituição do seu Reino, e por isso próprias, e genuínas da sua coroa. Quais são?

§. VII.

32 — A primeira é um veemente estímulo de guerra contra Infiéis. Quando o nosso primeiro Rei estava para dar batalha aos Infiéis, então lhe apareceu o Senhor, e instituiu nele o Reinado de Portugal. A circunstância do tempo, em que foi instituído este Reinado, e a excelência do motivo, que foi causa daquela guerra, excitaram sempre ponderosa reflexão nos sucessores daquele primeiro Rei, derivando-se neles, como esplendor do sangue, um belicoso, e generoso espírito contra os Infiéis. Se me perguntam, que virtude é esta; respondo, que é uma espécie de Religião, a qual abomina, e detesta (quanto pode) toda a impiedade, que lhe contraria. Irmanasse muito com Príncipes Heróis: supõem fé viva num grande coração.

33 — Nesta virtude se assinalou o nosso heróico Rei, fazendo guerra aos Infiéis em todas as quatro partes do mundo. Contra os Infiéis na Europa, quando no século passado se abrazava em guerras o Danúbio: o que não obrou com a espada, porque o não permite a distância; supriu com o ouro, e com a prata, que são as mais prontas oficinas do ferro.

34 — Contra os Infiéis na África, quando os Mouros combatiam Ceita, ele a socorreu com gente, armas, e munições, avivando com a vista dos presentes a memória dos antigos Portugueses, que à custa do seu sangue conquistaram, e defenderam tantos anos aquela garganta do Mediterrâneo. Também no cerco de Orão acudiu aos Cristãos com duas Armadas; uma das quais, apesar não só dos Mouros, mas também dos ventos, e dos mares, introduziu na Praça o socorro, que levava.

35 — Contra os Infiéis na América; que por tais merecem ser avaliados, os que serviram tantos anos de escândalo ao Brasil todo pelas impiedades, e tiranias, com que o infestaram em tão excessivo número, que subiram de Gênova de Bárbaros a Reino dos Palmares, como se fosse transplantado no coração da América o sertão da África. Contra estes mandou el-Rei formar algumas tropas; as quais depois de vários encontros, e resistências, finalmente os debelaram, e extinguiram.

36 — Contra os Infiéis na Ásia, ou na defesa de Goa tantas vezes ameaçada, e ainda posta em cerco pelo rebelde Sobagi; ficando este sempre rebatido nos conflitos, humilhada a sua soberba, e o seu campo derrotado: ou contra o perverso Árábio, embaraçando-lhe o comércio, e destroçando-lhe os baixéis nos seus mesmos mares. Apoderou-se o Maometano da Fortaleza de Mombaça (mais célebre pelo nome, do que pela fortificação) com sucesso inglório, porque não havia nela presidio de Portuguezes: que diligências não fez el-Rei para a restaurar? Acudiu Goa com Armada, com socorros Lisboa, com socorro a Baía. Não se restaurou; mas não foi o Bárbaro o que o impediu, não foi o seu poder, não foram as suas armas: juízos de Deus occultos o impediram.

37 — Frustrou-se a empresa, mas não se frustrou a coroa, que o nosso claríssimo Rei mereceu, e conseguiu pelo fervor, e espírito, com que procurou sempre pelas vias, que lhe eram possíveis, fazer guerra aos Infiéis. Esta virtude bastava para o coroar.

38 — Chama Deus a uma alma para ser coroada, e lhe diz, que venha o monte Líbano, do monte Amana, dos montes Sanir, e Hermon, das covas dos leões, e dos montes dos leopardos: **Veni de Líbano, veni: coronaberis de capite Amana, de uertice Sanir, et Hermon, de cubilibus leonum, de montibus pardorum.** (30) Dá motivo para reparar, um texto de São Paulo: **Non coronatur, nisi legitime certauerit:** (31) Ninguém há de ser coroado, senão quem pelear valorosamente. Contra quem havia de pelear aquela alma, para merecer, e conseguir a coroa? É próprio dos Cantares o sentido místico. Aqueles ásperos, e despenhados montes, silvestre habitação de brutos: **De cubilibus leonum, de montibus pardorum:** eram significação (como dizem comumente os Expositores) das terras, e regiões, em que os Infiéis habitam, pelas asperezas, e precipícios do seu inculto, e vasto barbarismo. Aqui tinha aquela alma contra quem pelear: podia pelear contra os Infiéis. E de que modo? Daquele modo, que pode pelear uma alma, ou um espírito fervoroso em obséquio da Fé, e da Religião: armando-se a si, e armando também a muitos de um forte impulso contra os ímpios, que lhe são adversos. Assim está escrito no Livro da Sabedoria: **Accipiet armaturam zelus illius, et armabit creaturam ad ultionem inimicorum: pugnabit cum illo orbis terrarum contra insensatos.** (32) Assim, podia pelear aquela alma, para merecer, e conseguir a coroa: **Veni, coronaberis.**

39 — Tal foi a coroa do nosso esclarecido Rei. Anelou sempre o seu espírito a fazer guerra aos Infiéis, já no Líbano da Europa,

(30) Cant., 4, 8.

(31) II ad Tim., 2,5.

já no Amana da América, já no Sanir, e Hermon da Ásia, já nas covas dos leões, e nos montes dos leopardos da África: que se havia de seguir, senão ficar gloriosamente coroado? Por ser a virtude, que o coroou, tão guerreira; com coroa de raios. Esta podia ser a sua preciosa: **Corona capitis nostri: coronam de lapide pretioso, uirtutibus ornato.**

§. VIII.

40 — A segunda virtude própria de um Rei de Portugal, é o zelo das Missões. Quando Cristo Senhor Nosso instituiu o Reinado de Portugal, aparecendo ao nosso primeiro Rei, lhe disse assim: (são palavras escritas em Latim no testemunho autêntico do caso, como referem as nossas Crônicas) **Volo in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire:** (33) Quero em ti, e em teus sucessores estabelecer um Império para mim. Advirtam. O Reino de Portugal não é tanto para os Reis dele, como para o mesmo Cristo, que o instituiu para si: **Imperium mihi.** E de que modo? O mesmo Cristo o declarou: **Ut deferatur nomen meum in exteris gentes:** (34) Para que por meio dos Reis deste Reino seja o meu nome publicado entre gentes estranhas. Nesta publicação do nome de Cristo entre gentes estranhas, e remotas consiste o Império para Cristo, conforme aquele texto: **Dabo tibi gentes haereditatem tuam.** (35) Eis aqui como é próprio de um Rei de Portugal o zelo das Missões, com encargo hereditário; porque para o fim das Missões foi o seu Reino instituído. Esta é a sua primeira, e principal obrigação: dilatar, e amplificar o nome de Cristo por todo o mundo: **Ut deferatur nomen meum in exteris gentes.**

41 — Não digo, que o nosso singularíssimo Rei excedeu no zelo das Missões a todos os mais Reis seus antecessores: mas digo, que nenhum dos Reis seus antecessores o excedeu. O Rei, que celebra a Escritura por insigne desta virtude, foi Josafá, o qual no terceiro ano do seu Reinado se mostrou notavelmente solícito em mandar Missionários pelas terras, e Cidades de Judéia: **Tertio anno regni sui missit Leuitas, et Sacerdotes: docebantque populum in Iuda, habentes librum legis Domini, et circuibant cunctas urbes Iuda, atque erudiebant populum.** (36) Não posso fazer comparação igual entre este Rei, e o nosso Rei.

(32) Ap. 5, 18 et 21.

(33) *Monarc. Lusit.*, 3 pl 10, cap. 5.

(34) *Ibid.*

(35) *Psalmo*, 2, 5

(36) *II Paral.*, 277, 8 et 9.

42 — Este Rei tratou de Missões no terceiro ano do seu governo. O nosso Rei em trinta e oito anos, que governou, sempre atendeu ao progresso das Missões, com tão cuidadoso, e vigilante zelo num ano, como no outro. Aquele Rei contentou-se com mandar Missionários pelas terras, e Cidades de um só Reinado. O zelo do nosso Rei não se restringiu a tão pequenos limites: dilatava-se amplamente pelas terras, e regiões, que estão debaixo de um, e outro hemisfério. Missionários para o Brasil, Missionários para Angola, Missionários para São Tomé, para Cabo Verde, para a Índia, para o Malabar, para a China: media-se o seu zelo pelas medidas do Mundo. Aquele Rei no seu ano de Missões mandou dezesseis Missionários, aos quais todos individua a Escritura por seus nomes, eternizados num, e outro livro: no livro da vida, que há na terra; e no livro da vida, que há no Céu, como supomos. Não sabemos, que obrasse mais este Rei: porém sabemos, que o nosso Rei obrou muito mais.

43 — Quão grande é, e tem sido o número dos seus Missionários! Para aumentar este número, determinou rendas, e consignações com larga mão, como quem armava ao maior de tantas almas, que entesourava no Céu. Instituiu a Junta das Missões, nomeando por substitutos, e coadjutores do seu zelo pessoas de autoridade, que atendessem a promovê-las com especial ponderação. Foi advertência de muitos, que abraçava el-Rei com sumo agrado todos os conformes, e resoluções deste congresso, espertando a execução com singular empenho. Como se não bastasse haver Junta de Missões em Lisboa, ordenou, que a houvesse também nas Cidades principais ultramarinas, para que mais ao perto se examinassem os meios oportunos para tão alto fim. Sobre Missões eram freqüentes as cartas, que fazia escrever aos Bispos, e Governadores, e aos Prelados das Religiões, com termos tão encarecidos, que bem mostrava ser este um dos maiores empregos do seu cuidado. Despediam-se dele os Missionários, que partiam de Lisboa; e pasmavam da eficácia, com que discorria pelas razões, e motivos, que os podiam afervorar no exercício das Missões. Liam-se muitas vezes em sua presença, como lição espiritual, as cartas dos seus Missionários: e alguma vez aconteceu, que as ouviu ler, saindo-lhe pelos olhos desfeito em lágrimas o zelo do coração.

44 — Oh Rei incomparável! Oh espírito verdadeiramente de um Rei Português! Essas lágrimas, em que brotou o teu ardente zelo, eram as mais ricas pérolas do teu tesouro. Grande foi o teu poder, grande a soberania, com que reinastes numa Corte de tão grande opulência, num Trono de tão grande Majestade, num Palácio, aonde assistiam, e serviam tantos Grandes: mais que tudo, e sobre tudo avultou este teu zelo.

45 — Lá diz um verso do Salmo, que houve um Rei em Jerusalém constituído Rei sobre o monte Sião: **Constitutus sum rex super montem Sion.** (37) Jerusalém está situada numa como ladeira larga, e espaçosa, que sobe para o mesmo monte, que por ser altíssimo, com razão se pode chamar o Olimpo da Palestina. O que admira, é, que não fosse este Rei constituído Rei na sua Cidade, aonde tinha a sua Corte, o seu Trono, e o seu Palácio. No cume de um monte? Sim. Era Rei, que tinha tomado por primeira máxima zelar as Missões, promulgando a lei de Deus por todo o mundo: **Super montem Sion praedicans praeceptum eius hoc est, legem Dei:** (38) expõe Lorino: e acrescenta: **Per omnes gentes, per uniuersum orbem.** (39) Zelar Missões um Rei, tão alta, e soberana empresa; que tudo o mais lhe fica muito abaixo: Cidades, Tronos, Palácios, tudo lhe fica ao pé do monte: o zelo das Missões no cume, sobre tudo, e mais que tudo: **Super montem Sion praedicans legem Dei per omnes gentes, per uniuersum orbem.**

46 — Assim avultou no nosso Rei, mais que tudo, e sobre tudo o mais, o seu zelo de Missões: avultou sobre o cume de todas as suas grandezas: tão alto subiu, que o coroou. Com que coroa? Com aquela coroa, a que aludiu São Paulo, quando disse, falando com os seus convertidos: **Vos estis corona mea:** Vós sois a minha coroa. Podia o nosso zelosíssimo Rei lançar os olhos por todo esse mundo, desde o Tejo até muito além do Ganges; e contemplando um número sem número de almas convertidas por meio dos seus Missionários, podia dizer: **Vos estis corona mea:** (40) Vós sois a minha coroa. Com esta coroa o coroou o seu zelo de Missões: por ser coroa ilustrada com o lume da Fé, foi coroa de resplendores: esta podia ser a sua preciosa: **Corona capitis nostri: coronam de lapide pretioso, uirtutibus ornato.**

§. IX.

47 — A terceira virtude especialmente apropriada a um Rei de Portugal, é a piedade Cristã. Quem considerar atentamente a instituição do Reino de Portugal, achará, que tudo quanto nela interveio, foram símbolos, e representações desta virtude. Pintemos num quadro o nosso primeiro Rei posto de joelhos, todo enlevado, com os olhos fixos num Cristo crucificado. Devotíssima idéia! Saíram da boca do mesmo Senhor aquelas divinas palavras: **Agnos-**

(37) **Psalmo, 2, 5.**

(38) **Ibid.**

(39) **Lor., ibid.**

(40) **Ad Phil., 41.**

cant successores tui datorem regni: (41) Reconheçam os teus sucessores a quem lhes deu este Reino. Afetuosa recomendação! Assistiram de uma, e outra parte inumeráveis Anjos: **Ex una, et altera parte multitudo iuuenum candidissimorum, quos Sanctos Angelos fuisse credo.** (42) Entre os quais avultará um Anjo de superior hierarquia, Anjo da guarda do Reino, o qual estará sustentando as insígnias do mesmo Reino, dispostas, e ordenadas pelo mesmo Senhor crucificado, todas expressivas da devoção, e piedade portuguesa. Cinco escudos dentro de um escudo: **Propter Crucem, et quinque uulnera:** (43) em memória da Cruz, e das Cinco Chagas. Dentro de cada um dos escudos as trinta moedas, que foram o preço da nossa redenção. **Ex pretio, quo humanum genus emi.** (44) Sobre todas estas insígnias a Serpente de bronze: **Oh figuram Christi:** (45) por ser figura de Cristo. Vejam, que divisas tão pias, e tão devotas! No mesmo quadro, de uma, e outra parte, grande multidão de Portugueses armados, acompanhando a seu Rei, todos de joelhos, ouvindo o que o mesmo Senhor lhes diz: **Regnum mihi sanctificatum, fide purum, pietate dilectum:** Este é o Reino santificado, puro na Fé, amado por sua piedade. Eis aqui a pintura da instituição do Reino: a qual toda, e em tudo respira piedade Cristã.

48 — O nosso Augustíssimo Rei a apropriou tanto a si; que bem merece a insigne nomenclatura de Pio, com que geralmente o aclamam todos. Esta é a maior aclamação, que pode conseguir um Rei: vem a lograr um Rei da terra por atribuição aquele título, que só compete, como diz um texto, ao Rei do Céu por atributo: **Solus pius es.** (46) Advertência, que fez ao Imperador Honório o seu panegirista, ainda como político, encomendando-lhe muito, que aspirasse no seu governo em primeiro lugar ao título de Pio: **Sis pius in primis.** (47) Para um Rei merecer este título com verdade, são muitas as virtudes, que deve exercitar: as quais por serem subalternadas à piedade, bem se podem chamar piedades, como diz o Sábio: **Quorum pietates non defuerunt.** (48) Deve ser mui obediente à Sé Apostólica, bem afeito ao estado Eclesiástico, propenso às Religiões, amigo dos virtuosos. Deve esmerar-se no culto divino, na devoção ao Santíssimo Sacramento, à Virgem Santíssima, e aos Santos, particularmente aos escolhidos por especiais intercessores, e advogados. Deve

(41) **Monac Lusit.**

(42) **Ibid.**

(43) **Ibid.**

(44) **Ibid.**

(45) **Ibid.**

(46) **Apoc., 25, 4.**

(47) **Cland., de Consul., 4.**

(48) **Eccles., 44, 10.**

frequentar os Sacramentos, assistir com pontualidade aos Offícios divinos, e sujeitar-se também aos rigores da penitência. Todas estas virtudes deve exercitar um Rei, para merecer sem dependências da lisonja o venerando apelido de Pio. De todas deu ao mundo singulares demonstrações o nosso piíssimo Rei.

49 — À Sé Apostólica quão sujeito, o rendido! Necessário foi algumas vezes alegar o seu direito: mas com quanta subordinação àquele supremo arbítrio? Obedientíssimo sempre, como Rei de Portugal, a tudo se acomodou, prezando-se mais de filho da Igreja, que de Rei. Ao estado Eclesiástico com quantas mostras, não só de benevolência, mas ainda de reverência o tratou, e respeitou! Não queria, que os Príncipes dessem a mão a beijar aos que tomam a Deus nas mãos: nem tinha por desdouro da Majestade, olhando para eles, abaixar-lhes a cabeça, venerando nas figuras de Cristo ao figurado.

50 — Que direi da inclinação, e afeto, que teve às Religiões, não só favorecendo-as com dádivas, e provisões amplíssimas, mas ainda promovendo (quanto cabe na Real esfera) o seu aumento, quietação, e observância? Especialmente amava aos Religiosos de conhecida virtude: tratava-os familiarmente, dizendo-lhes, que era amigo seu: como quem sabia, que não perde um Rei o soberano, sendo amigo dos virtuosos. Geralmente não havia para ele maior valia, nem motivo mais preponderante, do que a virtude: lançava logo as suas linhas para qualquer externa superfície, que de algum modo se conformava com o centro da sua piedade.

51 — No culto divino quanto se esmerou! Os Templos, e os Altares declamaram sempre os encômios da sua devoção inseparavelmente unida com a sua magnificência. Ao Santíssimo Sacramento quão estranhável foi a sua veneração! Inumeráveis vezes no dia o visitava; despertando-o para repetir a cada passo estas visitas a Fé, que tinha mui viva, de tão alto mistério. Todas as vezes, que no despacho se nomeava o Santíssimo Sacramento, pronunciava logo em voz clara, e muito devagar: **Louvido seja o Santíssimo Sacramento:** e o mais, que se vai seguindo; ficando tudo em suspensão, enquanto aquele peito desafogava o fervor, que nele se acendera.

52 — Não foi menos cordial a sua devoção à Virgem Santíssima. Todos os Sábados visitava uma Ermida da mesma Senhora com o título das Necessidades, distante uma légua de Lisboa, enriquecendo-a com grandiosas ofertas. A maior de todas era o seu coração.

53 — No obséquio dos seus Santos quão cuidadoso, e diligente! Ao Patriarca São Francisco tributava singularíssimo afeto: entrou por seu Irmão Terceiro, e então mostrou ser em tudo primeiro que

todos, tanto na edificação, como na Pessoa. Na translação da Rainha Santa quão empenhado, e solícito! Mandou fabricar uma Capela com esplendidíssima suntuosidade, para depositar nela o bendito Corpo: e dispôs uma tão solene, e majestosa pompa, qual por ventura Coimbra mudada então em Lisboa nunca viu maior. Em honra dos seus Santos, não sabia reparar em gastos o seu igualmente pio, e generoso ânimo.

54 — Quanto à freqüência dos Sacramentos: não faltava, como Grão Mestre da Ordem de Cristo, à obrigação de se confessar, e comungar, além de outras muitas vezes, nas quatro festas do ano. Grande Mestre; porque ensinava com o seu exemplo: grande Rei; porque sabia ser na Ordem de Cristo grande Mestre. Quando se confessava, como era de coração brando, e timorato, facilmente rompia em lágrimas. Oh espetáculo digno de que lhe sirva o mesmo Céu de Teatro! Um Rei chorando as suas culpas, posto de joelhos aos pés de um Confessor.

55 — Em assistir aos Offícios divinos quão pontual! Ouvia Missa todos os dias com tanta decência, composição, e modéstia; que bastava a sua presença, para infundir devoção. Trinta e seis Missas mandava dizer todos os dias por sua intenção: tão devoto era deste sacrossanto Sacrifício. Em ouvir Sermões quão atento, e reflexivo! Gostava da palavra de Deus; porque sempre teve propensão aos gostos da alma, nem havia para ele conversação mais gostosa, do que sobre matérias espirituais. Oh como parece bem um Rei temporal, e espiritual juntamente! Este é o Rei verdadeiramente feliz; porque atende a conseguir um Reino depois do outro: depois de um Reino temporal, outro eterno.

56 — No exercício da penitência, sendo Rei de tanto mundo, foi tirano de si mesmo. Oh que confusão para aqueles, que estão tão longe de serem Reis, como de serem penitentes! Nos últimos anos de sua vida, um ano inteiro dormiu sobre uma táboa. Duro suplício, penar nas mesmas horas do descanso, descansar no mesmo lugar do tormento: Serviu de intercessora uma doença grave, que impediu a continuação do castigo, que ele contra si mesmo fulminou. Havia muitos anos, que jejuava todas as sextas, e sábados com tal rigor, que nunca quis, ainda com justa causa, dispensar-se para comer carne. Todas as sextas-feiras da Quaresma jejuava a pão, e água: todas as quartas, sextas, e sábados tomava rigorosas disciplinas, e cilícios. Uma táboa por cama; jejuns a pão, e água; disciplinas, e cilícios: que mais faz um Eremita no seu deserto? Isto fez um Rei no seu Palácio. Oh que grande maravilha!

57 — Vejam agora, com quanta razão o engrandece o mundo com o título de Pio. O mundo lhe tem dado o melhor título: e sua

piedade lhe deu a melhor coroa. Que melhor coroa, que cada uma das virtudes, que como Rei tão pio exercitou? Aquele coroado tão aplaudido no Apocalipse, bem mostrava ser figura de um Rei pio, pelas muitas, e singulares virtudes, que nele resplandeciam. Mas é digno de reparo, que o visse São João coroado com muitas coroas: **In capite eius diademata multa.** (49) Para que tantas coroas? Não bastava uma só? Não podiam deixar de ser muitas as coroas neste Rei, sendo tantas as virtudes, com que o illustrava a sua piedade: em cada uma das virtudes conseguia uma coroa. **In singulis uirtutibus coronam accipit:** (50) disse São Jerônimo. Assim foi o nosso Rei coroado: não quis uma coroa, e coroou-se com muitas: a sua piedade lhe fabricou num complexo de virtudes um agregado de coroas: cada uma delas podia ser a sua preciosa: **Corona capitis nostri: coronam de lapide pretioso, uirtutibus ornato.**

§. X.

58 — Caiu esta coroa: **Cecidit corona.** Como caiu? Vejamos primeiro, como foi a caída do seu coroado. Logo nos primeiros assaltos da doença se dispôs para uma Confissão geral, que fez com muita devoção, com muitas lágrimas, com todos aqueles sinais exteriores, que costumam ser espelho de um coração contrito, e humilhado. Esta foi a sua primeira diligência; porque trazia diante dos olhos a sua alma primeiro que tudo. Reconciliou-se muitas vezes, repetindo em cada uma as mesmas demonstrações com tanta eficácia, quanta se pode imaginar de quem tinha tão bons hábitos, e conhecia, que aquelas eram as últimas horas de sua vida. Recebeu o Santíssimo Viático, e o Sacramento da Unção, com enternecidos afetos, com fervorosos atos de Fé, Esperança, e Caridade; com protestos firmes, de que morria como Cristão filho da Igreja. Assim disposto; depois de applicadas as Indulgências, depois de advertir, e recomendar o que convinha, ou como Rei, ou como Pai; com grande confiança na divina misericórdia; com grande conformidade, paz, e sossêgo; entre as suavíssimas invocações de Jesus, e Maria, entregou o espírito a seu Criador. Oh alma ditosa! Já sabes, quanto acertaste na coroa, que escolheste.

59 — Mas que importa? Veio finalmente a cair esta coroa! **Cecidit corona.** Não podia cair mal, caindo tão felizmente o seu coroado. Consolemo-nos; porque caiu na mão de Deus, e ficou inteira, como coroa de um Rei tão justo: **Iustus cum ceciderit, non collidetur:**

(49) Apoc., 19, 12.

(50) Sylv., in Apoc., c. 19, q. 36, n. 290.

quia Dominus supponit manum suam. (51) Caiu na mão de Deus para melhorar de esmaltes com novo resplendor, e formosura: **Diadema speciei de manu Domini.** (52) Caiu, para levantar de preço: caiu, para subir mais: era coroa de merecimentos, já é coroa de prêmios: era coroa de virtudes, já é coroa de glórias. Caiu em boas mãos, nas quais achou descritas as mesmas virtudes, de que se compunha: **In manibus meis descripsi te.** (53) Assim caiu esta coroa: **Cecidit corona.**

60 — Consolemo-nos; porque assim caiu também o seu coado. Caiu na terra, e refletiu para o Céu, onde tinha o seu centro. Caiu no ponto da reflexão; que é o fim da vida; e logo achou nele o seu descanso. Caiu da nossa vista; ficou na nossa lembrança, para nunca cair mais. Caiu no mar das nossas saudades, o qual nunca poderão esgotar nem os anos, nem os tempos, nem o esquecimento. Os mesmos mármorees da sepultura, em que caiu, serão monumentos perenes da sua imortal memória: as mesmas letras do seu nome caídas no seu epitáfio, serão caracteres inextinguíveis de sua plausível fama.

61 — E tu, ó Portugal, enquanto as águas do Oceano forem sulcadas pelos teus baixéis: enquanto um, e outro Sol alumiar as terras do teu Império: enquanto durar nos livros a glória, e lustre de tuas empresas; não deixarás de reconhecer, e apregoar, que tiveste neste Rei um grande Rei, coroa do teu Reino, coroa de tuas glórias, e felicidades: **Corona capitis nostri: Corona gloriae, diadema regni.** Não deixarás de aplaudir, e venerar a coroa de suas heróicas virtudes: **Corona capitis nostri: Coronam de lapide pretioso, uirtutibus ornato:** coroa preciosa nesta vida, mas preciosa na outra: **Quam mihi, et uobis, etc.**

Laus Deo.

(51) **Psal., 36, 24.**

(52) **Sap., 17.**

(53) **Isai., 49, 20.**

5. **DIÁRIO HISTÓRICO DAS CELEBRIDADES, QUE NA CIDADE DA BAHIA [...] PELOS FELICÍSSIMOS CASAMENTOS DOS SERENÍSSIMOS [...] PRÍNCIPES DE PORTUGAL, E CASTELA; [...] JOSÉ FERREIRA DE MATOS, 1729. (Ed. 1729.)**

DIÁRIO
HISTÓRICO

DAS CELEBRIDADES, QUE NA CIDADE DA BAHIA

se fizeram em ação de graças pelos felicíssimos
casamentos

**DOS SERENÍSSIMOS SENHORES PRÍNCIPES
DE
PORTUGAL, E CASTELA;**

DEDICADO

**AO ILUSTRÍSSIMO SENHOR ARCEBISPO DA BAHIA
DOM LUÍS**

**ÁLVARES DE FIGUEIREDO,
Metropolitano dos Estados do Brasil,
Angola, e São Tomé, do Conselho de
Sua Majestade, etc.**

Escrito

Pelo Licenciado

**JOSÉ FERREIRA DE MATOS,
Tesoureiro mor da mesma Sé
da Bahia.**

LISBOA OCIDENTAL:

Na officina de **MANOEL FERNANDES DA COSTA,**
Impressor do Santo Officio.

MDCCLXXIX

Com todas as licenças necessárias.

DEDICATÓRIA

ILUSTRÍSSIMO SENHOR

Logo que por Sua Majestade, que Deus guarde, me vi apresentado na dignidade de Tesoureiro mor da Sé Catedral desta Cidade da Bahia, não satisfeito com saber, como Sacerdote, que era, o muito, que devia procurar o asseio da Igreja: **Maxime Sacerdotibus hoc conuenit ornare Dei Templum decore congruo, ut etiam hoc cultu Dei Aula resplendeat**, escreveu Santo Ambrósio; procurei, a fim de saber as obrigações, que me acresciam com aquele honroso provimento, ler o Capítulo de Estatuto, em que se declaram as obrigações desta Dignidade; e com a competente lição dele cresceu em mim o desejo de Procurador de tão magnífico, e suntuoso Templo, a que serve de quotidiano despertador aquela letra de Davi, escrita no painel do teto desta Basílica do Salvador sobre a porta principal dela **Dilexi decorem domus tuae**.

Entrou Vossa Ilustríssima a visitar esta formosa Igreja, em que desempenhou a recomendação do Santo Concílio Tridentino Sess. vinte e um, cap. oito que diz: **Quaecumque in Diocesi ad Dei cultum spectant ab Ordinario diligenter curari, atque iis ubi oportuerit prouideri aequum est**. E com este fogo se acendeu mais em mim o que como entre cinzas conservava, de ver cada vez mais luzir, e resplandecer este Templo.

Vejo com grande consolação minha os ornamentos, com que Sua Majestade faz resplandecer grandemente esta Catedral; vejo o grandioso órgão, que o mesmo Sereníssimo Senhor se dignou mandar fazer com especial preceito de que fosse magnífico; vejo finalmente dourados os três tetos desta Catedral, e com finíssimas pinturas historiados os principais Passos, e milagres da vida de Cristo Senhor Nosso: obra do generoso ânimo do nosso Reverendo Deão o Doutor Sebastião do Vale Pontes, na qual liberalmente dispendeu dezoito mil cruzados; e com estes luzidos, vistosos, e gravíssimos ornamentos, e sonora harmonia se excitava em mim o desejo de ver cada vez mais aformoseada esta Casa de Deus. E instruído assim com estes riquíssimos paramentos, parecia-me que no tempo presente com a chegada do relógio, que esperamos por horas, conforme o mesmo Senhor tem disposto, só me faltava ver um modelo prático da armação de tão proporcionado Templo.

Chega a ocasião de se celebrarem as festas dos casamentos dos Sereníssimos Senhores Príncipes de Portugal, e Castela; e sem embargo de que os Templos são Palácios Régios, como diz São João Crisóstomo: **Templum Aula Regia est**; quis Vossa Ilustríssima que a sua Sé na ocasião de função tão Régia se visse egregiamente majestosa, tomando à sua conta muito do que se viu no dia da ação de graças, e Procissão. E, se o que obrei nesta ocasião por mandado de Vossa Ilustríssima, mereceu uma geral plausibilidade, e mais que tudo o agrado de Vossa Ilustríssima; justamente me resolvi escrever com toda a singeleza, e verdade este rascunho destas grandiosas festas, assim para me servir de exemplar para as ocasiões de seu maior agrado, como para que meus sucessores não experimentem a indignação, que eu até agora experimentava na falta de notícias de muitas coisas próprias desta dignidade.

Aos pés de Vossa Ilustríssima, como Autor de tanta grandeza, quanta nesta ocasião viu a Bahia, ponho este papel; e porque os sinos, que fiz repicar nestas festas, tem limitada esfera para os seus sonoros sons, e só por esta maneira podem chegar a partes remotíssimas, substituindo aquela falta com a narração deste **DIÁRIO HISTÓRICO**; peço a Vossa Ilustríssima se digne aceitar o que lhe oferece em dias quem lhe deseja nestórios anos; e se a modéstia de Vossa Ilustríssima me impede dizer em abono de suas excelências as muitas, de que é dotado, não pode livrar-se de dizer nesta ocasião com toda a sua virtuosa humildade: **Quod debuimus facere, fecimus**. A Pessoa de Vossa Ilustríssima guarde Nosso Senhor, como muito havemos mister, e lhe pedimos.

Ilustríssimo Senhor,
De Vossa Ilustríssima
O mais reverente súdito,
que S. M. B.
José Ferreira de Matos.

Ao Ilustríssimo, e Reverendíssimo Senhor Arcebispo da Bahia Dom Luís Álvares de Figueiredo, autor das principais grandezas, que viu esta Cidade nesta ação de graças.

SONETO

Aquele Himeneu Régio em laço amante
De Espanha, e Portugal, que a paz prospera,
Em que aplauso maior, Senhor, coubera,
E aonde afeto achara mais constante?

Só vosso ânimo, em tudo relevante,
 Obsequiar tantos júbilos pudera,
 Pois do coração vosso n'alta esfera
 Só caber pode assunto tão gigante.
 Só da Igreja um Alcides tão robusto
 Podia Atlante ser a tanto empenho
 Para o devido culto a um gosto Augusto;
 E já, Senhor, por evidência tenho,
 Se no aplauso faltasse o imenso custo,
 Sobrara em vosso afeto o desempenho.

De Henrique de Sousa Freire.

Ao Reverendo Doutor Sebastião do Vale Pontes,
 Deão da Sé da Bahia, Orador na presente ação
 de graças.

SONETO

De vossa erudição, Senhor, tão rara
 Nesta oração mostrais as primazias,
 Quando das mais supremas Monarquias
 Na união discursais Régia, e preclara.
 Conceituoso escreveis com frase clara
 De Espanha, e Lísia invictas Hierarquias
 Com provas cientes, próprias energias,
 Que a atenção ouve, e a suspensão declara.
 Da eloquência as mais perenes fontes
 Aqui patenteais sem que lhe iguale
 Aganipéia corrente, Cíntios montes.
 E que muito fragrâncias tais exale
 Discurso, que passou as vossas Pontes,
 Flores, que produziu o vosso Vale?

De Henrique de Sousa Freire.

Ao Reverendo Licenciado José Ferreira de Matos,
 Autor do Diário Histórico.

SONETO

Quanto, Senhor, em obséquios reverente
 A lealdade ostentou mais excessiva,
 Aqui nos relatais com pena altiva,
 Aonde mais vos remonta o zelo ardente.

Quanto obrara o desvelo diligente
 Vossa idéia nos mostra discursiva,
 Porque seja do engenho prova ativa
 Do afeto o que foi mostra evidente.

Somente a vós, Senhor, com propriedade
 Pelo zelo eficaz, e douto exemplo
 Tocava destas festas a verdade;

Mas que discurso eu, quando contemplo
 Publicar vossa ciência esta Cidade,
 Vosso zelo aplaudir-se neste Templo?

De Henrique de Sousa Freire.

LICENÇAS DO SANTO OFICIO

O Padre Mestre Frei Cristóvão de Santo Tomás. Qualificador do Santo Ofício, veja o **Diário**, de que se trata, e informe com seu parecer. Lisboa Ocidental, 11 de janeiro de 1729.

Frei Lancastre. Cunha. Teixeira. Silva. Cabedo.

EMINENTÍSSIMO SENHOR.

Vi o **Diário Histórico**, composto por José Ferreira de Matos, Tesoureiro-mor da Sé da Bahia, e nele não achei coisa contrária a nossa Santa Fé, e bons costumes. Vossa Eminência disporá o que for servido. São Domingos em 25 de janeiro de 1729.

Frei Cristóvão de Santo Tomás.

Vista a informação, pode-se imprimir o **Diário Histórico**, de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Ocidental 25 de janeiro de 1729.

Frei Lancastre. Cunha. Teixeira. Silva. Cabedo.

DO ORDINÁRIO.

Pode-se imprimir o **Diário**, de que esta Petição faz menção, e depois de impresso torne para se conferir, e dar licença que corra, e sem a qual não correrá. Lisboa Ocidental 31 de janeiro de 1729.

Dom João Arcebispo.

DO PAÇO.

O Padre Mestre Frei Lucas de Santa Catarina, Acadêmico Real, veja este Livro, e interpondo nele o seu parecer, o remeta à Mesa. Lisboa Ocidental 1 de fevereiro de 1729.

Guedes. Machado. Teixeira. Alvares.

SENHOR.

Vi o **Diário** das festas da Cidade da Bahia aos felicíssimos Desposórios, celebrados entre as excelsas Coroas de Portugal, e Castela, e não achei coisa, que se oponha ao Real serviço de Vossa Majestade, antes reconheço no Autor o bem meditado acerto (não faltando aos que pede um **Diário**) de empregar a pena em tão nobre assunto, (a que as dos Homeros, e Lívios Lusitanos deviam sacrificar os seus rasgos) que intenta que por meio da estampa se eternize, e se entregue às atenções da posteridade, protestando a mais rendida, e afetuosa sujeição daqueles nobres Estados aos seus Soberanos nos dispêndios, e aparatos de uma ação suntuosamente festiva, em que com singular glória, se viu luzir o zelo e lealdade Portuguesa. Assim me parece digno da licença, que pede. Vossa Majestade ordenará o que for servido. São Domingos de Lisboa Ocidental em 4 de fevereiro de 1729.

Frei Lucas de Santa Catarina.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinário, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, e taxar, que sem isso não correrá. Lisboa Ocidental 6 de fevereiro de 1729.

Guedes. Álvares. Teixeira. Bonicho.

DIÁRIO HISTÓRICO

das Celebidades, que na Cidade da Bahia se fizeram em ação de graças pelos felicíssimos casamentos dos Sereníssimos Senhores Príncipes de Portugal, e Castela.

Uma das maiores felicidades, ou a suma felicidade, de que gozam as Monarquias do Mundo, ingenuamente falando, é o serem governados por Príncipes nacionais. Este princípio é tão certo, e verdadeiro, que só na falta destes se conhece bem a sua falta. Assim o tem experimentado muitos Reinos, e o experimentou com geral sentimento o de Portugal na fatal ruína, e ausência do Senhor Rei Dom Sebastião para a conquista de África, não deixando sucessor no Reino.

Conhecendo pois o Sereníssimo Senhor Rei Dom João V nosso Senhor que da falta de sucessão podem resultar a seus Vassallos as maiores ruínas, que se podem imaginar, determinou, como bom

Rei, ainda muito antecipadamente dar ao seu Reino legítimos sucessores, para que desta sorte seus ditosos Vassallos não experimentem aqueles mesmos trabalhos, e misérias, que sentiram, e padeceram no tempo da sua sujeição estranha, e no tempo que à custa do próprio sangue procuraram estabelecer a sua liberdade. Para este ditoso fim procura o nosso Soberano Monarca dar Esposa a seu primogênito filho o Sereníssimo Senhor Príncipe do Brasil **Dom José**, casando-o com a Sereníssima Infanta de Castela **Dona Maria Ana Vitória**; e por este soberano motivo o Sereníssimo Senhor Rei de Castela com recíproco afeto de amor procurou, e conseguiu casar seu filho o Sereníssimo Senhor Príncipe das Astúrias **Dom Fernando** com a Senhora **Dona Maria Bárbara** Infanta de Portugal. E, como destes felicíssimos casamentos resultam, não só a estas duas grandes Monarquias, mas a todas as suas Conquistas uma alegria universal, e um incomparável contentamento, determinaram os moradores da Cidade da Bahia, cabeça do Estado do Brasil, fazer uma demonstração de pública alegria, e renderem a Deus as graças por tão soberanos benefícios, e de se mostrarem do modo possível agradecidos ao seu Soberano Rei em lhes procurar por meio destes casamentos a dilatação de Príncipes nacionais para estabelecimento do seu Reino, e governo dos seus Domínios. A este fim determinaram as seguintes celebridades, de que dou conta neste papel, não sendo outro o meu intento, mais que descrever a armação da Igreja, e Procissão destas celebérrimas festas para utilidade dos sucessores da minha dignidade de Tesoureiro-mor; porém, por não ficar mutilada a narrativa de toda esta ação de graças, a descrevo por modo de **Diário**.

Dispostas, e determinadas todas as coisas para a presente ação, ordenadas respectivamente umas pelo Ilustríssimo Senhor Arcebispo desta Diocese Dom Luís Álvares de Figueiredo, outras pelo Excelentíssimo Senhor Vice-Rei deste Estado Vasco Fernandes César de Menezes, e outras finalmente pelo Senado da Câmara, se fez a publicação, e rompimento destas celebridades no dia de vinte e três de julho nesta forma. Saiu da casa do Senado o Meirinho Miguel Cardoso de Sá vestido de gorgorão preto, bandada a capa de glacê de ouro, chapéu de plumas levantadas, meias recamadas de ouro, e com ele o porteiro da Câmara vistosamente trajado, com maça de prata, e com eles o Pregoeiro do Conselho vestido de crepe, bandada a capa de primavera carmesim; montaram a cavalo com seis trombeteiros de librés encarnadas, e um terno de chameleiros a pé: desta sorte percorreram por toda a Cidade, fazendo saber a seus moradores a pública demonstração de alegria, o fim dela, e anunciando o dia de vinte e cinco do presente mês para dar princípio a esta celebridade. Desta sorte feneceu a ação deste primeiro dia, que

toda ela acendeu nos corações dos moradores da Bahia um alegre júbilo pelas utilidades, que esperam ter por meio de tão soberanos Desposórios.

Amanheceu o desejado dia de vinte e cinco de julho, que foi o mais vistoso, e o mais alegre, que viu a Bahia, porque nele se admirava o rico das galas, a acertada eleição das cores, a proporção dos vestidos, e a igualdade do custo. Vestiram-se os Ministros da Relação com garnachas de gorgorão preto, bandadas de tessus, rissos, glacês, e telas de ouro, e prata. Trajavam os Officiais do Senado com todos seus Cidadões do mesmo gorgorão preto com véstias, canhões, e forros das capas dos mesmos rissos, tessus, tela, e glacês de ouro, e prata, com meias recamadas, e chapéus bordados de ouro. Vestiam-se os Officiais de guerra, Nobreza e mais pessoas de distinção com casacas de estofos de ouro, e prata, véstias de tela, meias recamadas, chapéus de plumas, e todo o mais ornato de igual custo: outros com casacas de seda lisa bordadas de ouro; e desta sorte o mais povo respectivamente se vestiu de finíssimos panos bernés, e de outras vistosas cores, com véstias de seda de ouro, e prata; e não houve finalmente quem neste dia se não trajasse de nova gala.

Neste mesmo dia saíram muitas carruagens da nova moda, guarnecidas de ouro, e forradas de damasco, e de outras ricas sedas. Não houve quem neste dia não trajasse seus lacaios, pajens, e carregadores das carruagens de vistosas librés; com que não sem pasmo, e admiração viu a Bahia neste dia uma geral metamorfose; donde se colhe com toda a evidência que para seus moradores foram estes felicíssimos casamentos de grande aplauso, e contentamento.

Todo este vistoso aparato, que se compunha dos Ministros da Relação, Officiais da Câmara, e seus Cidadões, Officiais de guerra, Nobreza, Prelados das Religiões, pessoas Eclesiásticas, e de outras gradações, se encaminhou para Palácio, aonde os recebeu o Excelentíssimo Vice-Rei com uma gala, que excedia tanto o esplendor das mais galas, quanto excedia a Sua Excelentíssima pessoa a de todo aquele nobre congresso. Expressados os afetos, com que todos estimaram o felicíssimo fim destes casamentos, se retiraram. Pouco depois entraram na presença do Excelentíssimo Vice-Rei o Reverendo Deão o Doutor Sebastião do Vale Pontes, e o Reverendo Arcediago o Doutor Antônio Rodrigues Lima a significar-lhe da parte do Reverendo Cabido o mesmo contentamento, cuja atenção recebeu o Excelentíssimo Vice-Rei com grande demonstração de alegria, e afeto. Neste dia deu o Excelentíssimo Vice-Rei um esplêndido banquete ao Chançarel (sic) da Relação, Mestres de Campo, Officiais da sua sala, Capitão da guarda, e Capitães de mar, e guerra das três naus da Coroa, que se achavam surtas neste porto.

Nesta mesma manhã foi o Reverendo Cabido fazer pública demonstração de alegria ao seu Ilustríssimo Prelado, o qual como mais empenhado nestas presentes celebridades se encheu de prazer, e contentamento, por entender desta primeira demonstração de afeto teriam nesta ocasião as suas resoluções os felicíssimos progressos, que o seu grande desvelo desejava. De tarde lhe foram beijar as mãos os Ministros da sua Relação.

Ao meio-dia deu princípio a Catedral aos repiques, a quem seguiram as mais Igrejas desta Cidade; e ao mesmo tempo se disparou uma salva Real de todas as Fortalezas, Naus de guerra, e mercantes, que se achavam neste porto, que todas estavam vistosamente engalhardetadas. Ao princípio da noite continuaram os repiques, e houve outra salva de artilharia em tudo semelhante à primeira; e de improviso se iluminou toda a Cidade, e as Naus de muitos, e engenhosos modos, e formas diversas: porém aonde se viu o maior luzimento, e o mais engenhoso artifício, foi no Palácio do Ilustríssimo Senhor Arcebispo, em tudo o mais empenhado nestes festivos aplausos. Nas vinte e duas janelas da superior galeria se viam luzir em majestosos quadros de iluminações as Armas de Portugal, e Castela, de Sua Santidade, de Sua Ilustríssima, do Excelentíssimo Vice-Rei, e de outras grandes Potências interessadas nestes Reais Desposórios, mediando em cada uma das três quadras do Palácio; numa a Imagem do Santo Salvador, Patrono principal desta Metrópole; na outra a Imagem de Nossa Senhora da Conceição, singular Padroeira do Reino de Portugal, em veneração das Sereníssimas Infantas de Portugal, e Castela. Na terceira, e última quadra se via a Imagem do grande Patriarca São José, singular Protetor destes casamentos, em reverência do nome do Sereníssimo Príncipe do Brasil; e as últimas janelas se ornavam de vasos de vistosas flores, com que todo aquele artefato, e sua boa disposição fazia uma vistosa, e alegre correspondência de luzes. À sua custa mandou Sua Ilustríssima iluminar a sua Catedral todas as seis noites com trezentas luzes em cada uma. Nesta noite houve em Palácio na presença do Excelentíssimo Vice-Rei, e dos costumados assistentes uma Serenata composta dos melhores Músicos, e instrumentos, que tem esta Cidade; e desta sorte acabou toda a celebridade deste dia, e desta noite.

No dia de vinte e seis ao meio-dia fez a Catedral sinal com seus repiques, a quem seguiram as mais Igrejas, e se disparou nas Fortalezas, Naus de guerra, e mercantes uma salva Real. Do princípio da noite até às nove horas continuaram os repiques, salvas, e luminárias, assim no mar, como em terra. Nesta noite houve em Palácio na presença do Excelentíssimo Vice-Rei, e dos costumados palacianos outra Serenata, em tudo semelhante à primeira; e em todas estas noites assistiu o Excelentíssimo Vice-Rei com uma nova, e excelentíssima gala.

As celebridades, e os festejos do dia, e noite de vinte e sete foram em tudo semelhantes ao antecedente; com excesso porém, que os estudantes dos pátios gerais desta Cidade publicaram a tom de caixas, e jocosas máscaras as suas costumadas festas das Onze Mil Virgens; e sem embargo de que nos anos antecedentes costumavam fazer esta publicação nos princípios de mês de outubro, nesta ocasião se anteciparam a fim de fazerem plausíveis, e alegres estes dias de tanto gosto para todos.

No dia, e na noite de vinte e oito continuaram os repiques, e luminárias como nos antecedentes; e de noite houve em Palácio na presença do Excelentíssimo Vice-Rei um alegre divertimento músico das cantigas, e modas da terra, de que é abundante este país. Neste dia mandou Sua Ilustríssima fixar na sua Sé duas Pastorais, que por conterem as resoluções do seu generoso ânimo para esta ação de graças, as traslado aqui.

“Dom Luís Álvares de Figueiredo, etc. Fazemos saber a todos os nossos súditos, que em ação de graças a Deus Nosso Senhor pelo bom sucesso, com que se concluíram os Matrimônios dos Sereníssimos Príncipes nossos Senhores, se há de celebrar na nossa Sé festa ao Glorioso Patriarca São José com o Senhor exposto sábado trinta e um do mês presente todo o dia, e que na manhã do mesmo se há de cantar o *Te Deum laudamus*, e havemos de celebrar Missa de Pontifical, e que de tarde há de haver Sermão; e para que todos concorram a esta precisa celebridade, não só com o luzimento das galas exteriores, que o gosto talhou com profusão de afetivos, e leais Vassallos, mas também com a gala interior da graça (de que em semelhantes ações devem revestir-se os fiéis Cristãos) para ser grata a Deus, assim como é aos homens: pela faculdade Apostólica, que nos é concedida, confiado na Divina Misericórdia, e autoridade dos Bem-aventurados Apóstolos São Pedro, e São Paulo, concedemos a cada um dos fiéis Cristãos, que verdadeiramente confessado, e refeito com a Sagrada Comunhão visitar a dita nossa Sé, e aí na presença do Santíssimo Sacramento oferecer devotamente orações a Deus Nosso Senhor pelo bom sucesso, paz, e concórdia entre os Príncipes Cristãos, extirpação das heresias, e exaltação da Santa Madre Igreja: Indulgência Plenária, e remissão de todos os seus pecados; e para que o dito dia seja em tudo mais plausível, e desocupado dos negócios terrenos, ordenamos a todos os nossos súditos o guardem em tudo, como se guardam os dias de preceito da Igreja Universal. Dado na Bahia sob nosso sinal, e selo de nossas Armas, aos vinte oito de julho de 1728, etc.”

Continua a segunda Pastoral nesta forma.

“Fazemos saber a todos os nossos súditos, que domingo o primeiro do mês de agosto do presente ano de tarde se há de continuar a ação de graças a Deus Nosso Senhor pelo bom sucesso, com que se concluíram os Matrimônios dos Sereníssimos Príncipes Nossos Senhores, com uma solene Procissão do Santíssimo Sacramento, composta de tantas Procissões, como são as Freguesias desta Cidade, cada uma das quais ordenada com todas as Irmandades, e Confrarias, que nela houver, com suas insígnias, e com o seu Clero, e o Reverendo Pároco, e com o seu Orago num andor, ou charola, se ajuntará à da nossa Sé no lugar, que lhe compete, pela ordem, que na Procissão do Corpo de Deus costumam ir os Reverendos Párcos. E para o dito efeito ordenamos aos Reverendos Regulares, que costumam assistir nas Procissões públicas, assistam à referida Procissão em corpo de comunidade, incorporados na Freguesia da nossa Sé. E ordenamos a todos os Sacerdotes, e mais Clérigos de Ordens Sacras, e Menores, que se acharem nesta Cidade sem legítimo impedimento, que sob pena de excomunhão maior **ipso facto** acompanhem a dita Procissão com suas sobrepelizes, cada um debaixo da Cruz da sua Freguesia, e no lugar dirigido pelo seu Reverendo Pároco. E mandamos outrossim que cada uma das Irmandades, e Confrarias desta Cidade assista na dita Procissão, incorporada na Freguesia, de que é, e no lugar, que nela tem, sob pena de dez mil réis, que pagará a que faltar; e o dito se observará sem prejuízo das preferências de umas Confrarias a outras de diversas Freguesias; e se acharão todas presentes à porta da nossa Sé no dito dia pelas duas horas da tarde; e para que venha à notícia de todos, mandamos passar o presente Edital. Dado na Bahia sob nosso sinal, e selo de nossas Armas aos vinte e oito de julho de 1728, etc.”

No dia, e noite de 29 continuaram os mesmos festejos de repiques, salvas, e Serenatas, como nos antecedentes. Neste dia mandou Sua Ilustríssima fixar na sua Sé um Manifesto, pelo qual se mostra que nesta ocasião não perdoou este afetuoso Prelado a diligência alguma, para que estes Reais Desposórios tenham os felicíssimos progressos, que todos desejamos, cujo teor é o seguinte.

“Amanhã 30 do mês presente de tarde à porta da Sé se há de dar esmola geral a todos os pobres mendicantes, que na mesma Sé se acharem presentes, depois de haverem rezado uma Estação ao Santíssimo Sacramento em ação de graças a Deus Nosso Senhor pelo bom sucesso, com que se concluíram os Matrimônios dos Sereníssimos Príncipes nossos Senhores, e para que o mesmo Senhor os prospere.”

No dia de 30 houve os mesmos festivos aplausos, que nos antecedentes. Depois que na Catedral se rezaram Vésperas, Completas, e Matinas do dia seguinte, distribuiu o Reverendo Cônego

Manoel Fernandes da Costa, Esmoler de Sua Ilustríssima, a esmola dos pobres, depois de haverem rezado uma Estação com os braços em Cruz diante do Santíssimo Sacramento. Era tão grande o numero dos pobres, que encheu este grande Templo. A cada um dos homens, e mulheres mandou Sua Ilustríssima dar uma Pataca de trezentos e vinte réis; aos pretos meia Pataca, e aos pequenos a oitenta réis: ação foi esta verdadeiramente digna de Prelado pio, e generoso, que sem atender ao limitado das suas rendas, despende com os pobres com tanta generosidade só a fim de que tenham felicissimos progressos os casamentos dos nossos Sereníssimos Príncipes.

Este dia de 31 de julho, em que a Igreja universal celebra a festa do grande Patriarca Santo Inácio de Loyola, destinou Sua Ilustríssima pela Pastoral, que acima trasladei, para dar a Deus graças pelo bom sucesso, com que se concluíram os Matrimônios dos Sereníssimos Príncipes de Portugal, e Castela. Porém antes de dar princípio à história das ações deste dia é preciso mostrar a grandeza, e disposição da armação, que Sua Ilustríssima mandou fazer na Catedral para a presente ação de graças.

Revestia-se o arco da Capela-mor de ló carmesim, guarnecido de galões de ouro: fechava o arco um tarjão, em que estavam engenhosamente pintados dois escudos em forma de dois corações embaraçados, a quem cingia uma Coroa Imperial de ouro. No escudo, ou coração de ouro estavam pintadas as Armas de Portugal, e no escudo, ou coração de prata estavam pintadas as de Castela. Cingiam estes dois escudos pela parte inferior uma letra do Capítulo I de São Mateus: **Cum esset desponsata Maria Joseph;** porém com tal disposição estavam escritas, que debaixo das Armas de Castela se lia o nome de **Maria**, e das de Portugal o nome de **Joseph**. Deste tarjão nasciam com igual proporção dois fastões de ló verde com ramos de ouro, e prata, que embaraçando-se pelo arco vinham a morrer na cimalha. No painel, que acompanha o seguinte do arco da parte do Evangelho, estavam pintados em duas majestosas lâminas de molduras douradas, cada uma de quatro palmos de largo, e seis e meio de alto em forma ovada, os retratos do Sereníssimo Príncipe do Brasil, e Infanta de Castela Dona Maria Ana Vitória. Firmavam-se estas duas lâminas numa base, ou trono guarnecido de galões de ouro, e prata em campo de damasco carmesim. Do mesmo damasco se formava um pavilhão guarnecido de franjas, e galões de ouro, cujas cortinas prendiam para as partes exteriores do painel, e desta sorte se descobriam debaixo daquele majestoso docel os dois retratos. Deste painel continuava o seguinte a fechar no arco, revestido de damasco carmesim, guarnecido de galões de ouro, e no meio fechava em meio diamante levantado, fabricado de seda azul, guarnecido de galões. No painel da parte da Epístola estavam colocados os retratos

do Sereníssimo Príncipe das Astúrias, e da senhora Dona Maria Bárbara Infanta de Portugal, com o mesmo ornato, pompa, e galhardia, com que estavam os da parte do Evangelho.

É a Capela-mor desta Sé da Bahia, não só a melhor das Igrejas do Brasil, mas ainda com as melhores dos Templos de Portugal (excetuadas algumas) compete igualdade na formosura, e proporção: porém nesta ocasião se viu tão ricamente ornada, que além da sua natural alegria estava a todas as luzes mais brilhante com pasmo, e admiração dos que a viam ornada com tanta novidade, grandeza, e asseio. Ornava-se o majestoso trono (que é de riquíssima talha dourada) de finíssimos vasos da China com muita variedade de flores, e oitenta velas de cera de livra em castiçais de prata. A Imagem do Santo Salvador Patrono principal desta Catedral, que está colocada no meio da tribuna, à vista de tanto luzimento se viu neste dia nas glórias da sua Transfiguração: porque, sendo estofada de ouro em campo roxo, hoje se viu resplandecer com vestidura de tela mais alva, que a mesma neve. Como esta celebridade era consagrada ao Glorioso Patriarca São José, de quem o Sereníssimo Príncipe do Brasil é particularmente devoto, mandou Sua Ilustríssima tirar da sua Capela a Imagem do mesmo Santo, e colocá-la no Altar-mor, e lhe lançou ao pescoço uma preciosa, e autêntica Relíquia sua. Ornava-se o Altar com o seu riquíssimo frontal de lhama de prata guarnecido de franjões, e galões de ouro. As credências se cobriram de panos de damasco carmesim.

Entre as quatro tribunas de sacadas, que tem esta Capela-mor de cada parte, estão repartidamente três claros; nos quais de uma, e outra parte se formaram seis pavilhões de damasco carmesim com cortinas apanhadas, e debaixo deles e em espaldares do mesmo damasco estavam colocados seis retratos. No primeiro, e immediato ao Altar-mor da parte do Evangelho estava o de Sua Majestade, que Deus guarde; no que lhe correspondia da parte da Epístola estava colocado o da Sereníssima Senhora Rainha. Debaixo dos outros quatro pavilhões estavam por sua ordem dispostos os retratos dos Senhores Infantes Dom Francisco, Dom Antônio, Dom Manoel, e Dona Francisca. Estavam estes pavilhões com tanta disposição da arte, que faziam seguintes ressaltados com as sanefas das cortinas das tribunas, que também eram de damasco carmesim. Do fundamento do forro da Capela-mor, que é de talha dourada, nasciam com igualdade uns bem lançados fastões de damasco amarelo, e do mesmo damasco se cobria a cornija, que faz fundamento às tribunas; e com esta diversa cor fazia separação aquele corpo superior, em que estavam colocados os retratos das Majestades. Pendiam das oito tribunas outras tantas colchas de damasco carmesim franjadas de ouro; e com toda esta proporção, e igualdade se ornava o corpo superior da

Capela. O inferior, que ocupava as ilhargas do Presbitério, se ornava de painéis de damasco carmesim, guarnecidos de damasco amarelo, e cortinas nas portas, por onde se comunica a Capela com a Sacristia. Da parte do Evangelho estava o fital de Sua Ilustríssima, e faldistório no seu próprio trono. Revestiam-se as duas pilastras, que fazem separação ao corpo do Presbitério, e cadeiras dos Capitulares, de damasco carmesim, e do mesmo damasco se cobriam os dois painéis do Presbitério, cujos degraus, e sólio da Capela-mor estavam ricamente alcatifados. Encostado ao arco da Capela-mor estava o fital, e assento do Excelentíssimo Vice-Rei. As dez tribunas de sacadas do corpo da Igreja se ornavam de cortinas de damasco carmesim, das quais pendiam colchas de damasco amarelo; e da bacia do órgão pendiam outras do mesmo damasco amarelo, e carmesim. Todas as doze Capelas, e Altares, que tem esta Catedral, estavam rica, e vistosamente ornadas. Em distância de vinte e cinco palmos da Capela-mor no meio do corpo da Igreja se levantou um taburno alcatifado competente para os quatro coros de música, e dentro desta distância de uma, e outra parte do cruzeiro se puseram competentes assentos para os Tribunais da Relação, Senado, Religiosos, e mais Nobreza. Esta é a forma, com que o Ilustríssimo Senhor Arcebispo dispôs a sua Catedral para a presente ação de graças, de que agora se segue dar conta.

Depois de se haver rezado no coro Prima, e Terça, saiu do seu Palácio o Ilustríssimo Senhor Arcebispo com capa consistorial, associado do Reverendo Cabido, e entrando na Capela-mor, fez oração ao Santíssimo Sacramento, que já estava colocado no trono, posto que encerrado. Feita oração, se foi à Sacristia, aonde num sólio levantado, e alcatifado, que lhe estava preparado, se paramentou de sandálias, amito, alva, Cruz peitoral, estola, pluvial, e Mitra preciosa. Ao mesmo tempo se paramentaram todos os Reverendos Capitulares dos paramentos preciosos, e próprios dos ministérios, que haviam de exercer naquela ação; e assim paramentados procederam processionalmente para a Capela-mor a tempo, que já nela estava o Excelentíssimo Vice-Rei, o qual recebeu a Sua Ilustríssima fora das grades da mesma Capela-mor. Chegando Sua Ilustríssima ao ínfimo degrau do Presbitério, depôs o Báculo, pôs incenso no turíbulo, administrando-lhe a naveta o Reverendo Deão, com o Presbítero assistente; e deposta a Mitra, se prostrou de joelhos num coim (sic), e ao mesmo tempo se desencerrou o Santíssimo Sacramento; e depois de incensado por Sua Ilustríssima, os quatro coros de música, que se compunham dos melhores Músicos, e instrumentos, que há nesta Cidade, deram princípios ao **Te Deum laudamus**; e sem embargo de gastar muito tempo pelos compassados acentos, e cláusulas de uma composição terna, e devota, a todo esteve Sua Ilustríssima, e o Excelentíssimo

Vice-Rei, e todo aquele copioso congresso de joelhos. Acabada a cantoria, correu-se a cortina ao Santíssimo Sacramento, e, subindo Sua Ilustríssima para a sua sede, depôs o Pluvial, recebeu as tunicelas, luvas, planeta, e Pálio, e descendo ao plano da Capela-mor, principiou a Missa de Pontifical. Como para adquirirmos as felicidades, que esperamos destes Reais casamentos, tomou Sua Ilustríssima por Advogado ao Glorioso Patriarca São José, cantou a Missa do mesmo Santo, dando-lhe **Gloria**, e **Credo**, por concorrerem nesta ação de graças todos os requisitos, que dispõe o Cerimonial Romano. Continuou Sua Ilustríssima a Missa, e, chegando ao Ofertório, se desencerrou o Santíssimo Sacramento, e assim esteve exposto até à noite, e proseguiu a Missa até o fim; e depondo o Pálio no meio do Altar, desceu ao plano da Capela, e, fazendo profunda reverência ao Santíssimo Sacramento, processionalmente acompanhado do Reverendo Cabido foi depor os paramentos no mesmo lugar, aonde os havia recebido.

Neste ato se viu o maior luzimento, e o mais grave, e circunspecto auditório, que jamais se viu na Bahia; compunha-se dos Ministros da Relação, Oficiais da Câmara, Cidadões, Nobreza, e Militares, todos custosamente trajados na forma, que acima mostrei; e de quase todas as Comunidades desta Cidade, e de um inumerável povo, trajado de novas galas em forma, que, sendo o Templo grande, nesta ocasião pareceu limitado para tão lustroso concurso. E para que em tudo fosse este dia grande, o fez Sua Ilustríssima pela sobredita Pastoral de guarda, e o exornou com um Jubileu, para que o interior das Almas de suas ovelhas assistisse nesta ação de graças revestido da estola da graça, assim como estavam de preciosidades as vestiduras exteriores do corpo. Depostos os paramentos, e recebida a capa consistorial, se recolheu Sua Ilustríssima ao seu Palácio associado do seu Reverendo Cabido a tempo, em que já o Excelentíssimo Vice-Rei se tinha recolhido ao seu.

De tarde se tornou a ajuntar aquele mesmo Congresso, que de manhã fizera mui plausível, e autorizada aquela ação de graças, continuando a mesma harmonia da música, que só teve intervalo enquanto no coro se rezaram Noa, Vésperas, e Completas: entrou a pregar o Reverendo Doutor Sebastião do Vale Pontes, Deão desta Sé, Desembargador da Relação Eclesiástica, Provisor, e Vigário geral do Arcebispado, Varão verdadeiramente digno do desempenho da eleição, que Sua Ilustríssima dele fez para panegirista desta ação de graças. Nada menos, que seis foram **ex abundantia** os temas, que tomou: o primeiro, e último foram partos de sua eleição, e estes bastavam para discorrer muito ao intento; mas, como em seus Sermões costuma este grande Orador fazer muito caso de tudo o que lhe subministra o tempo, com que não só mostra agudeza de engenho,

mas boa atenção às circunstâncias ocorrentes, tomou mais quatro temas, que ocorrendo acaso nos dias daquelas festas, ele os cortou de molde, e tão próprios, que uns eram declarações dos outros, dirigidos todos a um genuíno assunto, como tudo melhor se verá do mesmo Sermão, que vai incorporado neste **Diário**. E ainda que a pregação durou até o por do Sol, pela boa ordem, e coisas muito ao intento, que tocava, pareceu breve a pregação, que por todas as razões foi grande.

Acabado o Sermão, por seus Ministros paramentados recebeu Sua Ilustríssima o Amito, Alva, Cruz peitoral, Estola, e Pluvial, e desceu ao plano da Capela, e com todas as devidas cerimônias incensando o Santíssimo Sacramento, se correu a cortina; e depondo os paramentos, desceu da sede, e veio buscar o Excelentíssimo Vice-Rei, e mutuamente estes grandes Heróis se deram os parabéns de tão acertadas disposições, e da grandeza, asseio e perfeição com que se fez esta ação de graças, para a qual tinham ambos egregiamente concorrido, e com os devidos cortejos se recolheram ambos a seus Palácios. Desta sorte acabou toda a celebridade, e festejo deste grande, e alegre dia.

Como eram muitas as coisas, que estavam dispostas para a pública, e geral demonstração desta ação de graças por meio de uma Procissão solene, se gastou a manhã deste dia o primeiro de agosto na preparação das Figuras, ornato das ruas, disposição dos carros, danças, e de outras muitas coisas precisas; porém, como o incansável zelo de Sua Ilustríssima era efficacíssimo pelo que tinha de mais empenhado para estes públicos aplausos, conseguiu ver pelas duas horas da tarde tudo pronto na Sua Sé, como tinha ordenado na sua Pastoral.

Como esta Procissão havia de ser comprida, por se compor de muitas Procissões parciais, determinou Sua Ilustríssima as ruas, por onde havia de passar, assim para fazer maior giro, do que costuma fazer a do Corpo de Deus, como para evitar a subida de uma ladeira dificultosa aos carros; e com toda esta boa direção não deixou de ser pequeno o círculo para tanta grandeza. Saiu a Procissão da Sé, e buscado a rua direita do Colégio, e atravessando o terreiro de Jesus, buscou a Igreja dos Religiosos de São Francisco; e voltando pela rua de Manoel Gomes Lisboa, entrou na de João de Freitas, e do canto das casas de Dom João Mascarenhas caminhou direita a buscar a porta travessa da Sé; e daí demandando a Praça, chegou às portas de São Bento; e voltando pela rua, que busca a Igreja da Senhora da Ajuda, e prolongando-se pela rua direita da mesma Senhora, chegou ao canto das casas do Senado, e cortando a buscar a Praça, voltou a recolher-se da Sé.

Todas as ruas estavam não só alegres, mas custosamente ornadas de preciosas alfaias, cuja variedade, e asseio fazia deleitável a vista, e plausível o fim, a que se dirigiam estes públicos festejos. Na Praça porém se viu com maior excesso este vistoso, e alegre aparato, porque de uma parte se descobria o pórtico do Palácio do Excelentíssimo Vice-Rei revestido de preciosas primaveras, dispostas com a mesma arte, que lhe administra o mesmo pórtico, por ser formado de colunas, capitéis, e remate de pedra em forma Coríntia, obra verdadeiramente Régia. Em igual correspondência mandou fabricar o Senado outro pórtico de três faces, sobre o qual saia uma varanda coberta, formada de balaustres torneados, aonde se viam muitos trombeteiros, e chameleiros tocando com igual, e alegre consonância. Fechava a Praça um arco triunfal, formado de colunas, revestido de ricas primaveras, em cujos capitéis estavam de uma, e outra parte as duas Figuras da Virtude, e Fortaleza com suas próprias insígnias, e pelo interior do arco se via de uma parte o retrato de Sua Majestade, e da outra o da Sereníssima Senhora Rainha. Por disposição do Senado se determinavam fazer outros arcos, cuja execução impediu a rigorosa estação do Inverno com sentimento de todos os que desejavam nesta ação de graças manifestar a suma alegria, e contentamento de seus corações.

Como esta Procissão total se compunha de muitas Procissões parciais, como ordena a Pastoral de Sua Ilustríssima, é preciso descrever por partes as partes, de que se compõe este todo. Dava princípio a ela a Figura da América, obra do Senado da Câmara, montada num cavalo bem ajaezado; compunha-se a faixa da cabeça, donde nasciam as plumas, de preciosas jóias de diamantes, guarnecida de pérolas: das mesmas jóias se compunha o cingulo, que prendia as plumas, com que se revestia o meio corpo inferior da Figura; e das mesmas preciosidades se formava a aljava, e seu fastão, que pendia do ombro direito intransverso para a parte esquerda; e com o mesmo custo, e grandeza eram fabricadas as alparcatas e braceletes: levava na mão arco, e frechas, armas, de que ainda hoje usam seus incultos habitantes. Acompanhavam a esta Figura as de cinco Índios da terra a pé, ornados das vistosas penas das aves da América, armados de arcos e frechas. Seguiam-se a esta Figura duas mais, que representavam uma o Reino de Portugal, outra o de Castela, ambas a cavalo. Vestiam à trágica com capilares de ricas telas, guarnecidos de franjas, e galões de ouro: o peito da Figura de Portugal era formado de ouro, e de ouro era também a coroa, que levava na cabeça, por ser este o precioso metal, que de suas entranhas oferece liberalmente a América a Portugal. Formava-se o peito, e coroa da Figura de Castela de prata, porque de prata enriquece a América os Reinos de Castela. Cada uma destas Figuras

levava na mão arvorados os Estandartes dos Reinos de Portugal, e Castela, objetos principais de tanta celebridade.

Por resolução do Senado da Câmara vestiram os Officiaes da República quatorze danças, para fazerem, plausível esta grande Procissão, as quais todas se compunham de muitas, e bem trajadas Figuras, e harmônicos instrumentos, cujos nomes, e inventos me seria fácil expor neste papel, se a jocosidade deles não fizesse menos grave a matéria desta Relação. Todas estas danças dispôs o Reverendo Doutor Francisco Martins Pereira, Chanceler da Relação Eclesiástica, a quem Sua Ilustríssima cometeu o governo desta Procissão, com a boa ordem, que abaixo veremos em seus lugares.

As sobreditas Figuras de Portugal, e Castela seguiam-se as oito Procissões, de que se compunha esta grande Procissão. A primeira era a da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário das portas do Carmo: compunha-se esta de duas danças, e cinco Confrarias, que tem esta Matriz, ornadas com seus guiões, Cruzes, e mais insígnias; a Cruz da Paróquia, os Clérigos dela com sobrepelizes, (e do mesmo modo os das mais Freguesias) o Reverendo Pároco com Pluvial de tela branca, e em último lugar um carro revestido de telas, guarnecidas de franjas, e galões de ouro, e no trono dele a Imagem de Nossa Senhora do Rosário, ornada de muitas jóias de diamantes.

A segunda Procissão era a da Freguesia de Nossa Senhora do Pilar. Compunha-se de duas danças, e outras tantas Irmandades, que tem esta Freguesia, com seus guiões, Cruzes, e mais insígnias: a Cruz da fábrica, à qual seguiam os Clérigos da Freguesia, e o Reverendo Pároco com Pluvial de tela; e em último lugar um carro matizado de sedas crespas, guarnecidas de franjas de ouro e prata, e no alto dele ia colocada a Imagem de Nossa Senhora do Pilar, ornada de riquíssimas jóias.

A terceira Procissão era a da Freguesia de São Pedro. Compunha-se de duas danças, nove Confrarias, que tem esta Freguesia, com seus guiões, Cruzes, e mais insígnias; a esta seguia-se a Cruz da Freguesia com todos os seus Clérigos, e atrás o Reverendo Pároco com Pluvial de tela branca, e em último lugar um carro revestido de boas sedas guarnecido de franjas e galões de ouro, e no alto dele ia a Imagem do Príncipe dos Apóstolos São Pedro assentado numa cadeira debaixo de um docel de tela, revestido de Pontifical com uma Tiara fabricada engenhosa, e naturalmente de diamantes, e outras pedras preciosas.

A quarta Procissão era a da Freguesia de Nossa Senhora do Desterro. Compunha-se de duas danças, seis Confrarias, que tem esta Matriz, com seus guiões, Cruzes e mais insígnias, a quem seguia

a Cruz da fábrica com seus Clérigos, e o Reverendo Vigário com capa de **Alperges** de tela, e em último lugar um grande carro revestido de finíssima cassa da Índia encrespada, guarnecido de franjas e galões de ouro, e de muitas, e vistosas flores da Índia, que o faziam grave e vistoso: e no alto dele debaixo de um pavilhão de tela iam colocadas as três Imagens de Jesus, Maria, José ordenadas de muitas, e preciosas jóias de diamantes.

A quinta Procissão era a da Freguesia de Santo Antônio. Compunha-se de duas danças, sete Confrarias com seus guiões, Cruzes, e mais insígnias, a quem seguia a Cruz da Freguesia com seus Clérigos, o Reverendo Pároco com Pluvial de tela e atrás um carro revestido de boas sedas, guarnecidas de franjas e galões de ouro, e no trono dele ia colocada a Imagem do insígne Português Santo Antônio, ornado de muitas, e preciosas jóias.

A sexta Procissão era a da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Praia. Compunha-se de duas danças, dezenove Irmandades, que tem esta Matriz, e duas Igrejas filiais com seus guiões, Cruzes, e mais insígnias, a quem seguia a Cruz de fábrica com todos os Clérigos da Freguesia, e o Reverendo Pároco com Pluvial de tela branca; e em último lugar um andor ricamente ornado de sedas crespas, e guarnecidas de franjas, e galões de ouro, e nele ia a Imagem de Nossa Senhora da Conceição vestida de roupas, e ornada de preciosas jóias.

A sétima Procissão era a da antiga Freguesia de Nossa Senhora da Vitória. Compunha-se de duas danças, cinco Confrarias com seus guiões, Cruzes, e mais insígnias, a quem seguia a Cruz da Freguesia com seus Clérigos, e o Reverendo Pároco com Pluvial de tela; e em último lugar um carro vestido de sedas crespas, guarnecido de franjas, e galões de ouro; e no alto dele ia colocada a Imagem de Nossa Senhora da Vitória ornada de preciosas jóias.

A oitava, e última Procissão era a da Freguesia da Sé. Compunha-se de um baile, que a diligência, o cuidado, e desvelo dos familiares de Sua Ilustríssima, ordenaram: a tanto obriga o exemplo de um bom, e zeloso Prelado. Compunha-se este baile de dezoito Figuras, a saber, o casto José, Hera mulher de Putifar, oito Egípcios, e outras tantas Egípcias. Tirou-se o invento deste luzido baile do Capítulo 39 do Gênesis em veneração do nome do Sereníssimo Príncipe do Brasil. Neste baile, e seu carro se viu o maior custo, grandeza, e esplendor de toda a Procissão: vestia o casto José uma túnica apanhada de tessu, guarnecida de renglaves de ouro; formava-lhe o peito uma tarja de brutesco levantado de ouro, em cujo centro estavam as Armas de Portugal com coroa Imperial, tudo fabricado de ouro, diamantes, esmeraldas, e outras pedras preciosas

em campo de veludo carmesim: do nascimento do peito pendiam galhardos fraldões de tela, guarnecidos de renglave, e franjas de ouro. De glacê de ouro bordado do mesmo era a capa, que em defesa de sua Castidade largava nas mãos de sua Senhora, e na cabeça levava coroa de louro; finalmente o que mais realçava nesta Figura era o engenho, e a arte, com que estas preciosidades estavam igualmente dispostas. A Figura de Hera vestia à trágica com fraldões, e capilar de riquíssima tela guarnecida de franjas, e galões de ouro: muitas, e preciosas jóias de diamantes lhe revestiam o peito, e ornavam a grinalda da cabeça, com que a faziam a todas as luzes brilhar por excesso. As mais Figuras, assim de homens, como de mulheres, competiam igualdade no luzimento, asseio, e valor, porque nelas se não viram mais que tessus, glacês, telas, e diamantes, e tudo com grave, e asseada compostura. Todas estas dezoito Figuras, além dos tangedores, iam num carro de proporcionada grandeza, e excelente arquitetura, revestido, e matizado de riquíssimas sedas encrespadas, guarnecidas de franjas, e galões de ouro. Na parte posterior debaixo de um riquíssimo pavilhão de ló carmesim franjado de ouro levava uma bem paramentada cama, em que ia sentada Hera; e na frente, e parte anterior do carro ia sentado o casto José, e de uma e outra parte as mais Figuras cantando ao som de instrumentos as letras do mesmo baile, cuja grandeza, perfeição, e asseio se não pode cabalmente descrever sem nota de excessivo.

Seguiam-se a este carro onze Confrarias, que tem esta Cathedral, com seus guiões, Cruzes, e mais insígnias, e atrás delas num andor ornado de vistosas flores ia o Glorioso Patriarca São José ornado de muitas jóias de dimantes. A este andor se seguia a Comunidade dos Religiosos de Nossa Senhora do Monte do Carmo; e logo a Cruz da Paróquia com todos os seus Clérigos, entre os quais iam os Religiosos de todas as mais Religiões desta Cidade, e em último lugar ia o Reverendo Cura da Sé com Pluvial de tela branca, e atrás o andor do Santo Salvador, Orago desta Cathedral, ricamente ornado, e carregado por Clérigos.

Seguiam-se os Músicos da Sé, e logo a Cruz do Cabido associada de Ceroférários: continuavam os Beneficiados do coro com velas de cera de livra nas mãos, e atrás os Reverendos Capitulares paramentados com Pluviaes do rico ornamento desta Sé com tochas acesas; a quem seguiam os mais Ministros paramentados de Tunicelas, e Dalmáticas, entre os quais iam dois Turiferários com Dalmáticas de tela incensando a via. Em último lugar ia o Ilustríssimo Senhor Arcebispo com o Santíssimo Sacramento exposto em Custódia, associado dos Reverendos Diáconos assistentes, debaixo do precioso Pálio, em cujas varas pegavam os Cidadões. Atrás do Pálio acompanhou a Procissão o Excelentíssimo Vice-Rei com uma custosíssima gala, a

quem finalmente seguiam o Senado da Câmara, e mais Cidadões com varas. Depois de se recolher no Sacrário o Diviníssimo Sacramento com as cerimônias devidas, e depostos os paramentos, deu lugar o dia a que Sua Ilustríssima, e o Excelentíssimo Vice-Rei vissem dançar, e cantar no terreiro da Sé, senão todo, ao menos parte do baile do Casto José, a que pôs termo a noite, e a toda a majestosa gala desta magnífica Procissão.

A última demonstração de afeto, e alegria, com que a Bahia coroou toda a sua celebridade nesta ação de graças, foram seis Comédias, que à sua custa mandou representar o Senado na Praça de Palácio com a maior grandeza, e aparato, que jamais se viu, não perdando a diligência alguma necessária para esta alegre representação. Ornava-se o vestuário de bastidores de muitas, e várias mutações de Palácios, salas, jardins, bosques, e arvoredos; e com tão próprias aparências de raios, trovões, mares, navios e nuvens, que mais pareciam realidades, que demonstrações fingidas. A todas assistiu publicamente o Excelentíssimo Vice-Rei com mui novas e excellentíssimas galas.

Em cinco de agosto se representou a primeira Comédia intitulada **Los Juegos Olímpicos**. Teve uma Loa de oito Figuras: Lusitânia, Espanha, as três Potências da Alma: os três Tempos, Presente, Pretérito, e Futuro, e dois coros de Música, cujo pensamento foi infundir o Amor nova alma nas duas Monarquias, para o que fez aparecer os Tempos; mandando a Memória ao Pretérito riscar as discórdias passadas; a Vontade ao Presente aplaudir tão soberanos Desposórios; e o Entendimento ao Futuro prometer felicidades perpétuas, e como tudo isto ficava unido em amor, sendo este Rei, e Deus, prometeu fazer os Reinos de Portugal, e Castela eternos por meio destes Reais casamentos.

A oito do mesmo mês se representou **La fuerza del natural**. Teve uma Loa de cinco Figuras: um Português, um Castelhana, Amor, Vênus, Himeneu, e três coros de Música, e começando joco-séria, por quererem o Português, e Castelhana ser o primeiro em falar, ao som dos três coros de Música das três Divindades suspenderam a contenda, e os compôs o Amor, que vinha animando setas para com reverência ferir os heróicos peitos, que amantes enlaçava Himeneu, e Vênus como a melhores Divindades adorava as Sereníssimas Infantas; concluindo-se com parabéns, que lhes tributavam, e muitos vivas, que se davam entre si os dois litigantes pela amizade resultante de tão soberanos casamentos.

A terceira Comédia intitulada **Fineza contra Fineza** se representou em dez de agosto. Teve uma Loa de seis Figuras: Alegria, Felicidade, Aurora, Zênite, Tarde, e Dia, cujo argumento foi querer

cada um oferecer aos Príncipes desposados uma grinalda de flores, alegando cada qual suas razões, e por conclusão se deu ao Dia, para dela fazer oferta ao Excelentíssimo Vice-Rei, que mais dignamente a oferecesse ao Sereníssimo Príncipe do Brasil, como Pessoa Suprema na terra, que é do seu Principado, prognosticando cada um eterna Primavera de felicidades.

A quarta Comédia **El Monstro de los Jardines** se representou em treze de agosto. Teve uma Loa de cinco Figuras: Netuno, Ceres, Vênus, Apolo, e Amor com dois coros de Música, cujo enredo foi aparecer ao Mar, e a Terra ardendo ao som de toda a Música, que cantava a fogo; e queixando-se Netuno pela água, Ceres pela Terra, que ardia o Universo, decifrou a Netuno a sua ruína Vênus, como Estrela do Mar, serem aquelas chamadas benignos raios dos dois Sóis, quais são os dois Sereníssimos Príncipes desposados. Apolo também decifrou a Ceres terem os dois Sóis duas Auroras, quais são as Sereníssimas Infantas, que brilhando com benignas luzes inflamavam os corações em afetos. Como isto podia ser, mostrou o Amor, pois o incêndio amante queima, mas não abrasa os corações mais finos; concluindo que aquelas chamadas eram afetos puros dos Vassallos de uma, e outra Monarquia.

A quinta Comédia: **El Desden con el Desden** se representou em dezesseis de agosto. Teve uma Loa de sete Figuras; Amor, Fineza, Afeto, Desdém, Ingratidão, Zelos, e Dinheiro Figura graciosa: cujo assunto era uma batalha travada entre Amor, e Desdém, cada um com seus parciais, a saber; do Amor eram Fineza, e Afeto: do Desdém eram Ingratidão, e Zelos; a qual contenda compôs o Dinheiro; e decifrando o título da Comédia, mudou em sentido moral as Figuras; ficando o Amor em verdadeiro culto, que se dá ao verdadeiro Deus; a Fineza a Fé, e o Afeto o quinto Império de Cristo, que toma forças humanas nos dois Monarcas Obediente, e Católico. O Desdém se verteu em Judaísmo, a Ingratidão em Heresia, e os Zelos na Seita de Mafoma, zelosas da sua ruína. E o Dinheiro ficando em poder destes dois Príncipes, plantaram a verdadeira Lei por todo o Universo; concluindo que apesar da Inveja, e do Inferno reinaram em Deus eternamente. A esta batalha excitavam dois coros de Música.

A sexta, e última Comédia intitulada **La Fiera, el Rayo, la Piedra** se representou em vinte de agosto. Teve uma Loa de nove Figuras, a saber, os quatro Elementos, as quatro partes do Mundo, e o Amor com quatro coros de Música. O assunto foi mostrar o Amor que não só as quatro partes do Mundo, mas também os quatro Elementos, rendiam obediência aos dois Soberanos Monarcas Obedientíssimo, e Católico. Para este efeito fez o Amor aparecer os Elementos, uns em elevações, outros em aparências, conforme a sua natureza; e cada parte do Mundo ofereceu o Elemento, que lhe era mais próprio,

e natural: concluiu o Amor que, visto estarem unidos em afeto, prestassem sua obediência aos dois Soberanos Monarcas. Todas estas Loas insinuavam o título de cada Comédia com a natureza possível da sua direção, e estilo poético.

Desta sorte finalizaram os moradores da Cidade da Bahia, cabeça do Estado do Brasil, a demonstração de pública alegria, e contentamento, que tiveram pela glória de se concluírem com tanta felicidade os casamentos dos Sereníssimos Senhores Príncipes de Portugal, e Castela. E se em outras Cidades do Reino por esta justíssima causa fizeram seus moradores semelhantes demonstrações de afeto, e alegria com maior grandeza, e soberania, contudo se não deve negar que nesta ocasião obraram os moradores da Bahia, não só o que puderam, mas que ainda obraram além do que as suas posses permitiam; e obrar o que cabe nos limites da possibilidade em gratificação dos benefícios recebidos é dívida, que se satisfaz; porém obrar mais do que permitem as forças do agradecido é fineza extremosa. Esta obraram os moradores desta Cidade com tanto excesso, que por ela esperam que Deus Nosso Senhor conceda ao Reino de Portugal inumeráveis aumentos, a Sua Majestade anos eternos, e aos Sereníssimos Príncipes felicidades sem conto.

AÇÃO DE GRAÇAS,

Que na Sé Metropolitana da Bahia se fez pela felicíssima Exaltação do Eminentíssimo Senhor Cardeal da Mota

Não pode um coração magnânimo, e generoso disfarçar o gosto, a alegria, e o contentamento resultante das felicidades, que logram seus íntimos e cordiais amigos. Chegou a esta Cidade da Bahia a alegre nova da Exaltação do Eminentíssimo Senhor **Cardeal da Mota**; e foi tão grande o alvoroço, aplauso, e contentamento, com que o nosso Ilustríssimo Arcebispo recebeu esta notícia, que o seu terno coração, não cabendo na sua limitada esfera, em pedaços lhe saía pelos olhos de júbilo, e contentamento.

À vista de tanto prazer recebeu dos seus Capitulares, e de outras muitas pessoas de distinção alegres parabéns, aos quais fez Sua Ilustríssima saber que foram para ele as felicidades de Sua Eminência as mais ditosas, que podia desejar; e que para a sua estimação foi esta Frota (sendo a mais pequena) a em que lhe vieram da Europa as mais ricas, e estimáveis preciosidades.

Não só para dar a Deus as graças pela exaltação de Sua Eminência, mas para dar a suas ovelhas um admirável documento, qual é o louvar exteriormente a quem como Astro brilhante, seguindo as luzes do Divino Sol, se consagra todo em seu obséquio, como diz São Lourenço Justiniano: **In ipsis ueluti in lucidioribus stellis Ecclesiae debemus uitae nostrae exemplum capere, utpote qui Deo famulantur interius, nobis uero fulgent exterius;** determinou Sua Ilustríssima fazer pública demonstração de alegria, não só para satisfação do seu afeto, mas para dar a entender com estes festivos aplausos as muitas virtudes, de que é dotado Sua Eminência, para serem de suas ovelhas justamente imitadas.

Deu-se princípio a esta plausibilidade em doze de setembro com repiques três noites na Catedral, e luminárias, não só no Palácio de Sua Ilustríssima, mas no do Excelentíssimo Senhor Vice-Rei, e nas casas dos Reverendos Capitulares, Ministros da Relação deste Estado, e de outras muitas pessoas de distinção. Em quinze do dito mês veio Sua Ilustríssima a sua Catedral associado do seu Reverendo Cabido, e depois de feita oração na Capela do Santíssimo Sacramento foi para a sua sede. Por ser o dia oitavo do Nascimento de Maria Santíssima, cantou a sua Missa com segunda Oração **pro gratiarum actione** o Reverendo Deão o Doutor Sebastião do Vale Pontes. No fim dela depôs a Planeta, e recebeu o Pluvial, e expôs em Custódia o Diviníssimo Sacramento; e depois de incensado com harmônicos coros de Música se cantou o **Te Deum laudamus**, o qual findo, e feita a comemoração do Santíssimo Sacramento, se encerrou com as devidas cerimônias. Fez plausível este ato um Nobre congresso, composto dos Ministros da Relação deste Estado, Prelados, e Religiosos de todas as Religiões, e pessoas de distinção, e Nobreza.

Esta é em suma a pública demonstração de afeto, e alegria, que o nosso Ilustríssimo Prelado fez na sua Catedral pela Exaltação do Eminentíssimo Senhor **Cardeal da Mota**. E se dos Eminentíssimos Senhores Cardeais, como Pessoas Supremas, é a proteção atributo inseparável, espero que Sua Eminência tome esta Catedral da Bahia tanto debaixo da sua proteção, e amparo, que cada vez mais se veja ela exaltada, e provida do muito, que ainda lhe é necessário para maior culto, e veneração de Deus Nosso Senhor, que é todo o emprego do meu maior desvelo, e cuidado.

SERMÃO NA AÇÃO DE GRAÇAS,

que na Catedral da Bahia se celebrou pelos felicíssimos casamentos dos Sereníssimos Se-

nhores Príncipes, de Portugal, e Castela, dedicado ao Ilustríssimo Senhor Arcebispo da Bahia Dom Luís Álvares de Figueiredo, Metropolitano dos Estados do Brasil, Angola, e São Tomé, do Conselho de Sua Majestade, etc. Pregou-o o Doutor Sebastião do Vale Pontes Deão da mesma Sé, Desembargador da Relação Eclesiástica, Provisor, e Vigário Geral do Arcebispado.

DEDICATÓRIA

ILUSTRÍSSIMO SENHOR

“Dignou-se Vossa Ilustríssima mandar-me que nesta ação de graças pelos felicíssimos casamentos dos Sereníssimos Príncipes do Brasil o Senhor **Dom José** com a Sereníssima Princesa a Senhora **Dona Maria Ana Vitória**, e do Sereníssimo Príncipe das Astúrias o Senhor **Dom Fernando** com a Sereníssima Princesa de Portugal a Senhora **Dona Maria Bárbara** fosse eu o Pregador.

“Bem entendi eu logo da energia, e eficácia, com que Vossa Ilustríssima me mandava, que juntamente me encarregava o primor da obra: **Nihil in te mediocre esse contentus sum; totum summus, totum perfectum desidero**, escrevia São Jerônimo a Paulino; e que com suavíssimo, mas imperioso modo me dizia: **Mandatum hoc non supra te est**; (1) e só me dizia com Santo Agostinho: **Et si rem grandem dixissent uobis, certe debuissetis facere**; pois estava Vossa Ilustríssima muito certo que a matéria, sobre que eu havia de falar, era a todas as luzes grande, alta, e majestosa.

“O que logo me ocorreu para desterrar o meu justíssimo, e bem fundado receio.

“**Plus aliis de te, quam tu tibi credere noli**, foi o poder, e a autoridade de quem me mandava: **Sermo eius potestate plenus est**; e a obediência, que por tantos títulos devo a Vossa Ilustríssima; e alentado com a promessa do Capítulo 21 dos Provérbios: **Vir obediens**

(1) Deut., 31, 11.

loquitur uictoriam; sem dizer: **Non sum eloquens;** (2) prostrado aos pés (sic) de Vossa Ilustríssima lhe beijei a mão, por ser servido dar-me tão gloriosa incumbência.

“A diligente pressa, com que ideei, e escrevi o Sermão, bem inculca o gosto, com que me entreguei a esta empresa: **Nisi id, quod agendum est, delectet, et ametur, non fiet,** diz Santo Agostinho. Chegou o bom dia de falar em presença do melhor, mais entendido, mais discreto, e mais político auditório da Bahia, felicidade, que avalio por grande: **Beatus qui dicit in aures audientium,** diz São Clemente Alexandrino. E com me achar grandemente temeroso, sem jactância posso dizer com verdade: **Non sum turbatus te Pastorem sequens;** (3) antes parece que a presença de Vossa Ilustríssima, que me elegera, me sugeria alentos, para expor o bom, que me pode ocorrer: **Quod egressum est de labiis meis rectum, in conspectu tuo fuit.** (4)

“Com esta experiência me persuadi que, pois Vossa Ilustríssima assim alentava ao Pregador, igualmente ampararia a pregação. Confesso que, ainda que não vai destituída de folhas, todavia vai muito despida de flores, que comumente se não acham neste Vale; e não fora pouco aceita, se, como a figueira, sem se ornar de flores, toda se desentranhasse em frutos: **Poma pro floribus;** que é o que Vossa Ilustríssima em suas Cartas Pastorais muito encarrega, manda, e recomenda aos Pregadores. Mas, como nesta função pregou Vossa Ilustríssima com as ações, que mais podem mover, e persuadir a suas ovelhas a obedecer a Deus, e aos Monarcas: **Vita subditorum informatur ad obediendum Deo, et Principibus;** (5) parece que quase se não percebe a minha falta, ou que esta fica remissível em ocasião de tanto gosto, e função de tanta alegria: nem podiam faltar os frutos em Vossa Ilustríssima; pois além de ser aquela Árvore, com que principia o Salmista: **Tanquam lignum, quod plantatum est secus decursus aquarum, quod fructum suum dabit in tempore suo,** o uso, que Vossa Ilustríssima tem de bem fazer, passou a ser natureza: **Benefacere ex consuetudine in naturam uertitur,** (6) diz Salústio; e isto é mais, que dar frutos a seu tempo.

“De uma figueira lemos na Sagrada Escritura que em três anos, em que se buscaram seus frutos, se não acharam: **Ecce anni tres sunt, ex quo uenio quaerens fructum in ficulnea hac, et non inuenio.** (7)

(2) Exod., 4.

(3) Ierem., 17, 16.

(4) Ibid.

(5) Auth: habita Cod ne filius pro patre.

(6) Psalm.

(7) Luc., 13, 17.

Ainda não estão completos bem três anos, que a copada Figueira de Vossa Ilustríssima, bem inculcada no nome, e Armas de Vossa Ilustríssima, foi transplantada no terreno desta sua ditosa Diocese com felicidade assaz grande deste seu Arcebispado: **Nihil in Ecclesia pretiosius, nihil optabilius bono, utilique Pastore**, diz São Bernardo. Mas bem se sabe que todos quantos desde então buscaram nele frutos, os acharam suavíssimos; e diziam à boca cheia: **Ficus protulit grossos suos; ficus prae omnibus fructibus suavis est**; (8) e até nas melíferas palavras, com que Vossa Ilustríssima nos trata, bem mostra a doçura de seus frutos: **Mel, et lac sub lingua eius**.

“Da abundância destes melíferos frutos se viu também felizmente participante aquela parte do Recôncavo, que se acha desde a Matriz do Apóstolo São Bartolomeu de Maragogipe até a de Nossa Senhora da Purificação, na vigilantíssima visita, que Vossa Ilustríssima fez daquelas Igrejas logo que acabou de visitar a Cidade, procurando muitas, e repetidas vezes com as pregações, que fazia naquelas Paróquias, introduzir nos corações daquelas, que ouviam a voz do seu Pastor, aqueles dignos frutos, que tanto procurava o Batista: **Facite ergo fructus dignos paenitentiae**, e declara São Mateus no Capítulo 3, v.8. e São Lucas no Capítulo 3. n.8. por meio dos Santos Sacramentos, que incansavelmente administrava, e pelas confissões gerais viu Vossa Ilustríssima, sazoados frutos não vigésimos, não sexagésimos, mas centésimos, de que trata São Mateus no Capítulo 13. n.23. **Et fructum afert, et facit, aliud quidem centesimum**, ficando os ouvintes igualmente consolados, e instruídos; e aonde a fama estendia esta notícia, dizia todo o sábio, pio, e devoto, descobrindo o que passava no interior de seus corações: **Praeeoquas ficus disideravit anima mea**, (9) e por isso desciam de partes remotas a matar aquela fome na mesa de seu Pai: **Ibo ad Patrem**.

“Recolheu-se Vossa Ilustríssima, quando a olhos fechados o pedia a ocasião, para a sua Cidade; e com haver bastante mudança de tempo, em todo não cessou a cópia destes saborosos, e ainda medicinais frutos. Chegou a notícia destes felicíssimos casamentos, que aplaudimos, e sem poder Vossa Ilustríssima encobrir, nem disfarçar tanto gozo, e tanto prazer, logo (sem tirar de César o que é de César) delineou dar a Deus o que é de Deus, como quem para mover, e excitar as ovelhas pratica comumente o que aos Pastores aconselha São Gregório: **Sit Pastor operatione praecipuus**.

“À vista do grande exemplo, que nos dá Vossa Ilustríssima, cooperando para estas celebérrimas festas, não como Pontífice no Brasil, mas como se o fosse nas Sés de Portugal, se animaram as

(8) Alap., Cant., 2, 13.

(9) Mich., 7.

suas ovelhas a estimar, aplaudir, e festejar o que, por ser bem de todos, com prazer, e alegria de todos se deve festejar: **Pietas exigit ut quidquid pro salute uniuersorum gestum recolitur, communibus ubique gaudiis celebretur**, diz São Leão Papa.

“Com estes frutos pois, Ilustríssimo Senhor, que Vossa Ilustríssima fez, e em que brotou, parece esquece a falta dos que eu não fiz; e assim lembrando-se Vossa Ilustríssima de que toda a sua felicidade é benefício, que conseguiu com a pensão de valer aos que, como eu necessitam dela: **Qui felices sunt, sua felicitate ad Dei gloriam, et aliorum auxilium utantur**; (10) e na suavíssima consideração de que por isso tem a figueira folhas grandes, para que faça sombra aos que dela se amparam: **Ficus amplis follis umbram facit**, me valha agora como sempre: **Confessio non ingrati**; pois digníssimamente exerce Vossa Ilustríssima o cargo de Provedor da Irmandade de São Pedro, aquele Soberano Príncipe, que até com a sua sombra fazia prodígios: obre a sombra de Vossa Ilustríssima comigo o que por continuado não é maravilha.

“Bem sei que sou ovelha entre lobos: **Ecce ego mitto uos, sicut oues in medio luporum**; (11) mas muito bem sabe Vossa Ilustríssima que à sombra de uma figueira se criaram aos peitos de uma Loba Rômulo, e Remo, segundo a notícia, que deixou escrita Plínio, citado por Alápide: **Additque Romulum, et Remum sub ficu nutritos a Lupa**. É sem dúvida que dos frutos daquela figueira se sustentava esta fera, e com o suavíssimo suco deles, e sombra da mesma árvore, como deixando de ser rústica, e silvestre, se humanou tanto, que criou dois tão grandes Heróis, como verdadeiros, e legítimos herdeiros de Marte.

“Finalmente não é Vossa Ilustríssima nem por sombras a figueira amaldiçoada para não dar mais frutos: **Numquam ex te fructus nascatur**, é sim uma tal Figueira, como destinada para vir à Bahia fazer muito fruto: **Possui uos ut eatis, et fructum afferatis**. (12) É uma tal Figueira, que cada um de seus amantes, e reverentes súditos, olhando para Vossa Ilustríssima, lhe diz com Davi: **Benedicat tibi Dominus ex Sion** (13) em correspondência das muitas, e santas bênçãos, com que por altos fins, e saudáveis frutos quer Vossa Ilustríssima, e a Santa Igreja ver-nos abençoados: **Benedicti uos a Domino**; e com a bênção, que agora espero me lance Vossa Ilustríssima, como quem me apadrinha, que de outra sorte me não levantarei de seus pés: **Non dimittam te, nisi benedixeris mihi**, (14) dizia Jacó com o sumo

(10) Alap., in Gen., 30, 29.

(11) Math., 10.

(12) Ioann., 15, 16.

(13) Psalm., 143.

(14) Gen., 32, 26.

desejo, que explica Alápide: **Ingenti affectu, et desiderio hoc dixit Iacob**; entenderei que a clemência de Vossa Ilustríssima a meu favor interpõe boa parte de sua grande autoridade, e que não só me promete aquela proteção, que o Imperador Frederico prometeu aos seus Acadêmicos: (não peço louvor, porque o não mereço) **Nostram laudem, et protectionem omni modo mereantur**, mas está dizendo aos Críticos: **Bonum opus ententio facit, non ualde attendes quid homo faciat, sed quid cum facit aspiat**. E com esta breve, mas nervosa, e incontrastável Apologia, fundada na minha tenção, atençação, desejo, obrigação, e obediência, ficarei seguro, se não de lograr triunfos, certamente de conseguir vitória: **Vir obediens loquitur uictoriam**. A Pessoa de Vossa Ilustríssima conserve, e guarde Deus como muitos havemos mister, e lhe pedimos.”

Ilustríssimo Senhor,

De Vossa Ilustríssima

Súdito mais humilde, e mais obrigado, Q.S.M.B.

Sebastião do Vale Pontes.

Simile factum est Regnum Caelorum homini Regi, qui fecit nuptias filio suo.

Math., Cap. XXII, n. 2.

Cum esset desponsata Mater Eius Maria Joseph.

Math., Cap. I, n. 18.

Gratias ago.

Luc., Cap. XVIII, n. 11.

Pax huic domui.

Luc., Cap. X, n. 5.

Processerunt uicum unum.

Actus Apostolorum. Cap. XII, n. 10.

Gaudeamus, et exultemus, et demus gloriam ei: quia uenerunt nuptiae.

Apocal., Cap. XIX, n. 7.

§ 1.º.

Sendo, como é, doutrina do Apóstolo São Paulo, que em todas as coisas devemos dar graças a Deus; **In omnibus gratias agite**; na pia consideração de que assim sucedem, porque assim nos são úteis, e nos convêm: **In omnibus rebus tanquam utiliter contingentibus**, comenta Teosilato; à vista das grandes conveniências, e utilidades, que consigo trazem os felicíssimos Casamentos do Sereníssimo Prín-

cipe do Brasil com a Sereníssima Princesa de Castela **Dona Maria Ana Vitória**; e da Sereníssima Princesa **Dona Maria Bárbara** com o Sereníssimo Príncipe das Astúrias **Dom Fernando**; mais que obséquio, é dívida alegrar-se, e saltar de prazer a Bahia, e render graças à Metrópole do Brasil; e chegado a haver júbilo, alegria, e ação de graças: **Gratias ago: gaudeamus, et exultemus, et demus gloriam ei**, não se podia omitir este Penegírico; pois a tais alegrias, e ações de graças vinculou Isaias voz de louvor: **Gaudium, et laetitia inuenietur in ea, gratiarum actio, et uox laudis.** (15) É bem verdade que a voz devia sair de outro Órgão, outro devia ser o Panegirista; mas, se a obediência me pôs neste lugar, já desde aqui confessa, e pede, não digo a minha insuficiência, mas toda a minha aplicação, e estudo, que ao prazer do nosso Tema: **Gaudeamus**, se acrescenta aquele grande júbilo, a que convida São Leão Papa, de serem os desposados do Verbo Divino de tanta grandeza, e excelência, que todo este Sumo Pontífice confessou de si não ser apto, idóneo, eloquente, nem elegante para falar de assunto tão subido: **Gaudeamus, quod ad eloquendum tantum misericordiae Sacramentum impares sumus.**

Já deste pouco que dissemos apadrinhado dos Temas, podíamos deduzir assunto: mas para maior coerência se me faz preciso referir o que os nossos mesmos olhos chegaram a ver. Público é que se publicaram estas celebérrimas festas a vinte e três deste mês de julho, e a meu entender com muita coerência; porque, se bem se adverte, acharemos que a Escritura Sagrada ocorrente naquele dia logo nas primeiras palavras da primeira lição introduziu a Eliseu falando: **Elisaeus locutus est**; e bem sabem os versados nas histórias que quando nasceu este Profeta, a seu respeito se ouviu a voz de um novilho de ouro em forma, que se ouviu em toda a Jerusalém, como publicando o seu nascimento: **In ortu Elisaei mugit vitulus aureus, et illius mugitus auditus fuit Hierosolimis.** (16) E assentando nesta verdade, parece estar indicando que a sonora, e alegre publicação destas festas fosse naquele dia; e a ser possível se articulasse por uma boca de ouro em forma, que a sua voz mais estrondosa, que a de Estentor se ouvisse em todo o Brasil, já em competência do novilho de ouro em Jerusalém, já em correspondência do Cordeiro de ouro, insígnia da Augustíssima Ordem do Tufão, que balando metaforicamente na publicação das festas de Castela, se ouviria em toda a Espanha. Se já não foi esta publicação a vinte e três, porque a publicação da Bula da Santa Cruzada se havia de fazer, como se fez, a vinte e quatro, e desta sorte uma publicação fosse comento, e explicação de outra publicação: a publicação subsequente da publi-

(15) Isai, 51.

(16) Alep., S. Epiph. S. Isid.

cação antecedente, e entendesse a Bahia que assim como por meio daquele Apostólico Indulto publicado lhe vinham muitas utilidades, assim por meio destes felicíssimos Casamentos, cujas festas se publicaram, lhe resultavam muitas conveniências.

Também foi muito posto em razão que estas festas principiassem a vinte e cinco dias do Sagrado Apóstolo São Tiago Maior; porque muito bem se sabe que o Casamento do nosso Sereníssimo Príncipe do Brasil foi em dia de São João Evangelista, irmão inteiro de São Tiago Maior, por serem ambos filhos de Zebedeu, e da Maria Salomé, cujo dia é célebre, e faustíssimo para Portugal, por ser o do felicíssimo nascimento do nosso Soberano Monarca: e nesta consideração bem se deixa ver a grande coerência, com que em dia de São Tiago Maior principiam as festas, com que se aplaude o Matrimônio contraído em dia de São João seu irmão. E se no ano de 1625 no primeiro de maio dia de São Tiago Menor começou a Bahia a alegrar-se pela sua restauração, neste ano de 1728 a vinte e cinco de julho, dia de São Tiago Maior, começa a alegrar-se pelos Casamentos, que conduzem muito para a sua conservação, nada menos útil que a sua restauração.

Non minor est uirtus, quam quaerere parte tueri. Mais: é certo que São Tiago não só foi Apóstolo de Espanha, mas é seu utilíssimo Patrão; e o seu dia é véspera da gloriosa Santa Ana, com cujo nome se orna uma das nossas Altezas: logo foi dia propriíssimo para principiares estas festas o dia de São Tiago Maior.

Também é sem dúvida que neste mesmo dia concorreu a décima Dominga depois da Páscoa do Espírito Santo, e muito bem sabemos que no Evangelho daquela Dominga se nos ensina a fazer ações de graças: **Gratias ago;** e o douto Dias, não só louva, e trata por admirável este exórdio: **Admirabile est exordium orationis huius Pharifaei,** mas nos persuade nesta parte a sua imitação: **Orationes nostrae incipiant, sicut oratio huius Pharifaei incipiebat;** logo, se estas festas são em ação de graças, justissimamente principiam naquela Dominga, em que lemos no Evangelho: **Gratias ago.**

Esta mesma conferência acho eu neste dia para esta ação de graças, porque, se o que intentamos com este culto é dar glória a Deus, **et demus gloriam ei,** claro está que não podia haver dia mais competente, que este, em que a Santa Igreja aplaude ao grande Patriarca, assaz conhecido por insigne Zelador da glória de Deus: **Ad maiorem Dei gloriam;** e tanto se não implica uma com outra festa, que antes a festa de Santo Inácio é muito conducente para a festa dos nossos Casamentos: porque estou certo que quanta glória se deu hoje a Inácio nos religiosíssimos Colégios, e Casas professoras, em que se festejaram suas suavíssimas memórias, ainda que o santo,

e magnífico Colégio desta Cidade, fundado pelo piíssimo Rei Dom Sebastião, transferiu a festa, cedendo do lícito, por atender ao decente: **Multa mihi licent, sed non omnia expediunt**; tanta glória se deu a Deus: **Gloria Sancti Ignatii est gloria Dei**, diz Quisélío, verificando-se em Inácio o que diz o Eclesiástico no Capítulo 44. **Multam gloriam fecit sibi Deus**, que é tanto como dizer que dar ao Mundo um Inácio granjeou glória para si; e desta sorte veio a crescer com antecipação aos carros triunfais, que aformosearam a Procissão de amanhã, o carro triunfal da glória de Deus, que viu Ezequiel, em que vemos o símbolo de Inácio, Herói Espanhol, que ilustra, engrandece, e concorre gloriosamente hoje: **Ad maiorem Dei gloriam: demus gloriam ei: gloria Ignatii est gloria Dei**.

Mais: na última Coleta da Missa de Santo Inácio dizemos a Deus que com aquele sacrifício, que lhe havemos oferecido, lhe tributamos uma ação de graças por Santo Inácio: **Laudis hostia, Domine, quam pro Sancto Ignatio gratias agentes obtulimus; sim, gratias agentes?** Pois assentemos que para a ação de graças, de que hoje tratamos, vem frisando este dia de Santo Inácio: **Gratias agentes**, correspondendo este sábado presente à Dominga passada primeiro dia destas festas: **Gratias ago**.

Ainda aqui há mais, que ponderar por parte da coerência, e é, que, como nestes dias de tantas festas nos havíamos de buscar uns aos outros, para nos congratularmos, e nos darmos os parabéns de tanta felicidade, veio o Evangelho da celebridade de Santo Inácio dar-nos método, e forma para darmos estes parabéns incluídos, e envoltos no nome da paz: **Pax huic domui**, (17) diz Cristo por São Lucas: **Nomine pacis intelligitur omne bonum; est Hebraeorum usitata salutatio, qua iis, quos salutant, omne bonum aprecantur**. (18) E é o que hoje ouvimos da boca do nosso Ilustríssimo Pastor à imitação do que tantas vezes disse o Príncipe dos Pastores: **Pax uobis**, e o que cantaram os Músicos celestes, quando em Belém apareceu Cristo Senhor nosso como desposado: **Tanquam sponsus Dominus: Et in terra pax hominibus**, deixando por aresto que quando os homens têm paz na terra, tem Deus glória no Céu: **Demus gloriam ei: gloria in altíssimis Deo, et in terra pax hominibus; dicite: Pax huic domui**.

Não menos coerente vem rematar esta ação de graças no dia primeiro de agosto; e isso por quê? Será porque nesse dia torna a Santa Igreja (como se desse dia oitavo a São Tiago Maior) a fazer memória do seu martírio com a qualidade de irmão de João: **Occidit**

(17) Luc., X.

(18) Alap., in Ioann., 22.

autem Iacobum fratrem Ioannis? (19) Sim será, mas mais que por isso; e vem a ser, porque neste dia de amanhã se ajunta também a festa de São Pedro livre das cadeias, e do cárcere: e foi acerto coroar esta festa, em que se dá glória a Deus, achando-se juntos por memória São Tiago, São João, e São Pedro, aqueles mesmos, que Cristo escolheu para testemunhas da sua glória no Tabor: **Assumpsit Iesus Petrum, et Iacobum, et Ioannem, et transfiguratus est ante eos;** (20) para que esta glória, que lhe damos, tenha tanto de maior, quanto de assistida destes três principais Apóstolos Pedro, João, e Diogo.

Mais: o dia de amanhã por último desta ação de graças se destinou para a soleníssima Procissão desta ação de graças; e que dia mais próprio para a nossa Procissão, que o dia da Procissão de São Pedro? Enquanto Pedro estava preso de mãos com cadeias, e dos pés por encarcerado, não podia naturalmente sair em procissão, mas tanto que um Anjo o soltou de mãos e pés, logo foi com o Anjo em procissão por uma rua inteira: **Processerunt uicum unum,** (21) diz o Texto: **id est: Plateam integram: Petrus in platea diutius cum Angelo deambriando,** (22) comenta Alápide. Logo vem talhado o dia de São Pedro solto, e levado em procissão pelo seu Anjo da guarda como homem, por outro Anjo da guarda como Príncipe da Igreja, e pelo Anjo, que o veio soltar: **Ecce Angelus Domini;** e como também haveis de ver nesta nossa Procissão ao mesmo São Pedro por imagem ser levado em procissão, acompanhado de tantos Anjos, quantos são os Sacerdotes da sua Freguesia: **An ignoras quid est Sacerdos? Angelus utique Domini est;** proporcionado vem logo o dia da sua Procissão: **Processerunt;** para a nossa Procissão: **procedamus in pace.** (23)

Finalmente do Evangelho da Dominga undécima, que é a de amanhã, se diz que Cristo fizera tudo bem: **Bene omnia fecit.** (24) E que letra mais própria para se cantar amanhã depois de recolhida a mais Régia, e ilustre Procissão, que viu, ou fez na Bahia em louvor do Salvador, e da sua Cidade, que a composta destas três compendiosíssimas palavras: **Bene omnia fecit.** E sem que o pretendêssemos, temos colhido às mãos os acertos, que resultaram da prudência, e circunspecção dos ínclitos Heróis, que respectivamente, segundo tocava a cada um, deputaram tão próprios, como ajustados dias para

(19) Act., 12.

(20) Math., 17.

(21) Act., 12.

(22) Alap., 16.

(23) Chrisof.

(24) Marc., 7.

estas funções; atribuo este acerto à sua prudência, porque estou certo que não hão de fingir, como Numa, Licurgo, e outros Legisladores, que falavam com os Deuses, (25) para desta sorte autorizarem (sic) as suas leis e disposições. Também me persuado que não dirão que todos estes dias se passaram palavra uns aos outros, e se ajustaram para estas festas, aludindo àquele Texto Régio: **Dies diei eructat uerbum**; e assim só me fica lugar para dizer que ou consultaram a Deus na determinação dos dias, ou imitaram ao mesmo Deus, que por se mostrar, não só poderoso, mas prudente, até nos Desposórios de seu Filho atendeu à congruência das coisas e dos tempos: **Deus in omnibus operibus suis quasdam rerum, uel temporum congruentias propeter ordinis pulchritudinem seruare consuevit**, diz São Bernardo. E reconhecida a prudência de tais Heróis, (virtude, que granjeou grandes elogios a Santo Inácio) necessariamente havemos de confessar que tem o principal requisito para governar: **Prima uirtus Praesidentis prudentia est**, disse o Príncipe dos Filósofos: **Si prudens es, gubernas nos**, diz o Provérbio.

Toda a dificuldade está nos objetos, a quem se consagram estas graças: **Gratias ago: Gratias agentes**: mas, como tenho por certo que o mesmo Deus, que nos quer ver agradecidos para com ele, e seus Santos, quer também que o sejamos para com os nossos benfeitores: **Grati statim benefactoribus nostris sempiterna bona retribue**; e muito mais, se os benfeitores são Reis, e Príncipes por suas altas preemi-nências: **Benefici uocantur: Reges jonorificate: siue Regi quasi praecellentii, siue Ducibus**; e o mesmo Cristo na nossa Parábola introduz Reis, Príncipes e Casamentos, que aos Príncipes seus filhos fazem os Reis seus pais: **Simile factum est Regnum Caelorum homini Regi, qui fecit nuptias filio suo**; muito ajustado ao agrado de Deus, e não pouco aos Temas, e congruências da função, e matéria das festas, digo que a Bahia deve render estas graças a Suas Majestades Obedientíssima, e Católica; a Suas Altezas: ao grande Patriarca São José, e a Deus nosso Senhor. A Suas Majestades, porque altamente casaram a seus filhos: **Homini Regi, qui fecit nuptias filio suo**; a Suas Altezas, porque abraçaram os casamentos feitos por Suas Majestades: **Homini Regi, qui fecit nuptias filio suo**; ao Patriarca São José, porque patrocinou estes Casamentos como José, como poderoso, e como desposado com Maria Santíssima: **Cum esset desponsata Mater Iesu Maria Ioseph**; e a Deus por Coroa da obra, porque tais, e tão excelentes Casamentos bem dão a entender que são obra própria de Deus: **Ingens, et proprium Dei donum**, diz Alávide: **Demus gloriam ei, quoniam uenerunt nuptiae**. Para prosseguir necessito de graça.

(25) Plat., in Minoc.

Aue Maria.

Simile factum est Regnum Caelorum homini Regi, qui fecit nuptias filio suo. Gratias ago. Gaudeamus, et demus gloriam ei.

Ex loc. cit.

Ainda que o primeiro, e último Tema se articulam como dois; contudo tanto se identificam, que um alude ao outro, e o último de São João: **Gaudeamus, et exaltemus, et demus gloriam ei, quoniam uenerunt nuptiae**, se funde no primeiro de Cristo; é exposição de Alápide: **Gaudeamus, et aludit ad Parabolam nuptiarum Christi: Math., 22.** E o mesmo sentem Jansênio, e São Jerônimo; e viemos a entender que os júbilos, alegrias, contentamentos, e ações de graças, a que nos convida São João, são efeitos, resultâncias, e consequências bem fundadas, e rigorosamente devidas nos desposórios, e casamentos, que os Reis procuram, e concluem para seus filhos: **Alludit ad Parabolam nuptiarum Christi: Math., 22.** Assim o figurou Cristo em pessoas Reais, **homini Regi**, e assim o experimentamos venturosa, e felizmente nos Sereníssimos Reis de Portugal, e de Castela. Virão ambas as Majestades que por benefício do Céu, grande mercê de Deus se achavam com filhos, e que estes se iam chegando à puberdade; e levados ao ardente zelo do bem comum, que é grande, quando existem Reis naturais: o do sumo desejo de verem propagadas as suas famílias, e Régias descendências, entraram na diligência dos Casamentos de seus filhos; grande, mas próprio empenho dos Heróis, que Deus pôs no mundo para progenitores de Monarcas.

Um dos mais diligentes pais que santa, e virtuosamente procuram casamentos para seus filhos, foi o Patriarca Abraão; e isso por quê? Porque tivesse netos, e mais descendentes: e isso porque torno a perguntar? Porque não só fez Deus grande a este Patriarca: **Faciam te in gentem magnam, magnificabo nomen tuum**, mas fê-lo ascendente de muitos Reis: **Regesque ex te egredientur** (26); e como dele haviam de proceder Reis, achou que devia andar cuidadoso, e diligente em dar mulher a seu filho Isaac: **Abram non uult suum filium esse solum, se cogitat ei uxorem dare, ut filios procreet**, explica Alápide. Assim se houve Abraão cuidadoso, atendendo aos Reis, que dele haviam de proceder: **Regesque ex te egredientur**; e assim Suas Majestades a respeito dos Reis, que de seus ditosíssimos filhos, e de seus descendentes se podem gerar: por isso, aplicando os meios competentes para o tempo, em que a discrição dos Noivos pudesse suprir a idade, deu o nosso Sereníssimo Rei mulher, ao seu querido José:

(26) Gen., 17, 6.

Dedit Iosepho uxorem, e el-Rei Católico mulher ao seu amado Fernando: Indequ accipias uxorem filio meo (27).

Se fosse vivo Orígenes, creio que dissera de cada um destes Augustíssimos Pais o mesmo, que disse do mesmo Patriarca Abraão: **O dilectio parentis, o studium genitoris!** Ó grande amor de pai, ó grande cuidado de progenitor! Mas, pois acabou seus dias, não só digo que na diligência destes Casamentos mostraram Suas Majestades, não só grande amor, e cuidadosa aplicação, mas prudência, discricção, e acerto. Começemos pelo que toca ao nosso Sereníssimo Monarca, e depois passaremos ao de Castela.

Muito certo, e indubitável é que, havendo de tomar estado o Conde Dom Henrique, primeiro tronco dos Soberanos Reis de Portugal, não se deu por satisfeito, senão casando, como casou, com a Sereníssima Princesa Dona Teresa, filha de Afonso VI, Rei de Castela. Também é certo que el-Rei Dom Afonso II terceiro Rei de Portugal casou com Dona Urraca filha d'el-Rei Dom Afonso VIII de Castela. De Dom Afonso III Rei de Portugal, lemos que elegeu para mulher a Dona Beatriz, filha de Afonso IX, Rei de Castela. De Dom Afonso IV, Rei de Portugal consta que casou com Dona Beatriz, filha d'el-Rei Dom Sancho o Bravo, Rei de Castela. É constante verdade que el-Rei Dom Manuel casou com a Princesa Dona Isabel, filha dos Reis Católicos. É bem sabido que el-Rei Dom João III casou com Dona Catarina, filha de Felipe I, Rei de Castela.

Passando já à Majestade Católica, certamente que lançaria estas contas. É sem dúvida que Dom Fernando IV Rei de Castela casou com Dona Constança, filha de Dom Dinis Rei de Portugal. Que Dom João I, Rei de Castela casou com Dona Beatriz filha de Dom Fernando, Rei de Portugal. Que Dom Henrique IV Rei de Castela casou com Dona Joana filha de Dom Duarte Rei de Portugal. Que o Imperador Carlos V casou com Dona Isabel, filha de Dom Manuel Rei de Portugal. Finalmente que Felipe II Rei de Castela casou com Dona Maria, filha de Dom Manuel Rei de Portugal.

E nesta consideração, e das utilidades, e conveniências de um, e outro Reino bem se deixa ver o acerto, com que Suas Majestades elegeram, e ajustaram, e conseguiram felizmente estes Casamentos, e mais nestes, que em outros Reinos, figurados no que lemos do Rei da Parábola de São Mateus: **Simile factum est Regnum Caelorum homini Regi, qui fecit nuptias filio suo;** do Capítulo 41 do **Genesis: Dedit Iosepho uxorem;** e do Capítulo 24 do mesmo Livro: **Ad terram, et cognationem meam proficiscaris, et inde accipias uxorem filio meo.**

(27) Gen., 41.

A magnificência, liberalidade, e quase imensa despesa, com que Suas Majestades se têm portado na função das núpcias de seus filhos, não só desempenharam a Figura da Europa, em que residem, com a Cornucópia de Amaltéia, derramando copiosíssimas abundâncias, mas faz crer a muitos que nascia do grande júbilo, e extraordinário prazer, e contentamento de verem a Suas Altezas tão felizmente casadas; e eu não nego que desta sorte nascerá esta nunca vista liberalidade, e estupenda despesa; pois sempre o gosto preferiu ao cabedal: mas quanto a mim, (perdoem-me Suas Majestades, se entro muito pelos gabinetes Régios, porque de semelhantes atrevimentos avisou já o grande Político Mecenas ao seu Augusto César) quanto a mim, torno a dizer que toda esta liberalidade sem hipóbole, ou esta profusão, que excede todo o encarecimento, foi misteriosa, para que desta sorte desempenhassem Suas Majestades a idéia de Cristo, que até aqui parece não estava desempenhada; eu me declaro.

Quis Cristo Senhor Nosso dar a conhecer, e introduzir em todo o Mundo o muito júbilo, prazer, e contentamento, com que alegres os homens se deviam mostrar gozosos, e agradecidos, quando o primeiro Rei do Céu, e da Terra, isto é, quando o Padre Eterno fez o Desposório de seu Filho o Verbo Divino com a humanidade, que o mesmo Verbo uniu a si pela união hipostática, e consequentemente com a sua Igreja; e conhecendo que coisas altas não as percebem os homens sem exemplo: **Arduum est res magnas lucide absque exemplis ostendere**, disse Platão; e muito mais, se são Divinas, como estas: razão, porque São Paulo diz que só pelo que vemos, entendemos as coisas, e mistérios de Deus, que não vemos: **Inuisibilia Dei per ea, quae facta sunt, intellecta conspiciuntur**, (28) Usou o Divino Mestre daquela primeira Parábola do nosso Tema: **Simile factum est Regnum Caelorum homini Regi, qui fecit nuptias filio suo**; como se dissesse Cristo: (explica Alápide) **Perinde ac si Rex faceret nuptias filio suo**. Se quereis saber, diz Cristo, a alteza deste Mistério, e a forma, em que deve ser a sua festival plausibilidade, suponde a um Rei fazendo e festejando o Casamento de seu filho até quando se pode estender o braço Real de um Monarca de coração liberal (sem entrar pelos bens incorporados à Coroa) no lustre, pompa, grandeza, celebridades, e festas: **Perinde, ac si Rex faceret nuptias, filio suo**; e por estas festas, e grandezas tendei as de que falo. Assim se explicou Cristo, para que pelas magníficas festas dos Casamentos dos Príncipes da Terra entendêssemos o muito, que devemos festejar os Desposórios do Príncipe da Terra, e do Céu.

É fama constante que Suas Majestades celebraram estas núpcias com tanta grandeza, que a liberalidade Régia passou a profusão

(28) **Ad Rom.**, I, 20.

nunca vista: logo bem se segue que Suas Majestades nesta ocasião desempenharam melhor, que nenhum outro Monarca, a idéia de Cristo, quando este Divino Senhor se explicou, dando-nos a ver o que vemos nos dois Monarcas, casando a Suas Altezas, e festejando com demonstrações verdadeiramente estupendas as suas núpcias: **Simile factum est Regnum Caelorum homini Regi, qui fecit nuptias filio suo: Perinde ac si Rex faceret nuptias filio suo;** só com esta declaração, que das duas Majestades aquela a desempenhou melhor, que dispendeu, luziu, e brilhou mais: **Perinde ac si Rex faceret nuptias filio suo: magnifice fecit;** dizendo-se dele com muito fundamento: **Bene omnia fecit.**

Agora se entenderá a razão do tempo, em que se contraíram estes plausíveis Matrimônios. Consta que dentro das Oitavas do Nascimento de Cristo, e de sua Epifania se casaram os nossos Desposados; e por que mais neste, que em outro tempo? É o que dizíamos: como as festas destes notáveis Casamentos diziam ordem às festas dos Desposórios de Cristo, que no Presépio se deu a ver como esposo: **Videamus hoc Verbum: tanquam sponsus procedens de thalamo suo,** diz o Rei Profeta: **De thalamo, id est, de utero Virginali,** explica Blanc; por isso observadas as congruências do tempo, e função, se celebraram estes Casamentos dentro daqueles festivais Oitavários, para que umas festas se entretecessem com outras festas; e não foram os recebimentos em outros dias, senão a vinte e sete de dezembro de 1727 e a onze de janeiro de 1728 tanto pelas benéficas influências aderentes àqueles dias; tanto pela cordial devoção, que o nosso Monarca tem ao Santo do seu nome, quanto porque o Evangelista era Águia; e bem se sabe que a Águia entre todas as aves é Rainha: congruência notável com as pessoas, que nasceram para reinar: **Homini Regi, qui fecit nuptias filio suo.**

Ainda passa a mais o extremo do nosso Monarca; porque na ocasião do recebimento da Sereníssima Infanta **Dona Maria Bárbara** com o Príncipe das Astúrias erigiu, e levantou para si uma grandiosa, e sublime estátua: **Bona Principis fama, non in imaginibus, et statuís, sed in uirtute, ac meritis prorogatur,** (29) disse Plínio. Por tal reputo aquele ato heróico, com que Sua Majestade tanto subiu, quanto pia, e cristãmente desceu: **Per descensum crescere illustrius est, humilitas in magnitudine ipsius magnitudinis honor est.** (30) Até ali dispendeu Sua Majestade como liberal: **Nihil ueritus sumptuum multitudinem;** (31) aqui empenhou o resto como virtuoso: **Hoc solum Magnatibus superest, ut se demittant;** (32) até então mostrou que a sua

(29) Plin., in Paneg.

(30) Amaral.

(31) Alap., in Gen., 24, 25.

(32) Plin., Iun.

Coroa era de ouro, naquela ocasião encheu de pedras preciosas a sua Coroa; e se me representa dizer Sua Majestade, senão com palavras, com obras ao Ilustríssimo, e Reverendíssimo Príncipe da sua Augustíssima Sé Patriarcal o que Clemente VIII disse a Inácio, e seus filhos: **Vos estis brachium dextrum Ecclesiae Dei**; e também lhe podia tacitamente dizer: **Sic honorabitur, quemcunque Rex uoluerit honorare**. Não ocorreu, nem podia ocorrer ao nosso Augusto o conceito desmanter a Soberania, e Majestade, como ocorreu a Pompeu: **Imperii salua si Maiestate liceret**; mas vendo com luz superior que pelos atos heróicos da Religião nada declinam os Impérios, nem se abatem as Soberanias, antes se acrescenta a glória dos Monarcas: **Gloriosior apparebo**; (33) vencendo a sofística razão de estado, com que se enganou Pompeu para ruína total do seu Império, Soberania, e Majestade, seguiu o nosso Monarca os ditames da mais pia, e religiosa razão: **Per me Reges regnant**, diz o Espírito Santo no Capítulo 8 dos Provérbios: **Ego autem credo eum in hoc ipso, quod descenderet, ascendisse**, diz São Bernardo, expondo aquele Texto: **Qui descendit, ipse est, qui ascendit**. (34) E porque esta subida de Sua Majestade tivesse a mais decorosa apologia, no Evangelho da Dominga décima, primeiro dia destas festas, a temos bem expressa: **Qui se humiliat, exaltabitur**. (35) E donde procedeu tão pasmosa resolução, senão dos altos pensamentos, com que Sua Majestade referia a grandeza, com que os Reis da Terra casam seus filhos, a com que devemos celebrar os Desposórios do Filho de Deus; de maneira que, como até aquele recebimento se não tinha visto em casamentos de Príncipes aquele luzido esmalte, com que Sua Majestade engrandecia a principal testemunha daquele Matrimônio, por isso mesmo quis que por todos os lados, e a todas as luzes se visse este maior, e religiosíssimo lustre, para que a idéia de Cristo ficasse com este seu novo, e piíssimo invento mais desempenhada: **Simile factum est Regnum Caelorum homini Regi, qui fecit nuptias filio suo**; e por isso digníssimo de se lhe renderem as graças: **Gratias ago, demus gloriam ei**.

Alegra-te pois, ó Bahia, mas que digo, que falo, ou que pronuncio? Que se alegre a Bahia? Escusada persuasão por certo. Que outra coisa são os repiques alegres, e festivos, senão uns manifestos finais do nosso prazer, e alegria? Que outra coisa inculca esta grande mudança de vestidos, e custosas galas, que estamos, não só vendo, mas admirando; parecendo jardim o que reputamos Corte, senão uma genuína confissão da nossa alegria, e de conseguirmos feliz sorte, e próspera fortuna no efeito destes santos Matrimônios? Diga-o a mudança de trajés, que fez José: **Veste mutata**, quando logrou o bem

(33) **II Reg.**, 2, 22.

(34) **Ad Ephes.**, 4, 10.

(35) **Luc.**, 18.

de sua soltuna, à imitação do que fizeram os antigos nas ocasiões de suas melhoras: **Vestesque mutabant in signum laetitiae, et felicis sortis, ac fortunae;** e crescerá certamente a alegria, se às galas exteriores juntarmos a veste nupcial da graça, que nos procura, e a que nos convida o nosso Vigilantíssimo Pastor por meio do Santo Jubileu, que publicou para hoje por faculdade, que tem da Santa Sé Apostólica, esperando no Senhor que hoje dê a cada uma das suas ovelhas dispostas a gala, de que traja aos verdadeiramente contritos, e arrependidos: **Surgam, et ibo ad patrem, et dicam ei: Pater, peccavi. . . cito proferte stolam primam, et induite illum.**

Que outra coisa são as luminárias, salvas, e artilharias destes seis dias, desta celebérrima festa, senão uns claros testemunhos, e luzidas atestações da grande alegria, prazer, e contentamento dos nossos corações? **Cum celeberrima festa peragimus, ignes ad cordis gaudium significandum accendimus,** diz Fidélis: **Accenduntur luminaria ad signum laetitiae demonstrandum,** disse São Jerônimo.

Não persuado pois já a quem antecedentemente está persuadido, a quem está alegre, a quem tem por feliz sorte, e fortuna efetuarem-se estes Matrimônios, pois tendes feito o que pede nesta parte o Tema: **Gaudeamus,** a que satisfaz esta Cidade até com danças, **et exultemus;** e só digo que do modo que podemos, beijemos a mão a Suas Majestades, e lhes rendamos as graças de emprenderem, e conseguirem estes felicíssimos Matrimônios para tão excelsos Príncipes: **Homini Regi, qui fecit nuptias filio suo: dedit Iosepho uxorem: accipias uxorem filio meo: demus gloriam ei, quoniam uenerunt nuptiae;** e se necessário é, eu da vossa parte, amada Pátria minha, rendo as graças ao nosso Soberano Monarca, pois o temos presente por imagem: **Gratias ago: Rex, in aeternum uiue.**

§ II.

Se olharmos (como é bem que olhemos) para Suas Altezas casados à diligência de Suas Majestades: **Dedit Iosepho uxorem: accipias uxorem filio meo;** também nos achamos grandemente obrigados a render-lhes bem merecidas graças pelo bem, que obraram a favor do bem comum. Trataram Suas Majestades destes utilíssimos Casamentos; e como sobre necessários eram precisos os livres consentimentos dos Contraentes, se lhes deu a entender o que intentavam seus pais efetuar. E como vos parece se houveram os dois Príncipes do Brasil, e Astúrias? Em poucas palavras o direi: cuidavam no bem comum; cuidavam na conveniência dos Vassallos: cuidavam na utilidade dos povos; cuidavam na paz, e concórdia entre os Príncipes

Cristãos: cuidavam na profícua amizade, e liga das Coroas vizinhas; enfim cuidavam como Príncipes, que eram, no que deviam cuidar como Príncipes: **Princips ea, quae sunt digna Principe, cogitat;** e reconhecendo ambos as altas, e excelentes virtudes, e dotes da natureza, graça, e fortuna, de que eram a todas as luzes felizmente enriquecidas as Sereníssimas Infantas, sendo a maior da natureza ser uma, e outra **Maria** descendentes de testas coroadas, para cada um deles pode dizer com toda a verdade (mas reverente aplicação) da sua consorte: **Regali ex progenie Maria exorta refulget,** ajudados do conselho de Santo Ambrósio, que persuade com segurança os casamentos, quando os pais dos contraentes, e suas mães são tão bons como os das Sereníssimas Infantas: **Si, ambo parentes ipsius puellae boni sunt, secure accipiat,** (37) sumamente alegres se resolveram a dar seus consentimentos, esmaltados egrégia, e santamente com a conformidade, com o gosto, e vontade de seus pais; como dizendo cada um dos prudentes Príncipes com a possível analogia: **Ita pater, quoniam sic fuit placitum ante te: qui fecit nuptias filio suo.**

Assim se houveram os Sereníssimos Príncipes, e assim prestaram seus consentimentos; e com a mesma harmonia, e consonância uma, e outra Sereníssima Infanta. Se tantas Infantas de Portugal (diria a nossa) casaram com Príncipes de Castela, está muito posto em razão que um Príncipe das Astúrias ache Esposa numa Infanta de Portugal; se meu irmão **Dom José** acerta em casar com uma Infanta de Castela, acerto parece casar uma Infanta de Portugal com um Príncipe daquele Reino: se me convidam para algum dia coroar-me: **Veni, coronaberis,** por que não abraçarei este convite, se o que faz ditosos os casamentos é a iguadade?

Si qua uelis apte nubere, nube pari.

A iguadade não pode ser maior; a estimação está bem afiançada no sangue: o seu amor está na minha mão: **Si uis amari, ama;** (38) **Dom Fernando** além das suas decantadas excelências, que o fazem gentil, e agradavelmente especioso, tem eminentes sinais da imitação do Santo Dom Fernando III e por esta louvável prerrogativa se faz dignamente amável: enfim, se assim importa ao bem comum, que me leva mui freqüentes atenções, será meu Esposo eternamente: **Sponsabo te in sempiternum.** (39)

O consentimento da Sereníssima Infanta **Dona Maria Ana Vitória** é em tudo semelhante ao da Sereníssima Infanta **Dona Maria Bárbara;** mas além do sobredito diria em seu coração o que Faraó

(37) Div., Amab.

(38) Ovid., in Epist., Dian. ad Hercul.

(39) Oseae., 2, 19.

disse a José: **Nunquid consimilem tui inuenire potero?** Por ventura poderei eu achar Príncipe algum semelhante a José? Não; porque nas presentes circunstâncias ninguém como José: **Nemo natus est in terris ut Ioseph;** a sua afabilidade é notória: a sua prudência experimentada; a inclinação às matérias políticas, e militares pasmosa: a sua discrição nomeada: **Ioseph, idest, discretio;** os seus aumentos conaturais: **Ioseph, idest, augmentum;** a concórdia será à imitação da que houve entre a melhor Maria, e o melhor José: **Coniuges imitentur conuigium Beatae Virginis, et Ioseph, inter quos summus fuit amor, et concordia:** (40) logo mais parece dívida, que obséquio o meu consentimento, que já desde agora dou: **Sponsabo te mihi in fide;** (41) e sem desar meu se declare Vitória pelo Príncipe do Brasil: **Et sub uiri potestate eris;** (42) que muitas vezes, como agora, o ceder é coisa mais excelente, que triunfar: **Saepe uinci, quam uincere, praestantius est.** (43) Veja o Mundo nesta idade uma Vitória feliz, pois se conseguiu sem guerra, e porisso Vitória mais alegre: **Victoria sine praetio laetior.** (44) Veja uma Vitória, em que tanto na pessoa que vence como na vencida é igual a alegria: **Felix Victoria, in qua et uictus, et uictor pari uictoriae lanceantur incitamento, pari laetitia gesticulantur.** E na minha consideração digo eu agora, e à imitação de outra Ana com ânimo, e rosto alegre diria o que ela disse, e faria para os parabéns o convite, que ela fez: **Merito igitur Anna laeto, hilarique animo personat: Congaudete mecum,** escreveu São João Damasceno; e à sombra desta Vitória diria que vivia com esperanças de dizer brevemente: **Facta sum coram eo quasi pacem reperiens.**

Destes prudentíssimos consentimentos, fundados em verdadeiros, e sólidos discursos, se vê o muito, a que nos obrigam, e empenham Suas Altezas; mas vejamos o esmalte destes seus consentimentos na coerência, que tiveram com as doutrinas evangélicas.

Depois de aprovar São Paulo que case o Varão: **Igitur et qui matrimonio iungit uirginem suam benefacit,** (45) sem variar de capítulo, passa a falar das contraentes, e diz que ajustados os casamentos case a mulher segundo, e conforme a Lei de Deus: **Cui uult nubat tantum in Domino.** E de que maneira casará uma mulher ajustando-se à vontade do Senhor? Como? Desta sorte: casando pelo fim da prole, e geração mais que por outro fim: **In Domino, idest, secundum Dei Legem, quae iubet ut cum temperantia, et prolis, non libi-**

(40) Alap.

(41) Oseae., 2, 19.

(42) Lib., Gen., c. 3, n. 16.

(43) Div., **Chrisost.**

(44) Fr. Ioseph a Diu. Ant.

(45) Ep. 1 ad Corinth., c. 7.

dinis causae Matrimonium contrahas, comenta Alápide. Pelo que temos ouvido a Suas Altezas, ficamos entendendo que o fim, que os movia, era a prole, a geração Régia pelo bem comum dos Vassalos: **Prolis non libidinis causa Matrimonium contrahas**. Ó que santos intentos, ó que justificados motivos, pelos quais se fazem memoráveis estes Casamentos, e se habilitam os Contraentes para conseguir a descendência, e prole, que segundo Deus os move! E, se os desejos lícitos podem coonestar os prognósticos, a que excitam os votos, eu já daqui em contraposição de outros noivos levantara minha figura aos nossos.

Fingiram os Poetas que casara Plutão com Proserpina; e, como esta foi estéril em forma, que não houve daquele casamento prole, rompeu Baécio nesta vergonhosa, mas bem merecida Sátira: **Ex hoc quippe coniugio nihil gignitur laudabile, et memoratu dignum**; de casamento tão infecundo não se pode gerar coisa louvável, nem digna de lembrança.

Ó Sereníssimas Altezas, cujos retratos veneramos como originaes, mais ricos, e mais abundantes em todo gênero de bens, que Plutão, e Proserpina, se vossos Desposórios, e Casamentos assentaram (como sabemos) no honesto fim do bem comum, mais que no vosso particular: **Benefacit; quod publicum est, proprium facit**, diz Teofilato; e o fruto mais gostoso a um Reino é ter Monarca nacional; que hei de esperar destes Sacramentos, e Sacramentos grandes: **Sacramentum hoc magnum est**, se os nossos pecados o não atalharem, senão com mil partos naturais, e metafóricos, dignos de mais genuíno louvor, e eterna lembrança muito ao revés daquele fingido conjúgio: **Ex hoc quippe coniugio nihil gignitur laudabile, et memoratu dignum?** Sim, Sereníssimos Príncipes, aquela fecundidade, a que Santo Ambrósio chama prêmio das núpcias: **Liberi praemia nuptiarum sunt**, espero eu de tão felicíssimos Casamentos, bem assim como olhando para o direito da progenitura, prescindindo de outros acasos, **quod Deus auertat**, cada um de nós a respeito de cada um de Vossas Altezas pode fazer o prognóstico, que Saul fez a Davi: **Nunca scio quod certissime regnaturus sis**, (46) sem que falte a Vossas Altezas o grande agrado de todo o povo, que lograva o mesmo Davi: **Acceptus erat in oculis uniuersi populi**. (47) Assim podemos fazer juízo, não só prudente, mas muito provável, de que estes santos Matrimônios produziram sucessores às Coroas de Portugal, e de Castela depois de Vossas Altezas as herdarem a seu tempo das Augustas Majestades, que mais se coroam de merecimentos, e ações heróicas, que de ouro, e de pedras preciosas. E como este bem comum da prole, a que muito atenderam

(46) I Reg., c. XXIV, n. 21.

(47) I. Reg., c. XXVIII, n. 5.

Suas Altezas, chega tanto a esta cabeça do Brasil, pede a obrigação que rendamos graças a cada um deles: **Demus gloriam ei**; e com efeito já vo-las dou, Sereníssimos Príncipes: **Gratias ago**.

§ III

Passando já da Terra ao Céu, e elevando as graças, digo que as devemos dar ao Soberano Patriarca São José: **Cum esset desponsata Mater Iesu Maria Ioseph**. Muito bem sabemos que o casamento de São José com Maria Santíssima foi o mais feliz, que viu, nem há de ver o Mundo: **Felicissimum fecit coniugium Beatae Virginis, et Sancti Ioseph**, diz Quisélio; e por São Ruperto lhe chama Matrimônio celestial: **Matrimonium caeleste**. Daqui procede que, como todos os que elegem o estado do Matrimônio, o desejam feliz para este fim imploram o valimento, e patrocínio destes dois mais felizes Desposados Maria, e José: **Felicissimum fuit coniugium Baetae Virginis, et Sancti Ioseph**; e esta regra é geral para todos, quem não vê as razões particulares, que de mais a mais concorrem para os nossos dois Príncipes do Brasil, e Astúrias procurarem o patrocínio de São José em seus Casamentos? Melhor; quem não adverte nas especiais razões, que concorrem para São José patrocinar estes Casamentos? Vamos práticos. Sem embargo de que nosso Sereníssimo Príncipe do Brasil nasceu em junho, nove meses antes do dia de São José, contudo em seu santo Batismo lhe foi posto este admirável nome de José. Não se pode negar que uma das principais razões, porque a Santa Igreja põe nome, ao que entra nela pelo Batismo, é por lhe dar Patrono, que como Advogado interceda por ele diante de Deus: segue-se logo desde o Batismo, e antes de Sua Alteza ter uso de razão, se achava já São José com muita para como Patrono interceder, e cuidar muito nas melhoras, e muito mais nos particulares de maior porte (como é o casamento) deste seu venturoso afilhado.

Não me atrevo a negar a intercessão dos muitos Santos, que se invocaram para medianeiros destes importantes Casamentos, e muito menos daqueles Santos, com cujos nomes também se sinalava Sua Alteza; mas o que confiadamente digo, é que em São José é, e foi mais certo o patrocínio; e a razão é: porque aos mais Santos fez Deus valedores neste, ou naquele negócio; mas a São José fez a especial mercê de ser valedor, medianeiro, e ajudador em todos os negócios, em todas as necessidades, e em todos os casos; é sentir não menos, que do Angélico Doutor Santo Tomás: **Quibusdam Sanctis datum est in aliquibus causis patrocinari; at Sanctissimo Iosepho in omni necessitate, et negotio concessum est optulari**: logo justissimamente me persuado que no intento, concerto, e ajustes destes Casamentos interveio muito grandemente São José, por ser Comissário com ampla faculdade para todos os negócios: **At Sanctissimo Iosepho in omni necessitate, et**

negotio concessum est opitulari. Estava dito, mas, como é outro o nome do Sereníssimo Príncipe das Astúrias, parece que a seu respeito não temos tão fundamentado, nem tão certo o patrocínio de São José. Ora não é assim como parece; porque, prescindindo da questão, e diversidade do nome, digo que mais que nenhum outro Santo é São José o melhor, Protetor tanto de Sua Alteza Príncipe do Brasil, como Sua Alteza Príncipe das Astúrias; e a razão verdadeira, genuína, e fundamental é: porque um, e outro Herói é Príncipe; um, e outro é verdadeiro, próximo, e immediato sucessor da Coroa de seu pai, para a herdar, e por linha direita se devolver, e passar a seus descendentes: logo por estas razões claras, e evidentes é São José, e São José como desposado com a Senhora, o mais coerente Patrono do Casamento de um, e outro Príncipe.

É certo, conforme escreve São Mateus no Capítulo I ser São José descendente d'El-Rei Davi: **Joseph fili David;** e lançadas bem as contas no tempo, e ocasião, em que o Divino Verbo havia de encarnar, e desposar-se com a natureza humana, se entendia ser São José o immediato sucessor, e herdeiro do Reino d'El-Rei Davi; e este direito, que José tinha ao Reino de Davi, foi uma das principais causas, porque São José foi escolhido para Esposo da Senhora, para que dele passasse a Cristo, quase como de pai a filho, aquele Reino por linha reta, e próxima ordem de sucessão. É comento de Alávide: **Voluit Deus Beatam Virginam desponderi Ioseph, primo, quia Ioseph uidetur fuisse proximus Regni Davidis haeres, ut illud ab eo ad Christum, quasi a patre ad filium, recto successionis ordine, iureque deo-lueretur.** As palavras estão tão claras, que é escusado romance a elas: segue-se logo que para os Casamentos de ambos estes dois Príncipes próximos, e immediatos herdeiros dos Reinos de seus pais era, e foi São José o mais coerente Patrono, como Príncipe, e immediato herdeiro do Reino de Davi; assim parece: logo justissimamente lhe são devidas estas graças, e muito fora na verdade, se logrando Suas Altezas a felicíssima sorte de se acharem tão bem casados por intercessão de São José, faltasse este agradecimento, correspondência, e ação de graças a São José.

Por falta, e muito grande falta nota a Escritura Sagrada, que havendo o Casto José, melhor figura de São José, prestado ao Co-peiro de Faraó, e havendo-lhe pedido a sua intercessão para quando se visse em melhor fortuna: **Memento mei, cum bene tibi fuerit,** ele mudasse a cena, e vendo-se em prosperidade, se esquecesse de José seu benfeitor: **Succedentibus prosperis oblitus est interpretis sui Ioseph.** (48)

Se pois a beneficio de São José se acham Suas Altezas nas conhecidas prosperidades de seus felicíssimos Casamentos, haja esta devida lembrança de se lhe renderem estas bem merecidas graças; demos-lhe estes agradecimentos assaz declarados, e assaz persuadidos, já nas Pastorais de Sua Ilustríssima, já na Santa Missa Pontifical, que hoje celebrou, e até egregiamente tão públicas, como vistosas, no triunfal carro do Casto José, figura mais genuína de São José, dizendo a figura ao figurado por boca de Tertuliano: **Tali curru triumphamus**, como se dissesse o primeiro José ao segundo: Ainda que na Procissão não vindes junto comigo, contudo, como em obséquio vosso me fazem esta honra, eu, mais vós e vós mais, que eu triunfamos neste carro: **Tali curru triumphamus**. Sim, digo eu agora: lembremo-nos muito do muito, que obrou a nosso favor São José em contraposição daquele esquecimento, e ingratidão detestável: **Ingratissimus omnium qui oblitus est**, disse Sêneca; **nec referre potest gratiam, nisi qui meminit**, disse São Pedro Crisólogo: **Meriti tanti non immemor unquam**, (49) cantou o Poeta.

Aceitai pois, glorioso Patriarca, estes agradecimentos, que vos consagra a Bahia; e eu da sua parte vos dou graças: **Gratias ago**; e pois concorrestes tanto para estes Casamentos, coroi a obra, que ainda não está consumada.

Altercam os Expositores esta questão: se quando o Divino Verbo se desposou com a natureza humana, estava São José somente desposado com a Senhora, ou se com efeito já haviam contraído Matrimônio por palavra de presente? A mais seguida opinião é, que já tinham contraído Matrimônio na forma, em que genuinamente se deve entender o nosso Tema, ainda que por veneração, respeito, e atenção a estes castíssimos, e preeminentes Cônjuges se explique por desposório o que já era casamento: **Cum esset desponsata**; e diz Alá-pide que é isto tanto assim, que já a Senhora havia ido para companhia, e casa de seu Esposo São José: **Erat ergo Maria iam ducta, et traducta in domum Sponsi**.

Consta que Suas Altezas têm contraído Matrimônio, e que uma, e outra **Maria** está legitimamente casada: mas, como ainda não há notícia que fossem já conduzidas para a companhia, e consórcio dos seus cônjuges, que ansiosos as esperam: **Dulcis epistola, sed usque dum ueniat qui misit**, (50) o que vos pede a Bahia, é que por vossa intercessão sejam felizmente conduzidas para os Palácios dos seus Consortes, e se diga de cada uma das Noivas o que se refere de vossa Esposa Maria Santíssima: **Erat ergo Maria iam ducta, et traducta in domum Sponsi**, com muita glória vossa: **Et demus gloriam ei**.

(49) Verg., IX *Aeneid*.

(50) Senec.

§ IV

Justíssimas são as graças, que havemos rendido a tão grandes benfeitores; mas quem não vê que todas elas são ensaios para o fim de as darmos por conclusão ao mar, e princípio de todos os dons, de tantos benefícios, e de tantas mercês? Casaram à diligência de seus pais, e sogros, e pelo patrocínio, intercessão, e merecimentos de São José; mas quem não alcança que tudo foi mercê, favor, e graça de Deus?

Fala o Espírito Santo por boca não menos que de um Rei, e tão grande Rei como Salomão, no Capítulo 19 do Provérbios, e diz assim: **Domus, et diuitiae a parentibus: a Domino autem uxor prudens;** quer dizer: O que um noivo bem dotado da natureza, e fortuna pode haver de seu pai, ou sogro, é o esclarecido da casa, que pode ser Régia, e as riquezas, que podem ser grandes, e maiores que os tesouros de Cresso; mas achar mulher não só igual no sangue, mas prudente: **Uxor prudens,** mulher, que se adapte, se ajuste, se conforme, e se una com ele, isso só Deus o dá, e ninguém mais: **A Domino autem uxor prudens;** ou, como lêem os Setenta: **Aptatur uxor uiro a Domino.** Mais: é Provérbio mui sabido, que conseguir mulher competente é grande dom, mercê e benefício de Deus: **Uxor congrua uiro ingens Dei donum;** e isto mesmo afirma Quisélío do Matrimônio feliz: **Felix Matrimonium est ingens gratia, et donum Dei;** e Alápide diz que é dom insigne e próprio de Deus: **Proprium Dei:** logo, se todo o Reino tem por felizes estes Matrimônios, e por tais os aplaudem, festejam, e confessam seus habitadores; o que por remate se segue, é darmos graças a Deus insigne benfeitor nosso neste inexplicável benefício: **Gratias Deo pro inenarrabili dono eius.** Sim, sim, Bahia, demo-lhe graças, porque nos deu sem pegarmos de armas uma celebríssima Vitória: **Deo autem gratiam, qui dedit nobis Victoriam.** (51) Demo-lhe graças, porque nem Marte concorreu aqui com o menor influxo, nem Himeneu com operação alguma; só o instituidor dos Santos Sacramentos foi o que delineou, dispôs, e pôs em execução estes, que contraíram os nossos Noivos; e por isso só a ele são devidas estas graças, tirando o véu industrioso do nosso Tema do Capítulo 18 de São Lucas, que não só diz: **Gratias ago,** mas também: **Deus, gratias ago tibi.** Estava dito, mas em atenção do nosso Monarca, que se dignou de exercer o ofício de Procurador do Sereníssimo Príncipe das Astúrias seu recebimento com a Sereníssima Princesa **Dona Maria Bárbara,** digo que Cristo Senhor Nosso Rei dos Reis, não só deparou estes casamentos, mas os procurou. Não me estranheis o Verbo procurou, porque acho que só assim declaro bem o muito, que Cristo, comprazendo-se de atender ao que está bem a esta Monarquia, se quis

(51) Ep. I, ad Corinth., 15.

mostrar como empanhado, sobre cuidadoso, e diligente, movendo os corações, e inclinando as vontades sem violência dos alvedrios, para se efetuarem estes Casamentos: fundo-me nas muitas, grandiosas, e manifestas obras pias, feitas por ambas as Majestades.

Achava-se em Constantinopla grave, e mortalmente enfermo um Cavaleiro chamado Patrício, e querendo fazer seu testamento, no qual deixaria todos os seus bens em obras pias, se não estivesse de primeiro a formosa legítima de um filho, que tinha; mas confiado em Jesus Cristo, chamou-o, e lhe fez esta proposta: Filho, estou para testar de tudo quanto tenho em obra pias; mas, como a vossa legítima me impede testar de tudo, chamei-vos para vos dizer que me digais o que quereis, se os bens, que vos tocam, se ficar como pupilo a conta, o cuidado de Cristo, por cujo amor quero testar piamente de quanto possa? O que ouvido pelo Filho, respondeu que dispusesse de tudo, porque ele era contente de ficar à conta de Cristo; e não se enganou nem o pai, nem o filho, porque mostrou o sucesso que Cristo procurou, e deu ao filho esposa nobre, rica, e pia: **Nec spes eum fefellit, Christus enim filio nobilem, et diuitem, aequae ac piam procurauit sponsam**, escreve Alápide. Notai o Verbo **procurauit**.

Se pois sabemos que Suas Majestades como se não tivessem filhos, dispendem liberalmente no culto Divino, no aumento da Religião Cristã, no luzido esplendor dos Templos, e na propagação da Fé Católica, como é fama geral em todo o Mundo, e experimenta esta sua prezada Cathedral em seus notórios acrescentamentos: justissimamente me persuado que o nosso Salvador não só dispôs, mas procurou esposas para os dois Sereníssimos Príncipes do Brasil, e das Astúrias: **Christus enim filio nobilem, et diuitem aequae, ac piam procurauit sponsam**, e por isso lhe dão grandemente devidas estas graças: **Dedit Iosepho uxorem; et inde accipias uxorem filio meo: Deus, gratias ago tibi: demus gloriam ei**.

Senhor, que até dando esse Régio banquete todo ação de graças: **Eucharistia, id est, gratiarum actio**, (52) sem comparação maior, mais geral, mais esplêndido, e mais regalado, que o de Assuero nas núpcias de Ester **Pronuptiis Sther gratias agimus tibi**, muitas graças vos damos, pois a vós se devem todas estas felicidades: **Tibi omnia ista debentur: Deus, gratias ago tibi**; (53) e da parte dos mesmos Reis, dos Príncipes, e de São José, que todos de muito boa vontade põem aos pés do vosso trono todas quantas graças aqui lhe foram dadas: vos represento que eles, e nós com doce consonância, e suavíssima harmonia cantamos estas sagradas letras: **Benedictio . . . et gratiarum**

(52) Sanctus Thom.

(53) Alap.

actio, honor, et uirtus, et fortitudo Deo nostro in secula seculorum Amem. (54) Regi seculorum immortalis, et inuisibili soli Deo honor, et gloria in secula seculorum. Amem, (55) repetendo muitas vezes a compasso dos Corifeus Augustinho, e Ambrósio: Te Deum laudamus, te Dominum confitemur: aeterna fac cum Sanctis tuis in Gloria numerari, quam mihi, et uobis praestare dignetur Dominus Omnipotens.

Finis.

**Laus tribuatur amabilissimo Iesu, Sanctae Mariae,
ac Diuo Iosepho.**

(54) Apoc., 7, 12.

(55) ad Tim., 1.

6. **TRIUNFO EUCARÍSTICO [...] EM VILA RICA CÔRTE DA CAPITANIA DAS MINAS [...] POR SIMÃO FERREIRA MACHADO, 1733. (Ed. 1734.)**

TRIUNFO EUCARÍSTICO,

Exemplar da Crisandade Lusitana em pública exaltação da
Fé na solene Trasladação do Diviníssimo

SACRAMENTO

Da Igreja da Senhora do Rosário, para um novo Templo
da

Senhora do Pilar em Vila Rica,

Corte da Capitania das Minas aos 24 de maio de 1733

Dedicado à Soberana Senhora do Rosário pelos Irmãos Pretos da
sua Irmandade, e à instância dos mesmos, exposto à pública notícia

por

Simão Ferreira Machado

Natural de Lisboa, e morador nas Minas.

LISBOA OCIDENTAL

Na oficina da música, debaixo da proteção dos Patriarcas
São Domingos, e São Francisco.

MDCCXXXIV

Com todas as licenças necessárias

SOBERANA SENHORA

Daquele afeto, com que veneramos a vossa Soberana Majestade (o qual com humilde reconhecimento confessamos sem explicação inferior à nossa dívida de inumeráveis, e singularíssimos benefícios vossos) se derivaram aqueles júbilos de alegria, com que vimos a honorífica, e magnífica festividade em honra de vosso Santíssimo Filho, e Senhor nosso na soleníssima Trasladação de seu Divino, e Eucarístico Sacramento para o vosso novo Templo do Pilar; porque em tão grande triunfo de sua glória, considerávamos em vossos olhos singular agrado. Do mesmo nosso afeto nasceu o desejo, de que tão grande solenidade se publicasse, porque a notícia tem estímulos para o exemplo; e dilatando mais a veneração, e glória do vosso Santíssimo Filho, também dilata este motivo de vosso agrado. Esta consideração nos obrigou a solicitar esta pública escritura, em que sempre o nosso afeto esteja referindo em perpétua lembrança, e contínua narração aos presentes, e futuros toda a ordem de tão magnífica solenidade. Foi o seu princípio na vossa Igreja do Rosário, que também chamamos nossa; e julgamos que desta vossa nova glória por vós recebida, além do nosso reconhecimento, e estimação, era agradecimento, ou sinal dele, esta especial diligência, em que mais que a glória de Autores, estimamos o nome de agradecidos veneradores vossos.

Sai pois à pública luz esta escritura, e narração de tão grande solenidade; e porque o motivo de a solicitarmos foi o vosso agrado, e o nosso agradecimento, depende da vossa proteção, e providência a utilidade do exemplo; e da vossa grandeza, e benignidade, o perdão para tão limitado desempenho de nossa obrigação, que reconhecemos prostrados a vossos sagrados pés.

Os Irmãos pretos da vossa Irmandade do Rosário.

LICENÇAS DO SANTO OFÍCIO

Aprovação do Muito Reverendo Padre Mestre Frei Antônio de Santa Maria da Sagrada Família dos Agostinhos Descalços, Lente na Sagrada Teologia, Qualificador do Santo Ofício, Examinador das Três Ordens Militares, e do Priorado do Crato, e Relação Eclesiástica Oriental.

EMINENTÍSSIMO, E REVERENDÍSSIMO SENHOR

Para maior glória de Deus, e admiração do Mundo justo é, que se imprima esta Relação intitulada: **Triunfo Eucarístico**, que pretende fazer pública Simão Ferreira Machado; não só porque não contém coisa, em que se possa temer, que a Fé perigue e os bons costumes se pervertam; mas porque será um clarim da fama, que faça estremecer o Universo assombrado da generosa piedade, e pródiga magnificência dos Portugueses, com que em todas as partes do Mundo tributam cultos, e rendem adoração ao Diviníssimo Sacramento. Assim o julgo; porém Vossa Eminência Reverendíssima, que é o Supremo Senhor, mandará o que for servido.

Lisboa Ocidental. Convento da Boa Hora dos Agostinhos Descalços, 20 de setembro de 1734.

Frei Antônio de Santa Maria.

Aprovação do Muito Reverendo Padre Mestre Frei Manuel de Sá Ex-provincial, e Definidor perpétuo da Sagrada Ordem de Nossa Senhora do Carmo de Portugal, Pregador do Sereníssimo Senhor Infante Dom Francisco, Cronista Geral da mesma Ordem nestes Reinos, e em todos os seus domínios, Qualificador, e Revedor do Santo Officio, Acadêmico Supranumerário da Academia Real da História Portuguesa, Examinador das Três Ordens Militares, e Consultor da Bula da Santa Cruzada.

EMINENTÍSSIMO SENHOR.

Li por ordem de vossa Eminência esta Relação com o título: **Triunfo Eucarístico**, nela em eloqüente pintura se propõe a magnificência, com que a generosa Irmandade do Santíssimo Sacramento de Vila Rica da Capitania das Minas trasladou da Igreja da Senhora do Rosário para o novo Templo da Senhora do Pilar ao mesmo Senhor em solene Triunfo. A lição deste é deleitável pelo discreto estilo, e elevada pena, com que se expõe nesta Relação, em que não há coisa, por que desmereça comunicar-se ao público pelo prelo, como pretende Simão Ferreira Machado. Este o meu parecer, Vossa Eminência mandará o que for servido. Convento de Nossa Senhora do Carmo de Lisboa Ocidental, 28 de setembro de 1734. — Frei Manuel de Sá.

Vistas as informações, pode-se imprimir a Relação intitulada: **Triunfo Eucarístico**; e depois de impressa tornará para se conferir, e dar licença, que corra, sem a qual não correrá.

Lisboa Ocidental, 28 de setembro de 1734. — **Frei R. de Alencastre. Teixeira. Silva. Cabedo. Soares. Abreu.**

Do ordinário

Aprovação do Muito Reverendo Padre Mestre Frei Fernando de Santo Antônio Ex-Custódio, e Ex-Provincial da Província Capucha da Imaculada Conceição de Nossa Senhora do Rio de Janeiro, Mestre na Sagrada Teologia, Padre Imediato, e Discreto perpétuo da dita Província, Definidor geral de toda a Sagrada Ordem do Seráfico Padre São Francisco etc.

ILUSTRÍSSIMO, E REVERENDÍSSIMO SENHOR.

Por ordem de Vossa Ilustríssima, e Reverendíssima com suma curiosidade atentamente li esta Relação intitulada: **Triunfo Eucarístico**: descrita, e discretamente exposta com grato estilo, e elegante primor da erudita eloquência de Simão Ferreira Machado morador nas Minas Gerais no Brasil; e ainda que a minha obediência seja meritória, pelo que tem de resignada, lhe diminui o mérito, pelo que tem de gostosa esta lição.

Nela excitando ao fervor de se fabricarem novos Templos, e de se applicarem mais cultos a Deus, dá toda a noticia, assim da nova Igreja, que tão suntuosamente souberam edificar os magnânimos, e nobilíssimos moradores da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica Corte das mesmas Minas Gerais; como também com doura, e elevada exposição relata a superabundante, e triunfal magnificência da solene trasladação, que para o dito novo Templo se fez, e no qual se collocou o Santíssimo Senhor Sacramentado, como casa própria de sua morada. Nela vejo o particular desvelo do ardente zelo, com que se empenhou caritativo, e se ostentou magnífico, e dispendioso o preclaríssimo, e meritíssimo Provedor da mesma Irmandade do Santíssimo Sacramento, sendo com partes, com igual **Ventura** juntamente os mais Officiais, e Irmãos da dita Irmandade como ação sua tão gloriosa; e que estes com os mais moradores, tão gostosa, como custosamente com louvável acerto, e proporcionada direção ordenaram, e dispuseram uma tão singular celebridade, e jamais vista demonstração da Cristandade, na qual se esmeraram com todo o lustre como sábios, magníficos, e liberaes; sendo também interessadas com igual gênio nesta exaltação da Fé as outras Irmandades, e com muita parte a de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que para a entrega, e despedida da fiel guarda, que até então tinha feito do mesmo Senhor, mitigou a sua saudade no luzimento da sorte, que lhe coube, manifestando com excessos de suas venerações o seu amor, e desvelo; querendo, que se perpetue na lembrança este circumspecto exemplar daqueles Católicos moradores, e que nos Pretos como no prelo se estampe este Triunfo, e este resplendor Lusitano, para que sua exaltada memória sirva de gosto, e alegria a toda a Igreja, e a todos os Portugueses;

de pasmo, e assombro a todos os infiéis; de admiração a todas as gentes; e de glória àquele Provedor, e mais Officiais, e a todos os moradores Paroquianos de Vila Rica, que com tão crescidas, e excessivas vantagens adquiriram tanto crédito, e tanto louvor; pois sendo habitadores de terras tão longínquas, como incultas, teve o seu amor tanto que manifestar, e tributar à nossa Santa Fé. Mostrando nisto o mais, e o menos que ainda pôde obrar a sua muita Cristandade; e que a sua diligência de adquirir é a sua maior ambição de gastar em honra, e serviço de Deus nosso Senhor, e veneração de seus Santos. Como esta notícia seja um clarim de tal fama, e digna de eterna memória esta solenidade, e não contenha coisa alguma contra a Santa Fé, e bons costumes, a julgo merecedora de que se imprima. Este o meu parecer, Vossa Ilustríssima, e Reverendíssima mandará o que for servido. Hospício da Província da Conceição do Rio de Janeiro de Lisboa Ocidental, 19 de outubro de 1734. — **Frei Fernando de Santo Antônio.**

Vista a informação, pode-se imprimir este tratado, e depois de impresso, tornará para se conferir, e dar licença para que corra.

Lisboa Ocidental 19 de outubro de 1734. — **Gouveia.**

DO PAÇO

Aprovação do Muito Reverendíssimo Padre Mestre Frei Lucas de Santa Catarina, Cronista da Sagrada Ordem dos Pregadores, Acadêmico da Academia Real da História Portuguesa, Qualificador do Santo Officio, etc.

Senhor. — Vi o papel, de que trata a petição inclusa, em nada se opõe ao Real serviço de Vossa Majestade. São Domingos de Lisboa em 22 de outubro de 1734. — **Frei Lucas de Santa Catarina.**

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinário, e depois de impresso tomará à Mesa para se conferir, e taxar, que sem isso não correrá. Lisboa Ocidental, 27 de outubro de 1734. **Pereira. Teixeira. Rego.**

Visto estar conforme com o original, pode correr. Lisboa Ocidental, 22 de dezembro de 1734. **Frei R. de Alencastre Abreu.**

Visto estar conforme com o original, pode correr. Lisboa Ocidental, 23 de dezembro de 1734, **Gouveia.**

Que possam correr, e taxam em duzentos réis. Lisboa Ocidental, 23 de dezembro de 1734. **Pereira. Rego.**

PRÉVIA ALOCUTÓRIA

Não só as nações da Cristandade, unidas na mesma Fé, e reverência de seus mistérios, mas também as nações do Paganismo das regiões mais remotas, admiradas de inumeráveis, e inauditas vitórias, sobre o poder de toda a força humana, e finalmente umas, e outras, e todo o Mundo sabe, que ao Supremo Rei dos Reis, Cristo Senhor nosso, deve o glorioso Reino de Portugal a sua instituição, e dilatado Senhorio.

Consta por tradição, e história, que nasceu esta glória à nação Portuguesa no espaçoso campo de Ourique, que teve princípio no primeiro, e invencível Rei Dom Afonso Henriques, pela voz Divina do Redentor do Mundo gloriosamente eleito, e confirmado com aquela vitória, que sempre com espanto celebra a fama. É também notório, que ao mesmo Rei, e seus descendentes, e geralmente a toda a nação, foi imposta a incumbência de dilatarem a Fé entre as gentes bárbaras, e remotas de todo o Mundo: incumbência do devido agradecimento da primeira glória, e segunda, que é a perpétua lembrança da primeira; ambas grandes, só singulares da nação Portuguesa, só a ela em vínculo concedidas; porque da boca de Cristo, só ele recebeu a instituição do Reino unida ao Apostólico encargo da propagação da Fé.

Já de então a infinita Sabedoria do mesmo Senhor ouvia os corações dos Portugueses, idôneos para esta empresa; ou tinha deliberado para o tempo futuro criar neles capacidade, e ardente zelo digno de tão alto ministério; o qual na verdade é a maior glória da nação Portuguesa; pois é para glória daquele Supremo Senhor, para cujo louvor, e veneração nascerão todas as criaturas.

Chegou aquele ditoso século, quando aquele felicíssimo, e poderoso Rei, descendente do primeiro, o sempre memorável Dom Manuel, com espanto das nações da Europa, fez voar ao Oriente os Portugueses: navegaram mares incógnitos, nunca vistos, nem de alguma gente navegados; penetraram climas, por imensa distância diferentes, no frio asperíssimos, no calor ardentíssimos, até pisarem as praias da Índia Oriental: com ânimo de incrível ousadia, e temeridade venturosa amansaram os mares, domesticaram os ventos, e parece dominaram os elementos, e toda a ordem da natureza.

Este foi o Rei, e os seus primeiros Portugueses, novos Argonautas do Oceano, os que entre bárbaras gentes nas mais remotas partes com seu sangue, e formidável valor, abriram patente caminho à luz da Fé; de sorte que em dilatadas regiões da Ásia uniram ao magistério da verdade Evangélica a glória do domínio soberano.

Quase no mesmo tempo, não com deliberada navegação, mas da carreira da Índia desviados com uma horrível, e dilatada tempes-

tade, fora de todo o humano pensamento, descobriram a fértil, e incógnita parte da América chamada Brasil, pelo muito pau que nesta terra há, sendo guia a Divina Providência, e como piloto a contínua tempestade, para verem, e pisarem tão remota, e dilatada região do Mundo. Os sábios, que dele só três partes conheciam desde os séculos da maior antiguidade, ouviram nomear esta quarta com difícil crédito, e maior espanto; propriedade das coisas grandes sobre a ciência, e prudência humana, muito ordinária, e sempre unida às famosas ações dos Portugueses.

Logo as bárbaras nações dos novos países, gente só na figura humana distinta das silvestres feras, (em tanta rudeza nasceram, e viviam pela falta do comércio com outras gentes, impedido pelos imensos golfos do Oceano) a um mesmo tempo ouviram dos Portugueses a doutrina Evangélica; e os mais repugnantes, e indomáveis sentiram a violência das armas para o domínio; fazendo muitas vezes a sujeição os ânimos dóceis, e atentos a receberem a doutrina: amanhecendo então a estes povos a luz da Lei Divina para a eterna felicidade; e servindo aos Portugueses o temor introduzido das armas para as utilidades do domínio.

Dos lugares marítimos pouco a pouco foram penetrando ásperos, e amplíssimos sertões, descobrindo, e conduzindo sempre ao grêmio da Igreja novas, e diferentes nações de bárbara gentildade; muitas vezes facilitando primeiro as armas; outras vezes imensos trabalhos investigando dilatados, e asperíssimos caminhos a muitos Varões Apostólicos pelo sacerdócio, profissão de letras, e exemplares virtudes, dignos Ministros, e Mestres da Religião para estas gentes; os quais com incansável, ardentíssimo, e sempre constante zelo, vencendo inumeráveis dificuldades; e ainda à custa do próprio sangue com as luzes da Fé afugentaram, e extinguíram as trevas da ignorância, e cegueira destas gentes; mudando as vaníssimas, e antigas superstições em sagrados Altares, Católica Cristandade, e verdadeiro culto daquele Soberano Senhor, que por sua infinita misericórdia lhe mandou o benefício da Fé; e por ela convertidos os antigos enganados do demônio em triunfos de seu amor, e de sua glória.

Seguiu-se à instituição da Cristandade o estabelecimento do domínio (se é lícito conjecturar os juízos Divinos) para maior firmeza da Fé destas gentes, vendo sempre presentes os Mestres da Religião; e como prêmio temporal os ministros dela: porque os Portugueses vendo a saudável temperança dos ares, a imudável fertilidade, e frescura dos campos, como de contínua Primavera, numas partes fundaram povoações, em outras se dividiram por dilatados campos. Tal é a grandeza, e tão ampla a esfera destas regiões, que sendo a cobiça do coração humano difícil, ou impossível de contentar, e nesta parte os Portu-

gueses sobre todas as nações, acharam terras, em que constituíram propriedade nos limites, que quiseram para o domínio, e cultura; e superabundam ainda remotos, e incógnitos países, habitados da mesma gente, de pouca contradição pelas armas; outros verissimilmente possuídos só das feras, nunca pisados de pé humano, onde se oferece aos presentes, ou à futura posse dos vindouros igual, ou mais dilatado senhorio. Em outras conquistas arvoraram os Portugueses os estandartes da Fé com imortal glória das armas; nestas espalharam a luz do Evangelho com invejada abundância de riquezas.

Quantas foram sempre, e são nos portos marítimos, as sabe, e experimenta Portugal; e do princípio até hoje por apetecido comércio as conhecem, e confessam as nações estrangeiras: aquelas, que incluem as vastíssimas campinas dos sertões, além da cópia, e excelência das espécies, se conhecem, e conjecturam pela habitação no larguíssimo âmbito de quinhentas até seiscentas léguas de longitude, e quase o mesmo transversalmente: distância onde só o interesse, e abundância constituem, conservam, e acrescentam domicílios aos Portugueses; pelo número deles de largos anos multiplicado, e sempre em aumento, e por sua fertilidade, e grandeza, terreno capacíssimo para uma dilatada Monarquia.

Porém de trinta anos ao presente se mostrou aos Portugueses a América côroada de ouro nas altíssimas, e ao princípio impenetráveis serranias das minas do Brasil, onde a Providência Divina, ou a mesma natureza, por destino imperceptível ao juízo humano, mostravam terem em depósito guardadas imensas riquezas no interior destas serras; e como intimando aos descobridores a custódia, em que estavam, com horríveis tempestades de chuueiros, ventos, raios, e espantosos trovões, lhe dificultavam, e quase impediam o caminho ao princípio asperíssimo, e quase temerário; como formando do aumento da dificuldade contínua advertência. A Fé, que ensina, serem dádiva de Deus as riquezas, e todos os bens temporais, seguro, guia o discurso a conhecer, que pedia Deus por aqueles sinais, ou da natureza, ou de sua Providência, que se conhecesse recebido da sua mão o benefício das riquezas; que estas se avaliassem só por mercê de sua liberalidade, não por ventura de humana diligência.

A exuberante cópia do ouro destas minas deu logo um estrondoso brado, cujos ecos soaram nos mais distantes, e recônditos seios de toda a América; alteraram a muitos moradores do Brasil a cultura dos campos; fizeram outros vacilantes; a muitos nos cabedais inferiores, e outros oprimidos da necessidade fizeram subir a este Zênite da riqueza; convidando a uns com esperança de melhoras, a outros com princípio de prosperidade: e porque os primeiros habitantes do trabalho do caminho passaram logo à felicidade da fortuna, quase

ao mesmo tempo, ou com pouco intervalo, vendo, e habilitando a terra, e possuindo a afluência do ouro, em breve tempo das Cidades, e lugares marítimos sobreveio inumerável multidão; uns com cobiça de fácil fortuna, outros anelando remédio à necessidade.

Concorreu em tanto concurso a natural necessidade de alimentos; e porque na altura da região a penúria deles subia o preço, uns fizeram da agricultura sustento, e interesse, outros agenciaram no ouro dos seios da terra juntamente o sustento, e as riquezas: assim com suavidade, e facilidade estas serras agrestes, e nem ainda de feras habitadas, ficaram dignas de habitação; abundantes de alimentos para a humana necessidade, copiosas de ouro para os desejos da cobiça.

Os mesmos ecos, levados nas asas da fama sobre os mares, voaram à Europa: foram ouvidos em Portugal com atenções de estranha novidade, e alvoroços de alegria; nos Reinos de estrangeiros com esperança de utilidade, e maior inveja da fortuna. O Rei, e Ministros sobre a natural lealdade, e obediência dos Vassallos determinaram, e estabeleceram o necessário regime da República, e novos interesses da Coroa. Viu-se em breve tempo transplantado meio Portugal a este Empório, já célebre por todo o Mundo; e viam os que vinham, tão desempenhada a esperança, que foi necessário um rigoroso, e Real Decreto para atalhar a torrente do concurso; porque o Soberano se estimava o aumento da povoação nestas terras pelo interesse, e maior auge dos renditos, sentia falta no Reino a gente necessária para a cultura dos campos, e muitos ministérios da República. Mostrou o tempo o prudente acerto do Decreto, porque dos mesmos moradores do Brasil, e depois de outros de Portugal já licenciados, cresceram tanto os povos, que fundaram as grandes Vilas, que hoje com leal obediência servem ao Monarca.

Viviam os Portugueses com as abundâncias do ouro destas Minas; os de Portugal pelo comércio participantes, os da América neste Brasil do manancial possuidores; uns, e outros persuadidos, que depois das antigas, e sempre sucessivas glórias militares, começavam a contar séculos de riquezas; e entendiam, lhe dava a fortuna juntas aquelas duas felicidades, cuja união julgou sempre difícil a antiguidade; e quando alguma controvérsia podia mais argüir, que contradizer a evidente verdade, e contínua experiência, lançou a fortuna aos seus favores o remate possível, nunca imaginado; fez aos Portugueses Senhores dos mais finos diamantes de todo o Mundo; dando-lhe por mãos da natureza com tosco artifício esmaltado o ouro em rude esplendor de pedraria: assim aparece por sucesso da ventura, e prêmio da diligência.

A era de mil setecentos e trinta deu princípio a esta felicidade esperada, mas não entendida, num limite das Minas, cujo nome do Serro do Frio faz sabido (sic) a fama, e utilidade. Tanta tem sido, e é a cópia, e tão grande a preciosidade dos diamantes, que aquele grande Monarca, que conhece, e com reverência nomeia toda a Ásia, cede ao Monarca Lusitano esta excelência, e glória, até então só própria, e conhecida em seu dilatado Empório. Assim o julga a Ásia com espanto, e sentimento; Europa com utilidade, e inveja; Portugal com glória, e segurança: concorre com a fortuna a natureza, aquela com o favor, esta com a defesa; porque assim as serras do ouro, como as minas dos diamantes, são impenetráveis a toda força humana: aos mesmos Portugueses são muito árduos, e perigosos os caminhos, e às vezes insuperáveis pela corrente de caudalosos rios; mas lá vão nas asas da esperança, onde um instante de ventura, ou diligência, dá a muitos felicidade para os anos da vida, e herança à posteridade.

A grandeza da fortuna cifrada em breve esfera de matéria, e de tempo, ainda que incerta, e não comum, constituiu, e aumenta neste Serro dilatada habitação de muitos moradores, e maior número de esperanças.

Porém num distrito, onde sempre foi, e é geral o ouro em toda a terra, causa, que lhe deu o nome de Minas Gerais, se agregou, e continua o maior concurso, e da gente mais nobre em qualidade, e riqueza de todo o âmbito das Minas: parte assiste nos recôncavos em lavras de ouro, e fazendas de agricultura; parte em duas vilas, uma intitulada o Ribeirão do Carmo, outra que tem o nome de Vila Rica: sempre os Governadores assistiram numa, ou em outra; hoje ordinariamente residem na principal, e mais populosa, que é Vila Rica, situada no centro de todas as Minas; aonde ficam as distâncias sem queixa iguais a todos, para os requerimentos da justiça, e expedição dos interesses.

Nesta vila habitam os homens de maior comércio, cujo tráfico, e importância excede sem comparação o maior dos maiores homens de Portugal: a ela, como a porto, se encaminham, e recolhem as grandiosas somas de ouro de todas as Minas na Real Casa da Moeda; nela residem os homens de maiores letras, seculares, e Eclesiásticos: nela tem assento toda a nobreza, e força da milícia: é por situação da natureza cabeça de toda a América, pela opulência das riquezas a pérola preciosa do Brasil.

Incluem sucintamente estas cláusulas, o que é amplíssima matéria dos historiadores, noticiosa erudição dos doutos, da fama assunto antigo, e futuro ao seu clarim: destes princípios da Providência, e fortuna vem aos Portugueses continuada a glória, e felicidade: na lembrança deles vê a liberalidade Divina, e é justo sempre veja confessada a dívida, agradecido em parte o benefício.

Agora são reconhecimento glorioso, e renovada memória, que mostra os Portuguezes desempenhados, e notoriamente agradecidos do alto ministério, para que receberam, e possuem o Reino, penetraram, e dominam as conquistas: nestas primeiro fizeram alarde da doutrina, persuadindo as verdades da Fé com os exemplos da virtude; agora estabelecido o ócio da paz, crescida a opulência das riquezas, com dispêndios de magnificência, e excessos de liberalidade ostentam a glória da Fé, a reverência, e culto da Majestade Divina.

Excede as povoações de toda a América este opulento Hemisfério das Minas, ondê avulta, mais que as riquezas, o fausto dos Templos, e a preciosidade dos Altares: e como o Sol, a cujas luzes ficam sombras de todos os astros os esplendores, a nobilíssima Vila Rica, mais que esfera da opulência, é teatro da Religião: deve-lhe Portugal grandiosos auxílios, e quantiosos renditos; sem dúvida os maiores a Coroa do Monarca; a América a glória, e afluência das riquezas, que lhe reparte; todo Mundo o copioso, e fino ouro, que recebe em seus Reinos; mas sobretudo deve Portugal ao Brasil, e todo o Mundo um continuado, e de presente novo exemplo de Cristandade.

Este (sic) é a solene trasladação do Eucarístico Sacramento da Igreja da Senhora do Rosário para um novo Templo da Senhora do Pilar Matriz, e morada própria do Divino Sacramento; situada num bairro, que chamam Ouro Preto; a mais opulenta de duas, que há na Vila.

Tinham os interesses, e os anos aumentado tanto o número dos moradores dessa Paróquia, que fazia preciso ser mais dilatado o âmbito do Templo: de comum acordo, e geral: (sic) dispêndio determinaram fabricar outro, cuja suntuosidade desempenhasse a sua devoção, e fosse competente a toda a multidão do maior concurso: para isso mudaram o Divino Sacramento para a Igreja da Senhora do Rosário dos Pretos, sita na jurisdição da mesma Paróquia.

Havendo de restituir-se ao novo, e próprio Templo o Divino Sacramento, o Provedor da sua Irmandade, movido de um singular zelo do culto Divino, que nele se reconhece, e com tanta sinceridade, que não permite se escreva o seu nome, dispôs os ânimos dos mais irmão, e moradores da Paróquia, para que fosse a trasladação do Divino Sacramento com tão grande solenidade, que fizesse o maior empenho da opulência a maior demonstração da Cristandade.

Assim concorreram na glória desta ação, como Autor principal, o Provedor, como segundos Autores, o Procurador, Escrivão, e Tesoureiro, e mais irmãos da Irmandade do Divino Sacramento; accessoriamente todos os moradores da Paróquia.

Foi tal o empenho, que da Cidade do Rio de Janeiro, de todas as Minas, e de partes muito remotas fora delas, se procurou muita, e

preciosa parte do aparato; e tal a expectativa da novidade, que das mais distantes partes das Minas, e fora delas, houve na vila, e seus arredores inumerável, e nunca visto concurso.

A magnificência de toda esta solenidade, ouvida em confusa, e defeituosa voz da fama, agora por escrito com universal, e certa individualização fica exposta à pública notícia dos presentes, e futuros.

NARRAÇÃO

de toda a ordem, e magnífico
aparato da Solene Trasladação
do Eucarístico

SACRAMENTO

da Igreja
da Senhora do Rosário
para um novo Templo
de Nossa Senhora
do PILAR

Matriz, e própria morada
do Divino Sacramento
em

VILA RICA

Corte da Capitania das Minas
Aos 24 de maio de 1733.

TRIUNFO EUCARÍSTICO

Deu princípio aos festivos dias um bando por ministério de vários máscaras; uns aprazível objeto da vista nas diferenças do traje, e precioso da compustura; outros na galantaria das figuras assunto de riso, e jocosidade: todos por diferentes modos anunciaram ao povo a futura solenidade, desde os fins de abril até três de maio.

Neste dia saíram duas bandeiras à pública veneração pelas ruas da Vila: uma delas tinha numa face a Senhora do Rosário, em outra a custódia do Sacramento: a outra tinha também a custódia numa face, e na outra a imagem da Senhora do Pilar; ambas de Damasco carmesim. Foram levadas por duas pessoas ricamente vestidas com numeroso, e grave concurso, até se collocarem, uma defronte do Templo da Senhora do Rosário, onde estava o Sacramento, outra defronte do Templo da Senhora do Pilar, dele Padroeira, para onde havia ser a Trasladação.

Em dia da Ascensão se benzeu a nova Igreja, cuja função fez por comissão de Sua Ilustríssima o Reverendo Vigário da Vara de Vila Rica, Feliz Simões de Paiva; assistindo-lhe todo o Clero de ambas as Paróquias, vários Religiosos, e a maior parte dos povos da Vila, e seus arredores, que já tinham concorrido. Serviram à festividade deste dia muitas danças, e máscaras, ricamente vestidas; e continuaram aos olhos sempre vário, e agradável espetáculo, ordinariamente de dia; aos ouvidos sonora, e contenciosa harmonia de músicas, principalmente de noite, até vinte e quatro de maio, dia da Trasladação.

Precederam-lhe seis dias sucessivos de luminárias entre os moradores do Ouro Preto por ordem do Senado da Câmara, três gerais em toda a Vila até o Padre Faria (bairro assim intitulado) o último idôneo para nestas noites dilatar às luzes o domínio das trevas. Fica eminente à Vila um altíssimo Morro, a que deu o nome de Pascoal da Silva o mais opulento morador dele, e das Minas: a este Morro, pela inexaurível cópia de ouro, chama o vulgo, fiador das Minas; nele estas noites nas casas dos moradores as luzes, que mostravam aos juízos o centro da opulência, por sua altura, como na região das nuvens, pareciam aos olhos luminárias do Céu. A claridade dos ares, a serenidade do tempo, a estrondosa harmonia dos sinos, a melodia artificiosa das músicas, o estrépito das danças, o adorno das figuras, a formosura na variedade, a ordem na multidão, geralmente influíam nos corações uns júbilos de tão suave alegria, que a experiência a julgava alheia da natureza, o juízo comunicado do Céu.

Para a tarde vinte e três de maio, que se cumpriam num sábado, estava destinada a solene pompa da Trasladação: até às horas competentes esteve o tempo tão sereno, como amanhecera: todo o aparato esperava junto na Igreja do Rosário o progresso da procissão, que havia conduzir o Divino Sacramento: impediu uma repentina chuva os desejos de todo o concurso, e frustrou nesse dia o desvelo de muitos; dando nova causa a dispêndios, e trabalho em toda a prevenção da solenidade, que ficou deferida para o seguinte dia de manhã.

Houve discurso, que com pia contemplação se persuadiu, que no impedimento deste dia servira a natureza à providência de superior mistério: quanto ao dia; porque no próprio do Senhor se visse a sua glória cedendo à Mãe de Deus a esta propriedade a honra, que se destinava ao seu dia: quanto à chuva; julgando-a muda voz do Céu, antecipada expressão do agrado, com que via em competência a fé nos entendimentos, nas vontades o amor.

Amanheceu o seguinte dia vinte e quatro de maio, e nas ruas destinadas à procissão prevenido todo o obséquio de festividade, e

magnificência: nas janelas correu por conta das sedas, e damascos, uma vária, e agradável perspectiva para a vista, empenhada competência de preciosidade, e artifício: viam-se em primorosos, e esquisitos labores entre ouro, e prata, tremulando as idéias do Oriente troféus à opulência do Ocidente. Estavam nas ruas em distância competente cinco elevados arcos, em cujo artifício ajudou a preciosidade do ornato a arte, e competência dos artífices: eram o maior empenho da magnificência; da vista, em vagarosa atenção, desvelo, e delícia; contencioso triunfo de ouro, e diamantes. Um destes, fabricado de cera, na vulgar matéria, pelos empenhos da arte, fez nos juízos lugar à competência, nos olhos teatro à vitória dos esplendores do ouro, das luzes dos diamantes. Além destes arcos estava prevenido um Altar para descanso do Divino Sacramento, e deliberado ato da pública veneração: foi o seu ornato pelo custo, e asseio, viva imitação dos arcos, empenhado dispêndio do Autor. Aparecia nas ruas a verde amenidade dos campos; em variedade de flores a Primavera. Sentia-se nos ares, em fragrância de aromas, transplantada ao Ocidente a odorífera Arábia do Oriente. No populoso concurso tinha a vila a multidão das Cortes; nas galas a polícia, e gravidade: vestiu neste dia a todos do mimo das cores a natureza; em lâminas de ouro, e prata o Sol das luzes dos raios.

Antes de sair a procissão, esteve o Divino Sacramento colocado num braço da Senhora, em lugar do menino: celebrou-se uma Missa oficiada a dois coros de música, em cujos ministros a riqueza dos paramentos dava gosto aos olhos, devoção aos corações: no púlpito o Reverendo Doutor José de Andrade, e Moraes, com um doutíssimo Sermão fez o último ato a esta solenidade na Igreja do Rosário: saiu logo a procissão manifesta aos desejos da publicidade na forma seguinte.

Precedia uma dança de Turcos, e Cristãos, em número de trinta e duas figuras, militarmente vestidos; uns, e outros, em igualdade divididos a um Imperador, e Alferes; a estes conduziam dois carros de excelente pintura, e dentro acompanhavam músicos de suaves vozes, e vários instrumentos.

Seguia-se outra dança de Romeiros ricamente vestidos, que continuamente ofereciam à vista a gravidade do gesto, a variedade da ordem, em diferentes mudanças da arte.

Depois desta se dilatava outra vistosa dança, composta de músicos, em cujas figuras era o ornato todo telas, e preciosas sedas de ouro, e prata: pertenciam-lhe dois carros de madeira de singular pintura; um menor, que levava patente aos olhos uma serpente; outro maior, de artifício elevado em abóbada, que ocultava um Cavaleiro: este, abrindo-se a abóbada, saiu de repente, e já montado, a cabeça

da serpente, tudo representação: — diga-se a história humana, ou da Escritura em termos breves, e claros.

Seguiam-se logo quatro figuras a cavalo, representando os quatro ventos, Norte, Sul, Leste, Oeste, vestidos à trágica. O vento Oeste trazia na cabeça uma caraminhola de tisso branco, coberta de peças de prata, ouro, e diamantes, cingida de uma peluta (sic) branca matizada de nuvens pardas; rematada posteriormente num laço de fita de prata, cor-de-rosa, coberto de uma jóia de diamantes; ao alto de um cocar de plumas brancas, cingido de arminhos: o peito coberto de penas brancas, umas levantadas, outras baixas, todas miúdas; guarnecido de renda de prata: o capelar de seda branca de flores verdes, guarnecido de galões de prata: vestia uns manguitos de cambraia transparente, e finíssimas rendas: três fraldões, de seda branca de flores verdes, e cor-de-rosa, guarnecidos de franjas de prata: os borzeguins cobertos de penas; nas costas duas asas, e um letreiro do seu nome: na mão esquerda uma trombeta, de que pendia um estandarte de cambraia transparente, bordada à mão, guarnecido de laços de fita de prata, cor-de-rosa, e cor de fogo.

Era o cavalo castanho escuro, mosqueado de branco: a sela de veludo cor de ouro, bordada de prata: os arreios brancos de pregaria de prata: as crinas de franja de prata, passamane de ouro, fita cor-de-rosa sobre chamalote branco, tudo crespo; no peitoral rabicho, e cauda de muitos laços de vária fitaria.

Ao Sul ornava a cabeça um bonete (sic) com cocar de plumas brancas, e azuis: o peito bordado de ouro, e peças de diamantes: o capelar de estofa de ouro azul, e branco: os fraldões de sedas também de ouro, o primeiro azul, os outros brancos, todos de franjas de ouro: os borzeguins bordados do mesmo; nas costas duas asas, e o seu nome num letreiro: na mão esquerda uma trombeta, e nesta um estandarte carmesim com franja, e borlas de ouro.

O cavalo castanho; os jaezes de veludo verde, bordados de ouro; os arreios dourados; na cabeçada um martinete de plumas azuis, e brancas; em muitas partes variedade de fitas.

O Norte, e Leste, só nas cores, que lhe competiam, eram destes diferentes; no precioso ornato tinham igualdade, e imitação.

Depois destes vinham as figuras mais majestosas de toda a Procição; todas a cavalo, vestidas à trágica.

Era o seu adorno vagaroso empenho da vista, continuada novidade dos olhos, agitada esfera da riqueza, móvel aparato da magnificência.

Precedia a todas a fama, cingia-lhe a cabeça um precioso toucado de flores de diamantes, dando por um lado ao vento uma haste de

finíssimas plumas brancas: o peito bordado de ouro, e vária pedraria, de que sobressaía elevado um broche de diamantes: o capelar de seda branca de florões de ouro: os fraldões da mesma seda, cingidos de franjas de ouro: saíam-lhe das costas duas asas de penas brancas, matizadas de folhas de ouro: nos borzeguins calçava de nácar em viva cor de marroquim: sustinha na mão direita, de uma haste de prata, rematada em cruz, pendente um estandarte de tela branca; por uma face pintada a arca do testamento, por outra uma custódia sobre um letreiro de letras de ouro, que dizia: **Eucharistia in Translatione uictrix.**

Era o cavalo formoso, e manso, na cor russo pedrês: os jaezes de bordado, franjas, e borlas de ouro; na frente agitava um martinete de seda de várias cores, e plumas brancas: pelas crinas, e cauda, largava o vento laços de fitas de prata, e ouro de várias cores.

Pelos lados a seguiam a pé dois pajens, como pinta a antigüidade a Mercúrio: nas cabeças davam nos chapéus ao vento duas asas: vestiam justilhos brancos de Holanda, de que saíam nas costas duas asas: cingiam três fraldins de seda encarnada com flores de várias cores: calçavam de branco com servilha de talares: nas mãos os caduceus columbrinos.

Por ministério destes dividiu a fama ao povo vários, e elegantísimos poemas, em elogio da solenidade.

Seguia-se a figura do Ouro Preto, bairro, onde está situada a Matriz e novo Templo, a que se encaminhava a Trasladação, e solenidade.

Faziam-lhe companhia outras figuras, diferentes no nome, não inferiores no ornato; umas a cavalo, outras a pé por sua ordem, a saber.

Precedia montado num formoso cavalo um Alemão, rompendo com sonoras vozes de um clarim o silêncio dos ares: fazia com invectivas da arte, que nas vozes do instrumento fosse a melodia encanto dos ouvidos: isto deu causa à eleição que dele se fez para concorrer neste ato.

Vestia à castelhana de um veludo roxo com capa do mesmo, passado todo de ouro: cobria-lhe a cabeça um chapéu agalado do mesmo, disposto em dois ventos; formaram-lhe as presilhas dois broches de diamantes de grandeza não vulgar; sobressaía deles um cocar de plumas, que na variedade de vivas cores, não tinha menos lustre, que os diamantes.

O cavalo era russo: os jaezes, de veludo carmesim bordado de ouro: os arreios, cobertos do mesmo: na cabeçada ia firme um marti-

nete de seda, e plumas brancas; e nela, e nas crinas, em vária ordem, dispostas fitas de ouro; na cauda, outras de várias cores.

Atrás deste, distância de dois passos, vinham a pé oito negros, vestidos por galante estilo: tocavam todos charamelas, com tal ordem, que alternavam as suas vozes com as vozes do clarim, suspendidas umas, enquanto soavam outras.

Seguia-se mais atrás dois passos, o pajem da principal figura, o Ouro Preto: vinha a pé; e esta só diferença tinha, porque o precioso ornato era o mesmo, que da figura.

Vinha logo esta, em distância de dois passos: vestia de roupas de ouro: levava na cabeça um turbante, feito de fitas de tela, tão rico, que não se via nele, mais, que ouro, e diamantes; rematado num precioso cocar de várias plumas: formou-lhe o peito um bordado de ouro com tal artifício, que parecia de martelo; por todo ele se via em contínuos esplendores a luz de muitos diamantes brilhando, encravados em muitas peças de ouro: no meio do peito se viam bordadas as armas Reais; por cima do Imperial umas letras, que diziam: **Viva o Ouro Preto**. Calçava uns borzeguins do mesmo artifício, e vista à imitação do peito; levava na mão direita uma salva, dentro nela um morrozinho, coberto de folhetas de ouro, e diamantes, que significava o Ouro Preto.

O cavalo russo na cor, era o melhor dos que vieram neste ato, por mansidão, e formosura: a sela tão rica, que não se sabe segunda no Brasil, sobre veludo verde bordada de ouro: o chairel (sic), e bolsas imitavam a sela na matéria, e artifício; os arreios eram do mesmo; a ferragem toda de prata: para haver em tudo conformidade se bordaram da mesma sorte as crinas do cavalo, que iam caídas entre fitas de tela com muitos diamantes: das orelhas até o arção (sic) da sela se lhe formaram outras crinas de fita de tela, e flores de diamantes: a cabeçada por cima de laços também de tela, levava outras de filigrana de ouro, com esmeraldas de várias cores: dava a tudo o artifício evidente propriedade em tanta variedade: elevava-se nesta fábrica um martinete de dois palmos, e meio em feitio de palmeira; em cujo artifício, em seda, ouro, e pedraria, deu o artifice ao galante bruto a vitória, e palma da melhor gala: levava as mãos; e pés dourados: ultimamente em rédeas, e sobre rédeas de cordões de ouro oferecia à figura a glória da Majestade.

Houve opiniões, que deram ao cavalo muita melhoria, que à figura; mas era gosto dos olhos contra as verdades da natureza.

Seguiam esta figura pelos lados outras duas a cavalo, dando-lhe o lugar do meio: vestiam do mesmo modo, na grandeza do aparato: só tinham diferença no ornato da cabeça, quanto à forma; porque

levando a do meio um turbante, estas levavam, cada uma, o feitiço de um morro; significando uma o Ouro Preto, outra o Ouro Fino; morros entre os quais está fundada a Vila.

Os cavalos também não tinham muita diferença, porque na formosura, e jaezes mostravam igualdade, e semelhança.

Acompanhavam estas figuras dois pajens a pé vestidos também à trágica, estrivando com a figura do meio: nas cabeças levavam a mesma divisa de uns morrozinhos: — vestiam na mesma forma, que as figuras.

Depois destas vinham as figuras dos sete Planetas por sua ordem, oferecendo aos juízos as memórias da antigüidade, aos olhos uma variedade Majestosa.

Precedia a Lua; a esta duas Ninfas; a estas dois pajens: estes levavam nas cabeças turbantes de seda azul entre brincos de ouro, rematados em plumas brancas: vestiam de seda azul com guarnição de galões de prata: os saíotes eram da mesma seda, franjados todos de prata: nas mãos levavam uns bastões.

Seguiam-se logo as Ninfas: ornavam as cabeças com turbantes bordados de prata, e muitas pérolas, semeados de estrelas de ouro, rematados em plumagens de penas brancas, e azuis: vestiam de seda azul, e branca toda de prata, coberta de galões, e franjas do mesmo: os peitos em campo azul bordados de pérolas, e variedade de pedraria: os capelares da mesma seda azul, semeada de estrêlas de ouro: os borzequins do mesmo modo: dos ombros, por cordões de ouro, lhe pendiam umas aljavas; no braço esquerdo sustinham os seus arcos: levava cada uma um cão perdigueiro, preso por fitas azuis de prata em colares bordados, com muitos cascavéis de prata.

Vinha logo a Lua: trazia na cabeça um turbante azul, bordado com estrêlas de pérolas; rematado numa nuvem cheia de estrêlas de ouro, dentro da qual saía uma Lua cheia. Vestia roupas de seda azul, e branca de florões, e franjas de prata: o peito era uma campina de pérolas, alternando em elevados labores lugar a muitos diamantes: o capelar de tisso azul de prata, semeado de estrelas de ouro: os borzequins de seda azul com galões de prata, bordados de muitas pérolas: sutinha no ombro direito por muito cordões de ouro uma aljava; no braço o arco, na mão a seta.

O cavalo era branco, e muito formoso: os jaezes bordados todos de prata: via-se esta também nas crinas, e cauda, em campo azul de muita fitaria.

Seguiam dois pajens as estribeiras, em tudo semelhantes aos primeiros das Ninfas.

Seguia-se Marte: antes dele três figuras, nas cabeças com toucas mouriscas de carmesim de prata, com vária ordem de fitas de tela verde de prata; por um lado com plumas brancas: vestiam do carmesim das toucas trunfado de vermelho, e branco; calçavam de branco com sapatos encarnados.

Procediam em igualdade; uma no meio, duas pelos lados: a do meio tocava uma caixa de guerra; a da mão esquerda um pífano; a da direita uma trombeta.

Vinha Marte em distância de dois passos: armava-lhe a cabeça um capacete de prata de labores de pedraria, rematado num precioso cocar de plumas brancas, e encarnadas; vestia de seda branca de prata; o peito em campo da mesma seda, bordado de ouro, e peças de diamantes, com guarnição de seda de franjões de ouro cingidos de pedraria: o capelar da mesma seda franjado de ouro, matizado de flores de várias pedras: vestia três saíotes; o primeiro, e último da mesma seda, e ornato; o segundo encarnado de franjões de prata: os borzeguins em campo de seda branca bordados de flores de ouro, e pedraria: na mão direita empunhavam uma espada nua de guarnições de prata, e labores de ouro; e na esquerda um escudo de prata.

Montava num cavalo russo rodado: os jaezes, e arreios em artifício de prata, e ouro, competiam à figura, e imitação dos outros.

Dois pajens vinham às estribeiras: nas cabeças com toucas de carmesim lavradas de cordões de ouro com pedraria verde; cingidas de relevo de prata com pedraria de cristal; rematadas em plumas brancas, e azuis: vestiam de carmesim de prata: os peitos em campo branco, bordados de flores de ouro, cobertas de pedraria verde: os capelares da mesma seda franjados de ouro, cada um com dois saíotes; os primeiros do mesmo carmesim de prata com franjões do mesmo, cingidos de pedraria verde; os segundos de seda verde de prata com franjões de ouro: os borzeguins em campo branco bordados de ouro: nas mãos levavam duas escopetas de labores de prata.

Seguia-se Mercúrio: precediam-lhe duas figuras no ornato semelhantes aos pajens das estribeiras: estas no dilatado âmbito dos ares ofereciam de longe com dois clarins sonora melodia aos ouvidos.

Vinha em pouca distância Mercúrio: compunha-lhe a cabeça uma cabeleira branca de bandas, anterior, e posterior: sobre esta um chapéu pequeno coberto de seda; a copa bordada de cordões de ouro, e diamantes; duas abas do mesmo com duas asas, cobertas de espiguiha de prata com vivos de froco encarnado; em cada uma um broche de diamantes sobre laço de fita de prata cor de fogo,

rematadas numa estrela; eminente a tudo um penacho de plumas cor de nácar: o peito em campo de cetim azul bordado de cordões de ouro, canotilhos de prata, e diamantes com guarnição de rendas de ouro: o capelar de galacé de prata em campo azul, matizado de ramos de ouro: vestia três saíotes; o primeiro imitava o capelar brilhando todo de luz em flores de ouro; o segundo de cetim amarelo com rendas de prata; o terceiro cor-de-rosa, coberto das mesmas rendas, todos em aprazível disposição guarnecidos de franjas de prata, e de ouro: os borzequins de cetim azul, bordados de cordões de ouro: nas costas duas asas cobertas de espiguiha de prata, como as do chapéu, com vivos de froco encarnado: na mão direita um caduceu dourado.

Montava num cavalo russo: os jaezes corespondiam ao fausto da figura; as crinas eram de rendas de prata pendentes delas, e de outras partes em vária forma fitas de prata, e de ouro.

Dois pajens às estribeiras: nas cabeças com perucas loiras; sobre estas bonetes (sic) de seda amarela de prata de duas abas de veludo preto bordado de prata; nas esquerdas sobre laços de fitas cor de fogo um broche de diamantes; de entre ele plumas brancas, e azuis: peitos de cetim encarnado bordados de cordões de ouro, canutilho de prata, e remates de diamantes com guarnição de renda de ouro: capelares de seda verde de florões brancos: cada um com dois saíotes; um de veludo azul com rendas de ouro; outro de encarnado com rendas de prata: calçavam de azul bordado de prata: os sapatos amarelos com fivelas de pedraria.

Via-se logo o Sol: era a sua figura entre todas na majestade como de Rei; tão superior era o ornato, e artifício dele, que lhe mereceu este nome; os olhos, e juízos o confirmaram: como no Céu Superior nas luzes entre os astros, se via então na terra também superior às figuras dos Planetas no esplendor da magnificência.

Precediam-lhe duas figuras; uma a estrela da Alva, outra a da Tarde; ambas em igualdade, diferentes só nas cores.

A Vespertina na cabeça com um toucado de fitas de tela de ouro de cor parda, artificioado de cordões de ouro, e pedras de várias cores: vestia roupas de seda de ouro parda com franjões de ouro; peito do mesmo com labores de pedraria rematado em franjas de ouro; borzequins guarnecidos de fitas de ouro também pardas; nas costas um letreiro do seu nome: **Vésper**.

A da Alva na cabeça também toucado de fitas de tela branca de prata, do mesmo artifício da outra: vestia de sedas brancas de prata; nelas, no peito, e borzequins sobre cor branca com prata, e pedraria, o mesmo artifício, e qualidade da outra; nas costas o nome: **Lúcifer**.

Vinha o Sol em pouca distância: coroava-lhe a cabeça de luzes uma cabeleira de fio de ouro; vestia de tisso cor de fogo: o peito todo coberto de diamantes unidos a vários labores de ouro: do mesmo peito lhe saía um círculo de raios com artificiosa, e brilhante fábrica de ouro, e pedraria: nas costas brilhava a mesma preciosidade com semelhante adorno: numas mangas do mesmo tisso vestia sobre o campo de ouro alternada luz de diamantes: no fraldão vestia também de luz trêmula, e sucessiva, em franjas de canutilhos de ouro: calçava borzequins cor de fogo, e nestes também de luz, porque em debuxos de canutilho de ouro prendia a luz de muitos cristais: levava na mão uma arpa de pintura em campo de ouro.

Vinha num cavalo de cor castanho: fazia-lhe os jaezes uma rede de cordões de ouro, que eram prisões de luz, guarnecidos todos de cristais finos: eram as crinas todas de galões de ouro; os arreios cobertos do mesmo com vária ordem de cristais; saía-lhe da frente uma ponta de Unicórnio; tremulava na cabeça um martinete de plumas brancas, e cor de fogo, nascidas de um montão de pedraria.

Vinham às estribeiras seis pajens; três a cada lado; mulatinhos de gentil disposição, todos da mesma estatura, e semelhantes no traje.

Nas cabeças com barretes à mourisca de seda nácar, e verde, guarnecidos de rendas de prata, rematados em plumachos brancos, e encarnados: vestiam todos de seda nácar com franjas de prata: calçavam de branco com sapatos encarnados: nas mãos levavam bastões de prata dourados.

Seguia-se Júpiter: cobria-lhe a cabeça uma caraminhola coberta toda de peças de ouro, e diamantes, rematada ao alto com uma estrela formada com os raios de uma redonda jóia de diamantes, rematada na parte posterior com um coçar de plumas brancas, e azuis nascido de outra grande jóia de diamantes: o peito, e petrina em cor nácar lavrado de ouro, e diamantes com guarnição de franjas de prata: o capilar de tisso de ouro azul claro com franjas de ouro: vestia três saiotos; dois do mesmo tisso, o primeiro e terceiro; o do meio de tisso de prata também azul, todos guarnecidos de franjas de ouro sobre calções de seda azul com ramos cor de ouro: calçava borzequins de marroquim vermelho, guarnecidos de franjas de prata, e várias peças de diamantes: levava na mão direita um cetro de ouro com raios do mesmo, no braço esquerdo um escudo dourado com o seu caráter.

Vinha num carro triunfante, coberto de seda nácar guarnecido de galões de prata; e nos gomos dos lados com espequilha do mesmo: nas rodas anteriores se via pintado o signo de **Piscis**; nas posteriores o signo de **Sagitário**: puxavam por ele duas águias coroadas de ouro; das quais as rédeas levava a figura na mão esquerda.

Por pajens vinham aos lados dois satélites: nas cabeças com capacetes de ouro rematados numa pequena pluma de azul, (sic) e

branco: os peitos em campo azul bordados de flores de ouro, e pedraria azul: os capilares de seda azul de florões de ouro com franjas de prata: cada um com dois saíotes; os primeiros de seda dos capilares; os segundos de seda nácar de prata; todos com franjas de ouro: calçavam de azul bordado de prata com sapatos encarnados: nas mãos levavam uns bastões de prata.

Seguia-se Vênus: representava no rosto, e realçava no ornato aquela formosura, que pelo seu nome se encarece: no ornato fez o desvelo da arte obséquios à natureza, mais em satisfação de dívida, que em forma de benefício: tal era a gentileza do rosto, com tanto preço artificiosa a compostura.

Ornava-lhe a cabeça um toucado de pérolas com delicado artifício de ouro, e pedraria: vestia toda de verde, e cor-de-rosa; sendo as roupas em campo destas cores uma seara de pérolas, e floresta de diamantes: o peito em campo verde todo era de florões também de pérolas, cujo centro faziam flores de diamantes brilhando em esmalte verde: esta cor por arte dividida lhe formava toda a gala da preciosidade do mar, e da maior riqueza da terra: trazia no braço esquerdo um escudo bordado de ouro, e nele pintado um coração abrasado em fogo: na mão direita um ramallete de flores: em parte a cobria uma nuvem por um lado.

Vinha num carro triunfante de feitio de uma concha; em cuja fábrica concorreram em igual propriedade a arte fabril, e as cores da pintura: acrescia nesta um ornato de ouro, e aljôfares, deixando livre aos olhos a naturalidade unida com a riqueza: cingiam os extremos quadrangulares do carro sedas verdes de florões de ouro com franjas, e borlas do mesmo: um artifício oculto dava ao carro nas rodas o movimento.

Pelos lados a seguiam dois pajens, representando em suas figuras dois Cupidos: levavam nas cabeças turbantes de fitaria verde, e cor-de-rosa brincados de cordões de ouro entre fios de aljôfar, rematados em plumas brancas, verdes, e cor-de-rosa: vestiam uns justilhos de seda cor-de-rosa, como a dos turbantes, com vário artifício de cordões de ouro: os fraldins da mesma seda cobertos de franjas de ouro: saíam-lhe das costas duas asas de penas brancas, e cor-de-rosa: calçavam de verde lavrado de ouro com sapatos cor-de-rosa: nas mãos levavam arcos, e setas.

Saturno fechava o número a estas figuras dos Planetas, no último lugar; ainda que por suas influências lúgubre; nas idéias da fantasia, como luminoso Planeta, vistoso na gala da figura.

Precediam-lhe duas Estrelas vestidas como soldados Romanos: nas cabeças com capacetes de prata rematados no alto com uma Estrela; pelo lado esquerdo com plumas azuis, e brancas: vestiam de

chamalote branco de prata, guarnecido de galões, e franjas de ouro: calçavam borzeguins de carmensim bordados de prata: nas mãos cada um com meia lança enfeitada de tela azul de prata.

Logo se seguia Saturno: representava no rosto homem velho de fúnebre aspecto, com barba, e cabelos naturais.

Cingia-lhe a cabeça uma caraminhola de cassas brancas com vário artifício de cordões de ouro, e peças de diamantes, rematado em cocar de plumas brancas, e azuis: o peito em campo azul escuro bordado de ouro, e peças de diamantes; nos ombros se lhe viam umas carrancas, da boca, das quais saía uma pequena manga: o capilar de golfo de ouro azul escuro com franjas de prata: vestia três saiotos de seda do capilar com franja de ouro; calçava borzeguins de azul com lavores de prata: levava na mão esquerda um pequeno escudo dourado com o caráter astronômico: na direita uma foice de prata.

Vinha num cavalo castanho: os jaezes de veludo verde bordados de prata: os arreios cobertos do mesmo: as crinas de fitas de tela branca, e azul de prata: na cabeçada um martinete de plumas azuis, e brancas: na cauda fitaria de tela azul de prata.

Todas estas majestosas figuras dos Planetas pela memória da Divindade, que neles adorava o fingimento da antiga Idolatria, eram glorioso triunfo do Eucarístico Sacramento; que como no feliz século da Redenção humana foi alcançado pelo mesmo Senhor Sacramentado; se via agora na memória, e figura renovado para estímulo da pública veneração desta Cristandade, e maior glória do mesmo Senhor.

A figura da Igreja Matriz, onde o Soberano Senhor encoberto nos acidentes do Sacramento como verdadeiro Deus com reverente culto será sempre venerado, e nos dias desta solenidade havia ser adorado, punha o fim a toda esta ordem de figuras.

Última de todas se oferecia à vista; e porque as antecedentes lhe não davam lugar à superioridade no ornato, via-se nela igualdade, e imitação.

Cingia na cabeça uma caraminhola de azul bordado de relevo de flores de cordões de ouro; em vária ordem elevadas, e sobrepostas circularmente várias flores de diamantes; rematada num vistosíssimo cocar de finíssimas plumas brancas: o peito em campo azul de chamalote bordado de cordões de ouro, e jóias de diamantes com uma maior no meio; dela sobressaiam tremulamente três grandes flores de diamantes; guarnecido de franjas de ouro, cingidas de um cordão de pedraria: vestia de tisso de ouro branco, e azul; guarnecidas as roupas de franções de ouro, e vária pedraria: calçava borzeguins de chamalote branco bordados de cordões de ouro, e estrelas

de cristal fino: no braço esquerdo abraçava um escudo de campo de ouro, nele pintada a Igreja Matriz com esta esta letra. **Haec est domus Domini firmiter aedificata.** Na mão direita sustentava numa haste de prata dourada um estandarte de tela branca; pintada numa face a Senhora do Pilar com esta letra: **Ego dilecto meo:** na outra a custódia da Eucaristia com estoutra (sic) letra. **Et ad me conuersio eius.**

Vinha num formosíssimo cavalo branco, em cujos jaezes de veludo azul, e arreios brancos só tinha parte o ouro em bordados, franjas, borlas, galões, rendas, e fitaria com artifício, e preço competente à figura, e imitação das antecedentes.

Quatro pajens lhe seguiam às estribeiras; dois a cada lado: vestiam todos de tisso branco de ouro.

Nas cabeças turbantes do mesmo tisso com círculos de cordões de ouro, rematados ao alto em um florão, de que saía um penacho de plumas brancas: os peitos do mesmo tisso cobertos de cordões, e galões de ouro; estofados de maneira, que fechavam no meio com uma jóia de diamantes; cingidos de franjas de ouro: vestiam três saíotes do mesmo tisso também com franjas de ouro: os borzeguins de cetim branco bordados de cordões de ouro: nas mãos levavam suas insígnias significativas da figura, que acompanhavam.

Seguiam-lhe logo depois várias Irmandades guiadas de suas cruzes de prata com mangas de custosas sedas de ouro, e prata, cobertas dos seus Juizes com varas de prata; as quais em andores de precioso ornato conduziam os Santos seus Padroeiros: em tudo se via nelas uma ordem, e asseio competente à gravidade de tão solene ato.

Precedia a todas um gaiteiro, que por singular fábrica do instrumento, e boa agilidade da arte fazia uma agradável consonância.

Vestia à Castelhana de seda encarnada; e por um lado o seguia um moleque vestido da mesma seda tocando um tambor.

Mais atrás distância de dois passos vinham quatro negros cobertos de chapéus agaloados de prata com plumas brancas; vestidos todos de berne; calçados de encarnado.

Vinham em cavalos brancos de jaezes de berne tocando trombetas, de que pendiam estandartes de seda branca com uma custódia pintada.

Seguia-se o guião da Irmandade do Santíssimo, de damasco carmesim franjado de ouro; nele numa primorosa tarja bordada uma custódia.

Levava-o um Irmão vestido de custosa gala; dois pelos lados com duas tochas pegavam nas borlas; ambos do mesmo modo, e gravemente vestidos.

Logo imediata se via a Irmandade dos Pardos da Capela do Senhor São José, em larga distância numerosa coberta de opas de seda branca.

No meio dela ia o andor do seu Padroeiro ornado de seda encarnada, galões, e franjas de ouro, várias flores de seda, e fio de ouro, e prata.

Seguia-se a Irmandade da Senhora do Rosário dos Pretos, numerosa de muitos Irmãos, todos com opas de seda branca.

No meio dela iam três andores: o primeiro de Santo Antônio, Calatagirona: o segundo de São Benedito: o terceiro da Senhora do Rosário: nas imagens era muito vistoso o ornato em sedas de ouro, e prata; e em várias, e custosas peças de ouro, e diamantes: nos andores em sedas, galões, e franjas de ouro; e variedade, e galantaria de diferentes flores de diversas matérias, e alternadas cores.

Seguia-se a esta a Irmandade de Santo Antônio de Lisboa de muitos Irmãos; quase todos sobre diversas, e preciosas galas vestiam opas de chamalote branco.

No meio dela se viam três andores: o primeiro de Santo Antônio, cujo ornato era de cera branca com muitas galantarias de flores, e lavores sobre papéis encarnados, verdes, azuis, e mistura de lata com fitas, e galões do mesmo: julgava a vista, que supria, e equivalia o galante, e delicado artifício ao maior ornato da preciosidade: o segundo de São Vicente Ferreira; era de talha dourada com muita galantaria, e variedade de flores de seda, fio de prata, e de ouro; o terceiro de São Gonçalo de Amarante; era do feitio de um carro; ornado de sedas de custo, galões, e franjas de ouro, e variedade de flores.

Depois desta vinha a Irmandade das Almas, e São Miguel muito numerosa de Irmãos, e aos olhos de agradável vista: mais que os mementos, e lúgubres sufrágios, punha na consideração dos juízos a glória das Almas, porque sobre custosas galas vestia as opas de chamalote verde.

No meio era levado o glorioso São Miguel, ornado de um capacete de prata com vistossíssimo penacho de plumas; estofado de novo, e ornado de muitas peças de ouro.

Ia num andor custosamente ornado de seda verde de ouro, galões, e franjas do mesmo, e vário ornato de flores.

Seguia-se um numeroso séquito de Nobres moradores da Vila, e seu distrito, que tinham servido à República do nobre Senado da Câmara.

Diferentes na variedade, e competência de preciosas galas, faziam por união, e ordem a forma de uma nobilíssima Irmandade.

Quatro deles empenhados na devoção, venturosos no obséquio, conduziam o andor do Padroeiro do Senado da Câmara.

O glorioso Mártir São Sebastião, coroado de um resplendor de ouro, estofado de novo; mostrando aos olhos o seu martírio em muitas setas de prata; ornado o apanhado das roupas com um preciosíssimo broche de diamantes, em que se rematava um intrincado, e dilatado artifício de cordões de ouro.

O andor era em feitio de carro triunfante; coberto de seda carmesim de ramos de ouro; guarnecido em várias formas de galões, franjas, e borlas de ouro.

Seguia-se a Irmandade da Senhora do Rosário, intitulada a do Terço dos Brancos, abundantíssima de Irmãos; todos geralmente sobre galas com opas de nobreza branca.

No meio se via a Senhora com manto de tela branca, sobre um andor de talha dourada com muita miudeza; rematada em muitos, e bem figurados Serafins, que sustentavam o Trono da Senhora.

Seguia-se a esta a Irmandade da Senhora da Conceição; numerosa de Irmãos, vestidos de gala com opas de nobreza branca.

No meio era levada a Senhora, cuja Imagem pelo primor da arte com suavíssima eficácia excita os corações à reverente devoção; coroada com uma coroa toda de ouro; coberta de preciosas peças de ouro, e diamantes; com manto de brocado carmesim de singular bordadura de prata, e pedraria.

O andor vinha coberto de tela branca de ramos de ouro com muitos galões, e franjas também de ouro.

Depois desta a nobilíssima Irmandade da Senhora do Pilar, Padroeira do novo Templo, de grandioso número de Irmãos: a propriedade, que tinham em tão solene ato, lhe deu uniformidade no preço, e brilhante asseio das galas: vestiam sobre elas opas de chamalote branco; os oficiais de chamalote branco de prata.

No meio dela se via a imagem da Senhora, estofada de novo com laborioso primor; com pedras finas embutidas nas' mesmas roupas; estas cobertas de ouro até os extremos do Pilar.

O andor era coberto de custosas sedas de ouro, e prata com ar dificiosos labores, e guarnição de galões, e franjas de ouro.

Seguia-se ultimamente a opulentíssima, e esplendidíssima Irmandade do Divino Sacramento, dilatada em numeroso séquito de honrados, e Cristianísimos Irmãos.

Precedia nela uma custosa Cruz de prata com mangas de muito custo de sedas, e franções de ouro; pelos lados dois ceroferários de prata de singulares labores.

A legítima propriedade, que principalmente tinha neste ato, e solenidade, lhe dividiu com liberal dispêndio diferente, e preciosa gravidade de galas: sobre elas se viam nuns as opas de berne, em outros de veludo lavrado; nos oficiais de carmesim de ramos de prata; em todos sobre o lustre da prata, e ouro das galas, brilhava o encarnado das opas com luzes de devoção, e singularíssima Cris-tandade.

Cobria o seu Provedor a Irmandade, conhecendo-se nele o hono-rífico cargo pela vara de prata; e pela voz da fama, e públicos elogios a principal origem desta solenidade.

Seguia-se debaixo de uma Cruz, que levava um Sacerdote revestido de Dalmática, o numeroso Clero das duas Paróquias da Vila, e suas anexas, todos com custosas sobrepelizes, e velas de livra.

Levavam quatro Sacerdotes o seu Patriarca São Pedro, colocado num andar de custoso ornato de sedas de prata, e ouro; galões, franjas, e borlas também de ouro.

Seguiam-se de ambos os lados oito Sacerdotes revestidos de ricas casulas, manípulos, e estolas; depois destes oito com boas Dalmáticas; logo oito de cada parte com capas de asperge; seguiam-se quatro com turíbulos; depois um Sacerdote, que levava bem ornado o pedestal para descanso da custódia, em que ia o Divino Sacra-mento.

Seguiam-se mais quatro Anjos vestidos à trágica, imitando no ornato das cabeças, peitos, capilares, saiotes, e borzeguins, a precio-sidade de ouro, prata, e diamantes das figuras antecedentes.

Levavam nas mãos umas bandejas de prata cheias de muitas, e diversas flores odoríferas, que iam lançando pelas ruas.

Seguia-se o Divino, e Eucarístico Sacramento, debaixo de um precioso pálio em mãos do Reverendo Vigário da Matriz, revestido com uma rica alva, estola, capa de asperge, e véu de ombros, tudo de muito preço entre dois Sacerdotes também revestidos de ricas alvas, e dalmáticas de tela branca.

O pálio era de tela carmesim com ramos, e franjas de ouro; de seis varas de prata, que levavam seis Irmãos.

Detrás dele vinha o Conde das Galveas, Governador destas Minas, com toda a Nobreza militar, e literária da Vila, e de outras partes, e o Nobre Senado da Câmara.

Seguia-se logo a companhia de Dragões governada pelo seu Tenente, e os soldados das duas tropas, todos em boa ordem; e com a mesma deram três cargas de mosquetaria depois de recolhida a Procissão.

Estava o novo Templo nos altares, e em todo o seu âmbito coberto de sedas, ouro, e prata, com aquele precioso artifício, e

decentíssimo ornato competente a todo o mais aparato, e magnificência da solenidade.

Foi o Divino Sacramento colocado, e exposto num Trono, e se celebrou uma Missa cantada com música a dois coros: pregou ao Evangelho o Doutor Manoel Freire Batalha; e de tarde fez o mesmo em presença do Conde Governador, de toda a Nobreza, e Senado da Câmara.

No seguinte dia se cantou a Missa com a mesma solenidade, e música: pregou ao Evangelho, e de tarde o Doutor José de Andrade, e Moraes com aquela energia, e naturalidade de difícil imitação, que lhe dá sempre unido o aplauso à admiração; em ambos os atos com assistência dos mesmos Senhores, e populoso concurso.

No terceiro, e último dia se oficiou outra Missa do mesmo modo: pregou de manhã, e de tarde o Reverendo Padre Diogo Soares da Companhia de JESUS, cujo estilo, e erudição deu novo lustre à festividade, e à sua esclarecida Religião singular glória: assistiram do mesmo modo o Senhor Conde, toda a Nobreza, e Senado da Câmara, e numeroso concurso.

Todos estes três dias mandou o Senhor Conde pôr de guarda à Igreja uma companhia de soldados das Ordenanças da Vila; e o mesmo Senhor, por assistir a todos os atos desta solenidade se mudou para o Ouro Preto para umas grandiosas casas, que lhe tinha prevenidas a Irmandade do Santíssimo.

Na noite do dia seguinte aos do Tríduo, ardeu um arrificioso fogo feito num plano perto da Igreja Matriz fabricado por idéia do Reverendo Padre Doigo Soares da companhia de JESUS na forma seguinte.

Uma planta em quadro chamada Jardim, de oitenta e cinco palmos cada face; nos quatro cantos quatro Castelos triangulares de ressalto sacado para fora de quinze palmos cada face; que com oitenta e cinco de cada ângulo do quadro faziam cento e quinze cada face do Jardim; em cada Castelo por remate uma figura humana, guarnecida de fogo; dentro do primeiro quadro outro de sessenta palmos cada face; nos cantos quatro árvores de candeias: dentro deste se fez terceiro quadro de trinta palmos [cada] face; no meio uma fonte: as faces de todos os três quadros guarnecidas de rodinhas, candeias, morteiros, e girândolas: todo o circuito desta fábrica guarnecido de linhagem pintada de pedra.

Houve mais toda a noite copioso fogo de espadas de várias formas, montantes, e diversidade de foguetes; o que fez grande a abundância do liberal dispêndio.

Teve também este espetáculo a assistência do Senhor Conde, e de toda a Nobreza; e não obstante o dilatado tempo da noite, inumerável multidão de todo o gênero, que cobria os montes.

Seguiram-se alternadamente três dias de cavalhadas de tarde; três de Comédias de noite, três de touros de tarde.

O curro para as cavalhadas, e touros, se fez muito espaçoso, e em quadro na praia de um rio, que corre perto da Igreja Matriz: no meio dele se pôs um mastro com uma bandeira branca, de cada parte pintada uma custódia; cercado de palanques bem armados de sedas, e damascos.

No meio de uma face do curro destinaram os Irmãos do Santíssimo um palanque para o Senhor Conde, pelo sítio, e custoso ornato, como convinha à pessoa de tão grande Senhor.

Concorreram nas cavalhadas muitos, e destríssimos Cavaleiros ricamente vestidos, e montados em briosos cavalos bem ajaezados; e deles os mais peritos, ou venturosos levaram argolinhas de ouro.

O Tablado das comédias se fez junto da Igreja custoso na fábrica, no ornato, e aparência de vários bastidores: viram-se nele insignes representantes, e gravíssimas figuras: foram as comédias: **El Secreto a voces: El Principe prodigioso: El Amo criado.**

Os três dias de touros foram divididos a dois insignes Cavaleiros: um dos primeiros dias a cada um; o terceiro a ambos juntos: foi o primeiro do Alferes de Dragões João Vieira Carneiro, por excelente perícia, e fama conhecido, e aplaudido: o segundo de Francisco da Silva Machado, e também o último por impedimento do companheiro.

Este em ambos os dias (ainda que por achaque grave, débil de uma perna) obrou com tal perícia, e galhardia ministrando empenho a arte, e seu valor o bravo ímpeto dos touros, principalmente mais bravos no terceiro dia, que sempre os olhos estiveram vendo triunfos de seu braço, os ouvidos ouvindo em vozes de clarins, e ecos de clamores, elogios de aplauso.

Entrevieram com destríssimas sortes muitos, e bem ornados capinhas, que ganhando o louvor à custa do perigo, dobravam a fúria aos touros em benefício dos Cavaleiros.

Foi tal nestes dias a disposição, e ordem em tudo; na situação do curro, e fábrica dos palanques, na multidão, e variedade do concurso, na perícia, e galas dos Cavaleiros, e em todo o mais aparato, que se viram estes atos representados com a polícia, e gravidade das cortes.

A todos, e aos mais atos dos outros dias fez assistência o Senhor Conde, e toda a Nobreza secular, e Eclesiástica.

Em todas as noites destes dias se continuaram ao mesmo Senhor excelentes serenatas de boas músicas, e bem vestidas figuras nas casas onde estava no Ouro Preto.

Nas mesmas em todos os dias deu o dito Senhor esplendidíssimo banquete a todas as pessoas nobres, e de distinção, seculares, e Ecle-

siásticas com aquela liberalidade de ânimo, que por toda a parte publica a fama.

Deste modo celebraram esta tão grande solenidade os moradores da Paróquia do Ouro Preto desta Vila; ficando sempre inteligível aos juízos para o verdadeiro conceito da magnificência, a grande diferença, que vai do conhecimento da vista à compreensão das palavras, ou na voz da fama, ou na maior individuação da escritura; e mais sendo muitas miúdas particularidades necessárias para o agradável concurso, e ornato ao referido aparato de toda a ordem da solenidade, que devem ser suposição do discurso, não proximidade da escritura.

Não há lembrança, que visse o Brasil, nem consta, que se fizesse na América ato de maior grandeza, sendo tantos, e tão magníficos os que no espaço de duzentos anos com admiração do Mundo todo têm executado seus generosos habitantes.

Se a brevidade desta relação o permitisse, poderíamos individuar os festivos aplausos, que em diversos tempos nesta parte da América se tem visto; e então ficaria manifesta a grande piedade, e religião, com que os seus moradores resplandecem; e entre as demais nações com singular vantagem se fazem conhecidos; desmentindo a maledicência daqueles, que os pretendem infamar de ambiciosos.

E se por estas admiráveis ações excedem os Portuguezes a todas as nações do Mundo, agora se vêem gloriosamente excedidos dos sempre memoráveis habitantes da Paróquia de Ouro Preto, não só pelo Católico zelo, e excessivos dispêndios, com que (para maior culto, e veneração do verdadeiro Deus, e exaltação de sua santa Fé) edificam suntuosos Templos, e erigem Altares, guarnecendo-os de custosas fábricas, e adornando-os de primorosos, e riquíssimos ornamentos; mas também pela majestosa pompa, e magnífico aparato, com que (em glorioso triunfo) trasladaram o Sacramento Eucarístico da Igreja de Nossa Senhora do Rosário para o novo Templo da Senhora do Pilar.

Nestas duas mencionadas circunstâncias se fizeram tão superiores a todas as nações do Mundo, os moradores do Ouro Preto, que só com pasmos, e admirações se podem dignamente aplaudir; pois esses fidelíssimos Católicos vivendo tão apartados da comunicação dos povos, e no mais recôndito do sertão, se empregam com tanto desvelo, e com inimitável generosidade em festejar a Divina Majestade Sacramentada para maior exaltação da Fé, e veneração dos Católicos, ação tão singular, que nem a antigüidade viu primeira, nem a posteridade verá segunda para glória desta nobilíssima Vila por sua seguríssima Cristandade; fazendo assim mais conhecida, e dilatada na terra do Soberano Senhor Sacramentado a devida veneração, e eterna glória.

Fim.

ÍNDICE

	Págs.
1. Relação da Aclamação que se fez na Capitania do Rio de Janeiro [...] Jorge Rodrigues, 1641	1
2. Sentimentos Públicos de Pernambuco na Morte do Sereníssimo Infante Dom Duarte. [...] Padre Frei Bernardo Braga. 1650	13
2.1. [Justificativa] Senhor, Frei Bernardo de Braga	17
2.2. Aos Leitores	19
2.3. [...] ao Mausoléu do Sereníssimo Infante. Ardendo em muitos fogos. Soneto I, Alferes Agostinho Iácome da Fraga	20
2.4. A entrega iníquia, que o Imperador de Alemanha fez da Pessoa do Sereníssimo Infante, Soneto II, Do mesmo Alferes [Agostinho Iácome da Fraga]	21
2.5. [ORAÇÃO], Padre Frei Bernardo Braga	21
3. Oração Fúnebre que disse o Licenciado Antônio da Silva, [...] nas Exéquias Da Sereníssima Princesa Dona Isabel Luísa Josefa, [...], [Antônio da Silva], 1691	49
3.1. [Dedicatória] A Senhora Dona Luísa Maria De Mendonça, e Sá, Antônio da Silva	53
3.2. A Morte da Sereníssima Senhora Princesa de Portugal, Soneto, [S.I.A.]	54
3.3. A Morte da Sereníssima Senhora Princesa de Portugal, Soneto, [S.I.A.]	55
3.4. Exéquias da Sereníssima Senhora Princesa de Portugal celebradas em Pernambuco, Soneto, [S.I.A.]	55
3.5. Ao Excelentíssimo Senhor Marquês de Montebelo nas majestosas Exéquias, que fez à Sereníssima Senhora Princesa de Portugal, Soneto, [S.I.A.]	56
3.6. A Senhora Dona Luísa de Mendonça e Sá, Marquesa de Montebelo, etc. [...], Soneto, [S.I.A.]	56
3.7. [ORAÇÃO], Antônio da Silva	56
4. Breve Compêndio, e Narração do Fúnebre Espetáculo, [...] na Morte de el-Rei Dom Pedro II, [...] Sebastião da Rocha Pita, 1709	57 73
4.1. [Dedicatória] Senhor, Sebastião da Rocha Pita	77
4.2. Em louvor do Autor, Soneto, Francisco de Sousa de Almada ..	78
4.3. Ad librum, et eius Authorem, Epigramma, [S.I.A.]	79
4.4. Ao mesmo Assunto, Soneto, [S.I.A.]	79
4.5. Ao mesmo assunto, Décima, [S.I.A.]	80
4.6. Em aplauso do Autor no sentimento que oferece às memórias do Sereníssimo Senhor Rei Dom Pedro II, Soneto, Luís Botelho Frois de Figueiredo	80

	Págs.
4.7. Ao Autor, Soneto, Félix Machado	81
4.8. Ao Autor, Soneto, Luís do Couto Félix	81
4.9. Ao Autor, Soneto, Visconde de Asseca	82
4.10. Em louvor do Autor, Soneto, [S.I.A.]	82
4.11. Ao Autor, Soneto, [S.I.A.]	83
4.12. Al mismo Autor, [...], Soneto, Joseph Soares da Silva	83
4.13. As Exéquias do Senhor Rei Dom Pedro II que a Bahia celebrou, escritas, e dadas à estampa pelo Coronel Sebastião da Rocha Pita, Soneto, Padre João de Almeida	84
4.14. A grandeza do Túmulo com que a Cidade da Bahia celebrou as Exéquias do Senhor Rei Dom Pedro II, Soneto, Júlio de Melo de Castro	84
4.15. Ao Autor do livro, em que se descrevem as Exéquias do Senhor Rei Dom Pedro II, Soneto, Júlio de Melo de Castro	85
4.16. Licenças do Santo Ofício	86
4.17. Licenças do Ordinário	88
4.18. Licenças do Paço	88
4.19. [ORAÇÃO], Sebastião da Rocha Pita	89
4.20. Sonetos do Autor, Ao Túmulo, que ao Sereníssimo Senhor Dom Pedro Segundo se fez na Cidade da Bahia Cabeça do Brasil, porção maior do Império Lusitano, Soneto, [Sebastião da Rocha Pita]	98
4.21. A imagem da Morte, que sobre o Túmulo estava coroada, tendo numa mão a Fama, e na outra a Eternidade, Soneto, [Sebastião da Rocha Pita]	99
4.22. Na morte do Sereníssimo Senhor Dom Pedro Segundo Rei de Portugal, Soneto, [Sebastião da Rocha Pita]	99
4.23. Romance do Autor. Al Mausoleo ardiendo en fuegos, y vistiendo lutos, [Sebastião da Rocha Pita]	100
4.24. Na morte de el-Rei Dom Pedro Segundo nosso Senhor, Glosa, Gonçalo Soares da Franca	102
4.25. Fala a Bahia à suntuosa Essa [...] Soneto do mesmo, [Gonçalo Soares da Franca]	104
4.26. Epitáfio en el Mausoleu del Serenisimo Rey Dom Pedro Segundo nuestro Señor, Soneto do mesmo, [Gonçalo Soares da Franca]	104
4.27. Descrição no Túmulo de el-Rei nosso Senhor, ponderando o seu Mausoléu nas quatro partes do Mundo, Soneto do mesmo, [Gonçalo Soares da Franca]	105
4.28. Epitáfio no sepulcro de el-Rei nosso Senhor, achado no Poema do imortal Luís de Camões pelo dito Licenciado Gonçalo Soares da Franca, Soneto	105
4.29. Pondera-se a única razão de alívio no universal sentimento da morte de el-Rei nosso Senhor Dom Pedro Segundo, Soneto do mesmo, [Gonçalo Soares da Franca]	106
4.30. Do mesmo. A Bahia [...], [Gonçalo Soares da Franca]	107
4.31. Epigramas, Na Morte del-Rei nosso Senhor. Do mesmo, Epigrama I, Pinta-se a Fé, a Piedade, o Zelo, sustentando uma escada, por cujos degraus irá subindo uma Coroa [Gonçalo Soares da Franca]	108

	Págs.
4.32 Epigrama II, Pinta-se a Morte, o Esquecimento, querendo deter uma Coroa com duas asas, que voará livremente ao Céu, o qual estará também pintado na parte superior, [Gonçalo Soares da Franca]	108
4.33. Epigrama III, Pinta-se uma mão fazendo subir uma cabeça coroada: e outra cabeça com coroa debaixo de um docel, [Gonçalo Soares da Franca]	109
4.34. Epigrama IV, Pinta-se uma Custódia conduzida por dois Anjos: e el-Rei, que sobe a recebê-la, [Gonçalo Soares da Franca]	109
4.35. Epigrama V, Pinta-se um Gentio Americano, um Etiope, um Chim, um Malabar, porfiando sobre qual primeiro abrirá uma porta, para por ela ir entrando uma alma coroada, com um livro na mão, [Gonçalo Soares da Franca]	109
4.36. Epigrama VI, Pinta-se um Cetro sobre um globo pisado de dois pés, [Gonçalo Soares da Franca]	110
4.37. Epigrama VII, Pinta-se a Catedral da Bahia vacilante, [Gonçalo Soares da Franca]	110
4.38. Epigrama VIII, Pinta-se um braço tendo igualmente uma espada nua, e uma tocha acesa, [Gonçalo Soares da Franca]	
4.39. Epigrama IX, Pinta-se uma balança com igualdade, tendo de uma parte um homem morto, e da outra um defunto ressuscitando [Gonçalo Soares da Franca]	111
4.40. Epigrama X, Pinta-se a figura da Bahia chorosa, olhando para uma Alma, que estará na parte interior do Céu, [Gonçalo Soares da Franca]	111
4.41. Epigrama XI, Pinta-se uma Urna com cinzas na mão de uma Dama, saindo-lhe do peito um incêndio, e dois rios dos olhos. [Gonçalo Soares da Franca]	112
4.42. Epigrama XII, Pinta-se o Povo da Bahia triste, e pensativo, chorando sobre uma Caveira, [Gonçalo Soares da Franca]	112
4.43. Epigrama XIII, Pintam-se duas Coroas subindo, uma ao Céu, outra a um Trono, [Gonçalo Soares da Franca]	112
4.44. Inscrições para as quatro figuras superiores da Essa. Europa sobre um Touro, cercando-a o Tejo, [S.I.A.]	113
4.45. América sobre um Tigre, cercando-a o Grão Pará, [S.I.A.]	
4.46. Bahia muda, Soneto, João Álvares Soares	114
4.47. Bahia admirada, Soneto, [João Álvares Soares]	114
4.48. Bahia sentida, Soneto, [João Álvares Soares]	115
4.49. Bahia chorosa, Soneto, [João Álvares Soares]	115
4.50. Bahia quadrifrons, in quatuor Mausolei frontibus depicta, semper una, eademque pathetica, Epigrammata, Padre João da Faria e Sousa	116
4.51. Epigramma, [Padre João de Faria e Sousa]	116
4.52. Epigramma, [Padre João de Faria e Sousa]	116
4.53. Ao Túmulo, que na Cidade da Bahia se fez na morte de el-Rei Dom Pedro II Senhor nosso, Soneto, Capitão Tomé de Faria Monteiro	117
4.54. Soneto, [Capitão Tomé de Faria Monteiro]	117

	Págs.
4.55. Sermão nas Exéquias de el-Rei Dom Pedro II Senhor Nosso, Celebradas na Catedral Metropolitana da Cidade da Bahia aos 20 de outubro do ano 1707, Padre Domingos Ramos	118
5. Diário Histórico das Celebridades, que na Cidade da Bahia, [...] pelos Felicíssimos Casamentos dos Sereníssimos [...] Príncipes de Portugal, e Castela; [...], José Ferreira de Matos, 1729	139
5.1. Dedicatória, Ilustríssimo Senhor, José Ferreira de Matos	143
5.2. Ao Ilustríssimo, e Reverendíssimo Senhor Arcebispo da Bahia Dom Luís Álvares de Figueiredo, autor das principais grandezas, que viu esta Cidade nesta ação de graças, Soneto, Henrique de Sousa Freire	144
5.3. Ao Ilustríssimo, e Reverendíssimo Senhor Arcebispo da Bahia Dom Luís Álvares de Figueiredo, [...]	144
da Bahia, Orador na presente ação de graças, Soneto, Henrique de Sousa Freire	145
5.4. Ao Reverendo Doutor Sebastião do Vale Pontes, Deão da Sé	
5.5. Ao Reverendo Licenciado José Ferreira de Matos, Autor do Diário Histórico, Soneto, Henrique de Sousa Freire	145
5.6. Licenças do Santo Officio, do Ordinário, do Paço	146
5.7. Diário Histórico [DESCRICAÇÃO] [José Ferreira de Matos]	147
5.8. Ação de Graças, que na Sé Metropolitana da Bahia se fez pela felicíssima Exaltação do Eminentíssimo Senhor Cardeal da Mota	164
5.9. Sermão na Ação de Graças, que na Catedral da Bahia se celebrou pelos felicíssimos casamentos dos Sereníssimos casamentos dos Sereníssimos Senhoras Príncipes de Portugal, e e Castela, [...], Sebastião do Vale Pontes	165
5.10. Dedicatória, Ilustríssimo Senhor [Sebastião do Vale Pontes]	
5.11. [Sermão], Sebastião do Vale Pontes	166
6. Triunfo Eucarístico [...] em Vila Rica Corte da Capitania das Minas, [...] Simão Ferreira Machado, 1733	191
6.1. [Dedicatória] Soberana Senhora, Irmãos Pretos [...]	195
6.2. Licenças do Santo Officio, do Ordinário, do Paço	196
6.3. Prévía alocutória	199
6.4. Triunfo Eucarístico, [DESCRICAÇÃO], Simão Ferreira Machado	205

IMPrensa OFICIAL DO ESTADO
SÃO PAULO - BRASIL
1 9 7 4